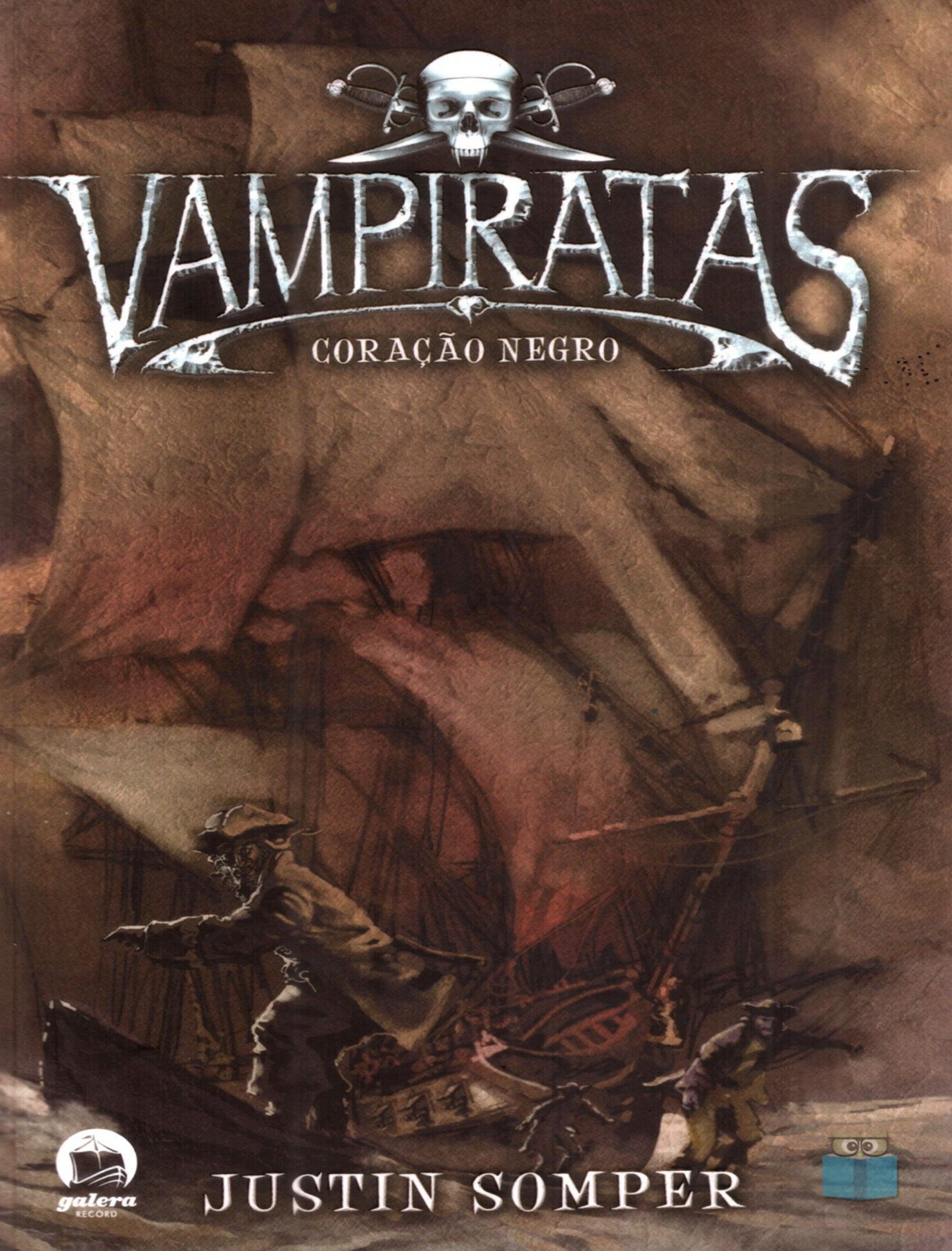
VAMPIRATAS

CORAÇÃO NEGRO



galera RECORD

JUSTIN SOMPER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VAMPIRATAS
CORAÇÃO NEGRO

Série Vampiratas

Volume 1 - Demônios do oceano
Volume 2 - Maré de terror
Volume 3 - Capitão de Sangue
Volume 4 - Coração Negro

JUSTIN SOMPER

Tradução de
ALVES CALADO

Colaboração: bookworm
Digitalização e edição de imagens: Sander
Revisão: Sander, Kaniff, gowen, Blanche, Morpheus
Revisão final, formatação e conversão: Susane Paz

Visite a Toca da Coruja e conheça
outras obras produzidas pelo grupo:
http://www.tocadacoruja.net

galera
RECORD
Rio de Janeiro | 2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Somper, Justin
S68v Vampiratas: Coração Negro / Justin Somper; tradução Alves Calado. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.
-(Vampiratas; v.4)

Tradução de: Vampirates: Black Heart
Sequência de: Vampiratas: Capitão de Sangue
ISBN 978-85-01-08363-0

1. Vampiros – Ficção juvenil. 2. Piratas – Ficção juvenil. 3. Ficção juvenil britânica. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953-. II. Título. III. Série.

CDD: 028.5
10-1573 CDU: 087.5

Título original em inglês:
Vampirates: Black Heart

Copyright © 2007 Justin Somper
Design de logo da série por www.blacksheep-uk.com © 2006 Simon & Schuster

Para Peejey,
por tantos motivos, que é impossível serem todos citados aqui.

Sumário

Dedicatória
A história até aqui...
Meio do oceano - Ano de 2512
CAPÍTULO 1 - Intrusos na fortaleza
CAPÍTULO 2 - Carne e sangue
CAPÍTULO 3 - A dama de copas
CAPÍTULO 4 - Reunião incompleta
CAPÍTULO 5 - Movimentos noturnos
CAPÍTULO 6 - Realidades diferentes
CAPÍTULO 7 - Amigos e segredos
CAPÍTULO 8 - Jornadas
CAPÍTULO 9 - Castelo de cartas
CAPÍTULO 10 - A doadora de Sidório
CAPÍTULO 11 - A entrevista
CAPÍTULO 12 - Quando Sally conheceu Dexter
CAPÍTULO 13 - Camaradas
CAPÍTULO 14 - Impasse
CAPÍTULO 15 - O pedido de Sally
CAPÍTULO 16 - A nova capitã
CAPÍTULO 17 - A regata dos capitães
CAPÍTULO 18 - A ilha da aranha
CAPÍTULO 19 - Misericórdia
CAPÍTULO 20 - Vencedores e perdedores
CAPÍTULO 21 - Luz da manhã
CAPÍTULO 22 - A missão
CAPÍTULO 23 - O banho de sangue de Lady Lola
CAPÍTULO 24 - O desafio de comodoro
CAPÍTULO 25 - O depósito secreto
CAPÍTULO 26 - Um dia perfeito
CAPÍTULO 27 - A visita
CAPÍTULO 28 - Almas reunidas
CAPÍTULO 29 - Como matar um vampirata
CAPÍTULO 30 - O enigma
CAPÍTULO 31 - Contra-ataque
CAPÍTULO 32 - Com o tanque vazio
CAPÍTULO 33 - Um trio perigoso
CAPÍTULO 34 - A crisálida
CAPÍTULO 35 - Retorno a Lantao
CAPÍTULO 36 - Uma conspiração de silêncio

CAPÍTULO 37 - Um romance brutal
CAPÍTULO 38 - Encontro na Taverna de Madame Chaleira
CAPÍTULO 39 - O convite
CAPÍTULO 40 - Sonhos impossíveis
CAPÍTULO 41 - Mudanças
CAPÍTULO 42 - O feitiço
CAPÍTULO 43 - Paternidade
CAPÍTULO 44 - Chega de segredos
CAPÍTULO 45 - Primeira posição
CAPÍTULO 46 - Casamento de sangue
CAPÍTULO 47 - O presente de casamento
CAPÍTULO 48 - Os dhampiros!

A história até aqui...

Esta história começa no ano de 2505. O nível dos mares subiu.
Q uem controla o oceano governa o mundo.
Os mares estão apinhados de navios piratas e outras
embarcações ainda mais misteriosas...

Os gêmeos Connor e Grace Tormenta cresceram com seu pai, Dexter Tormenta, na cidade de Baía Quarto Crescente, onde o pai é guardião do farol. Connor e Grace não conheceram a mãe e não sabem praticamente nada sobre ela.

Quando Dexter morre subitamente, os gêmeos decidem recomeçar a vida e partem no velho barco a vela do pai. Mas, não muito tempo depois, uma tempestade súbita os lança ao mar, fazendo os irmãos lutarem pela vida nas águas frias e escuras.

Mas Connor e Grace são salvos — resgatados por navios diferentes, com tripulações muito distintas...

Connor é salvo por Cheng Li — subcapitã do *Diablo,* um dos navios piratas mais famosos. Seu capitão é o lendário Molucco Wrathe, o mais velho de três irmãos que formam uma dinastia carismática e poderosa, mas que não gosta de seguir regras. Connor se junta à tripulação de Molucco e abraça uma vida de pirataria, destacando-se como uma espécie de prodígio devido a sua força, coragem e excepcional habilidade com a espada. Torna-se especialmente ligado aos tripulantes Bart Pearce e Jez Stukeley, formando um trio afetuosamente conhecido como "Os Três Bucaneiros".

Grace recupera a consciência a bordo do *Noturno* — um navio de piratas vampiros (ou Vampiratas) que está viajando por toda a eternidade praticamente sem levantar suspeitas. Durante a primeira parte de sua permanência naquela embarcação, Grace não tem certeza se é hóspede, prisioneira ou uma conveniente refeição para os tripulantes.

O pai de Grace costumava entoar uma cantiga de marinheiros sobre os Vampiratas, descrevendo-os como "os demônios do oceano". Mas, contrariamente às expectativas, a maior parte da tripulação a trata bem. Em particular, ela faz amizade com o aspirante Lorcan Furey — o belo rapaz irlandês que a resgatou —, Darcy Flotsam — que, de dia, é figura de proa do navio e ganha vida à noite — e o misterioso capitão, cujo rosto está sempre escondido atrás de uma máscara de tela e cuja fala é um estranho sussurro.

Os Vampiratas a bordo do *Noturno* não atacam à vontade suas vítimas; em vez disso, têm um Festim semanal, durante o qual cada vampiro se alimenta do sangue de seu parceiro ou "doador". Mas, entre os tripulantes

Vampiratas, há um descontentamento crescente com relação a esse sistema, e o tenente Sidório é o primeiro a se rebelar, o que resulta em sua expulsão do *Noturno*.

Grace e Connor reencontram-se brevemente, mas, mesmo adorando saber que o outro está a salvo, novas amizades e lealdades puxam-nos em direções diferentes. A vida de Connor a bordo do *Diablo* assume uma reviravolta mais sombria quando Jez é morto num duelo, o que leva Connor a começar a questionar a capacidade de avaliação do capitão Wrathe e o contrato vitalício que assinou. Enquanto isso, Grace é atraída de volta para o mundo dos Vampiratas e descobre, horrorizada, que Lorcan ficou cego — e que ela pode ser a responsável por isso.

Sidório está ocupado forjando alianças e tentando atrair os Vampiratas para longe do *Noturno*. Seu primeiro recruta é Jez Stukeley, que Sidório transforma em vampiro para ser seu tenente. Outros rebeldes se reúnem ao pequeno, porém maligno bando, e juntos realizam o massacre brutal de Porfírio Wrathe (irmão mais novo de Molucco) e sua tripulação de piratas. Esse ato desprezível instiga a vingança dos piratas, num ataque comandado por Molucco e Connor. Eles têm sucesso em destruir vários Vampiratas, mas Sidório e Stukeley se salvam para atacar novamente.

O capitão Barbarro Wrathe chega para resolver uma antiga rixa com Molucco e para vingar o assassinato de Porfírio. Barbarro, capitão do *Tífon,* está acompanhado de sua mulher, (e subcapitã) Trofie — que tem uma das mãos inteiramente feita de ouro —, e seu filho adolescente, Aluar, que guarda ressentimento contra Connor devido a um combate anterior.

Grace viaja até Santuário — um lugar de cura para Vampiratas em dificuldades — com Lorcan, sua doadora, Shanti, e o capitão Vampirata. Eles esperam que o guru dos Vampiratas, Mosh Zu Kamal, possa curar a cegueira de Lorcan e aconselhar o capitão quanto às rixas que vêm surgindo no âmbito dos Vampiratas. À medida que Lorcan vai se curando, Grace forma uma nova amizade com o Vampirata caubói, Johnny Desperado, que também está sendo tratado em Santuário.

Molucco planeja o maior ataque pirata de todos os tempos com Barbarro, mas seu sobrinho Aluar coloca em risco o êxito da empreitada e força Connor a matar pela primeira vez para salvar o outro garoto. O assassinato provoca um choque completo em Connor e ele começa a questionar sua aliança com Molucco e seu dom para a pirataria. Abandona o navio e parte para o desconhecido, mas acaba procurando sua antiga colega Cheng Li, agora professora na Academia dos Piratas. Ela está se preparando para se tornar capitã do próprio navio e Connor decide juntar-se à sua tripulação, se tiver o consentimento de Molucco. Para sua surpresa, Molucco aceita, queimando o contrato de Connor e dispensando o garoto que antes considerava um filho.

As ambições de Sidório aumentam e ele atrai mais Vampiratas do *Noturno* e de Santuário, inclusive o amigo de Grace, Johnny. À medida que cada vez mais tripulantes do *Noturno* partem para se juntar à rebelião de Sidório, o capitão Vampirata, que já fora invencível, tem um colapso.

Grace e Connor ajudam Mosh Zu numa cerimônia de cura em

que, finalmente, a máscara do capitão é removida. Durante a catarse de cura, uma sucessão de almas sai do corpo do capitão. Uma delas é estranhamente familiar. É a mãe dos gêmeos, Sally, que eles não conheciam... até então.

Meio do oceano
Ano de 2512

Capítulo 1

Intrusos na fortaleza

Era uma noite calma e límpida. O *Tífon* seguia seu curso pelo oceano, esguio e confiante como uma baleia assassina. No convés, os piratas do turno da noite cumpriam suas tarefas com a precisão que se desenvolve com o tempo. Abaixo, seus colegas tripulantes descansavam, comiam, relaxavam ou se preparavam para os trabalhos do dia seguinte. O *Tífon* era uma máquina bem-lubrificada: desde o cesto de gávea até o porão; desde os aprendizes piratas de nível mais baixo até o capitão e sua imediata.

Numa das cabines menores — mas, ainda assim, grandiosa —, dois níveis abaixo do convés principal, quatro pessoas estavam sentadas em volta de uma mesa redonda. Por cima, havia um pano de seda vermelha, de onde subia uma estrutura parecida com os quatro muros de uma fortaleza. Cada muro

era composto por pequenas placas — metade de madeira, metade de osso — muito bem empilhadas. Mas, evidentemente, essa fortaleza em miniatura não era impenetrável. Os muros tinham sido arrasados. Algumas placas haviam sido postas em suportes colocados diante de cada muro, enquanto outras estavam tombadas, com a parte de osso virada para cima, sobre a mesa, revelando uma variedade de símbolos coloridos e intricados.

— Bem — disse Trofie Wrathe, com um dedo de ouro batendo no suporte de madeira à sua frente. — Isso é divertido, não é?

Diante dela, seu marido, o capitão Barbarro Wrathe, estava em silêncio.

— Ah, é, divertidíssimo! — resmungou Aluar, o filho dos dois, posicionado à direita de Trofie.

— Acho um jogo maravilhoso — disse o velho, que estava do outro lado de Trofie.

Trofie assentiu, encorajando.

— Obrigado, Transom. Acho que agora é sua vez.

— É? — O mordomo de confiança dos Wrathe pareceu confuso por um momento. Então, estendeu a mão e, com os dedos trêmulos, tirou uma placa da parede. Virando o lado de osso em sua direção, levou-a aos olhos para examinar o símbolo mais de perto.

Aluar suspirou alto.

— Anda logo, *vovô!* — sibilou.

Seu pai lançou-lhe um olhar sério.

— Ah, anda logo! — insistiu o garoto.

— Aluar... — disse Barbarro Wrathe, com a voz sonora carregada de alerta.

Transom deixou cair a placa no seu suporte de madeira e, com um súbito jorro de energia, começou a remexer as outras como se estivesse executando um elaborado truque de feitiçaria.

— Deixe-me lembrar — cantarolou Aluar de novo. — Por que, *exatamente*, estamos nos torturando desse modo particularmente chato?

Barbarro suspirou, balançou a cabeça e levou aos lábios um copo com líquido cor de mel.

Trofie deu um sorriso agradável.

— A noite de terça-feira é para a família, *min elskling*. A ideia foi minha, como você sabe muito bem. Acho que não temos passado tempo suficiente juntos. — Havia aço em sua voz enquanto ela continuava: — Agora isso vai mudar.

Em resposta, Aluar revirou os olhos exageradamente.

Trofie olhou irritada, primeiro para o filho, depois para o marido.

— *Você* vai dizer alguma coisa ao seu filho?

Barbarro deu de ombros.

— Talvez ele tenha certa razão. *Ele* não está gostando disso. *Eu* certamente não estou gostando disso e não acredito que você...

— Eu estou me divertindo tremendamente — respondeu Trofie, com um sorriso largo aparecendo imediatamente no rosto. — E Transom

também...

O mordomo ainda estava arrumando as plaquinhas em seu suporte. Enquanto fazia isso, seu rosto passou por uma série de contorções. De repente, seus dedos pararam com o balé miniatura. Ele levantou os olhos e deu um sorrisinho.

— Mahjong! — exclamou, virando seu suporte para a frente, revelando conjuntos bem-arrumados de diferentes grupos de placas.

— Parabéns! — exclamou Trofie, batendo palmas. Não fez muito barulho, já que uma das mãos era feita de ouro e a outra de pele comum, mas seu deleite era visível. — Muito bem, Transom! Acho que você está pegando o jeito. — Em seguida, olhou ao redor. — Bom, vamos começar outra partida?

— Não! — trovejaram Barbarro e Aluar, em uníssono. Pela primeira vez, tinham encontrado algo com que concordavam.

— Certo — disse Trofie, claramente frustrada. — O que vamos fazer agora?

— Diga você, mamãe — respondeu Aluar. — A noite da família é coisa sua.

— Se é que posso ousar — começou Transom —, eu poderia pedir ao cozinheiro para preparar um repasto leve para os senhores.

— Isso — disse Trofie, assentindo. — Seria ótimo. Talvez um pouco de gravadlax, com framboesas e creme para a sobremesa.

— Perfeitamente, senhora — respondeu o velho empregado, levantando-se e indo para a porta.

Assim que Transom saiu, Barbarro se levantou e pegou uma jarra, enchendo de novo o copo de Trofie e, em seguida, o seu.

— Compartilhar a riqueza, hein, papai? — disse Aluar, rindo enquanto pegava um copo.

Barbarro balançou a cabeça e pôs a tampa de vidro de volta na jarra.

— Mas é noite da *família!* — insistiu Aluar. — A única noite na semana que a gente compartilha e fica juntos.

— Não pressione mais do que você já fez, garoto — disse o pai, sentando-se de novo. Em seguida, pegou a mão da mulher e acariciou, hesitante, os dedos de ouro com unhas de rubi. — Nós começamos isso bem, Trofie, mas de que adianta nos enganarmos? Eu gostaria um bocado de rever aqueles mapas. Será que você se incomodaria...

— Sim — disse Trofie abruptamente, puxando a mão. — Sim, *min elslkling,* eu me importaria muito. Ninguém vai sair desta sala. Vamos passar um tempo de qualidade, como uma família, nem que isso nos mate. — Ela cruzou os braços num gesto desafiador.

Barbarro grunhiu. Aluar simulou esfaquear-se no coração e tombou frouxo, fingindo-se de morto, na cadeira. E foi assim que ficaram sentados — em silêncio completo, sufocante — até que houve uma batida à porta.

O alívio na sala foi audível.

— Entre, Transom — gritou Trofie.

A porta se abriu e uma vasta bandeja com tampa surgiu.

— Achei que você tinha dito um "lanchinho rápido" — riu Trofie. Mas o sorriso congelou em seus lábios quando ela viu que não era Transom que trouxera a bandeja. Ela era carregada por uma figura alta, vestida com capa e capuz escuros.

— Quem é você? O que está acontecendo? — exclamou Barbarro, enquanto a figura punha a bandeja na mesa. Mais duas figuras encapuzadas entraram na cabine. Elas fecharam a porta e ficaram paradas como sentinelas de cada um dos lados.

— Eu fiz uma pergunta — trovejou Barbarro. — Quem é você?

Em resposta, a primeira figura tirou o capuz, sacudiu os cabelos escuros e sorriu para os três Wrathe. Era uma mulher estranhamente bela, com olhos castanhos e malares afiados como navalhas. A um centímetro ao lado dos lábios grossos, havia uma pinta. Ao redor do olho esquerdo, havia maquiagem — ou talvez uma tatuagem — na forma de um coração negro.

— É necessário que eu lhe pergunte pela terceira vez... — começou Barbarro.

Por fim, a estranha falou:

— Somos do S.E.N.I.L., Sindicato dos Empregados Nunca Idosos e Leais — disse num forte sotaque inglês. — Está na hora de vocês contratarem funcionários mais novos. Não é, senhoras?

Suas duas companheiras sorriram enigmaticamente enquanto empurravam os capuzes para trás. Eram mulheres mais jovens, ambas lindas como a chefe. Como ela, cada uma tinha um coração preto pintado em volta de um olho, mas, no caso delas, era do lado direito.

— Sério, quem são vocês? — insistiu Barbarro. — Ninguém sobe a bordo do *Tífon* sem convite.

— É mesmo? — indagou a estranha. — Bom, nunca fui o tipo de garota que espera um convite, e que fica em casa torcendo para o telefone tocar. — Ela riu. — Não faz meu gênero. Eu mesma decido quando dançar, por assim dizer.

Aluar riu. Havia algo decididamente interessante naquela mulher. E, ainda que ela se dissesse uma garota, de onde ele estava, dava para ver que era totalmente mulher. As duas companheiras eram igualmente estupendas. Quem quer que fossem — o que quer que estivessem querendo —, certamente haviam salvado a noite da família de um desastre completo.

— Bom — disse a estranha —, é uma honra conhecer finalmente a grande família Wrathe.

— Você nos deixa em desvantagem — disse Trofie, com educação, mas numa firmeza de aço. — Você sabe quem *nós* somos, mas ainda não temos a menor ideia de sua identidade.

A mulher tirou as luvas para revelar dedos longos e delicados, com cada unha afiada pintada de preto.

— Meu nome — disse ela, com um sotaque forte que rasgava como um caco de vidro — é Lady Lola Lockwood. E essas são minhas tripulantes, Marianne e Angelika.

— Tripulantes? — perguntou Trofie. — Então vocês vêm de outro navio?

— Sim — assentiu Lady Lockwood. — Nada tão grandioso quanto o *Tífon,* serei a primeira a admitir, mas nós o chamamos de lar, não é, senhoritas?

Marianne e Angelika assentiram. Os sorrisos revelavam muito pouco.

Trofie andou pela sala em direção a Lady Lockwood, o olhar jamais se afastando da estranha.

— Acho que nunca ouvi falar de você — disse num tom ligeiramente decisivo.

— Isso não me surpreende. Sou uma criatura errante, veja bem. Nasci numa família nobre, alguns diriam. Ah, sim, nasci em berço de ouro... Mas isso foi há muito tempo e tem pouco a ver com o que eu sou agora e como opto por passar meu tempo.

— E como seria isso? — contrapôs Trofie. Agora as duas estavam cara a cara, como se olhassem num espelho, ainda que um espelho que distorcesse completamente o reflexo. As mulheres eram de estatura semelhante e, cada uma a seu modo, lindas. Mas Lady Lockwood era morena, enquanto Trofie Wrathe era uma loura gélida.

— Sou colecionadora — disse Lady Lockwood com os olhos escuros fixos nos de Trofie. — Gosto de adquirir coisas bonitas: joias, *objets d'art,* coisas raras e valiosas.

— Então, na verdade, você é uma pirata? — insistiu Trofie.

— Como nós?

Lady Lockwood trocou um olhar divertido com cada uma das colegas.

— Pirata — respondeu. — Bom, sim. Isso faz parte.

— Vá direto ao ponto — disse Barbarro, mostrando impaciência. —Esta noite já está longa e não tenho paciência para mais jogos.

Lady Lockwood riu como quem não dava importância.

— Estraga-prazeres — disse ela. — Eu sempre gostei de jogos. É o que dá ser filha única da aristocracia, trancada num castelo úmido e caindo aos pedaços durante dias sem-fim, sem gostar de tapeçarias...

— Estou falando sério — insistiu Barbarro. — Vá direto ao ponto ou *eu* vou. — Com isso, ele desembainhou sua rapieira e estendeu-a ameaçadoramente.

— Que coisa! — disse Lady Lockwood, um tanto triste. — tive tanta esperança de que ficássemos amigos!

Ela riu de novo, olhando para Marianne e Angelika. Suas duas colegas a acompanharam, como se as três compartilhassem uma piada particular. O riso foi ficando cada vez mais fundo, mudando de uma expressão de prazer para um som mais sombrio, predatório. Foi então que Aluar Wrathe notou os caninos curiosamente longos e perigosamente afiados projetando-se das bocas carnudas.

— Vocês...? — perguntou ele com a voz rouca, que desapareceu antes de concluir a pergunta. —Vocês...? — De novo as palavras lhe faltaram.

— Se estamos com sede? — perguntou Lady Lockwood, dando-lhe um sorriso agradável. — Sim, querido, estamos com muita, *muita* sede. Agora, o que vocês podem nos oferecer para beber?

Capítulo 2

Carne e Sangue

— Quanto tempo você acha que eles vão nos manter esperando?

Grace sorriu para o irmão.

— Minha resposta não mudou desde a última vez em que você perguntou, há três minutos. Simplesmente não sei.

Connor achou a antessala intensamente claustrofóbica. Para ele, era estranho estar num cômodo sem janelas. Até as menores cabines a bordo do *Diablo* tinham uma vigia ou duas, dando algum vislumbre do mundo lá fora. O melhor que esta sala tinha a oferecer era uma pintura; a tela grande e quadrada posicionada de modo a parecer um caixilho de janela.

Todo o complexo de Santuário provocava sentimentos de claustrofobia em Connor. Ele pensou na sucessão de corredores sinuosos que

marcavam o início da jornada para o subterrâneo. Primeiro, o Corredor das Luzes, com as lâmpadas de manteiga com cheiro adocicado e enjoativo. Depois, o Corredor dos Objetos Descartados ou, como Connor havia rebatizado, do Lixo. As paredes desse corredor eram cheias de prateleiras praticamente invisíveis sob os montes de entulho. Eles soltavam um cheiro velho, mofado. Grace informara que aqueles artefatos pertenciam a Vampiratas que vinham em busca de cura em Santuário. Esse pensamento fez pouco sentido para ele. Sem dúvida, alguém é vampiro ou não. E, se *era*, não havia como ser curado.

O terceiro corredor era o Corredor das Fitas e, enquanto você andava por ele, fitas multicoloridas roçavam o cabelo e os olhos. Grace dissera, um tanto ofegante, que as fitas eram incrivelmente poderosas, que continham as emoções dos vampiros internados ali. Mas, para Connor, eram apenas pedaços de pano velho e desbotado que, pendurados tão próximos das luzes, pareciam representar risco de incêndio.

Era estranho, pensou, como ultimamente ele e sua irmã gêmea viam o mundo de modo tão diverso. Virou-se para olhá-la, perdida em pensamentos. Grace estava sentada na única poltrona da sala. Tempos atrás, ela teria enrolado o corpo no assento como uma gata, as pernas dobradas. Agora sentava-se com as costas eretas, os pés no chão e as mãos pousando gentilmente nos joelhos. Connor percebeu que havia deixado uma garota na Academia dos Piratas e, ao retornar, encontrara uma jovem mulher no Santuário. Não fazia tanto tempo que ele e Grace tinham estado juntos pela última vez, mas a experiência vinha mudando a irmã e ele também. Os dois estavam crescendo. Mas será que também estariam se distanciando?

Connor sabia que, ainda que este lugar o fizesse sentir-se quase enjoado e com ânsia de voltar ao oceano aberto e ao ar puro do mar, Grace parecia absolutamente em casa ali, em meio aos Vampiratas, seus doadores (cuja simples ideia o deixava decididamente nauseado) e seus conselheiros.

De repente, Grace levantou os olhos, evidentemente percebendo que ele estivera encarando-a.

Olhou-o de forma inquisitiva.

— No que você está pensando? — perguntou.

Decidindo não compartilhar toda a amplitude dos pensamentos, ele retrucou:

— Como você pode ficar tão calma, tão paciente?

Grace deu de ombros, acomodando-se mais fundo na poltrona.

— Talvez eu só esteja gostando de ter meu irmão de volta. Já faz um bom tempo.

Diante disso, Connor sentou-se no braço da poltrona e estendeu a mão para ela.

— É bom ver você também, Grace. Não é somente bom... bem, não preciso dizer, não é?

— É — sorriu ela, apertando sua mão. — Não precisa dizer nada.

— Isso me leva de volta a quando éramos crianças no farol.

— Foi só há alguns meses — disse Grace. — Mas parece uma vida inteira, não é?

Ele confirmou com a cabeça.

— Às vezes... fico pensando... Alguma vez você sente vontade de voltar? Para casa?

— Eu penso em voltar. Pelo menos penso na vida que tínhamos lá. Você, eu e papai. Mas, mesmo que se tenham passado só alguns meses, parece um sonho. Se voltássemos agora, não seria a mesma coisa. Papai não estaria lá. O farol pertence à outra pessoa. — Ela estremeceu. — A Lachlan Busby ou a quem quer que ele tenha vendido. Talvez possa existir até mesmo um novo faroleiro, com uma família. Acho que eu não suportaria ver isso. E você? Seria como se fôssemos fantasmas.

Os olhos de Connor se estreitaram de dor.

— É, acho que não. E entendo o que você quer dizer. A vida que tínhamos antes de naufragar parece mesmo um sonho, não é? Mas não foi. Foi real. Era a nossa casa. Hoje em dia, não sei onde é minha casa. — Ele balançou a cabeça. — Achei que o *Diablo* poderia ser minha nova casa. Acho que eu queria que fosse, e que Molucco Wrathe fosse uma espécie de figura paterna. Mas estava me enganando.

— Mas você tem bons amigos lá. Bart e Cate. Outros também. Sei que você está com raiva de Molucco pelo modo como ele o tratou, mas talvez seja *lá* que você devesse estar.

— Eu não esperava que você dissesse isso! Molucco Wrathe nunca foi alguém que você admirasse.

— Não — concordou Grace. O arrogante capitão pirata sempre fora presunçoso e convencido demais para o gosto dela. — Mas o que é certo para você não é necessariamente certo para mim — reconheceu. — Somos gêmeos, mas somos diferentes.

— Então, nunca poderemos ficar juntos? É isso que você está dizendo?

Grace balançou a cabeça.

— Não sei. Gostaria de saber. Não existe alguém a quem eu me sinta mais ligada, Connor. Mas nunca me senti confortável no *Diablo.* E sei que você nunca poderia se sentir à vontade a bordo do *Noturno*... ou aqui no Santuário.

— Mas você se sente em casa? Naquele navio de Vampiratas e aqui?

Ela deu de ombros.

— Não exatamente em casa, mas como se fosse o meu lugar. Como se eu devesse estar com eles.

Diante disso, os olhos de Connor se arregalaram.

— Eu sei — disse ela, apertando a mão dele de novo. — É difícil entender.

O rapaz deu de ombros.

— Não sei por que deveria ser. Afinal de contas, nossa mãe está aqui, não é? Ela estava a bordo do navio e depois veio para cá, viajando, de algum modo, no corpo do capitão. Parece estranho quando a gente diz, mas eu vi... eu a vi... com meus próprios olhos.

— É. — Os olhos de Grace brilharam com a lembrança da mãe,

sentada e sorrindo para ela. Sua linda mãe, com os olhos verde-esmeralda e o cabelo comprido, castanho-avermelhado, abrindo os braços e puxando os gêmeos para um abraço.

— Ela era exatamente como eu sabia que seria — disse Grace. — Igualzinha aos meus sonhos.

Connor inclinou-se para encostar a cabeça na de Grace.

— Talvez tudo seja só isso. Tudo que você e eu passamos desde o naufrágio. Um sonho, um sonho que estamos tendo juntos.

Grace sorriu e se aproximou do irmão, aconchegando-se. Fechando os olhos, permitiu-se recuar para as lembranças dos tempos felizes no farol. Mas não demorou até que sua mente inquieta elaborasse um novo pensamento.

— O que você achou da subida da montanha ontem à noite?

— O quê? Ah, aquilo. Bobagem! Foi uma boa caminhada, mas você me conhece. Estou super em forma e coisa e tal. Além disso, havia lua cheia. Era quase como dia lá fora. — Ele se virou para ela. — Por que perguntou?

— *Nós* tivemos uma jornada tremendamente árdua para chegar aqui. O capitão, Lorcan, Shanti e eu. Estava escuro demais e, claro, precisávamos guiar Lorcan, porque ele não conseguia enxergar. Shanti escorregou e quase caiu. E justamente quando nós pensamos que a coisa não poderia ficar pior, começou a nevar. O caminho era íngreme demais. Você não achou?

Connor balançou a cabeça.

— Era como uma estradinha de campo. Talvez vocês tenham feito uma rota diferente. Mas é engraçado, eu só vi um caminho ao pé da rocha.

— É — concordou Grace. — É, mas deve ser como Olivier me disse uma vez. A montanha muda. Todo mundo faz um caminho diferente aqui para cima.

— Quem é Olivier?

Grace fez uma pausa, lembrando-se do ex-tenente de Mosh Zu. Ele se havia mostrado ora indulgente, ora irritado com ela: os humores mudando tanto quanto o clima. E havia traído seu mestre, achando que Sidório lhe daria uma promoção, mas acabou sendo traído e rejeitado pelo Vampirata renegado.

— Não é uma pessoa sobre quem você precise saber — disse ela, finalmente. — Já foi embora.

Connor saiu da poltrona e se levantou de novo.

— Quanto tempo mais você acha que teremos de esperar? Só pudemos dizer olá a ela, e eles a levaram para longe.

— Eles precisam ter cuidado — respondeu Grace. — Ela era uma das almas perdidas que viajavam com o capitão. Você viu como elas eram frágeis, como ficaram confusas ao se libertar.

— Ela é *mesmo* nossa mãe, Grace, ou algum tipo de fantasma? — Ele olhou para a irmã, mas Grace não tinha resposta. — Ela estendeu os braços para nós. Beijou nós dois. Eu não imaginei, não foi? Ela era tão de carne e osso quanto você e eu.

Grace se levantou e foi até ele.

— Não tenho resposta para você, Connor. Bem que gostaria. Só sei que Mosh Zu vai fazer o melhor que puder. Até lá, só precisamos esperar.

— Não sou muito bom em esperar — respondeu Connor, recomeçando a andar de um lado para o outro.

— Nós esperamos por ela durante 14 anos. O que são mais algumas horas?

Connor sorriu.

— Acho que quando você coloca desse modo...

Enquanto ele falava, houve uma batida à porta. Ela se abriu e a assistente de Mosh Zu, Dani, enfiou a cabeça. Como sempre, era impossível decifrar seu rosto.

— Mosh Zu pede que vocês se juntem a ele na sala de meditação — disse ela.

— Nossa mãe está com ele? — perguntou Connor. — Ela está bem?

Talvez Dani não tivesse escutado a pergunta. Ela já começara a andar rapidamente pelo corredor.

— Ela diria, não é? — Connor se virou para Grace. — Se houvesse alguma coisa errada, eles nos diriam, não é?

Grace pôde perceber o pânico na voz do irmão.

— Venha — disse, estendendo-lhe a mão.

Grace sentiu o coração começando a disparar. Estava tão ansiosa quanto Connor ao pensar no que havia adiante.

Capítulo 3

A dama de copas

— Então, o que é preciso para se beber alguma coisa aqui? — perguntou Lady Lola Lockwood, os olhos cor de âmbar indo de Aluar para Barbarro e Trofie Wrathe.

Os três Wrathe estavam sem fala diante daquela visão. Lady Lockwood e suas duas companheiras, Marianne e Angelika, sorriam, revelando três pares de caninos extremamente longos, que só pareciam ficar mais compridos e mais afiados enquanto os segundos passavam.

Aluar, que inicialmente ficara pasmo com a beleza do trio, agora descobria que os sentimentos mudavam rapidamente em relação a elas.

— Estamos com sede — disse Marianne, caminhando em sua direção.

— Ah, que tal... um pouco... de uísque? — hesitou ele, estendendo a mão para a jarra. Mas Marianne pegou seu braço e balançou a cabeça.

— Não posso beber uísque. Não combina com minha imagem. — Com isso, ela passou o outro braço como uma cobra em volta de Aluar e puxou-o com força, mantendo a boca perigosamente perto da orelha dele.

— Solte-o! — ordenou Barbarro. Mas Marianne não parecia ouvi-lo. Barbarro se virou para Lady Lockwood. — A senhora, madame. A senhora é a líder delas. Diga para libertar meu filho.

Lady Lockwood sorriu e balançou a cabeça.

— Ela só está com sede. E certamente é educado oferecer uma bebida de boas-vindas a uma estranha numa noite fria como esta, não é?

— Uma bebida de boas-vindas? — rosnou Barbarro. — Ou um gole de sangue?

— Agora você está falando! — disse Angelika, avançando e rodeando o capitão. Ele levantou os braços e a espada para se defender, mas foi tomado de surpresa pela força da mulher. Em seu domínio, ele ficou imobilizado, mas era difícil dizer se era pelo próprio medo ou por algum tipo de magia. Trofie olhava com espanto enquanto Angelika retirava a espada da mão de Barbarro, como se fosse um palito, e jogava-a para fora do seu alcance.

Olhou de um lado para o outro, para onde seu filho e seu marido estavam impotentes nas garras daquelas mulheres, daqueles *demônios!* O que deveria fazer? Todas as regras normais de ataque e defesa pareciam obsoletas. Pareciam mesmo?

Trofie se virou para Lady Lockwood.

— Talvez eu possa fazer um trato com você — começou.

A princípio, ela pensou que Lady Lockwood poderia estar imersa demais em sua sede de sangue para responder, mas então ela falou:

— Um trato? Que *tipo* de trato?

— O que for necessário. Se é atrás de sangue que estão, posso facilmente encontrar alguns tripulantes para vocês.

Lady Lockwood sorriu.

— É uma oferta encantadora, minha cara, mas sangue é como vinho. Quando você já provou safras superiores, perde o gosto por coisas baratas.

— Então — disse Trofie —, foi por isso que vocês vieram aqui esta noite? Para reivindicar o sangue do capitão e de sua família?

— Ora, estou impressionada. Não há muitas pessoas que podem verbalizar um pensamento desse tipo sem mergulhar na histeria, mas você permanece fria como uma geleira. Está claro quem é o macho *neste* navio.

— Obrigada pelo elogio — disse Trofie —, mas, se vocês vieram simplesmente com a intenção de nos mutilar, não nos alonguemos mais com isso.

Dos dois lados, Marianne e Angelika assentiram para a ideia, aumentando o domínio sobre os dois cativos. O medo experimentado por Barbarro e Aluar era evidente no rosto do pai e do filho.

— Esperem! — ordenou Lady Lockwood. Como cães bem treinados, as duas colegas se viraram ao escutar a voz da líder. Ela sustentou o olhar das duas, depois voltou a se concentrar em Trofie. — Você é tão linda

quanto dizem — observou passando um dedo pela curva do malar de Trofie. Trofie permaneceu parada como uma estátua de cera sob o toque maligno de Lady Lockwood.

— Eu *vou* fazer um trato com você — anunciou Lady Lockwood. — Já falei que gosto de adquirir coisas bonitas. Coisas raras e *valiosas.*

Enquanto ela falava, seu olhar não se desviava do de Trofie.

— Por mais que eu esteja com sede, por mais que *todas* nós estejamos com sede, tenho certeza de que poderíamos ser distraídas por um pequeno tesouro. O que você pode me oferecer? — Os olhos de Lady Lockwood brilharam.

— O que for necessário — disse Trofie sem se abalar. — O que for necessário para você deixar meu marido e meu filho seguirem livres pela vida.

— Bom. — Lady Lockwood levantou uma sobrancelha. — Você acredita *mesmo* em valores familiares, não é?

— Acima de tudo.

Lady Lockwood estendeu a mão de novo para Trofie, mas dessa vez seus dedos pousaram no colar de rubi que brilhava como chamas no pescoço branquíssimo de Trofie.

— Que colar lindo! — disse ela. — E tenho certeza de que é único.

— É. Único. Impecável. E vale uma fortuna. Se você quiser, é seu.

Lady Lola deu de ombros.

— Por que não? É um pouco espalhafatoso para o meu gosto, mas sei de alguém na minha tripulação que adoraria.

— Se eu lhe der, você fará com que elas larguem os dois?

Lady Lockwood cruzou os braços.

— Acho que será necessário um pouco mais do que isso. Mas o colar é um bom ponto de partida. Precisa de ajuda para tirá-lo para mim?

— Não — respondeu Trofie, perdendo finalmente um pouco da frieza. — Não, eu consigo. — Ela ergueu as mãos na direção da nuca. Quando fez isso, seus dedos de ouro e as unhas de rubi brilharam à luz das velas.

— Ah! — suspirou Lady Lockwood. — Aí está! A fabulosa mão de Trofie Wrathe!

Ao ouvir isso, Trofie se imobilizou momentaneamente.

— Estão vendo, senhoritas? — perguntou Lady Lockwood. — Ora, não é uma beleza? Um ouro tão fino. Pedras tão perfeitas! É mesmo uma maravilha. Mais fabulosa até mesmo do que nos levaram a acreditar! Não há igual.

Trofie soltou o colar e estendeu-o na mão dourada para Lady Lockwood. Mas, em vez de pegar o colar, Lady Lockwood envolveu o pulso de Trofie com os dedos, no lugar onde a carne dava lugar ao ouro.

— Dê-me — disse ela, os olhos relampejando empolgados.

— Você quer minha mão? — perguntou Trofie, incrédula.

— Sim, minha cara. — Lady Lockwood assentiu, como se falasse com uma criança idiota. — Vou aceitar o colar, é um badulaque bonito, mas sua mão é o verdadeiro tesouro.

— Mas o que você quer com ela? — perguntou Trofie, perplexa. — Ela não serve para ninguém além de mim.

Lady Lockwood continuava segurando a mão de ouro.

— Eu já disse. Coleciono coisas. Coisas bonitas. Coisas incomuns. Às vezes passo adiante, para os amigos. Outras vezes fico com elas. E isso... — ela acariciou os dedos de ouro —, isso definitivamente vou manter para mim.

— Nós temos outros tesouros — disse Trofie. — Deixe-me mostrar. Venha ao nosso depósito e escolha o que quiser...

— Não, obrigada. Não sou tão gananciosa assim. Vou para casa esta noite com o colar e a mão, e vou me considerar uma garota de sorte.

— Mas é a mão da minha mãe! — protestou Aluar. Angelika deu um risinho e passou os dedos pelo cabelo do rapaz.

Trofie manteve-se fria, os olhos fixos nos de Lady Lockwood.

— Se eu der a mão, vocês vão nos deixar? Você dá sua palavra?

— Dou minha palavra — respondeu Lady Lockwood.

— Mãe, você não pode entregar sua...

— Fique quieto, Aluar. Você já viu do que Lady Lockwood é capaz. É um preço pequeno a pagar.

— É a sua *mão!* — gritou Aluar.

Mas Trofie estava decidida. Abriu as presilhas da mão de ouro. Ela se soltou do pulso. Trofie assentiu.

— É sua. Pegue.

Sorrindo, Lady Lockwood segurou a mão, puxando-a da manga de Trofie. Levou-a aos lábios e beijou-a, depois enfiou-a nas dobras da capa. Depois bateu palmas, deliciada.

— Senhoras, soltem os prisioneiros. Conseguimos o que viemos buscar.

Enquanto Marianne e Angelika, relutantes, soltavam Aluar e Barbarro, Trofie olhou para Lady Lockwood.

— Vocês queriam minha mão o tempo todo, não é?

— Talvez — disse Lady Lockwood com um sorriso. — Bom, adeusinho! Aproveitem a festa noturna. — Ela deu um tapa em cima da bandeja com cúpula, que havia trazido.

Com isso, virou-se e abriu a porta. Marianne e Angelika seguiram a líder para o corredor. A porta se fechou e os três membros da família Wrathe ficaram sozinhos de novo. Entreolharam-se aparvalhados.

— Vou atrás dela — disse Aluar.

— Não! — gritaram Trofie e Barbarro ao mesmo tempo.

Aluar parou.

— Mas, mãe, a sua mão...

— Nós arranjamos outra — disse Barbarro.

— Ah, é — reagiu Aluar. — Vamos dar um pulinho na loja de mãos de ouro!

— Ela é... ela é uma *vampira*, não é? — Por fim, a voz de Trofie traiu parte do choque que ela mantivera sob controle.

— É, querida — assentiu Barbarro, abraçando a mulher. — Uma

vampira. Ou Vampirata. Como quer que eles se chamem. Os mesmos monstros que mataram meu querido irmão Porfírio.

— Mais motivo ainda para cobrar uma vingança rápida e terrível — disse Aluar.

— Esta não é uma coisa para se fazer com leviandade ou sozinho — disse seu pai. — Tivemos sorte em sair com vida esta noite.

— Certo — insistiu Aluar. — Mas o que você planeja fazer a respeito?

— Primeiro, vou falar com Molucco. Ele tem alguma experiência com essas criaturas. Antes, ele me convenceu a não persegui-los em busca de vingança, mas agora tudo mudou. Vou garantir isso. Esses monstros não podem nos atacar em nosso próprio navio! Portanto, vamos falar com Molucco. Depois vou levar o caso à Federação dos Piratas. Vamos trabalhar juntos para expurgar os oceanos dessa ameaça. — Ele eriçou-se. — Elas escolheram o navio errado para atacar esta noite! Que ninguém tenha dúvida *disso!*

Aluar não pôde deixar de refletir que, por mais que as palavras de seu pai fossem enfáticas, o capitão fora muito menos combativo durante o encontro com as Vampiratas.

Barbarro puxou sua esposa e subcapitã e falou mais baixinho:

— Mas neste momento vou conversar com sua mãe em nossa cabine — disse ao filho. — Se você quiser ser útil, convoque toda a tripulação para o convés principal em dez minutos. Quero saber como aqueles demônios abordaram o poderoso *Tífon.* — Tendo dado a ordem, Barbarro saiu com a esposa do salão nobre.

Aluar começou a segui-los, mas parou, olhando a bandeja maldita que Lady Lockwood havia trazido. Seu choque dera lugar à fome. Seria demais esperar que houvesse algum petisco delicioso sob a tampa?

Mas, quando a levantou, ficou desapontado. O prato estava vazio, a não ser por uma coisa: uma carta de baralho.

Aluar pegou-a. Era semelhante a uma carta comum, mas havia algo estranho. Era a Dama de Copas... só que, na carta de copas, os corações eram vermelhos.

E essa carta era completamente preta.

Capítulo 4

Reunião incompleta

— Não é preciso ficar nas sombras — disse Mosh Zu, enquanto Grace e Connor entravam na câmara de meditação. Estava de pé no centro da sala, virado para eles. A sua frente, havia uma cadeira de vime, com as fibras trançadas reluzindo em ouro pálido à luz do lampião. As costas da cadeira estavam viradas para os gêmeos. Ao lado, havia uma mesa redonda, também de vime, onde estavam uma jarra d'água e três copos. Enquanto Grace olhava, uma mão pequena e pálida apareceu do outro lado da cadeira e estendeu-se para um copo. O coração de Grace estremeceu. A mão pertencia a Sally, sua mãe. Em apenas alguns instantes, ela e Connor iriam sentar-se e ter a primeira conversa de verdade com ela. De repente, a enormidade desse encontro pareceu avassaladora. Segurou as pontas dos dedos de Connor — sentiu-os trêmulos também.

Mosh Zu permaneceu à vontade, pedindo a Connor para ajudar a trazer mais duas cadeiras para o centro da sala. Grace acabou sozinha, a apenas três passos da mãe. Respirando fundo, avançou. O olhar de Sally encontrou o dela, o verde vívido das íris espelhando perfeitamente as de Grace.

— Olá de novo! — disse Sally, sorrindo para ela. Tinha uma aparência fraca, mas, como Grace havia se lembrado, era de verdade.

Grace se inclinou e beijou o rosto da mãe. Parecia liso e frio como mármore — mas para Grace o importante era que *podia* senti-lo. Lembrou-se das visitas que recebera de Darcy, quando, ainda que a amiga parecesse estar na mesma sala, era apenas uma projeção astral e as mãos de Grace haviam passado direto através dela. Isso aqui era diferente, muito diferente.

Sally segurou as duas mãos de Grace e seus olhares se encontraram — verde-esmeralda sobre verde-esmeralda. Quando fizeram isso, Grace teve uma sensação estranhíssima. Começou como o início de uma dor de cabeça violenta — uma dor terrível atravessando o crânio. Mas a dor fora apenas momentânea e, quando passou, uma série de imagens relampejou diante de seus olhos. A primeira foi de seu pai, mas ele era mais jovem do que a jovem jamais o vira. Era noite e ele estava ao ar livre, gargalhando. Grace sentiu Sally apertar sua mão de novo. Agora, a imagem mudou. Dessa vez foi Sidório que ela viu. Ele parecia exatamente como ela se lembrava. Estava entrando na cabine comprida no fundo do *Noturno* — a cabine onde aconteciam os festins semanais. De novo, Sally apertou suas mãos e de novo a visão mudou. Dessa vez, era Lorcan que Grace via. Ele a estava olhando atentamente, com lágrimas nos olhos. Então, Sally afastou as mãos e as visões desapareceram imediatamente.

Grace ficou enraizada onde estava, tonta, enquanto Sally se virava para Connor. Enquanto olhava mãe e filho se abraçarem, Grace se perguntou se Sally tivera alguma ideia do efeito provocado pelo seu toque. E o que significava a estranha sequência de imagens? Seria uma janela para seu passado?

— Deixem-me olhar para vocês — disse Sally agora. — Deixem-me dar uma boa olhada em vocês dois.

Grace se virou e viu que Connor havia parado a seu lado. Agora ele estendeu o braço e envolveu o ombro de Grace, mas ela não sabia se ele fizera isso para reconfortá-la ou para controlar o próprio nervosismo.

— Grace e Connor — disse Sally baixinho. — Meus gêmeos. Meus anjos! — Pela rouquidão da voz, estava claro que aquelas poucas palavras haviam sido produzidas com grande esforço.

— Por que vocês dois não se sentam? — sugeriu Mosh Zu, indicando as duas cadeiras vazias. Enquanto se sentava, Grace imaginou por que Mosh Zu não havia trazido outra para ele.

— Sem dúvida, vocês têm muitas perguntas para sua mãe — disse Mosh Zu. Em seguida, virou-se para Sally, com um sorriso suave atravessando o rosto. — E sei que ela está ansiosa para saber mais sobre vocês. Vou deixá-los por um tempo. É bom que fiquem a sós como uma família. Cada um de vocês, a seu modo, esperou muito tempo para esse encontro.

Enquanto Mosh Zu ia para a porta, Grace sentiu a pulsação acelerar. Um amontoado de perguntas apostava corrida em seu cérebro. Quanto

tempo temos? Até que ponto a condição de Sally é frágil? O que acontece se ela se perturbar? Apreciou a oferta de Mosh Zu, de dar espaço para eles se conhecerem, mas desejou que ele a tivesse preparado melhor, pelo bem de todos.

Olhou a porta se fechar depois de ele sair. Nesse momento, escutou a voz do guru, calma e clara em sua cabeça: *"Não deixe essas preocupações obscurecerem o júbilo do encontro. A resposta para todas as suas perguntas é simples: não sei mais do que você. Mas fique tranquila, estarei perto se e quando você precisar de mim.*"

Grace assentiu, depois se virou de novo para os outros, imaginando se teriam observado esse gesto e achado estranho. Nenhum dos dois parecia ter notado. Connor estava olhando para as próprias mãos, sobre os joelhos. Sally observava-o. Grace achou que ela tinha um jeito de criança. Era difícil avaliar sua idade, devido à palidez atual. Mesmo que tivesse apenas 16 anos quando dera à luz, estaria com 30, agora. Mas parecia mais nova do que isso. Se Grace não soubesse, teria considerado Sally com vinte e poucos anos, ou mais nova até. Mas não poderia ser. Os números não batiam.

— Bom — disse Sally —, depois de nós todos termos esperado tanto tempo por esse momento, é meio esquisito, não é? — Diante dessas palavras, Connor levantou os olhos, depois se virou para encarar Grace também. — Como diz o tal Kuru, tenho certeza de que vocês dois têm um montão de perguntas para mim. Por onde acham que a gente deveria começar?

Grace sentiu-se em conflito. Não queria perguntar nada muito difícil ou perturbador de cara. Ao mesmo tempo, tinha consciência de que, devido à condição de Sally, o tempo que tinham juntos poderia ser limitado e ela não queria perder essa oportunidade de fazer as perguntas importantes. No fim, cercou as apostas.

— Eu estava pensando — disse. — Quanto tempo faz desde que você nos viu? Afora a última vez, na câmara de cura. Quanto tempo fazia desde que estivemos juntos? — Ela fez uma pausa. — Não quero parecer grosseira nem magoada, mas não tenho nenhuma lembrança de você na Baía Quarto Crescente.

Sally começou a falar, mas sua voz estava rouca, talvez por falta de uso, e ela tossiu e depois pediu:

— Connor, poderia fazer a gentileza de me servir um copo d'água?

Connor se inclinou para frente e virou a jarra na direção de um copo, em seguida pegou-o e colocou na mão da mãe.

— Obrigada — disse ela, sorrindo. Pela primeira vez, ele sorriu de volta. Sally tomou um gole d'água, depois continuou: — Bom, Grace, respondendo à sua pergunta. A verdade é que nunca estive na Baía Quarto Crescente.

— Nunca? — exclamou Grace. Ela pôde ver que Connor também ficou surpreso.

Ela balançou a cabeça.

— Eu gostaria de ir lá um dia. — Parte da luz sumiu de seus olhos. — Acho que teria de ser muito em breve, agora.

— Mas nós sempre moramos na Baía Quarto Crescente — disse Grace. — Até que papai morreu, quando, então, partimos e fomos apanhados pela tempestade. Passamos nossa vida inteira lá.

— É — Sally confirmou com a cabeça. — A vida inteira de vocês, a não ser bem no início. — Ela levantou a mão pequena e fez um gesto com o polegar e o indicador. — Só um pedacinho bem pequenininho antes de vocês irem para a Baía Quarto Crescente. Essa, queridos, foi a última vez em que vi vocês.

— Quando nós éramos bebês?

Sally confirmou com a cabeça.

— Mas por quê? — perguntou Grace.

— É uma história longa e muitas vezes difícil. — Sua voz tinha ficado fraca de novo e ela tomou outro gole d'água, parando antes de continuar. — Mas é a história de vocês, e vocês devem ficar sabendo.

Grace olhou para Connor, depois de novo para Sally. Seu medo dera lugar à empolgação. Era como se fossem crianças pequenas de novo, aninhados nas camas gêmeas no quarto do farol que haviam compartilhado na infância. Aconchegados e prontos para ouvir uma história antes de dormir. Só que agora sabiam com certeza que Sally nunca estivera com eles no farol. Era o seu pai, Dexter Tormenta, que sempre contava histórias antes de dormirem. Contava histórias e entoava uma cantiga estranha...

Vou contar uma
história de Vampiratas,
História antiga e
verídica...

Grace ficou triste porque o pai não estava ali para participar daquela reunião. Isso tornava o encontro incompleto.

— A história de vocês começa a bordo do *Noturno* — disse Sally.

— Do *Noturno*! — exclamou Grace. — É o navio Vampirata — disse, lembrando a Connor.

— É — respondeu ele, ligeiramente irritado. — Eu sei.

— Você viajou no *Noturno*! — disse Grace, empolgada, balançando a cabeça. Agora tinha uma resposta para uma de suas grandes perguntas: como Sally e Lorcan se conheciam. Teve um sentimento mais profundo de união com a mãe. Como se, involuntariamente, tivessem seguido o mesmo caminho na vida. — O que você estava fazendo a bordo do *Noturno*?

— Ela já ia contar — disse Connor, com certa ênfase. — Grace, por favor, deixe que ela conte a história sem interromper a cada cinco segundos.

— Certo — respondeu Grace, virando-se de volta para Sally. — Desculpe.

— Tudo bem — disse Sally tomando mais um pouco d'água. — Eu sempre fui como você, Grace. Faminta por informações. Não conseguia esperar para saber tudo. Para ver tudo. Fazer tudo. — Ela sorriu, depois pousou o copo d'água de novo. — O que eu estava fazendo no *Noturno*? Na verdade, é simples.

Eu era doadora.

Capítulo 5

Movimentos noturnos

Stukeley surfou habilmente até chegar à terra, depois pulou na parte rasa e virou a prancha nos braços.

Ficou olhando enquanto Johnny o seguia. O equilíbrio dele era soberbo. Tinha aprendido a surfar apenas recentemente, sob a orientação de Stukeley, mas já era tão bom quanto o professor. Toda a sua experiência montando a cavalo lhe dera um forte sentimento de como se equilibrar e guiar a prancha através das ondas mais poderosas.

Johnny estava gritando de empolgação enquanto pegava a prancha e saía correndo da água para encontrar o amigo.

— Como eu fui? — perguntou.

Stukeley sorriu e estendeu a mão para apertar o ombro de Johnny.

— Matou a pau, velho! Você leva jeito.

— Obrigado, *hermano* — riu Johnny. *Hermano.* A palavra significava "irmão" na língua natal de Johnny. E era verdade que, no pouco tempo em que se conheciam, haviam se tornado quase irmãos. Stukeley já tivera boas amizades antes. Seu cérebro reluziu brevemente com uma imagem dele a bordo do *Diablo,* fazendo palhaçadas com Connor e Bart. Agora, essas imagens estavam ficando mais difíceis de ser lembradas, como se fossem um sonho antigo ao qual não conseguia retornar. *Esta* era sua vida, agora; o mundo da escuridão que envolvia tudo.

— Você parece distante. Está pensando em quê?

Stukeley balançou a cabeça.

— Tive uma lembrança rápida de quando eu era mortal.

— Ainda tem disso, é? — Johnny deu um riso torto e ajeitou o chapéu de caubói.

— É, eu estava pensando em...

— Não entre nessa — disse Johnny, balançando a cabeça. — Só vai trazer dor. — Em seguida, jogou a prancha na areia. — Acredite. Eu cometi esse erro muitas vezes.

Stukeley ficou olhando as ondas enluaradas, refletidas nos olhos escuros de Johnny.

—E então? — perguntou. — Simplesmente abandono tudo? Tudo que eu era?

Johnny confirmou com a cabeça.

— É. Deixa isso passar. Viva o aqui e agora.

Stukeley olhou para o amigo.

— É isso que você faz?

— Tento, cara. Nem sempre é fácil, porém é mais fácil do que encher a cabeça de dor, arrependimento e desejo.

Stukeley assentiu.

— Tem gente de quem eu gostava e gente que gostava de mim. Eu nem sempre agi certo com elas...

— Confie em mim — disse Johnny. — O único modo de você se libertar é viver o momento. Nesta praia. Agora. Isso é tudo que nós temos.

Ainda que parecesse alguns anos mais novo, por causa da idade em que estava ao fazer a travessia, Johnny vivia nesse reino por muito mais tempo do que Stukeley. Sua jornada fora longa e frequentemente difícil, Stukeley sabia, pelo pouco que o amigo lhe contara. Quando se tratava de dar conselhos sobre recomeçar, o antigo vaqueiro sabia o que estava falando.

— Olha. — Johnny girou Stukeley e eles olharam os outros surfistas. Olhos mortais seriam cegos para suas fileiras serrilhadas, mesmo que algum mortal tivesse coragem suficiente para estar na praia naquela noite, e não trancado em casa, atrás de janelas e portas fechadas.

A água estava cheia de gente. Havia empolgação no ar; não somente devido ao surfe, mas também pela antecipação do que viria em seguida.

— Cadê o capitão? — perguntou Stukeley. — Não estou vendo.

— Está bem ali — apontou Johnny. — Bem onde seria de esperar,

no centro da ação.

E lá estava Sidório, com a cabeça e os ombros acima dos que o rodeavam, absolutamente no comando da onda alta que o levava à praia. Ao ver seus dois tenentes esperando, soltou um rugido e impeliu o corpo musculoso no ar, dando um salto mortal completo, com a prancha ainda presa aos pés. Depois, pousou de novo nas águas furiosas e saltou em outra onda para completar a jornada até a praia.

— Essa foi incrível, capitão! — Stukeley assentiu, admirando, enquanto Sidório corria até eles.

Sidório sorriu.

— Às vezes até eu fico surpreso comigo — disse ele.

— O senhor viu o Johnny surfando? — perguntou Stukeley. — Ele está ficando bom. Bom de verdade!

— Vi — respondeu Sidório, assentindo para Johnny. —Belo trabalho, chapelão.

Johnny ficou empolgado com o elogio do capitão, que raramente acontecia.

Agora a praia estava se enchendo com os outros — uma enorme massa de figuras escuras que emergiam da água e vinham para a terra, ficando secos imediatamente.

— Olhem aquilo! — disse Stukeley. Os três se viraram e olharam ao longo da praia para a fileira de pranchas enfiadas na areia. Ali estava a tripulação de Sidório, a maré crescente de Vampiratas, recrutados entre os viajantes insatisfeitos do *Noturno* e os que vinham definhando no Santuário, além de alguns que, até recentemente, estavam encarcerados num navio-prisão. Convertidos recentes, pensou Stukeley. E com que vontade eles haviam atravessado! Em muitos sentidos, eram mais dispostos do que ele. Como podia ser? Como podiam ter atravessado com tanta facilidade, enquanto ele continuava lutando? Olhou para os rostos deles, cheios de expectativas, mais adiante.

— Estão esperando você — sussurrou Johnny em seu ouvido.

Stukeley ouviu as palavras e foi como se um interruptor tivesse sido acionado em seu cérebro. De repente, sabia o que fazer, o que dizer. De repente, sabia quem ele era.

— Certo. — Stukeley bateu palmas, assumindo autoridade e com uma aparência de confiança. — Bem-vindos a Santa Demonica, pessoal. É uma cidadezinha amigável, pelo que dizem. Mas não garanto que os moradores serão muito receptivos a vocês, a esta hora da noite. Ou, para ser franco, a qualquer outra hora. — Esperou os risos terminarem antes de seguir em frente. — Vocês conhecem o serviço, pessoal. Façam o que quiserem. Peguem o que precisarem. — Em seguida fixou-se em alguns rostos escolhidos na turba. — Mas tentem bancar os legais. Nada de brigarem uns com os outros! — E de novo se dirigiu a todos. — E o que é mais importante: estejam de volta aqui, prontos para ir ao navio, dentro de três horas.

Stukeley recuou. As fileiras de Vampiratas ainda se demoravam na areia. Stukeley virou-se para Sidório.

— Se quiser dar a ordem, capitão...

Sidório avançou sem hesitar.

— O que estão esperando? — gritou. — Vão e aproveitem ao máximo!

Ao seu comando, eles começaram a correr, como lobos famintos soltos na selva. Alguns corriam juntos, numa matilha. Outros encontravam o próprio rumo, preferindo rastrear e pegar as presas sozinhos.

Stukeley ouviu a primeira porta sendo derrubada, a primeira janela sendo despedaçada. O primeiro grito. Esses sons tiveram seus ecos imediatos, antes que a música familiar e dissonante ficasse mais alta, crescendo até uma rapsódia contínua e violenta.

Ele tremeu brevemente, depois se virou e viu Johnny parado ao seu lado.

— Cadê o capitão? — perguntou.

— Já foi — respondeu Johnny. — Festejar com os outros.

Mais um crescente de vidros quebrando. Outro coro de gritos.

— Deveríamos ir também — disse Johnny. — Precisamos tanto quanto eles. Todos somos iguais.

— É — concordou Stukeley. — É, somos todos iguais. — Juntos, ele e Johnny foram andando pela areia.

Não tinham ido muito longe quando Johnny cutucou Stukeley.

— Olha — disse ele, assentindo para as dunas. — Parece que poderíamos estar caçando mais perto de casa esta noite.

Stukeley acompanhou o olhar de Johnny. Nas dunas, havia duas figuras, duas mulheres vestidas com elegância, vestidos longos e justos e sapatos altos. Uma delas usava um chapéu de aba larga e um extravagante colar de rubis que parecia uma teia de aranha. As duas, curiosamente, usavam grandes óculos escuros.

— Olá! Boa-noite, senhoras! — gritou Johnny, levantando a mão. — Parece que se vestiram para uma festa.

A mulher de chapéu se virou para ele.

— Uma festa — respondeu ela. — É mesmo. Sabem onde podemos achar uma?

— Aqui mesmo! — disse Johnny enfaticamente. — Bem aqui!

A mulher sorriu. Johnny podia ver seu próprio rosto sorridente refletido nos óculos escuros dela.

— Por que estão usando esses óculos à noite? — perguntou Johnny.

As mulheres riram disso. Depois falaram simultaneamente:

—É moda, querido!

O modo como disseram “querido” provocou arrepios na coluna de Stukeley. Isso seria fácil. Frequentemente, era. Poucas podiam resistir a uma ofensiva de charme dos dois carismáticos tenentes de Sidório.

— E então... — disse Stukeley, decidindo apressar as coisas. — Gostariam de passear um pouco com a gente? Meu nome é Stukeley, por sinal, e esse cara bonitão aqui é o Johnny.

— Diante disso, Johnny tirou o chapéu e fez uma reverência extravagante.

As mulheres sorriram de novo.

— Sou Jessamy — disse a de chapéu.

— E eu sou Camille.

— Nomes lindos para damas lindas — respondeu Stukeley. — Bom, por que não tiram os óculos escuros e mostram seus lindos olhos?

As mulheres entreolharam-se. Depois, em perfeita sincronia, tiraram os óculos. Virando-se de volta para os homens, revelaram rostos mais lindos do que Stukeley e Johnny poderiam ter imaginado. Seus olhos eram brilhantes como joias, e ao redor de cada olho direito havia a tatuagem de um coração preto.

Stukeley ofegou. Isso era perfeito demais. Agora, sua fome era forte. Podia sentir que Johnny estava do mesmo jeito. Dava para ver o fogo queimando nas profundezas de seus olhos. Enquanto voltava o olhar para as mulheres, Stukeley prendeu o fôlego. Porque o mesmo fogo ardia nos olhos delas.

Sentindo sua confusão, Jessamy sorriu, abrindo a boca um pouco mais do que antes, revelando um par de incisivos longos demais, afiados como navalhas. Agora os incisivos de Camille também relampejaram, brancos, ao luar.

— Vocês falaram em uma festa — disse Jessamy. — Acho que todos estamos procurando o mesmo tipo de diversão, não é? — Ela estendeu a mão para Stukeley. Como uma imagem em espelho, Camille estendeu a mão para Johnny. — Venha — disse ela, faminta. — Vamos festejar.

Stukeley acordou na areia, com um profundo sentimento de paz e relaxamento, acompanhado por uma desorientação. Levou alguns instantes para reconhecer onde se encontrava. Virou-se e viu Johnny cochilando, com o chapéu subindo e descendo sobre o peito. Havia um sorriso largo nos lábios de Johnny. Algumas manchas de sangue entre os lábios e no queixo.

Sangue. Isso trouxe de volta um clarão de memória. Eles haviam festejado. Por algum motivo, Stukeley não conseguia trazer toda a lembrança. Mas isso não era incomum. Frequentemente, havia um borrão ao acordar. Às vezes levava um bom tempo até que os detalhes retornassem.

Stukeley ficou olhando até que, por fim, Johnny abriu os olhos. Ele franziu a testa.

— Onde estou?

Stukeley deu um risinho.

— Numa praia, velho.

— Estou vendo. Mas onde, e por quê?

— Bom, a julgar pela trilha de sangue em cima do seu queixo, posso imaginar que a gente andou festejando.

Johnny piscou ao ouvir a palavra.

— Estranho. Não consigo lembrar... — Ele se obrigou a ficar sentado. — Estou meio tonto.

— Eu também. Mas é uma tontura legal. — Ficou de pé. Seu corpo parecia feito de geleia. Os membros projetavam-se em todas as direções e ele

caiu de volta na areia, gargalhando.

Johnny riu também.

— É a coisa mais engraçada que vejo há séculos!

— É isso aí, esperto — disse Stukeley. — Vejamos como *você* anda.

Johnny aceitou o desafio e ficou de pé.

— Pronto! — anunciou, ficando perfeitamente ereto por um instante. — Sem problema! — Quando terminou de falar, suas pernas cederam e ele caiu de volta na areia.

— Muito impressionante! — gritou Stukeley, gargalhando.

— *Cara!* — exclamou Johnny. — A gente deve ter tomado um monte de sangue esta noite, não acha?

— Ah, sim. Acho que tivemos uma tremenda festa. É uma pena a gente não se lembrar de nada.

Lady Lockwood estava esperando a volta de Jessamy e Camille em sua cabine. Estava jogando uma espécie de paciência, usando um baralho incomum; incomum, porque o único naipe era de Copas, e todas as cartas eram pretas.

Com a primeira batida à porta da cabine, a capitã gritou:

— Entrem!

Jessamy e Camille, usando seus vestidos de noite e suas joias, entraram. Ambas sorriam.

— E então? — perguntou a capitã. — Parece que vocês se divertiram!

— Sem dúvida — respondeu Jessamy, tirando o chapéu e balançando os cabelos compridos e ruivos. Eles combinavam maravilhosamente com o colar de rubi.

— Grande diversão, capitã! — concordou Camille.

— E tudo aconteceu de acordo com o plano? — perguntou Lady Lockwood.

— Claro — ronronou Jessamy com um sorriso. — Eles pareciam massa de modelar nas nossas mãos!

Lady Lockwood assentiu, em aprovação.

— Isso requer um brinde.

Ao seu lado, havia uma garrafa de vinho e várias taças. A sua já estava pela metade, mas ela levantou a garrafa e serviu a bebida para as duas colegas.

— O que estamos bebendo? — perguntou Jessamy.

Lady Lockwood sorriu.

— Um italianozinho atrevido. — Ela fez uma pausa. — Acho que o nome dele era Vincent. Não, *Vincenzo*, isso mesmo! Cantor de ópera, mas não era terrivelmente bom, para dizer a verdade.

Camille tomou um gole, saboreando a bela safra por um bom tempo antes de permitir que a bebida descesse pela garganta.

— É de seu agrado, minha cara? — perguntou Lady Lockwood. —

Ou gostaria de algo com mais corpo?

Camille balançou a cabeça.

— Está delicioso, capitã.

Jessamy assentiu, avaliando também.

— Um belo acréscimo para a Vinícola Coração Negro — disse.

— Fico muito satisfeita — respondeu Lady Lockwood. — Há mais algumas garrafas no lugar de onde esta veio. Dividam-nas entre vocês, se quiserem. Considerem isso um pequeno agradecimento por uma missão bem executada.

A capitã sorriu, depois levou sua taça aos lábios de novo e bebeu. A primeira salva de tiros contra a proa de Sidório fora disparada.

Capítulo 6

Realidades diferentes

— Doadora! — Grace não conseguiu se conter.

Sally confirmou com a cabeça, estendendo a mão para apertar a de Grace. Mas de novo, ainda que pretendesse ser tranquilizador, o toque provocou um ricochete na cabeça de Grace. Numa rápida sucessão, as três imagens que ela vira antes voltaram a relampejar — primeiro Dexter, depois Sidório e, em seguida, Lorcan. E dessa vez houve uma nova imagem: o próprio capitão Vampirata, sentado à mesa de sua cabine.

Quando Sally tirou a mão, a visão esvaiu-se imediatamente. De novo, aparentemente sem perceber o efeito de seu toque, Sally continuou a falar:

— Pela reação de vocês imagino que ambos saibam o que é um doador, não é?

Connor ficou em silêncio. Grace, ainda chocada com as visões, assentiu. Tentou se concentrar no que Sally dizia. O fato de ela ter sido doadora explicava a estranha anomalia em sua aparência. O pacto entre Vampirata e doador impedia que o doador envelhecesse. Mas, sem dúvida, Sally deve ter deixado de ser doadora para dar à luz os gêmeos. A não ser...

O inconsciente de Grace estava com as engrenagens rodando. Sentia-se perto de uma descoberta, mas não estava totalmente lá. Talvez houvesse uma pista na estranha sequência de imagens que havia relampejado em sua cabeça com o toque de Sally: Dexter, Sidório, Lorcan e o capitão Vampirata.

— Grace, você está bem? — A voz de Sally atravessou seus pensamentos febris. Grace percebeu que estava de olhos fechados. Abriu-os de novo.

— Desculpe, fico recebendo um amontoado de imagens na cabeça. — Olhou para Sally. — Acontece toda vez que você me toca. — Diante disso, Connor se virou e olhou para ela, curioso. Grace perguntou à mãe: — Você está fazendo isso de propósito?

Sally balançou a cabeça.

— Não, Grace, não estou. Mas diga: que imagens estão vindo à sua cabeça?

— De pessoas que eu conheço. Papai e Sidório, depois Lorcan e o capitão Vampirata. Mas são só imagens rápidas. Não sei o que significam, mas não acho que sejam lembranças minhas. Papai está muito mais novo do que eu já vi.

Sally sorriu.

— Que incrível! Quer tentar de novo?

Grace confirmou com a cabeça. Sally estendeu a mão e Grace pegou-a. Assim que a pele das duas fez contato, aconteceu de novo. Só que dessa vez houve menos dor inicial e a visão era mais clara. Era o seu pai. A mesma visão de antes. À noite, ao ar livre. Ele estava rindo. Dessa vez, a visão permaneceu nele. Ela viu que estava no convés de um navio, depois percebeu com um susto que reconhecia o navio. Ofegou. Sally soltou sua mão e a visão sumiu tão rapidamente quanto antes.

— O que você viu? — perguntou Sally, curiosa.

Grace abriu os olhos, mas ainda estava focalizada na visão. Tinha medo da possibilidade que a visão apresentava, e insegura em como verbalizar seus pensamentos.

— O *que* você viu? — perguntou Connor, com uma nota de irritação na voz.

— Tudo bem, Grace — disse Sally baixinho. — O que quer que tenha sido, você deve nos contar. Eu disse que esta era uma história difícil, mas vamos passar por isso juntos, nós três, eu prometo. — Ela se virou para Connor. — Prometo nos *dois*.

Grace respirou fundo.

— Era o papai. Ele estava tão novo e feliz! — Ela fez uma pausa. — Estava no convés de um navio. Era o *Noturno*. Eu vi as velas reluzindo atrás

dele.

— Isso é impossível! — disse Connor. — Papai nunca esteve no *Noturno*.

Grace balançou a cabeça.

— Não, tenho certeza de que era ele. — E olhou para Sally.

— Acho que entendi. Quero dizer, nossa história. *Você* era uma doadora. E nosso pai, Dexter, era seu parceiro vampiro.

— Grace olhou para Connor, viu-o franzir a testa, depois encarou Sally enquanto juntava as palavras que, ela sabia, tinham o potencial para mudar a vida dos gêmeos para sempre. — Nosso pai era um Vampirata.

Sally sustentou o olhar de Grace, mas, antes que ela pudesse responder, Connor saltou de sua cadeira e gritou:

— Não! Não quero ouvir isso! Não quero nem *preciso* ouvir isso. Nosso pai era um homem bom. Não, Grace, não era um "homem bom" como Lorcan ou o seu capitão Vampirata. Era um homem bom *de verdade*. Ele nos criou sozinho. Sacrificou tudo por nós durante 14 anos e morreu jovem demais. — Connor parou e olhou irritado para Sally. — Como você ousa dizer essas coisas sobre ele?

— Eu não disse... — começou Sally, mas sua voz ficara fraca de novo e, além disso, Connor já estava indo para a porta.

Sally tossiu e pegou mais água.

— Vá atrás dele — disse rouca a Grace.

Grace estava dividida.

— E você?

— Vá — repetiu Sally, juntando toda a força que podia. — Traga-o de volta. Ele precisa ouvir isso, tanto quanto você.

A voz dela podia estar fraca, mas suas palavras eram fortes como aço. Grace correu até a porta e saiu rapidamente pelo corredor atrás de Connor. Ele não tinha ido muito longe. Estava encostado na parede, com a cabeça nas mãos.

— Connor, você tem de voltar para lá comigo.

Ele girou a cabeça e encarou-a com raiva.

—Eu não *tenho* de ir a lugar algum, Grace.

Grace insistiu.

— Você precisa ouvir o que nossa mãe tem a dizer. Nós dois precisamos.

Connor balançou a cabeça.

— É tudo mentira, Grace. Um conto de fadas. — Ele balançou a cabeça. — Não, não é um conto de fadas, é uma história de terror.

— Talvez você não goste, Connor, mas isso não significa que não seja verdade. — Ela estendeu o braço para o irmão, mas ele a empurrou com raiva.

— Você está pedindo para eu acreditar que nosso pai era um vampiro? — Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Talvez. E, se for o caso, a gente precisa saber. — Ela fez uma pausa, tentando por ordem em seus confusos pensamentos. — Fico imaginando...

será que isso faria de *nós* vampiros também?

Connor encarou-a boquiaberto.

— Escute o que você está falando! Grace, você perdeu completamente o senso de realidade. Certo, os Vampiratas salvaram você de se afogar. Mas isso não basta, não é? Não, você tem de fazer *amizade* com eles! E agora quer ser *parente* deles também? Isso não é normal, Grace. É maluquice. Profunda e horrivelmente estranho.

— Eu faço amizade com quem eu quiser — disse Grace, igualmente irritada.

— Ótimo. É a *sua* escolha. — Depois falou muito deliberadamente: — Nosso pai *não* era um Vampirata. Dexter Tormenta era um homem bom, normal, com dois filhos e um emprego de faroleiro. Trabalhava demais e era mal-pago.

— Você pode ficar dizendo isso a si mesmo — reagiu Grace, surpresa com a própria calma. — Mas o fato de dizer não torna verdade. — Ela fez uma pausa. — Eu não perdi o senso de realidade, Connor. Só estou aberta a realidades *diferentes.* Quando você estava longe, levando uma vida de pirata, eu tive os olhos abertos para as possibilidades mais incríveis, coisas que nunca pude sonhar que seriam verdade. — Seus olhos relampejaram enquanto ela continuava: — Você mesmo viu algumas dessas coisas! Você estava presente quando Mosh Zu curou o capitão.

Connor se eriçou.

— Não sei o que isso tem a ver com papai.

— Connor, você viu mamãe e as outras sombras saírem do corpo do capitão! Isso não mudou seu sentimento do que é *normal* e do que é *possível*?

— Talvez — admitiu ele. — Talvez eu até esteja pronto para aceitar que ela é nossa mãe, ou o fantasma da nossa mãe, se bem que estou realmente lutando para entender como ela viajou na barriga do capitão durante todos esses anos. — Ele suspirou. — Essas coisas são difíceis demais para eu colocar na cabeça e, francamente, nem quero. Mas eu *conhecia* papai. Vivi com ele 14 anos, dia e noite. Ele era um cara comum. Dexter Tormenta *não* era um Vampirata.

Quanto mais ele tentava afastá-la, mais passional Grace ficava.

— Você precisa redefinir seu sentido do que é um vampiro. Os Vampiratas podem ser caras *comuns*, também. Olhe o Lorcan.

Connor assentiu.

— Achei que a coisa voltaria a ele. Olha, Grace, sei como você gosta do Lorcan. Ele é o primeiro garoto pelo qual você se mostrou interessada, mas até você precisa encarar os fatos. Ele *não é* um cara comum.

— Ele é bom. E sensível. E divertido...

— Ah, é. O velho Lorcan é um tremendo barril de risadas, tenho certeza. Mas você está esquecendo algumas informações importantes sobre ele, Grace. — Connor fez uma pausa. — Por exemplo, ele gosta de chupar sangue.

— Não é que ele *goste* — disse Grace com veemência. — Lorcan *precisa* de sangue para se reanimar. Ele tem apetite, mas aprendeu a controlá-lo.

— Bom — disse Connor, assentindo. — Você está certa. Isso é

muito comum.

Grace estendeu a mão para o irmão, decidida a tentar mais uma vez.

— Connor, por favor, vamos voltar para lá e terminar essa conversa com Sally enquanto temos a chance. Ela está frágil demais. Não sabemos quanto tempo ainda temos.

Ele a encarou com intensidade — os pensamentos próximos dos dela — e balançou a cabeça.

Grace suspirou e deu as costas para ele. Cruzando os braços com força diante do peito, voltou para a sala de meditação.

— Grace, espera! — gritou Connor. — Nós precisamos conversar! Só nós dois.

Mas não havia como fazê-la parar. Ela marchou pelo corredor de volta à sala de meditação. Foi até a cadeira da mãe e ofegou. Sally estava caída no chão, os olhos fechados e o corpo frouxo.

— Não! — gritou Grace. Aquilo não podia acabar, não ali; agora, não. Restava muita coisa sem ser dita, desconhecida, entre mãe e filha. Precisava trazê-la de volta à consciência.

Grace estendeu a mão para aninhar a mãe nos braços. Ao fazer isso, sua cabeça relampejou de novo com as imagens. Dexter, Sidório, Lorcan. O capitão Vampirata. E agora Mosh Zu e Shanti, também. A visão ia de um rosto para o outro. Era como olhar um maço de cartas sendo embaralhado depressa demais.

Agora, não!, implorou Grace. Precisava salvar Sally... mas não havia como livrar-se da visão. Rostos surgiam diante dela, finalmente parando na imagem de Dexter, como se a carta dele tivesse sido escolhida no baralho. Ele estava no convés do navio, como antes. E, apesar da negativa de Connor, atrás de Dexter estavam o mastro e as enormes velas do *Noturno*, parecendo asas, pulsando de luz.

Dexter estava rindo e estendendo a mão para ela. Grace percebeu que estava vendo coisas pelo ponto de vista da mãe. Na visão, ela também estava de pé, segurando a mão de Dexter e caminhando pelo convés. Sua mãe olhou para trás. Ali, no convés, estavam Lorcan e Shanti, a doadora *dele*. Estavam sorrindo e acenando enquanto Sally e Dexter partiam. Então, Sally e Dexter estavam andando dentro do navio. Grace podia ver o corredor familiar, com cabines dos dois lados. A mão de sua mãe empurrou uma porta. Será que ela veria a mãe compartilhar sangue com o pai? Seria a confirmação de que ela fora mesmo a doadora dele: a verdade irrefutável de que Dexter Tormenta *era* um Vampirata.

— Grace! — O grito de Connor atravessou sua consciência, mas ela se agarrou à visão, desesperada para que não desaparecesse nesse ponto. Então, sentiu os braços do irmão. Ele estava puxando-a para longe de Sally. — Solte-a — disse ele. — Você está apertando demais. Grace, você a está machucando.

Grace voltou a si no chão, longe de Connor, que agora segurava Sally de modo protetor.

— O que você fez com ela, Grace?

— Eu? Não fiz nada! Como você pode ao menos pensar...

— Você estava agarrada a ela como se estivesse morrendo.

— Ela estava assim quando voltei para a sala. Tentei segurá-la, como você fez, mas, assim que a toquei, uma visão começou de novo.

Connor franziu a testa.

— Não quero saber disso — disse em tom sombrio. — E, Grace, você precisa *parar* de tocar nela. Não entendo o que está acontecendo, mas evidentemente não é bom para nossa mãe.

Ele procurou uma pulsação, depois olhou para ela, com o pânico desenhado no rosto.

— Precisamos de ajuda, Grace. Vá chamar Mosh Zu ou alguém... qualquer um. Agora!

Mais tarde, várias horas depois do colapso de sua mãe, Grace estava sentada no banco diante da pequena fonte no jardim junto à cozinha, tentando ser paciente, enquanto Mosh Zu e seus assistentes cuidavam de Sally.

A fonte tornara-se um dos seus locais prediletos no complexo de Santuário — o lugar aonde ia sempre que precisava acalmar os nervos em frangalhos. Algo na combinação do ar fresco com o perfume das ervas silvestres crescendo ali perto e o som da água caindo agiam como magia sobre ela.

Nesse momento, a cabeça de Grace estava febril com pensamentos; seu estômago estava completamente revirado. Pensou no que Sally havia contado — e no que Sally estava *a ponto* de contar. Que ela era uma

doadora! Que talvez fosse doadora de Dexter Tormenta! Que o pai dos gêmeos era um Vampirata e que, portanto, eles também eram vamp... Mas não, não devia deixar a mente correr adiante dela. Tudo que Sally dissera até então era que havia sido doadora a bordo do *Noturno*. O resto, ainda que fizesse sentido, esperava por confirmação.

Grace pensou nas visões que haviam surgido através do contato com Sally. Tinha sido incrível ver a vida no *Noturno* através dos olhos da mãe — ver seu pai parecendo tão jovem, bonito e despreocupado, e Lorcan também —, se bem que ele, claro, estava fisicamente igual. Grace se lembrou de como Lorcan e Sally se haviam entreolhado na câmara de cura, quando ela reaparecera. Estava claro que tinham sido bons amigos, e a visão confirmava isso. Grace ficou satisfeita — era outra conexão com duas pessoas de quem gostava profundamente.

Ver Shanti também fora interessante. Ainda que Grace tivesse sentimentos confusos com relação à ex-doadora de Lorcan, continuava sentindo uma tristeza profunda por seu assassinato brutal nas mãos de um Vampirata renegado.

Grace tremeu. Seus pensamentos voltaram para a mãe. Será que as acusações de Connor eram justas? Será que Grace *estava* mesmo ferindo-a ao se conectar com suas memórias distantes? A última coisa que Grace queria era deixá-la ainda mais fraca. No entanto, o modo como as visões surgiam em sua mente no instante em que fazia contato com a mãe levava Grace a sentir que Sally devia querer que ela as conhecesse, ainda que apenas num nível subconsciente. Parecia que ela estava tentando contar toda a história a Grace.

Grace olhou para a água rolando na fonte. Desejou não estar sozinha, ter alguém perto para conversar sobre essas coisas. Mas quem?

Connor, apesar de se ter acalmado consideravelmente, dissera que precisava de um tempo sozinho e fora para o quarto descansar.

O capitão seria uma companhia tranquilizadora para ela, mas não havia sinal dele desde a cura.

Havia procurado Lorcan, mas, segundo alguém informara, ele fora ao bloco dos doadores e não voltaria tão cedo.

Lembrou-se de outras noites em Santuário, quando, nas horas solitárias, tinha procurado a companhia de Johnny Desesperado. Agora ele se fora, atraído pela tentação sombria de Sidório. Ainda que Johnny tivesse revelado um caráter questionável, fora uma boa companhia e era ótimo ouvinte. Agora, sentada diante da pequena fonte, Grace sentiu a ausência de todas as pessoas que se acostumara a chamar para pedir ajuda. De repente, sentiu uma solidão dolorida.

— Grace!

A princípio, pensou que havia conjurado a voz. Não seria a primeira vez.

— Grace!

Levantou os olhos e encontrou Darcy Flotsam rodeando a fonte e vindo em sua direção. O sorriso caloroso de Darcy era como a resposta a uma prece.

Grace se levantou e abraçou a amiga.

— Darcy! Que maravilha ver você!

Darcy abraçou-a de volta e riu.

— É bom ver você também, Grace.

— O que está fazendo aqui fora? — perguntou Grace, com a alegria suplantando a ligeira culpa por ter deixado de pensar em Darcy, a querida Darcy, tanto quanto nos outros.

— Mais ou menos o mesmo que você, imagino. Tomando um pouco de ar. Depois das noites no convés do *Noturno,* ficar dentro do complexo é bem sufocante, não acha?

— Ah, Darcy! — disse Grace, sorrindo. — É mesmo uma *maravilha* ver você. Eu estava aqui fora preocupada com minha mãe. E depois comecei a pensar em algumas coisas que o Connor me disse e sobre meu pai e o capitão... e comecei a me sentir sozinha demais. — Lágrimas lhe inundaram os olhos.

— Shhh — disse Darcy, a voz tão calmante quanto as águas da fonte. — Estou aqui, Grace. Você não está sozinha. — Ela pousou a mão no ombro de Grace. — Venha, vamos dar um passeio.

Grace se levantou e passou o braço pelo de Darcy. Enquanto andavam num silêncio cheio de companheirismo, Grace pensou em como Darcy parecia subitamente adulta.

As duas jovens saíram do jardim e atravessaram o pátio. Adiante, estava o muro onde Grace se havia sentado com Johnny Desperado em noites como esta. Pensou de novo em Johnny — bonito, charmoso, meio doido. Suas palavras de despedida ressoaram na cabeça dela. *"Não é que eu não possa ser bom. É só que sou muito melhor sendo mau."*

Ela estremeceu ao se lembrar. Será que ele ainda estava com Sidório? Nesse caso, não teria falta de oportunidades para cultivar seu lado mau. Johnny fora uma espécie de alma perdida desde o início; só esperando, pronto para ser colhido pela mão áspera de Sidório.

— O que você está pensando? — perguntou Darcy, quando chegaram ao muro que cercava o pátio.

— Em alguém que conheci aqui. Um dos Vampiratas rebeldes que partiram com Sidório.

Darcy deu um sorriso torto.

— Engraçado — disse ela. — Se quer saber a verdade, eu não vim aqui para fora só para tomar ar. Também estava pensando em alguém que foi embora com Sidório. Tentando não pensar, claro, mas, quanto mais a gente tenta, menos consegue evitar.

— Está falando no Jez, não é? — Grace sentou-se no muro e apontou para Darcy juntar-se a ela. — Ele magoou você de verdade, não foi?

— Foi mesmo — respondeu Darcy, sentando-se. — Achei que ele era o homem certo, Grace. Achei que ele era o meu Sr. Náufrago. — Grace notou que havia uma lágrima única, engastada como uma pérola, no canto dos olhos lindos e grandes de Darcy. — Como alguém pode ser assim? Tão cheio de bondade e depois tão mau? Era tudo mentira?

Grace balançou a cabeça.

— Não — respondeu, pensando de novo em Johnny e também em Jez. — Não, acho que Jez não mentiu para você. Acho que ele gostou *mesmo* de você. Jez quis que você fosse com ele e os rebeldes, não foi?

— Foi — disse Darcy com os olhos arregalados. — Mas eu não podia! Simplesmente não podia!

— Claro que não. Porque fazer isso seria trair o capitão.

E você não é alguém que troca de lealdade por qualquer coisa, Darcy. Jez é diferente. É mais fraco do que você. Não pôde resistir à atração de Sidório. Mas, mesmo assim, ainda quis que você fosse com ele.

— É. Ele quis, não foi? — Seu rosto se animou. — Na verdade, *eu* dei o fora *nele*.

— Exato. Porque ele não era suficientemente bom para ser o seu Sr. Náufrago. Jez amava você, Darcy, mas não era suficientemente bom para você. Mas um dia vai aparecer alguém que vai ser seu Sr. Náufrago de verdade. Tenho certeza.

Darcy sorriu e apertou a mão de Grace.

— Obrigada. Estou muito melhor, ouvindo isso. Da próxima vez, não vou ficar andando aqui fora no frio e na umidade. Vou simplesmente procurar você.

— É. Você deve fazer isso! Nós somos amigas, não somos?

— Claro. Sem dúvida, nem precisa perguntar *isso.* Agora, diga o que está preocupando você.

O rosto de Grace ficou desanimado.

— Ah, não sei, Darcy. Connor e eu tivemos uma longa conversa, na verdade uma discussão, para ser honesta. Ele acha que eu não devo ficar com você, o Lorcan e nenhum Vampirata. Acha que é errado e... bom, desculpe usar essa palavra, mas que é... *esquisito.*

Darcy nem se abalou.

— Como pode ser errado e esquisito ter bons amigos?

Grace pensou que talvez ela não tivesse entendido completamente.

— É porque você é uma Vampirata. E eu não sou. — Enquanto dizia essas palavras, Grace ouviu a própria voz dentro da cabeça. *Ou será que sou?* Será que deveria compartilhar seus pensamentos, suas visões, com Darcy? Não, era cedo demais. Suas visões eram muito fragmentadas para ter certeza. Melhor esperar. Era uma coisa muito importante.

— Entendi — disse Darcy. — Fique com quem é igual a você. Cada macaco no seu galho. — Ela franziu a testa e fungou. — Essa me parece uma definição um tanto estreita de amizade, Grace, se é que você não se incomoda que eu diga.

— Concordo — assentiu Grace vigorosamente.

— Diga. Nossa amizade é muito diferente das amizades que você teve com outras garotas? Quero dizer, garotas *normais*?

— Não diga *normais!* — interrompeu Grace.

— Bom, certo, então, com garotas *mortais.* No lugar de onde

vocês vieram, na baía?

— Para ser honesta, eu não tinha amizades íntimas com ninguém de lá. Connor sempre foi meu melhor amigo na época. Nunca tive uma amiga de verdade até você aparecer.— Ela sorriu. — É um dos motivos para você ser tão especial para mim.

— Bom. Não *parece* errado quando você diz desse jeito. E eu não sou sua única amiga. Há o capitão. E Mosh Zu. E Lorcan.

Grace balançou a cabeça lentamente.

— Você nem vai querer saber o que Connor disse sobre mim e Lorcan.

Darcy levantou uma sobrancelha.

Grace hesitou.

— Posso contar um segredo? — perguntou.

— Claro, Grace — sorriu Darcy. — Não é exatamente para isso que servem as amigas?

— Bom. Você sabe que eu nunca tive uma amiga como você antes. Bom, também nunca tive um namorado de verdade. — Ela olhou para Darcy, muito sem jeito. — Sabe o que eu quero dizer?

Darcy confirmou com a cabeça.

— Sei o que você quer dizer, Grace. E agora você está falando sobre o Lorcan, não é?

— É — respondeu Grace, aliviada por ter dividido isso. — Eu só queria saber o que ele sente por mim. De vez em quando, ele fala com você sobre essas coisas?

Darcy fez uma pausa antes de responder, avaliando as palavras.

— Lorcan é uma pessoa muito discreta, Grace. Não é alguém que revele os sentimentos com facilidade.

— É. Sem dúvida. Ele sempre foi tão bom para mim, Darcy, tão protetor! E dá para ver que ele gosta de mim.

— Ele definitivamente gosta de você — disse Darcy, com a voz cheia de paixão. — Disso, não há dúvida. — Ela parou, depois continuou em tom mais suave: — Mas talvez não goste de você exatamente do jeito que você quer.

Grace franziu a testa.

— Quer dizer que ele só quer ser meu amigo?

— Algo assim. Grace, não tenho respostas definitivas para você nesse assunto. Mas acho que deveria ter muito cuidado, você mesma disse. Nunca teve um namorado e agora está diante de um... — Ela parou no meio da frase. O olhar de Grace encontrou o de Darcy.

— Diga — disse Grace. — Um *Vampirata.* Você ia dizer que eu estou diante de um Vampirata. — Ela franziu a testa. — Então uma coisa é eu ser sua amiga, mas outra completamente diferente é sentir alguma coisa por Lorcan.

Conte a ela, insistia a voz na cabeça de Grace. *Conte que talvez você também seja uma vampira. Será que isso mudaria tudo?* Mas, de algum modo, Grace não conseguia.

Darcy balançou a cabeça.

— Grace — disse ela com calma. — Eu ia dizer que você está diante de um *desafio*. — Ela hesitou. — Lorcan Furey é... complicado. Acho que talvez você devesse conhecê-lo melhor, por enquanto. Afinal de contas, há muita coisa acontecendo neste momento. Com a cura do capitão e o retorno de Sally...

Grace saltou diante das palavras de Darcy.

— O que o retorno da minha mãe tem a ver com o Lorcan?

Darcy afastou o olhar. Foi apenas uma coisa momentânea, mas Grace conhecia os gestos da amiga o suficiente para perceber que ela estava escondendo alguma coisa.

— Darcy, o que o retorno dela tem a ver com Lorcan?

A mente de Grace voltou rapidamente ao olhar trocado por Lorcan e Sally quando se haviam encontrado na câmara de cura. Depois uma segunda imagem: Lorcan a bordo do navio, sorrindo e acenando para sua mãe.

Darcy olhou de novo para Grace.

— Eu quis dizer para todos vocês, para todos *nós*. Sally é sua mãe, Grace. E é importante que você dê um tempo para conhecê-la, enquanto pode. Não estou tentando alarmar. Como falei antes, sou sua amiga e, como amiga, digo que neste momento Sally deve ser o seu foco, e não Lorcan.

Grace confirmou com a cabeça. As palavras de Darcy faziam sentido. Mesmo assim, não conseguia deixar de sentir que a amiga estava escondendo alguma coisa. Decidiu, por ora, entrar no jogo.

— Vou procurar Mosh Zu — disse, sentindo-se subitamente na defensiva. — E perguntar como vai minha mãe. Talvez ele deixe que eu a veja agora. — Em seguida, virou-se para Darcy. — Seria bom contar com um pouco de apoio moral. Você vem comigo?

Darcy sorriu de volta.

— Claro que sim. — Ela se levantou do muro. Juntas, atravessaram o pátio e passaram pela pesada porta dupla, entrando no Corredor das Luzes, que marcava o início do complexo Interno.

Tinham passado pelo Corredor das Luzes e pelo dos Objetos Descartados e estavam andando pelo Corredor das Fitas quando uma voz chamou adiante.

— Grace!

— Connor. — Ela levantou os olhos enquanto ele se aproximava rapidamente.

— Onde você esteve? Procurei em *todo lugar!*

As palavras, e a urgência que transmitiam, acenderam um sentimento de medo imediato em Grace.

— O que é? Você tem alguma novidade sobre nossa mãe?

Connor balançou a cabeça. Foi então que ela viu que ele estava carregando sua sacola. E ela estava cheia. Ele não precisava falar. Grace sabia exatamente o que ele iria dizer.

— Estou indo embora. Revirei a consciência um bocado nas últimas horas e tenho de fazer isso. Por todos nós. Eu estava procurando você

para me despedir.

Capítulo 8

Jornadas

— Você vai agora? — Grace não podia acreditar no golpe que Connor estava lhe dando. Ou melhor, *podia* acreditar totalmente e, de algum modo, isso o tornava pior. Percebeu que, quando o irmão a desapontava, não era mais uma surpresa, mas, pelo contrário, a realização de uma expectativa. Pensou, triste, na noite em que haviam naufragado. De novo, teve o sentimento de um oceano vasto e furioso separando-os violentamente. Era como se o mesmo processo ficasse se repetindo inúmeras vezes.

Enquanto a tempestade interior a açoitava, Connor olhou-a com calma. Assentindo. Sorrindo. Ele estava sorrindo!

Grace tentou se conter. Sentiu uma mão no ombro.

— Grace, vou deixar vocês dois conversando — disse Darcy. — Estarei na minha cabine, se você precisar. — Darcy virou-se para Connor: — Foi bom ver você de novo, Connor, ainda que por pouco tempo. — Ela fez menção de partir, depois olhou por cima do ombro. — Ah, e por favor, não se preocupe com sua irmã. Os amigos esquisitos vão cuidar dela. — Dito isso, virou-se de novo e foi andando, com os saltos altos estalando no chão de pedras.

Connor ficou olhando-a boquiaberto. Olhou outra vez para Grace.

— Você *contou* a ela! Você contou o que eu disse? Está maluca?

— Não, Connor, não estou maluca. Mas talvez você esteja. Você finalmente conhece nossa mãe, em seguida ela tem um colapso e está em situação crítica, e você simplesmente tira um cochilo, arruma sua velha sacola de marinheiro e decide que é o momento perfeito para bater em retirada!

Connor suspirou.

— Não posso lidar com isso.

— Com o quê? Comigo?

Ele assentiu.

— Com você. Desse jeito. É, isso faz parte.

— Anda — disse ela. — E o resto?

— As coisas que você diz. As coisas em que quer que eu acredite. Que Sally é nossa mãe...

— Ela *é* nossa mãe. Isso é um fato.

— Ela é um fantasma, talvez...

— Ela é nossa mãe, Connor — disse Grace, com firmeza. — Você precisa parar de se preocupar com as coisas que não entende e simplesmente aprender a aceitá-las.

— Não. — O rosto dele era um espelho da teimosia da irmã. — *Você* precisa parar de aceitar tão facilmente o inacreditável, o que é absolutamente insano.

— Pare de ser tão fechado. — Agora ela é que estava calma.

— Fechado? — Ele riu sem humor. — Você me acha fechado? A quê? À ideia de que minha mãe é um fantasma que pegou carona viajando pelos oceanos na barriga do capitão? Ou à ideia de que nosso pai era um Vampirata e que você, eu e mamãe poderíamos formar uma família de vampiros felizes? — Connor olhou irritado para Grace. — É nisso que você gostaria que eu acreditasse?

— Gostaria que você aceitasse que é uma possibilidade.

— *Não pode* ser uma possibilidade! — gritou Connor.

— Por quê? Porque deixa você com medo demais?

— Não. Porque não faz sentido. Pense bem, Grace. Se você tem tanta certeza de que papai era um Vampirata, como ele pode estar morto? Esse não é o grande sentido do jogo? Os *Vampiratas não morrem!*

Essas palavras a feriram mais do que as outras. Porque não havia pensado nisso. Como podia ter deixado escapar? Se Dexter Tormenta fosse um Vampirata, seria imortal, como os outros. Então, como podia ter morrido? Sua cabeça estava girando. Será que os Vampiratas *podiam* morrer? O capitão

certamente havia chegado perto. Talvez fosse cedo demais para se afastar da ideia.

E se... e se Dexter *não tivesse* morrido? Talvez sua morte não tivesse sido exatamente o que parecera. Talvez houvesse um segredo que Sally iria lhe contar quando se recuperasse.

Ah, pensou Grace, triste, será que Connor está certo? Será que estou me prendendo a essas loucuras porque simplesmente não quero aceitar a verdade? De que meu pai está morto. De que morreu cedo demais de ataque cardíaco. Que eu sou apenas uma garota comum que gosta de andar com Vampiratas.

Quando olhou de volta para Connor, viu que a fúria se esvaíra do rosto dele. De súbito, ela também se sentiu diferente. A fúria sombria e venenosa havia sumido por completo. Ele era seu irmão de novo, seu irmão querido. E tudo que ela sentia era tristeza porque ele ia embora, mas agora aceitava que ele precisava ir.

Suspirou.

— Não há nada que eu possa dizer para fazer você ficar? Só esta noite? E se eu dissesse que *eu* preciso de você aqui?

Ele pensou naquelas palavras, depois balançou a cabeça.

— Se eu realmente achasse que você precisava, ficaria. Este seria o único motivo. Mas você *não* precisa de mim aqui, Grace. Você provou repetidamente que é forte. E não está sozinha. Lamento pelo que falei antes. Você tem bons amigos: Darcy, Lorcan, o capitão...

— Não vejo o capitão desde a cerimônia de cura — protestou Grace. — Não sei onde ele está!

Connor largou a sacola no chão e pôs as mãos nos ombros de Grace, olhando no fundo de seus olhos.

— Preciso que você saiba, Grace. Não estou fazendo isso para magoar você. Gosto de você mais do que consigo expressar em palavras. Quando estou longe, não passo um dia sem pensar em você, me preocupar com você e esperar que você esteja feliz...

Aquelas palavras foram um choque. Connor jamais se abrira com ela nesse nível. Se Grace precisasse de mais provas de que ele estava mudando, ali estavam. Sentiu lágrimas surgindo enquanto ele continuava.

— Mas não posso ficar aqui. Preciso voltar ao mundo real. Ao mundo que conheço. Um mundo cheio de vida, de luz, aventura e...

— Perigo — interrompeu Grace.

— É, perigo também. Mas uma pessoa me disse uma vez que as únicas jornadas que valem a pena na vida são aquelas que nos testam até o âmago. — Seus olhos brilharam enquanto ele se lembrava das palavras exatas. — As jornadas que nos arrancam as roupas, confundem nossa mente e sacodem nosso espírito.

Grace franziu a testa.

— Isso parece algo que Cheng Li diria. Você vai encontrá-la de novo e entrar para a sua tripulação, não é?

— Se ela me aceitar. Acho que ela faria bom uso de um pirata

prodígio como eu!

— É isso que você é? — perguntou Grace, sentindo-se triste e sem forças.

— Tente ficar feliz por mim, Grace. Acho que encontrei a jornada que devo fazer na vida.

Ela o encarou, com o verde profundo de seus olhos refletido nos dele.

— Certo. Mas acho que encontrei minha jornada também. Tente ser feliz por *mim*.

Mais uma vez, eles se encararam, então Connor rompeu a conexão e envolveu-a com os braços.

— Claro que vou tentar. Claro que vou. E vamos nos encontrar de novo. Logo. Quem sabe quando ou onde, mas isso torna a coisa ainda mais empolgante, não acha?

Ouvindo as palavras e vendo o rosto dele cheio de otimismo, Grace foi apanhada momentaneamente por aquela energia.

— É melhor não demorar demais com isso, não é? — disse ele. Depois, tocando de leve o braço dela, pôs a sacola no ombro.

— Vou levar você até o portão.

Connor abriu a boca para recusar, depois mudou de ideia. Em vez disso, assentiu e estendeu a mão. Ela a pegou. O toque do irmão era tranquilizador. Fez com que se lembrasse do pai.

— Cuide-se, Gracie! — disse Connor enquanto o portão de ferro se abria e ele continuava pelo caminho que descia a encosta.

Grace ficou imóvel, desolada, enquanto os porteiros fechavam o portão de novo. Não conseguia negar a tristeza que sentia ao ver Connor indo embora. Escutou a voz dele na cabeça "V*amos nos encontrar de novo, logo.*" Iriam mesmo? E, quando se encontrassem, como seria esse encontro? Não havia o risco de que a distância entre eles só aumentasse a cada vez, tornando mais difícil construir uma ponte? Por que se atormentava assim? Por que não conseguia parar de olhar para o futuro e se contentar com o aqui e agora? Connor estava feliz em sua vida. Parecia ter encontrado um objetivo. E fora claro quanto ao que sentia por ela. Isso deveria bastar, mas não a reconfortava como ela achava que deveria. Estavam se afastando. Talvez fosse inevitável, mas isso não tornava a coisa mais fácil de suportar.

O Corredor das Luzes parecia escuro e claustrofóbico depois da luz do dia e do espaço aberto lá fora. Era estranho entrar de novo na parte interna do complexo sem Connor. De repente, Grace sentiu-se mais sozinha do que nunca e doente de preocupação com Sally. Decidiu que não podia esperar mais. Teria de descobrir sozinha como sua mãe estava. Partiu decidida para os aposentos de Mosh Zu.

Estava passando pela sala de recreação quando escutou passos vindo pelo corredor. Quando virou, levou um susto ao encontrar Lorcan vindo na outra direção.

— Lorcan! — disse, adorando vê-lo.

Ele sorriu de volta, mas o sorriso sumiu depressa.

— Grace, estive procurando você em toda parte! Onde esteve?

— Lá fora, com Darcy e Connor. Disseram que você estava no bloco dos doadores.

— Estava — ele assentiu. — Mas voltei assim que soube o que aconteceu com Sally, que ela teve um colapso.

A pulsação de Grace começou a acelerar.

— Você estava ajudando Mosh Zu a curá-la? Como ela está? Posso vê-la agora?

— Era por isso que eu estava procurando você — disse Lorcan com a voz baixa e controlada. — Você precisa vir falar com Mosh Zu. Agora.

Os pensamentos sombrios em sua cabeça ficaram mais febris.

— Lorcan, você está me apavorando. O que há de errado?

— Só venha comigo. É com Mosh Zu que você precisa falar. — Ele a pegou pela mão e levou-a rapidamente pelo corredor.

— Você está me machucando! — exclamou Grace enquanto ele a arrastava.

— Desculpe — disse Lorcan, afrouxando. — Só não quero perder tempo.

— Por que *você* não pode me contar o que está acontecendo?

— É melhor falar com Mosh Zu — respondeu ele, continuando em direção aos aposentos do guru.

Mosh Zu recebeu Grace e Lorcan na porta de sua câmara. A voz era séria enquanto ele os levava para dentro. Lorcan fechou a porta depois de entrar.

— Preciso prepará-la — disse Mosh Zu a Grace, assim que estavam sentados em almofadas no centro da sala.

— Me preparar? — perguntou Grace, sentindo uma onda de pânico frio. — Para quê? Aconteceu alguma coisa errada com o processo de cura?

Mosh Zu balançou a cabeça e sorriu para ela.

— Não, Grace. De jeito nenhum. Sally está bem. Está no quarto dela, dormindo. Vamos para lá num instante.

— Não entendo. Se ela está bem, para que você precisa me preparar?

Os olhos escuros de Mosh Zu observaram Grace atentamente enquanto ele continuava:

— Outras sombras que o capitão estava carregando começaram a se esvair. — Ele fez uma pausa, permitindo que ela processasse as palavras. — Apesar de todos os meus esforços, não pude reverter o processo.

— Que terrível! — exclamou Grace. Ficou triste por todas as almas, mas, claro, seus pensamentos se voltavam para a própria mãe.

— É terrível em certos aspectos, sim. Mas o motivo pelo qual as almas estavam viajando com o capitão, o motivo pelo qual ele as resgatou, era porque estavam atormentadas. O que consegui fazer por elas foi liberá-las desse tormento e permitir que fossem em frente.

Por fim, ela entendeu.

— Minha mãe também está atormentada, não é?

Mosh Zu continuou a olhar Grace atentamente.

Eu preferiria dizer que ela tem um negócio inacabado. Acredito que, assim que esse negócio estiver terminado, ela também seguirá adiante. — Ele fez uma pausa. — Será difícil para ela deixar você, e também será muito difícil você deixá-la. Mas ela precisa embarcar com alegria nessa jornada final.

— Quanto tempo ela tem?

— Não sei dizer — respondeu Mosh Zu, balançando a cabeça. — Simplesmente não sei.

A cabeça de Grace estava girando.

— Não há uma chance de Sally ser diferente, de que ela possa vencer isso e se tornar totalmente mortal de novo? — Eram perguntas difíceis, mas ela precisava fazer.

Mais uma vez, Mosh Zu balançou a cabeça.

— Sinto muito, Grace. Sei que você está procurando respostas definitivas, mas nesse momento não tenho nenhuma.

Grace tremeu, mas respirou fundo. Precisava ser forte. E não queria perder mais tempo.

— Posso vê-la agora?

Mosh Zu sorriu.

— Pode — disse, indo de novo para a porta. — Sim. Deixe-me ir com você.

Sally estava apoiada nos travesseiros, dormindo. Ainda parecia muito frágil. Grace se demorou junto à porta. Sua cabeça estava acelerada com tudo que Mosh Zu dissera, mas não queria que Sally visse sua perturbação. Não podia suportar a ideia de aumentar o tormento da mãe.

Por que não se senta com ela enquanto ela dorme? — disse Mosh Zu, pondo a mão no ombro de Grace e empurrando-a gentilmente para o quarto de Sally. — Tenho certeza de que ela adorará acordar e encontrar você aqui.

Grace assentiu, indo na direção da cama, com cuidado para ser o mais silenciosa possível e não perturbar a mãe. Ficou parada junto à cadeira, ao lado da cama de Sally. Olhando-a, Grace pensou em como Sally parecia estar em paz à luz suave das velas. Quando sentou-se, Sally se remexeu sob as cobertas. A princípio, Grace achou que ela iria acordar, mas ela devia ter simplesmente se mexido no sono. Uma das mãos agora pousava sobre a colcha. Como se, mesmo dormindo, sua mãe estivesse estendendo a mão para ela.

Instintivamente, Grace estendeu a sua. Mas, quando seus dedos se entrelaçaram com os da mãe, percebeu o erro. Imediatamente, sua cabeça foi invadida por uma dor lancinante. Era tão forte que quase rompeu o contato. Mas então pensou: *Não. Preciso dominar isso.* Não sabia quanto tempo as duas tinham. Não sabia quanta força a mãe possuía para continuar com a história. Mas, desse modo, mesmo enquanto Sally estivesse dormindo, Grace poderia descobrir mais sobre o passado e talvez ajudar a aliviar o fardo da mãe.

Segurou a mão de Sally, esperando que a dor de cabeça passasse, o que aconteceu rapidamente. Então, como antes, a visão levou-a numa jornada de volta ao *Noturno*.

Dessa vez, estava olhando direto para o rosto de Sally. Em seguida, percebeu que ainda via as coisas pelo ponto de vista da mãe, só que ela estava se olhando num espelho. No reflexo, viu Darcy também! Grace sorriu enquanto olhava Darcy remexendo no cabelo de sua mãe. Estava levantando-o, prendendo os cachos castanhos com pentes delicados. Sua mãe devia estar se preparando para sair numa noitada elegante. Só que, refletiu Grace, não havia como sair do *Noturno* para uma noitada. Mas *havia* noitadas lá *dentro* — Sally devia estar se preparando para a Noite do Festim.

Então, escutou a voz de Darcy no ouvido da mãe.

— Você está linda, Sally. Ele vai ficar feliz demais por você ser sua doadora. Não fique nervosa! Está tudo bem.

Ela viu o rosto da mãe no espelho, tentando dar um sorriso confiante. Era natural que estivesse nervosa. Devia ser seu primeiro Festim e, ainda que estivesse fazendo par com Dexter, ela ainda não o conhecia direito. Grace não fazia ideia de como fora a vida de Sally antes de vir para o navio — mas devia ter sido uma jornada difícil para levá-la à opção de se tornar doadora.

Então, Sally se levantou e alisou o vestido que estava usando — sem dúvida, emprestado do armário infinito de Darcy. Parecia muito bonita, muito inocente. Viu Darcy assentir às suas costas.

— Eu disse que faria você parecer uma princesa de contos de fadas!

A visão mudou e Grace descobriu que estava embaixo, na cabine comprida onde acontecia o Festim. Ainda via as coisas pela perspectiva da mãe, sentada entre dois outros doadores, esperando a chegada dos parceiros Vampiratas. Ao fundo, podia escutar a música que acompanhava o Festim — a estranha música percussiva. E, então, os Vampiratas começaram a entrar.

Grace os viu chegar, esperando, ansiosa, para ver Dexter pela primeira vez. Seria a confirmação final de que seu pai era mesmo um Vampirata. Nas visões anteriores, ele se parecia bastante com o pai de quem ela se lembrava, embora mais novo e um pouco mais magro. Surpreendeu-se imaginando a aparência dele no Festim, todo arrumado. Pelos olhos de Sally, viu Lorcan entrar na sala, sorrir para ela e ocupar o lugar diante de Shanti, que estava sentada ali perto. Então, viu Sidório entrar, seguido de perto pelo capitão. A porta se fechou atrás deles.

Estranho, pensou Grace. Será que havia perdido a chegada de seu pai? Ainda havia um monte de Vampiratas no centro da sala. Será que ele estava ali?

O grupo começou a se dispersar e as cadeiras foram ocupadas do lado da mesa onde ficavam os Vampiratas, mas o lugar diante de Sally permaneceu vazio.

Ela se virou para olhar ao longo da mesa e encontrou Shanti sorrindo e piscando para ela. Depois, quando se virou de volta, viu que finalmente a cadeira à frente fora ocupada. Seu parceiro Vampirata havia

chegado.

O coração de Grace estava acelerado enquanto os olhos de Sally acompanhavam os punhos da camisa e do paletó dele, passando pelos ombros, chegando ao pescoço e, finalmente, ao rosto. Mas, ainda que o rosto fosse familiar, não era o que ela esperava ou queria ver.

O Vampirata riu para ela.

— Então você é minha nova doadora! Você é uma coisinha engraçadinha, não é?

Grace sentiu um arrepio gelado subir pelo corpo, enquanto, pelos olhos de Sally, espiava o rosto inconfundível de Sidório.

Capítulo 9

Castelo de cartas

Outra noite. Outra cidade litorânea perdida no mapa. Outra praia.

As duas mulheres estavam no penhasco, olhando o mar. Uma usava um minivestido e botas de couro de cano alto. A outra vestia um corpete justo e calças apertadíssimas. As duas tinham óculos muito grandes e muito escuros.

— Olha — disse a primeira. — Acho que nosso navio chegou. — Ela apontou para um vasto navio-prisão que acabara de entrar na baía.

— Bem na hora — concordou a outra. — Vamos encontrar os rapazes?

As duas mulheres ficaram olhando das sombras enquanto os Vampiratas iam até a praia. Foi como nas duas noites anteriores. O navio ficara ancorado na parte mais distante da baía. Então, a tripulação ia para a terra. Alguns surfavam. Outros nadavam. Era uma atmosfera de arruaça. Eles estavam famintos e prontos para festejar.

— Pode me emprestar o binóculo, Jessamy? — perguntou Camille à companheira.

— Claro. — Jessamy passou o binóculo a Camille, que o aproximou dos olhos e examinou as figuras que se reuniam na areia.

— Lá estão! Nossos dois amigos especiais — disse ela com um sorriso. — Estou ansiosa para vê-los de novo. Você não está?

— Ah, estou — respondeu Jessamy, passando a mão pelo cabelo. — Estou mesmo. Toda noite é como se estivéssemos nos encontrando pela primeira vez, não acha? A empolgação nunca diminui.

Ela riu. Camille confirmou com a cabeça e riu junto.

Esperaram Sidório dar a ordem, depois se demoraram nos limites da praia enquanto a tripulação corria para saquear a cidade.

— Eles parecem muito, muito famintos, não é? — disse Camille.

Jessamy confirmou.

— Sem dúvida. Mas acho que vão ficar desapontados de novo esta noite. — Ela fez beicinho.

—Venha. Lá estão Johnny e Stukeley, esperando até a última hora, como sempre. Vamos nos apresentar.

— Boa-noite, senhoritas! — Esta noite foi Stukeley quem as notou primeiro.

Jessamy levantou a mão, mas não disse nada enquanto ela e Camille continuavam se aproximando.

— Aonde vocês duas vão, arrumadas desse jeito? — perguntou Stukeley.

— Só estamos procurando um pouco de diversão — respondeu Camille.

— Bom, vieram ao lugar certo! — disse Johnny. — Diversão é o meu nome.

—Verdade? — perguntou Camille, bem sedutora.

Johnny riu.

— Na verdade, meu nome é Johnny. Johnny Desperado. E você é...?

— Camille — respondeu ela, estendendo a mão.

— É um prazer conhecer você, Camille — disse Johnny, beijando a mão dela. — Diga, por que estão usando óculos escuros no meio da noite?

Camille se virou para olhar Jessamy, então as duas olharam para os rapazes.

— É moda, querido! — disseram juntas.

Muito mais tarde, o quarteto voltou pela areia. Johnny sentia-se tonto da farra que os quatro haviam feito. Dava para ver que Stukeley estava em situação parecida.

— Foi incrível! — disse Stukeley, virando-se para Jessamy e maravilhando-se de novo com a estranha tatuagem em forma de coração ao redor do olho direito. — A gente devia fazer isso de novo.

— É — respondeu Jessamy com um sorriso. — Talvez a gente faça.

— Precisamos ir agora — disse Camille.

— Então, vocês são de outro navio? — perguntou Johnny. — Qual é o nome dele? Onde ele está?

Jessamy lançou um olhar de alerta para Camille.

Camille deu de ombros e se inclinou para sussurrar no ouvido dela.

— O que importa? Eles não vão se lembrar de nada disso. Nunca lembram.

As mulheres se viraram para os companheiros.

— Infelizmente, precisamos mesmo ir agora — disse Jessamy.

Stukeley mostrou-se frustrado. Jessamy foi lhe dar um abraço de despedida. Ao mesmo tempo, Camille puxou Johnny para os braços. Os casais se abraçaram por um momento. Então, as mulheres recuaram e os corpos entorpecidos dos companheiros caíram na areia. Tinham os olhos fechados.

As mulheres ficaram paradas, verificando.

— Não são uns doces? — perguntou Camille, passando o braço pela cintura de Jessamy.

— São. Parecem cachorrinhos dormindo.

Camille enfiou a mão no bolso da calça e pegou uma carta de baralho. O Valete de Copas. Levou-a aos lábios e beijou-a, deixando a marca do batom. Depois deixou-a cair no peito de Johnny.

— Belo toque — disse Jessamy.

— Você não acha que a capitã vai se incomodar, acha?

Jessamy balançou a cabeça.

— Ela sempre nos encoraja a improvisar o tema. — Dizendo isso, ela pegou uma carta no bolso da blusa, levou-a aos lábios, agachou-se e enfiou-a entre os dedos de Stukeley.

Camille deu um risinho e ajudou Jessamy a se levantar de novo.

— Venha. Vamos voltar ao *Errante* e prestar contas à capitã.

Johnny acordou primeiro. Bocejou e olhou em volta, levando alguns instantes para perceber onde estava. Sentou-se com dificuldade.

Quando fez isso, algo caiu de seu peito. A princípio, achou que fosse uma mariposa, mas, olhando para baixo, viu que era uma pequena carta — uma carta de baralho — que agora estava virada para baixo, na areia. Estendeu a mão e virou-a, levantando-a ao luar. Não se parecia com nenhuma carta de baralho que ele tivesse visto. Era o Valete de Copas, mas os corações eram pretos. E também era preta a marca de batom que cobria a ilustração. De onde a carta tinha vindo? O que significava?

Stukeley estava despertando ao lado dele. Johnny podia ver outra carta na mão do colega. O que havia acontecido com os dois? Por que não conseguia lembrar? Ultimamente, as sessões de tomar sangue pareciam estar induzindo algum tipo de amnésia.

— Olá — disse enquanto Stukeley sentava-se a seu lado.

— Tudo certo, meu chapa. Acabo de dormir como nunca. Um sono profundo e pacífico.

— Eu também.

— Então por que está franzindo a testa?

Johnny apontou.

— O que é isso na sua mão, *hermano*?

— Na minha mão? — Stukeley olhou para baixo, curioso. — Algum tipo de carta de baralho. — Ele a levantou para ver melhor. — O Rei de Copas. Mas é preta. Nunca fui muito bom com baralhos, mas as cartas de Copas não deveriam ser pretas, não é?

Johnny balançou a cabeça lentamente.

— As de Copas não deveriam ser pretas.

— Onde a gente arranjou isso?

Johnny deu de ombros.

— Não sei. A última coisa que me lembro é de você e eu andando nessa praia. E você?

— A mesma coisa.

De repente, o ar se encheu com um barulho ensurdecedor.

— A sirene do navio! — exclamou Stukeley, saltando de pé.

— Ele não pode já estar partindo! Não sem nós.

— Venha. Tem alguma coisa errada aqui. Precisamos voltar agora ao *Capitão de Sangue!*

O E*rrante* era um navio muito menor do que o *Capitão de Sangue,* o que lhe dava certa vantagem. Uma era a velocidade. Outra era a capacidade de se esconder nas sombras de uma enseada. Mesmo assim, Lady Lockwood havia conjurado um véu de névoa para garantir que o navio ficasse oculto aos olhos curiosos. Felizmente, isso não a impedia de olhar para fora.

Estava na cabine com o telescópio apontado para o mar.

Houve uma batida à porta.

— Entrem! — gritou a capitã, levantando-se e ajeitando a saia ampla.

Marianne e Angelika entraram, seguidas por Jessamy e Camille. As quatro estavam trazendo quatro garrafas de vinho e cinco taças.

— Achamos que você gostaria de provar um pouco da última safra — disse Marianne.

— Sem dúvida! — respondeu Lady Lockwood. — Pode fazer a gentileza de servir, meu anjo?

Marianne assentiu. Ajudada por Angelika, serviu uma pequena quantidade de líquido da primeira garrafa em cada uma das taças.

Jessamy e Camille se adiantaram.

— Outra noite bem-sucedida? — perguntou Lady Lockwood.

Jessamy confirmou com a cabeça.

— É fácil demais — disse ela.

Lady Lockwood sorriu e assentiu.

— Não se preocupe, minha cara. Tenho planos de aumentar as apostas muito em breve. — Ela estendeu a mão e aceitou a taça oferecida por Marianne. — Diga-me — continuou, girando a taça para liberar o perfume —, para onde o *Capitão de Sangue* vai em seguida?

— Bom — respondeu Camille — segundo nossas fontes...

A sirene tocou pela segunda e última vez enquanto Johnny e Stukeley pulavam no convés principal. Os dois sabiam as implicações disso. Eles é que deveriam tocar a sirene do navio, chamando os Vampiratas retardatários de volta, encerrando os festejos noturnos. Não deveriam ser os últimos a retornar.

Ao redor, estavam os outros tripulantes. Pareciam inquietos, quase febris. Não era o estado comum depois de farrear. Em geral, nesse ponto, a tripulação estava caída pelo convés ou nas cabines.

— Tem alguma coisa errada — disse Stukeley a Johnny outra vez.

— Onde está o capitão? — perguntou Johnny.

Stukeley olhou ao redor.

— Não sei. Mas vamos esperar que ele não tenha notado que chegamos tarde.

Mas tinha. Nesse momento, o capitão estava observando os dois tenentes do alto do cesto de gávea. Agora decidira fazer com que sua presença fosse sentida. Saltou da plataforma e deu um salto mortal pousando no convés, diante deles.

— Que bom vocês se juntarem a nós — disse Sidório, a voz cheia de trevas.

— Olá, capitão — respondeu Stukeley, nervoso.

— E onde vocês dois estavam? Estão atrasados. De novo.

— Estávamos na praia — disse Stukeley. — Fomos festejar, como todo mundo.

— Sei. — Sidório olhou no fundo dos olhos de Stukeley. — Então digam: encontraram alguma coisa com que festejar?

Seus tenentes ficaram em silêncio.

— E então? — A voz de Sidório trovejou no convés.

— Acho que sim — respondeu Johnny.

Sidório levantou uma sobrancelha.

—Você acha, chapelão? O que quer dizer com *acho?*

Johnny estremeceu.

— É só que...

Stukeley assumiu:

— Desculpe, capitão, mas a verdade é que estamos tendo problemas para lembrar. Talvez a gente tenha tomado muito sangue, ou sei lá o

quê...

Sidório olhou de um tenente para o outro, irritado.

— Estou ficando tremendamente cansado de vocês dois chegarem horas depois de todo mundo, com essa cara tonta. Vocês deveriam ser meus imediatos, lembram?

— Lembro, capitão — respondeu Stukeley. — Desculpe.

— Eu também — disse Johnny, baixando a cabeça.

— Vocês responderam isso ontem à noite — disse Sidório.

— E anteontem. E, em cada ocasião, nenhum dos dois tinha a mínima lembrança do que andaram aprontando. Ou é isso ou estão mentindo para mim. — Ele balançou a cabeça. — E mentir para mim seria um grande erro. Um erro *enorme!*

— Não estamos mentindo! — disse Johnny balançando a cabeça.

Stukeley franziu a testa.

— Deve estar acontecendo alguma coisa estranha

Sidório fez uma careta para os dois tenentes. Ainda estava furioso com eles.

Os olhos de Stukeley examinaram o convés.

— Capitão — disse ele, — o que há com o resto da tripulação? Eles não parecem que festejaram esta noite.

— Nota dez pela observação — reagiu Sidório rispidamente. — Eles *não* festejaram. Alguém chegou primeiro àquela cidade.

— Alguém? — perguntou Stukeley, confuso. — Como assim?

Sidório olhou sombrio para os dois tenentes.

— É melhor vocês virem comigo.

Quando entraram na cabine do capitão, Johnny foi direto até a mesa. Ela estava coberta de cartas de baralho. Todas de Copas. Todas pretas.

— Olhe! — disse ele a Stukeley. — Igualzinho...

Os olhos de Stukeley chamejaram num alerta que silenciou Johnny instantaneamente.

— O que é isso? — perguntou Stukeley, virando-se para o capitão. — De onde elas vieram?

— Encontramos na cidade esta noite — respondeu Sidório. — As ruas estavam cheias de cadáveres e, em cada um, havia uma carta dessas.

Stukeley chegou mais perto. As cartas tinham exatamente o mesmo tipo de ilustração das que estavam em seu bolso e no de Johnny. A única diferença era que, enquanto a dos tenentes estavam marcadas com batom preto, essas estavam manchadas de sangue vermelho.

O cérebro de Stukeley finalmente conseguiu funcionar.

— Há outro navio Vampirata! É isso que o senhor está dizendo, não é? Outro navio Vampirata está chegando às cidades antes de nós.

Sidório assentiu.

— É a terceira vez que isso acontece. Minha tripulação está ficando com fome. E, quanto mais famintos eles ficam, mais se descontrolam.

Menos vocês dois. Vocês parecem estar conseguindo sangue em algum lugar, só que parecem não lembrar. — Ele os olhou cheio de suspeita.

Stukeley olhou para as cartas sujas de sangue, depois ergueu os olhos de volta para o capitão.

— Não fomos nós, capitão! E não parece coisa do *Noturno*. A não ser que eles tenham alterado radicalmente o modo de fazer as coisas.

Sidório balançou a cabeça.

— Isso não tem nada a ver com o *Noturno*. Um novo navio Vampirata deve estar singrando os mares. Talvez eles achem que estão se divertindo um pouco conosco, adivinhando aonde vamos em seguida e chegando antes.

Stukeley franziu a testa.

— Talvez não estejam adivinhando — disse. — Talvez tenham encontrado um modo de conseguir informação privilegiada.

— Como assim? — perguntou Sidório.

Era um passo arriscado, mas Stukeley resolveu dá-lo. Enfiou a mão no bolso e tirou a carta de baralho, depois assentiu para Johnny fazer o mesmo. Os dois tenentes puseram suas cartas sobre a mesa.

— Encontramos isso conosco — disse Stukeley. — Quando acordamos na praia. Não sabemos de onde veio, nem quem deu, mas parece uma coincidência grande demais, não acha?

Johnny assentiu.

— É como se alguém estivesse tirando a informação de nós, depois nos drogando para não lembrarmos nada.

Sidório levantou a sobrancelha.

— Parece mesmo.

Stukeley estendeu a mão.

— Capitão, o senhor deve saber que nem Johnny nem eu faríamos nada intencionalmente para atrapalhar a vida neste navio. Somos absolutamente fiéis a ele e ao seu comando, não é, Johnny?

Johnny assentiu. Os dois esperaram a próxima palavra do capitão.

Por fim, Sidório falou:

— Tudo bem, rapazes. Acho que sei o que está acontecendo aqui. Alguém andou aprontando com a gente. Algum novo navio está tentando governar as ondas. Bom, eles se divertiram, mas a coisa acaba aqui, esta noite! — Ele bateu com o punho na mesa. A pilha de cartas de baralho voou pela cabine. Ecoou um som de madeira estalando.

— Só há espaço para uma tripulação de Vampiratas renegados — disse Sidório. — A minha! Vou descobrir quem comanda esse outro navio. E então vou abordá-lo. — Ele sorriu, com os dois incisivos brilhando, agourentos, à luz do lampião.

— Mude o curso do navio — ordenou. — Esta tripulação precisa de sangue. E pretendo dar a ela. Depois veremos o que acontece com quem tenta jogar com um tubarão assassino.

Capítulo 10

A doadora de Sidório

Finalmente, Sally acordou. Virou a cabeça e deu um sorriso caloroso ao ver a filha ao lado da cama.

— Olá, Grace — disse sentando-se. Mas, ao ver a expressão em seu rosto, fez uma pausa. — Grace, você parece terrível! O que há de errado?

A voz de Grace estava fraca.

— Sidório! — exclamou ela. — Você era doadora de *Sidório*! — Sentiu-se enjoada com aquele pensamento. Dentre todos os Vampiratas que ela escolheria para ser parceiro da mãe, Sidório era o último... o último dos últimos.

Sally não negou.

—Como você soube? Mosh Zu contou?

Grace balançou a cabeça.

—Tive outra visão. Vi pessoalmente.

Os olhos de Sally se arregalaram de medo.

— O que, exatamente, você viu? — Ela sentou-se, ajeitando os travesseiros às costas.

— Vi você se preparando para sua primeira Noite de Festim. Com Darcy, na cabine dela. Ela estava ajeitando seu cabelo. — A expressão de Sally se suavizou ao lembrar. — Você estava muito linda, mamãe. Usando um vestido amarelo-claro. Sabe de uma coisa engraçada? Foi o mesmo que eu usei no *meu* primeiro Festim.

— Você! Você foi a um Festim? Mas você não é doadora, Grace, é? Não pode ser!

— Não. — Grace balançou a cabeça. — Não sou doadora. Mas usei o mesmo vestido amarelo-prímula, emprestado por Darcy, e fui ao Festim, e Sidório tentou me tomar como doadora...

— Sidório fez *o quê*? — Os olhos de Sally se arregalaram. Grace sentiu-se dividida. A última coisa que desejava era causar sofrimento à mãe, mas não queria esconder nada dela. Se Sally continuasse a fazer essas perguntas, ela teria de tentar responder do melhor modo que pudesse.

— Está tudo bem, mamãe. Aquela noite não importa. O capitão interveio e tudo ficou bem. — Ela decidiu, por enquanto, poupar Sally dos detalhes de como Sidório a encurralara em sua cabine e que tivera de lutar com ele sozinha até que o capitão a resgatasse pela segunda vez.

—Volte à visão — disse Sally. — O que você viu?

— Eu estava sentada lá, vendo tudo através dos seus olhos. Depois eu... você, estava na cabine comprida no fundo do navio. Estava sentada no lado da mesa onde ficam os doadores. Olhou para um lado e viu Lorcan e Shanti. Shanti piscou para você...

— Shanti — disse Sally, sorrindo. — Querida, doce Shanti! Que boa amiga! Adoraria vê-la de novo. Você a conhece? Bom, deve conhecer, você a reconheceu, afinal de contas!

De novo, Grace correu o risco de magoar muito a mãe. Como poderia dizer que a amiga dela estava morta? Decidiu deixar isso de lado por enquanto.

— Mais tarde, falaremos de Shanti.

— É, tudo bem. Volte à sua visão, Grace.

—Você deu meia-volta e esperou a chegada do seu doador. Eu estava esperando ver papai. Mas, em vez disso, foi Sidório que se sentou à sua frente. E ele disse...

Mas, antes que Grace pudesse continuar, Sally falou as palavras exatas:

— Então você é minha nova doadora! Você é uma coisinha engraçadinha, não é?

Então, ela nunca havia esquecido. Grace confirmou com a cabeça.

— Eu soltei sua mão, mamãe, e a visão terminou. Não estava

preparada para ver mais nada. Mas não consigo tirar da cabeça o que vi. — Ela se virou para Sally. — Como era Sidório quando você o conheceu? Como era ser a doadora dele?

Sally fechou os olhos um momento e Grace imaginou se ela estaria fraca demais para continuar. Mas então os olhos da mãe se abriram, mais brilhantes do que antes.

— Se quer saber a verdade chocante, Grace, e é chocante quando penso em tudo que aconteceu depois, no início gostei bastante do Sidório.

— Você *gostou* do Sidório! — Grace balançou a cabeça, incrédula.

Sally deu de ombros e sorriu.

— Sem dúvida, havia alguma coisa sombria e mal-humorada nele. Acho que eu sempre soube que ele tinha em si a... — Ela procurou a expressão certa. — A possibilidade da violência. Mas achei que ele era muito bonito. E acho que fui levada pelo romantismo sombrio da coisa toda. Ali estava eu, a bordo de um navio de Vampiratas, e ele seria meu parceiro. Era como uma espécie de casamento. — Ela deu de ombros. — Pelo menos foi como vi na minha cabecinha tola. — Ela fez uma pausa. — Ainda tem água na jarra? Estou com a garganta seca.

Grace encheu um copo e entregou à mãe, ansiosa para que ela continuasse com a história.

— Eu tinha ouvido sobre a conexão de Sidório com Júlio César e achei que isso lhe dava certa qualidade épica. Isso o tornava muito mais atraente para mim. — Os olhos verdes de Sally dançaram à luz das velas. — Ah, Grace, você é claramente uma jovem muito sensata. Tem a cabeça no lugar certo. Mas eu era cheia de ideias estranhas. E confesso que, enquanto me preparava para minha primeira Noite de Festim, senti como se fosse a um encontro com um namorado.

— Um encontro! — exclamou Grace. — Com Sidório? — Grace nunca havia imaginado que um dia ouviria essas duas palavras tão próximas uma da outra. Era difícil ao menos imaginar alguém pensando em Sidório desse modo.

— Claro, quando cheguei ao Festim, foi uma frustração completa. Ocupei o lugar diante de Sidório e esperei que ele começasse a fazer perguntas. Achei que ele estaria tão ansioso para me conhecer quanto eu estava para conhecê-lo. Ao redor, podia ouvir a conversa dos outros Vampiratas com os doadores. Mas, depois de algumas palavras iniciais, Sidório permaneceu num silêncio de pedra. Parecia que não tinha interesse em me conhecer.

Sally se virou para Grace.

— Percebi que para Sidório eu só era uma fonte de sangue, nada mais. Minhas pobres ilusões tolas! Depois do Festim, fomos para minha cabine, compartilhar. E, na verdade, ele foi surpreendentemente gentil e preciso. Certamente só tomou a quantidade de sangue prescrita. Depois eu dormi. Não sei o quanto você sabe sobre o compartilhamento, Grace, mas é normal que os doadores precisem dormir depois. Em geral, os Vampiratas permanecem com os parceiros durante esse tempo. É sinal de respeito pelo presente.

Sally balançou a cabeça.

— Mas Sidório não ficou comigo. Nem naquela noite nem cm nenhuma outra, com uma exceção. — Ela suspirou. — Quando acordei, estava sozinha. Nunca tinha me sentido tão solitária, naquela cabine pequena, naquele navio estranhamente silencioso.

Havia lágrimas nos olhos de Grace. Ela odiava pensar na mãe numa situação tão perturbadora. Estendeu a mão para apertar a de Sally e sentiu-a apertar a sua de volta. Parou, esperando — mas não querendo — a chegada de uma nova visão. Mas, felizmente, dessa vez, sua cabeça permaneceu límpida. Lembrou-se das palavras de Mosh Zu sobre Sally ter um negócio inacabado. Talvez a história dela precisasse emergir no próprio ritmo. Segredos suficientes haviam sido compartilhados para um dia apenas.

— Sinto muito, Grace. Isso tudo deve ser muito difícil para você.

Grace sorriu através dos olhos úmidos.

— Tenho certeza de que não é exatamente divertido para você, também.

— Não — concordou Sally. — Mas quero deixar as coisas resolvidas para você antes... E para o Connor também. Onde ele está, afinal?

Grace pensou na pergunta, mas decidiu não esconder a verdade.

— Foi embora hoje cedo.

— Por minha causa?

Grace hesitou de novo.

— Em parte. Por causa do que você começou a nos contar. Que somos ligados ao mundo dos Vampiratas, que sempre fomos. — Ela olhou para a mãe com tristeza. — Connor não quer isso.

— O que ele quer ou não quer não importa. Não é uma coisa da qual ele possa escapar.

— Eu sei. — Grace soltou um suspiro. — Mas isso não o impedirá de tentar. Agora mesmo, está indo procurar uma capitã pirata, para pedir que ela o aceite em sua tripulação.

Sally balançou a cabeça.

— Ele pode correr o quanto quiser, mas a verdade irá alcançá-lo. Sempre alcança.

Essas palavras agourentas foram as últimas de Sally antes de cair no sono outra vez. Grace ficou sentada na cama durante algum tempo. Ainda estava chocada com as revelações dela, mas, ao mesmo tempo, sentia-se estranhamente calma. Estava maravilhada ao ver como ela e a mãe se ligavam pelos caminhos que haviam tomado na vida, pelo navio em que tinham viajado e pelas pessoas que haviam encontrado lá. Isso, de algum modo, a fez sentir-se menos solitária.

Por fim, silenciosamente, para não incomodar o descanso necessário da mãe, Grace levantou-se da cama. Ajeitou a colcha de modo que Sally ficasse protegida do ar frio da tarde. Depois jogou para ela o beijo mais suave e caminhou na direção da porta.

Capítulo 11

A entrevista

Connor abriu caminho pelo estaleiro, esforçando-se ao máximo para seguir as instruções que recebera no portão de entrada. Era fim de tarde, mas o sol continuava quente de matar, e enquanto ele andava pelo cais, gotas de suor se formavam na testa e escorriam pelo pescoço e os ombros. Vestira uma camiseta limpa depois da viagem árdua, mas um profundo V de suor já se havia formado no peito.

Apesar do calor intenso, todo lugar para onde olhava era uma colmeia de atividade. Homens e mulheres trabalhavam incansavelmente em navios, desde aqueles que estavam nos primeiros estágios de construção — lembrando um esqueleto de baleia exposto num museu marítimo — até outros quase terminados, recebendo uma última lixada ou camada de verniz. Viu dois

trabalhadores içando uma vela-mestra nova e esticada. Connor estava acostumado com velas gastas e cordames pesados de sal e alcatrão. Nunca vira lonas ou cabos tão virgens como aqueles. Inalou profundamente. Madeira recém-cortada. Tinta secando. O estaleiro liberava o cheiro inebriante de novos começos.

Por fim, chegou a um enorme dique seco, onde um navio alto e elegante parecia flutuar no ar. Connor não pôde deixar de ficar boquiaberto enquanto absorvia a pura majestade da embarcação. Sua pulsação começou a acelerar. Sentiu uma ligação instantânea com aquele navio, como se suas próprias veias e seus tendões fizessem parte do cordame: como se os colhedores e os panos estivessem presos em seu coração. Esperava que um dia, muito em breve, o navio se tornasse seu novo lar. Ele parecia praticamente acabado, pronto para se livrar da casca de andaimes. De pé numa das plataformas mais elevadas, um homem estava pintando cuidadosamente o nome da embarcação com tinta dourada. Connor forçou a vista para ler as palavras, mas o sol era ofuscante demais para que identificasse.

— Que beleza! — exclamou a voz clara de uma mulher.

Connor se virou e encontrou uma mulher alta e elegante ao seu lado. Era uma visão em branco, desde as impecáveis sapatilhas de lona nos pés miúdos até o cabelo branco cortado de modo preciso. Imaginou se o cabelo era naturalmente branco; ela não parecia muito velha. Seu rosto levemente bronzeado era tão esticado quanto a vela que ele vira ser içada no navio naquele instante. A expressão de leve desdém mal se alterou enquanto se dirigia a ele com ar superior:

— Jacinta Slawter, editora da revista *Nave-nova*. — Em seguida, fixou um olhar intenso em Connor. — E *você é*?

— Connor Tormenta — respondeu ele, apertando a mão da mulher.

— Você está um pouquinho úmido, Connor Tormenta — disse Jacinta Slawter, puxando rapidamente a mão e pegando um lenço em sua bolsinha. — Bom, não importa. Indo ao ponto: onde está o seu equipamento?

— Meu equipamento? — Que papo era aquele?

— Sua máquina fo-to-grá-fica — respondeu Jacinta Slawter, separando as sílabas como se ele fosse um completo idiota ou talvez não falasse sua língua.

— Minha máquina fotográfica? — Connor encarou-a com uma expressão vazia.

Ainda que sua expressão não mudasse, Jacinta Slawter estava ficando obviamente impaciente.

— Olha, Connor Trombeta, ou sei lá como é seu nome, estou aqui para fazer um perfil sobre Cheng Li e o navio dela. É uma matéria exclusiva, para a edição de agosto. E presumo que você esteja aqui para fazer as fotos da matéria *de sete páginas*, não é? — Ela articulou cada sílaba das palavras. — O que leva à pergunta: onde está o seu material?

Connor balançou a cabeça, rindo.

— Não sou fotógrafo. Sou amigo de Cheng Li.

— Amigo? — A voz de Jacinta Slawter mudou instantaneamente. Ela pegou um pequeno lápis dourado atrás da orelha e um caderninho na bolsa. — Poderia contar alguma lembrança ou opinião especial?

— Talvez mais tarde — respondeu Connor, apontando para a proa do navio, onde Cheng Li estava parada com as mãos nos quadris, parecendo uma ave de rapina, examinando o mundo abaixo.

— Connor! — gritou ela. — Que bela surpresa! E Sra. Slawter. Vocês estão aqui! Por que não sobem?

Ela desapareceu temporariamente e Connor foi atrás de Jacinta Slawter, que caminhava a passos largos até a prancha. Sentiu uma vertigem momentânea enquanto a atravessava, mas controlou a respiração e manteve o foco. Não iria demonstrar qualquer fraqueza, principalmente diante de Jacinta Slawter. Cheng Li estava de pé do outro lado, observando-o. Isso era mais um estímulo para permanecer calmo e forte.

— Bem-vindos a bordo — disse Cheng Li, estendendo a mão para ajudar Jacinta Slawter a subir no convés.

— Obrigada, capitã Li — respondeu a editora.

— Ah, ainda faltam alguns dias para eu ser capitã — disse Cheng Li. Connor podia ver que ela estava reluzindo de orgulho e empolgação.

— Navio maneiro! — disse ele.

— Não é mesmo? — Cheng Li sorriu.

Connor perguntou-se se deveria abraçá-la, mas perdeu a oportunidade, enquanto Jacinta Slawter recomeçava:

— Senhorita Li, lamento terrivelmente, mas parece que houve um problema com meu fotógrafo. Tenho certeza de que isso pode ser facilmente explicado, mas...

— Ei, Slawter! — gritou uma voz de cima. — Faça uma pose!

Todos esticaram os pescoços para o cesto de gávea. Uma máquina fotográfica clicou várias vezes em rápida sucessão lá em cima.

— Lindo! — gritou a voz.

— Fabrizio? Querido, é você? — perguntou Jacinta Slawter.

— O próprio — gritou o fotógrafo, um homem musculoso com cabelo preto comprido preso num rabo de cavalo. Ele desceu agilmente pelo cordame, com várias máquinas penduradas nos membros bronzeados e tonificados. — Por que demorou tanto? — perguntou, pulando no convés. — Já estou quase terminando aqui.

— Eu não sabia quem eles iriam mandar... Achei que o encontro estava marcado para as três. Não precisa correr, querido. Eu gostaria de tirar algumas fotos minhas com a cap... com a senhorita Li. Ah, e talvez com esse jovem, Connor Polenta. — Ela sussurrou para Fabrizio. — Parece que eles são velhos amigos.

— *Fabulístico!* — respondeu Fabrizio, sem perder tempo e tirando várias fotos de Cheng Li e Connor ali mesmo.

— Bom — disse Cheng Li —, quem está a fim de dar um passeio pelo barco?

— Primeiro você! — respondeu Jacinta Slawter, com seu sotaque

pretensioso, conseguindo injetar apenas um pouquinho de empolgação na voz.

Enquanto acompanhava Cheng Li, Jacinta Slawter e Fabrizio pelo navio, Connor ficou pasmo a cada virada. Era realmente uma peça de construção incrível. De modo pouco surpreendente, Cheng Li se envolvera tremendamente no projeto da embarcação. Enquanto apontava as principais características, ela falava com segurança completa sobre o motivo de certas decisões terem sido tomadas e como a embarcação combinava as melhores das velhas tradições com as inovações de ponta. Jacinta Slawter assentia com autoridade e escrevia furiosamente, enquanto Fabrizio saltava aqui e ali, lá e acolá, fotografando. Connor encontrou um novo nível de respeito por Cheng Li enquanto a ouvia e observava. Ela parecia crescer em estatura a cada vez que se encontravam.

— Agora me perdoe por fazer essa pergunta — disse Jacinta Slawter, com o lápis dourado a postos —, mas devo isso aos leitores da *Nave-nova*. Sem dúvida, algumas pessoas, na comunidade pirata, dirão que você é jovem demais para ser capitã. Como responde a isso?

Antes que Cheng Li tivesse a chance de responder, Connor se viu falando:

— Cheng Li *é* jovem — disse ele —, mas o que ela não sabe sobre ser pirata não vale a pena saber.

— Obrigada, Connor. — Cheng Li assentiu com um sorriso digno. Em seguida, virou-se para a Sra. Slawter. — Se a velha guarda tem algum problema com minha juventude, também será desafiada por minha tripulação como um todo. Recrutei vários jovens para ocupar postos-chave de responsabilidade. Há quem prefira idade e experiência à vitalidade e ao frescor da visão. Eu acredito em encontrar modos de equilibrar as duas coisas. Esse é o tipo de navio que vou comandar. Se sou visionária? Isso quem decidirá são os outros e os anais da história.

— Maravilhoso, querida! — disse Jacinta, anotando. — Presumo que eu possa publicar isso, não?

Cheng Li assentiu, piscando para Connor. Ele riu de volta. As palavras dela apoiando a juventude pareciam um bom presságio para a conversa que os dois teriam.

— E esta — disse Cheng Li, abrindo uma porta dupla, simples mas elegante — é a cabine da capitã!

Jacinta Slawter bateu palmas.

— Bravo! Ah, *bravíssimo*, senhorita Li.

— *Fabulístico!* — concordou Fabrizio, mergulhando intrépido no chão e tirando fotos num ângulo incomum.

— Uau — disse Connor, seguindo-os para dentro da cabine e notando as janelas de tamanho generoso dos dois lados. A luz do sol era filtrada pelas cortinas de gaze, lançando uma luz suave nas tábuas claras do piso.

— Uma sala convidativa — murmurou Jacinta Slawter, escrevendo —, lindamente projetada... mobiliada de modo simples, mas elegante.

Era exatamente o tipo de cabine que Connor podia visualizar para

si mesmo um dia. Sendo a cabine da capitã, na verdade era bastante discreta. Sim, era com certeza maior do que as cabines destinadas aos outros tripulantes de nível superior, mas parecia tremendamente funcional — acomodando uma mesa de reuniões com cadeiras, além das muitas estantes de livros de Cheng Li. Não parecia haver um volume sobre história da pirataria que ela não possuísse! Mesmo assim, a cabine não era, como a de Molucco Wrathe, um enorme templo para o apetite insaciável por tesouros e excessos. Esta parecia totalmente mais pragmática e profissional.

A sala era dominada por uma grande pintura de um pirata atlético, pendurada atrás da mesa de Cheng Li.

— Chang Ko Li — entoou Jacinta Slawter. — Não acredito que já tenha visto esse retrato antes. Estilo fascinante, ainda que um tanto *naïf*? Quem é o artista?

— Eu mesma pintei — respondeu Cheng Li. — Tinha 9 anos.

— Maravilhoso demais! Fabrizio, precisamos tirar algumas fotos na frente disso. Apenas Cheng Li e o pai, acho. Simples e direto.

— *Fabulístico!* — assentiu Fabrizio, tirando as fotos.

— E com isso terminamos! — declarou Jacinta Slawter.

— Posso oferecer uma bebida a vocês, antes de irem? — perguntou Cheng Li.

Jacinta Slawter olhou seu relógio de platina.

— Infelizmente, não. Tenho um coquetel com John Kuo às sete e meia, e primeiro preciso dar um pulo em casa para trocar de roupa. Os leitores leais da *Nave-nova* ficariam desunidos se me vissem com a mesma vestimenta duas vezes!

Cheng Li assentiu.

— Bem, muito obrigada por ter vindo me ver.

— Não, obrigada a *você*! Esta será uma matéria sensacional. — Jacinta Slawter apertou a mão de Cheng Li, depois se virou e dirigiu a Connor algo parecido com um sorriso. — Prazer em conhecê-lo.

Connor riu e estendeu a mão. Jacinta Slawter olhou-a, depois tremeu ligeiramente e se virou, passando o braço por um dos bíceps de Fabrizio, parecido com um tronco de árvore.

— Venha, querido! Leve-me à minha lancha. Estou desesperada para saber das últimas fofocas.

Com isso, a editora e seu ousado fotógrafo saíram da cabine da capitã.

Cheng Li esperou até que os passos deles tivessem se afastado pelo corredor.

— Bom, não foi *tão* abominável quanto poderia — disse. Sorrindo para Connor, indicou uma cadeira diante de sua mesa, depois se virou e apertou uma campainha. Imediatamente, uma parte da parede se abriu e um bar pequeno, mas bem provido, se projetou.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Parece desnecessariamente espalhafatoso para mim, mas o arquiteto insistiu. Quer uma bebida?

— Um pouco d'água seria ótimo.

— Só água? Não é muita coisa para brindar a volta de um velho camarada e bom amigo.

Connor sorriu ao ouvir aquelas palavras.

— Água está ótimo. E eu esperava que pudéssemos fazer um brinde ligeiramente diferente.

— Verdade? — A sobrancelha direita de Cheng Li subiu na forma de um acento circunflexo enquanto servia água nos copos. — Vá em frente — disse, empurrando um copo para ele.

Connor levantou seu copo.

— Aos novos capitães, aos novos inícios e... — ele parou para respirar — aos camaradas reunidos. — Em seguida, ficou atento à reação dela. Seu coração estava martelando sob a camisa encharcada de suor.

— Um belo brinde. — Cheng Li levantou seu copo.

Connor descobriu que estava tremendo. Gotas d'água pingaram no tampo de madeira limpíssimo.

— Desculpe! — disse levantando a mão para limpar a água.

— Sem problema — respondeu Cheng Li, já com um pano na mão. — Ora, ora, Connor Tormenta. Está muito nervoso?

— Rindo, ela enxugou a água derramada. — Qualquer um pensaria que sua vida e felicidade dependem deste encontro.

— De certa forma, sim. — Ele claramente não bancaria o casual, por isso era melhor ser direto. — Você sabe por que estou aqui. Quando nos encontramos pela última vez, você disse que, se eu falasse com o capitão Wrathe e se ele concordasse em me livrar do contrato, você pensaria em me aceitar cm sua tripulação.

Cheng Li pousou seu copo e examinou Connor atentamente.

— Então, você foi falar com o capitão Wrathe?

— Fui. Contei como me sentia. Que precisava deixar o *Diablo*. E que queria entrar para a sua tripulação.

Os olhos amendoados de Cheng Li se arregalaram.

— Tenho certeza de que ele ficou empolgado em ouvir isso.

Connor sorriu.

— Não exatamente. Ele acusou você de me incitar a traí-lo, mas eu disse, em termos bastante claros, que a escolha era minha, e somente minha.

Dessa vez, Cheng Li não disse nada, mas, pelo silêncio, ele soube que tinha toda a atenção dela e, talvez, também o respeito.

— De qualquer modo, para abreviar, ele me liberou do contrato. E, assim, vim pedir formalmente que você considere a possibilidade de eu entrar para sua tripulação.

Tendo terminado o discurso, ele olhou para a pintura imponente de Chang Ko Li. Que palavra Jacinta Slawter havia usado para descrever o quadro? *Naïf*? Connor não sabia o que significava, mas, pelo tom dela, não achou que fosse elogiosa. De sua perspectiva, achava que era uma pintura muito impressionante, e era incrível pensar que Cheng Li tinha apenas 9 anos quando a fez. O famoso capitão pirata parecia quase estar olhando para ele, a expressão

inegavelmente feroz, mas, ao mesmo tempo, um tanto divertida. Connor olhou de volta para Cheng Li e descobriu que ela também estava sorrindo.

— Eu adoraria ter você na minha tripulação. Está contratado!

Connor ficou sem fala. De algum modo, não havia esperado que fosse tão fácil assim.

— Ótimo! — disse rindo. — Vou deixar você orgulhosa, prometo.

— Sei que vai, Connor. Mas é uma pena que você me dê apenas a versão resumida de seu encontro com Molucco. Segundo *minhas* fontes, ele queimou o contrato na sua frente e quase pôs fogo em si mesmo e em Scrimshaw!

— Você sabia? — Mas claro que ela sabia! Cheng Li possuía olhos na nuca e tentáculos de fontes se estendendo por todo o mundo pirata.

— Bom, agora que você faz parte da tripulação, gostaria de conhecer seus colegas? Combinei de me encontrar com alguns deles na Madame Chaleira esta noite. Tenho alguns negócios para terminar aqui, e depois podemos ir juntos.

Connor assentiu.

— Eu gostaria muito. — Ele sentiu as portas do velho e familiar mundo pirata se abrindo de novo. Só que dessa vez era *melhor*. Dessa vez, fizera uma escolha consciente da tripulação para a qual entrava. No passado, tivera dúvidas com relação a Cheng Li, mas agora elas não existiam mais. Ela seria uma grande capitã e uma mentora fantástica.

— Por que você não dá outra olhada por aí enquanto eu examino essa papelada? — disse Cheng Li, colocando um par de óculos meia-taça. — Eles servem só para ler as letras pequenas — completou ela, captando a expressão de surpresa de Connor. — Agora dê o fora. Escolha uma cabine para você.

Connor se levantou, mas ficou parado junto à mesa.

— Já sei de qual cabine eu gostaria.

Cheng Li encarou-o, os óculos equilibrados na ponta do nariz delicado.

— Estou ouvindo.

— A que tem subcapitão escrito na porta. — Era atirar alto, Connor sabia, mas até agora o universo fora bom com ele. Por que não pedir só mais uma coisa?

Cheng Li tirou os óculos, mas manteve o olhar focalizado nele.

— Infelizmente, Connor, o cargo de sub já está ocupado.

Ele pôde sentir o rubor enchendo o rosto.

— Eu sabia. — Eu sabia que deveria ter voltado mais cedo!

— Não — disse ela, em voz baixa, mas firme. — Não, dessa vez não foi uma questão de tempo. Você *é* um bom pirata, Connor. Aprende rápido e trabalha bem em equipe. Sua coragem é inquestionável e sua habilidade com a espada é muito boa. Mas seu talento ainda não amadureceu e sua experiência, limitada. Sem dúvida, você tem uma carreira incrível pela frente, mas ainda não chegou lá.

Embora ela pudesse ser bastante afiada, tão afiada quanto suas duas *katanas*, Cheng Li escolhera as palavras com cuidado. Connor não podia

discutir com os sentimentos, também. Ela fizera uma avaliação precisa de suas capacidades nesse momento. Não estava dizendo que ele jamais seria digno do cargo; só que era cedo demais. Nesse instante, ele se comprometeu a aprender tudo que pudesse com ela e com quem ela escolhesse como subcapitão.

— Você está desapontado — disse Cheng Li.

— Estou. — Não havia como negar. — Mas entendo seu argumento. E quero que você saiba que vou apoiar você e seu sub integralmente. Estou ansioso para conhecê-lo... ou será conhecê-*la*? Eles vão estar na taverna mais tarde?

Cheng Li sorriu de novo.

— Vocês já se conhecem. Na verdade, vocês se conhecem muito bem. — Ela fez uma pausa. — Connor, meu subcapitão é Jacoby Blunt.

Capítulo 12

Quando Sally conheceu Dexter

Grace estava parada ao ar límpido da manhã, olhando montanha abaixo. Acordara havia mais de uma hora. Era uma manhã linda. O sol estava forte e o céu claro. Lá embaixo, o oceano brilhava, como se lantejoulas tivessem sido jogadas num poço de turquesa. Tudo aquilo dava a Grace um novo sentimento de otimismo com relação ao futuro. Também lhe deu uma ideia. Decidindo não perder um instante sequer, voltou rapidamente para o interior do complexo e foi até os aposentos de Mosh Zu.

Imaginou se Mosh Zu dormia em algum momento, porque somente ele, entre os Vampiratas, parecia estar ativo tanto durante a noite quanto o dia. Talvez fosse porque atualmente estava em alerta de crise, dada a condição das almas se esvaindo, inclusive a de sua mãe. E, afinal de contas, Mosh Zu

dominava a energia a ponto de talvez simplesmente precisar de muito pouco sono.

À porta da sala de meditação de Mosh Zu, bateu baixinho — o suficiente para alertar o guru caso ele estivesse acordado, mas não a ponto de incomodá-lo se estivesse descansando. Ficou deliciada ao ouvi-lo gritar com animação:

— Entre!

Enquanto ela entrava, ele assentiu e sorriu caloroso.

— Olá, Grace. Como está?

— Muito bem. Acabo de vir lá de fora. Está uma manhã linda. O sol já está bem forte! A vista abaixo da montanha é incrível!

Mosh Zu sorriu ao vê-la tão animada.

— Fico pensando... — disse Grace. — Está lindo demais lá fora. Você acha que eu poderia levar minha mãe para dar uma volta?

Mosh Zu pensou na pergunta por um momento, depois assentiu.

— É, acho que seria uma excelente ideia. Vai ser bom para Sally sentir o sol na pele de novo.

Grace ficou empolgada.

— Que bom! Pensei em perguntar a você primeiro, mas quero mostrar a ela os jardins e todo o resto. — Ela já estava de novo junto à porta, ansiosa para não perder um instante sequer. Mas, de repente, um pensamento sombrio atravessou sua mente e o frágil otimismo anterior se esvaiu.

Mosh Zu viu o rosto de Grace desanimar e foi depressa até ela.

— Grace, você está pensando nas nossas conversas anteriores, não é?

Ela assentiu. Por mais que tentasse afastar da mente, não podia escapar à verdade brutal de que ela e a mãe já estavam usando um tempo emprestado.

Mosh Zu encarou-a.

— Grace, só tenho um conselho para você. Tente ver esse tempo com sua mãe como um presente. — Ele fez uma pausa, sorrindo. — Não apenas para você, mas para ela.

Grace suspirou. Mosh Zu estava certo, ela sabia. Foi andando pensativa dos aposentos do Guru para o quarto de Sally, com os pensamentos mais calmos a cada passo.

— Mamãe — disse ela, batendo à porta. — É Grace. Posso entrar?

— Pode, claro, Grace. — A voz era fraca, mas alegre. Grace empurrou a porta.

Sally estava sentada na cama, apoiada num monte de travesseiros. Algo nos modos da mãe alertou Grace para o fato de que elas não estavam sozinhas. Virou-se e viu Lorcan sentado numa cadeira ao lado da cama da mãe.

— Bom-dia! — disse ele.

Grace não pôde disfarçar a surpresa ao ver Lorcan. Era muito incomum que ele estivesse de pé àquela hora. Teve a sensação de que havia interrompido os dois, de algum modo.

— Lorcan — pegou-se falando bruscamente —, o que está

fazendo aqui?

Ele sorriu, os olhos azuis reluzindo.

— Pondo as coisas em dia com uma velha amiga muito querida.

— Pega leve com a velha, por favor! — disse Sally, rindo mesmo assim. — Eu jogaria um travesseiro em você se tivesse força! Não fique atraído por um falso sentimento de segurança. Os reforços chegaram! — Ela riu para Grace. — Não é, querida?

— Sim — respondeu Grace, sentando-se na cama, empolgada ao ver a mãe tão alegre. Virou-se de novo para Lorcan. — Então, é melhor que você se comporte muito bem!

— Certo, vocês venceram! — disse ele, pegando um lenço branco no bolso e balançando-o em rendição.

Grace riu. Seu desconforto inicial se evaporara. Era bom estar ali com Lorcan e Sally. Sentia uma completude que faltara em sua vida por muito tempo.

— Olhem vocês duas — disse Lorcan. — Um par perfeito. Os cabelos, os olhos, as mesmas sardas, o modo idêntico como os narizes se franzem quando vocês sorriem. Vocês combinam completamente.

— É — concordou Sally, virando o rosto de Grace gentilmente em sua direção. — Quando olho para você, querida, é como se estivesse espiando um espelho mágico. Eu me vejo com sua idade. — Ela suspirou. — Quero tanto que você seja feliz, fique em segurança, bem cuidada. Depois que eu... depois que eu... — Não pôde terminar a frase.

Lorcan ficou de pé e se aproximou da cama. Estendeu os braços e envolveu mãe e filha.

— Grace estará bem cuidada, Sally. Sempre. Não tenha medo. — Em seguida, deu um beijo na cabeça de Sally, depois na de Grace. Depois soltou as duas com carinho e voltou para a porta. — É melhor eu ir. Eu deveria estar nos aposentos de Mosh Zu há dez minutos. Além disso, acho que vocês merecem ficar um tempo juntas.

— É — concordou Sally, assentindo.

— Vejo vocês mais tarde — disse Lorcan, sorrindo enquanto saía.

Quando a porta se fechou, Grace virou-se de novo para Sally.

— Pensei que a gente poderia dar uma volta no jardim, mamãe. Está um lindo dia de sol. Você gostaria?

— Gostaria. É, Grace, eu gostaria muito. — Parece que a simples ideia lhe dera uma injeção de ânimo. Ela se apoiou na guarda da cama e pôs os pés no chão. Grace ficou olhando enquanto Sally calçava os sapatos e fechava o casaquinho. Ele tinha uma estampa de conchas e corais bordados em azul-claro sobre branco, com minúsculos botões de madrepérola.

— Isso é lindo! — exclamou Grace. — Onde você conseguiu?

— Vou lhe dar a chance de adivinhar!

Rindo, mãe e filha falaram ao mesmo tempo:

— Darcy!

— É tão maravilhoso estar aqui com você! — disse Sally enquanto atravessavam o pátio, absorvendo a vista desde o portão.

— Para mim também — respondeu Grace, sentindo-se em paz agora, de braços dados com a mãe. — Mas como você está se sentindo? Quer se sentar um pouco?

Sally confirmou com a cabeça.

— Conheço um local perfeito — disse Grace, levando a mãe gentilmente para a amada fonte e um dos bancos ao redor dela.

— Que lugar lindo! — declarou Sally.

— Fico feliz porque você gosta. É o meu lugar predileto aqui no Santuário. É onde venho para pensar um pouco. E muito calmo, não é?

Sally assentiu.

— É, sim. E tem sombra, também. — Ela sentou-se e estendeu os braços com prazer. Depois franziu o nariz. — Esse cheiro que estou sentindo é de lavanda?

— É. Há uma horta de ervas ali adiante, está vendo? Mosh Zu planta muitas das ervas que usa nas curas.

— Ah, sim. — Sally franziu o nariz. — Estou sentindo cheiro de capim-limão, alecrim, cardamomo e folha de caril. Que delicioso!

— É — assentiu Grace, rindo de orelha a orelha. Estava feliz ao ver que o jardim fazia sua mágica restauradora sobre

Sally também. Esperava que fosse a hora certa para continuar com a história da mãe.

Virou-se para Sally.

— Você está em condições de conversar de novo, mamãe? Sobre o tempo que passou no *Noturno*?

— Estou. É, acho que sim. Bom, onde a gente estava?

Grace suspirou.

— Você estava contando que era doadora de Sidório. E que ele não se mostrou à altura das suas expectativas.

— Ah, é. Isso mesmo. — Sally fez uma pausa, estendendo a mão e partindo uma haste de lavanda. Torceu-a nas mãos enquanto continuava. — Bom, logo me acostumei com Sidório. Sabia que ele só queria de mim uma ração regular de sangue, e depois do período inicial de desapontamento fiquei bastante satisfeita em dar isso a ele. — Ela deu de ombros. — De certa forma, o fato de ele não ter outro interesse por mim me dava certa liberdade. Era só ocasionalmente, muito ocasionalmente, na escuridão e no silêncio depois de compartilhar, quando eu me sentia um pouco fraca, que gostaria de que ele estivesse ali. Eram os únicos momentos em que eu me sentia deprimida.

Virou o rosto para Grace.

— Sidório tinha ideias muito definidas e um orgulho feroz. Outros Vampiratas, Lorcan por exemplo, viam seus doadores como pessoas iguais. Sidório, não. Pelo menos era o que eu pensava na época. — Ela hesitou, olhando por um momento em direção à fonte. Uma delicada borboleta branca havia atraído sua atenção, pairando acima da água. Quando voltou a falar, sua voz estava diferente. — Minha vida a bordo do navio era boa. Eu havia feito um trato

e o que recebia em troca da doação semanal de sangue mais do que justificava isso. Era realmente uma vida tranquila... e divertida! Nós, doadores, sempre éramos bem cuidados. E a comida! Depois das rações que eu tinha em casa... Bom, eu comia como um cavalo, tanto que logo comecei a engordar. Tive de me controlar e começar a fazer exercícios.

— Exercícios? A bordo do *Noturno*? — De algum modo, a ideia parecia estranha.

— Não fique tão surpresa! Eu tinha feito amizade com alguns outros doadores. Duas, especialmente... Você viu uma em sua visão. Shanti... lembra-se?

— Lembro — assentiu Grace.

— Uma garota linda. E muito divertida, não é?

Quando o nome de Shanti fora citado antes, Grace se esquivara da verdade, mas agora não podia mais mentir para a mãe. Sally pôde ver a tristeza nos olhos da filha.

— O que há de errado? — perguntou. — Grace, o quer que seja, me conte!

— Infelizmente, tenho notícias tristes. — Grace pegou a mão de Sally e apertou de leve. — Infelizmente, Shanti morreu. Sinto muito, mamãe.

— Ah, não! — Sally levou a mão ao peito e fechou os olhos por um momento. Quando os abriu de novo, viu a preocupação nos olhos de Grace. — Tudo bem, Grace. Verdade.

Claro, estou chateada, Shanti era uma boa amiga, mas não quero que você esconda a verdade de mim. Por favor, conte: o que aconteceu com ela?

Grace respirou fundo.

— Shanti foi morta. Por seu parceiro Vampirata.

— Pelo Lorcan?! — exclamou Sally, incrédula.

— Não! — Grace balançou a cabeça. — Não, claro que não! Lorcan não seria tão brutal assim.

— Não entendo. Lorcan era o parceiro de Shanti.

— É, eles *eram* parceiros, até que Lorcan ficou cego e nós tivemos de trazê-lo aqui para Santuário, para ser curado. Shanti veio junto, mas odiou tanto que o capitão finalmente concordou em levá-la de volta ao *Noturno* para arranjar outro vampiro que fizesse par com ela.

— Não é fácil para um doador mudar de um Vampirata para outro.

Os ouvidos de Grace captaram essas palavras. Será que a mãe estava tentando lhe contar alguma coisa? Sally havia começado a bordo do navio como doadora de Sidório. Mas será que havia trocado quando outro Vampirata chegou? Será que sua mãe estava dizendo que fora doadora de Dexter, afinal de contas?

A pergunta estava em seus lábios, mas antes que pudesse fazê-la, a mãe voltou a falar.

— Olhando para trás, parece uma época muito inocente. Shanti, Teresa e eu fazíamos nossos exercícios diários no convés, para ficar em forma. Nós ríamos um bocado. Ríamos mesmo! Era como estar num navio de cruzeiro.

Todo dia, o dia todo, ficávamos no convés sem qualquer preocupação no mundo. Um dos outros doadores, o nome dele era Oskar, era um músico maravilhoso. Costumava tocar violão lá em cima. A música era linda! Nós tomávamos banho de sol a tarde toda.

— Sally virou-se para Grace com os olhos brilhantes. — Bom, foi numa tarde assim que conheci Dexter.

O coração de Grace pulou, à menção do nome de seu pai. Era como se a mãe tivesse lido sua mente.

— Eu adoraria ouvir sobre *isso* — disse Grace.

— Ah, Grace, infelizmente o exercício e o ar puro me deixaram um pouco cansada. Acho que vou precisar descansar antes de continuar. E esse é um lugar muito lindo para...

Grace não pôde esconder a expressão de desapontamento nos olhos.

Sally passou a mão pela cintura de Grace e segurou a mão dela.

— Além disso, por que você quereria me ouvir contando quando pode ver por si mesma? — Com isso, ela apertou a mão de Grace e fechou os olhos. Enquanto sua mãe caía no sono em seu ombro, Grace sorriu. De repente, sua cabeça estava cheia com uma visão do convés do *Noturno* numa tarde ensolarada.

O convés estava apinhado. De novo, Grace via as coisas pelos olhos de Sally. Ela vestia um maiô antiquado, estava sentada num tapete, esfregando filtro solar nos braços. À frente e virada para ela, Shanti fazia exatamente a mesma coisa, batendo papo. E havia uma terceira jovem perto; devia ser Teresa. No centro do tapete, estava um prato cheio de frutas, brilhando como joias ao sol da tarde: figos frescos, peras brancas e suculentas fatias geladas de melancia. Pareciam deliciosas.

Grace podia ouvir música tocada num violão, como Sally havia mencionado antes. Olhou para além de Shanti e viu um rapaz encostado no mastro, tocando o instrumento. Ele a pegou olhando e sorriu. Evidentemente a conhecia. Como, mesmo, Sally dissera que era o nome dele? Oskar, era isso.

De repente, sentiu uma mão em seu ombro. A princípio, Grace pensou que estava sendo arrancada da visão, mas era o contrário, aquilo estava levando-a mais fundo ainda. Agora, para todos os objetivos, ela *era* Sally.

Sentiu a mão de Shanti no ombro e ouviu sua voz característica.

— Façam o que eu digo, meninas, e pensem num desejo! Mas primeiro fechem bem os olhos; caso contrário, não funciona.

Dentro da visão, Grace fechou os olhos por um momento. Tudo ficou preto. Então sentiu a mão de Shanti no ombro de novo e ouviu o grito empolgado dela:

— Abra os olhos, Sally! Abra os olhos. Acho que seu desejo já se realizou!

Ela abriu os olhos e se pegou sendo arrastada — por Shanti de um dos lados e Teresa do outro — até a beira do convés.

— Olha! — gritaram as duas simultaneamente. Estavam apontando por cima da amurada, para o litoral. Lá, sentado numa pedra, sobre

uma toalha listrada, vermelha e branca, estava Dexter Tormenta.

Grace sentiu o coração acelerar. Seu pai estava lindo. Tinha um cesto de piquenique ao lado e comia alguma coisa. Uma pera. Não, uma maçã! Seu olhar encontrou o dela e ele parou no meio da mordida e acenou. Grace sentiu um arrepio, mas era de prazer — porque esse era o momento em que o pai havia conhecido a mãe.

Enquanto se reconectava com a visão, Grace se pegou de pé em cima da amurada, com as garotas ao lado.

— Anda — repetiu Shanti. — Anda, Sally! Eu desafio você.

Sally se virou, os pés descalços ardendo no corrimão de madeira.

— Mas é contra as regras!

— Anda! — repetiu Shanti, com mais ênfase.

De repente, Sally estava mergulhando pela lateral do navio, no oceano maravilhosamente frio e límpido. Quando voltou à superfície, alisou os cabelos e se orientou. Viu o navio e as garotas fazendo sinal de positivo e rindo. Depois se virou na água e olhou para a pedra onde Dexter estivera sentado. Lá estava a toalha listrada, mas ele não estava mais sobre ela. Sally franziu a testa. Depois viu que Dexter estava nadando em sua direção, com braçadas fortes trazendo-o cada vez para mais perto. Sorrindo, decidiu encontrá-lo no meio do caminho.

Encontraram-se no meio do oceano.

— Olá — disse ele com um sorriso. — Sou Dexter. Dexter Tormenta.

— E eu sou Sally.

— Aquele é o seu navio? — perguntou ele, assentindo na direção da embarcação.

— Estou viajando nele — respondeu ela, passando ao largo da história completa.

— Que glamouroso! Eu também estou viajando. Por toda parte. Sou o faroleiro de uma cidadezinha chamada Baía Quarto Crescente, mas nos últimos tempos peguei o vírus da viagem. Só precisava partir e ver alguma coisa do mundo.

Ela sorriu.

— Sei como é. Tive exatamente o mesmo sentimento.

Dexter sorriu, o olhar se cravando fundo no dela.

— Talvez nós tenhamos recebido o mesmo sentimento para virmos aqui, neste lugar e neste momento. Para que pudéssemos nos encontrar...

Era uma coisa ousada de dizer. O primeiro pensamento de Sally foi sorrir e descartar aquilo. Mas havia alguma coisa nele — uma honestidade e uma abertura enorme no olhar. Por isso ela não descartou. Suas palavras faziam sentido completo. Sorriu de volta e assentiu.

— Venha! — disse ele. — Venha, linda Sally! Nade até a minha pedra e almoce comigo.

Nadaram de volta à pedra e se enxugaram, depois Dexter abriu várias embalagens de comida e ofereceu a ela. Sally estava empolgada demais para comer muito, e também ansiosa. Por um lado, sentia uma felicidade

profunda. Mas, misturado a isso, havia um profundo sentimento de premonição.

Dexter tinha um binóculo e olhou de volta para o navio.

— Aquela figura de proa na frente do seu navio é linda — disse ele, baixando o binóculo.

Sally parou no meio da mordida.

— Mas está com uma expressão estranhíssima — continuou ele. — É como se estivesse franzindo a testa para nós! A maior parte das figuras de proa não são pintadas com sorrisos?

— São — confirmou Sally, com o coração começando a disparar. — Mas aquela não é uma figura de proa comum. E aquele não é um navio comum. — De repente, ela se levantou, agitada. — Eu não deveria ter vindo. Preciso voltar.

— Espere! — implorou ele, mas ela já havia mergulhado de volta na água e começado a nadar de volta para o *Noturno*.

Ouviu atrás o som de algo caindo na água e soube que Dexter vinha atrás. Havia lágrimas em seus olhos e ela balançou a cabeça.

— Não me siga! — alertou. Mas ele a ignorou e logo a alcançou. Sally esperou que ele não notasse as lágrimas.

Ele a acompanhou de volta ao navio.

— Acho que você não deveria ter vindo — disse ela, estendendo a mão para a escada. — Eu gostaria que você pudesse, mas não pode. Eu ficaria numa tremenda encrenca. Encrenca pior...

— Tudo bem. Não quero ser nenhum *tipo* de encrenca.

— Ele sorriu. — Mas preciso ver você de novo, linda Sally. Não vou abrir mão disso.

As mãos e os pés dela estavam na escada. Ela balançou a cabeça.

— Não devemos. Já falei antes. Este não é um navio comum.

— Não mesmo. É um navio extraordinário. Ele me trouxe a você.

De novo, as palavras dele encheram-na com um sentimento agridoce de alegria e tristeza. Balançando a cabeça, Sally começou a subir a escada.

— Sinto muito — disse ela. — Não posso vê-lo nunca mais, Dexter Tormenta. Você precisa me esquecer.

— *Esquecer?* Impossível! — gritou ele. — Vou seguir o navio. Vou fazer tudo o que eu puder. Mas *vou* ver você de novo.

Ela continuou a subir, mas, enquanto fazia isso, sua visão ficou turva. De repente, Grace descobriu que tinha os olhos abertos e estava de volta, totalmente de volta, no banco do jardim de Santuário, o coração martelando pelo que tinha visto. Que emoção extraordinária testemunhar o primeiro encontro dos pais!

Virou-se para Sally, cujos olhos também estavam abertos.

— Você viu? — perguntou ela a Grace.

Grace confirmou com a cabeça.

— Vi. Até o momento em que você subiu de volta no navio. Mal posso esperar para saber o que aconteceu em seguida. Como ele encontrou você de novo.

Sally sorriu.

— Essa é outra história. Chegaremos lá.

— Eu gostaria que o Connor estivesse aqui. Gostaria que ele pudesse ouvir ou ver isso também.

— Vai ser seu trabalho contar a ele — disse Sally, com uma sombra caindo sobre os olhos. — Quando ele estiver preparado para ouvir.

Capítulo 13

Camaradas

— Ei, Connor!

— Jacoby! — Connor estendeu a mão. — Parabéns pelo posto de subcapitão.

— Obrigado, cara. — Jacoby riu para ele. — Estou muito empolgado porque você entrou para a tripulação. E a melhor notícia que tivemos a semana toda. Não é, Jasmine?

Jasmine Pavão se adiantou e assentiu.

— Vai ser bom trabalhar com você, Connor — disse ela, dando-lhe um pequeno abraço. Enquanto a segurava nos braços por um momento brevíssimo e sentia o cheiro de seu cabelo com perfume de coco, Connor sentiu que essa era sua recompensa instantânea por ser magnânimo com relação à

Jacoby.

— Aí estão vocês, pessoal — gritou uma voz familiar. — Uma rodada de Sombrio e Tempestuoso! — Connor se virou e viu Docinho pousando uma bandeja de coquetéis. Ao vê-lo, ela veio correndo e deu-lhe um abraço. — Connor! Você está ótimo!

Rindo, ele a abraçou. Notou, com satisfação intensa, que os olhos de Jacoby estavam arregalados.

— Olá, Docinho — disse Connor. — Deixe-me apresentar meus novos camaradas, Jacoby Blunt e Jasmine Pavão. É a primeira vez deles na taverna da Madame Chaleira!

Docinho riu para os dois.

— Todo amigo do Connor é meu amigo. Bem-vindo à taverna da madame. Se precisarem de qualquer coisa, basta berrar chamando Docinho!

— Você poderia definir "qualquer coisa"? — perguntou Jacoby, sem se conter. Jasmine riu e deu uma cotovelada com força nas costelas dele.

— Belo trabalho, garota! — riu Docinho, dando um tapa de comemoração na mão de Jasmine. — Acho que você vai se dar muito bem por aqui. — Em seguida, virou-se de novo para Connor, passando o braço pela cintura dele. — Então é verdade mesmo? Você largou o capitão Wrathe e a tripulação dele? Assinou contrato com a senhorita Li?

Connor confirmou.

— E complicado. Mas sei que foi a decisão certa.

— Bom, então, pelo amor de Deus, para de parecer tão preocupado! — Docinho sorriu. — E lembre-se do que eu lhe disse na última vez em que nos vimos. Você sempre será bem-vindo aqui, não importa em que tripulação esteja. Você é gente boa, Connor Tormenta. — As palavras gentis tocaram-no mais do que ele poderia expressar. — Bom, é melhor eu ir. O pessoal está com sede esta noite. E *talvez* mais tarde eu me apresente num número novo, vestida de sereia. — Ela piscou para Jacoby.

— Espera! — disse Connor. — Antes de você ir... se vir Bart e Cate, quero dizer, *quando* você vir os dois, pode dizer... pode dizer que eu mandei lembranças?

Docinho riu.

— Diga você mesmo! — respondeu ela, assentindo na direção de um dos reservados VIP. — Parece que o *Diablo* e o *Tífon* vieram comemorar.

Connor olhou para o outro lado do bar. Viu Madame Chaleira levando Molucco Wrathe para seu reservado predileto. Eles foram seguidos pelo irmão de Molucco, Barbarro, e sua mulher e subcapitã Trofie, que, como sempre, estava vestida de modo arrasador. Connor tentou ver se Bart e Cate estavam com eles. Realmente deveria ir lá dizer alguma coisa, mas não queria se arriscar a um encontro com Molucco. Não podia ver Bart e Cate no meio da multidão, mas, por azar, Molucco olhou diretamente para ele. O capitão sustentou o olhar por um momento, mas não sorriu nem fez qualquer gesto de familiaridade. Connor se lembrou do que seu ex-capitão lhe dissera quando se viram pela última vez: *"Agora você não é nada para mim."* As palavras provocaram um novo arrepio na coluna de Connor enquanto Molucco

simplesmente virava a cabeça. Evidentemente, essas palavras eram verdadeiras.

— Ei, Connor — disse Jasmine, aparecendo ao seu lado com uma bebida. — Experimente um desses Sombrio e Tempestuoso. São o céu num copo.

Connor se virou e viu que Jacoby e Cheng Li também estavam perto. Cheng Li piscou para ele e levantou o copo.

— Aos novos camaradas — disse ela.

Os outros ecoaram o brinde e todos bateram os copos, antes de tomarem o delicioso coquetel novo da Madame.

Dentro do reservado VIP, Barbarro e Molucco Wrathe estavam imersos numa conversa. Trofie ocupava um lugar ao lado dos dois capitães, surda às palavras deles, trancada nos próprios pensamentos. Na mesa, um copo intocado de champanhe de ostras borbulhava furiosamente, mas Trofie sentia-se chapada como água de pântano estagnado. Sabia que nada havia mudado fundamentalmente em termos de sua riqueza, do poder ou da beleza lendária. E sua família, que ela valorizava acima de tudo, estava em segurança. Mesmo assim, sentia-se profundamente desanimada por causa da perda da mão e estava usando um vestido prateado estonteante, com mangas exageradamente compridas, para que os dois braços ficassem totalmente cobertos. Apesar do corte soberbo e do custo excepcional do vestido, sentia-se malvestida como uma freira. Se ao menos conseguisse arranjar um modo de sair desse humor soturno!

— Olá, mamãe — disse Aluar, rindo afável para ela enquanto passava por cima da corda de veludo e entrava no reservado.

O surgimento de seu filho querido, que parecia ficar mais alto e mais bonito a cada dia que passava, era a coisa certa para fazê-la sorrir. Trofie levantou o rosto para ele beijar. Enquanto Aluar afastava a cabeça, ela viu que os dedos compridos do filho estavam enfiados num laço de barbante, ligado a um embrulho de papel-pardo, que ele balançava para trás e para frente nas mãos.

Trofie assentiu para o embrulho.

— O que é isso, *min elskling?* Andou fazendo compras?

Ele sorriu.

— É um presente, mamãe. Para você.

— Para mim? Por quê? Não é meu aniversário, nem mesmo dia de um pirata famoso...

— É para fazer você se sentir melhor — respondeu Aluar, estendendo o embrulho.

Trofie balançou as mangas excessivamente longas diante dele.

— Será que você poderia abrir para mim, *min elskling*?

Aluar assentiu, sorrindo enquanto começava a desamarrar o barbante.

— Olhe, marido. — Trofie cutucou Barbarro. — Nosso menino querido me trouxe um presente.

Barbarro e Molucco se viraram para olhar. Aluar desamarrou o barbante e depois abriu o papel-pardo. Dentro, havia uma caixa quadrada. Ele abriu a tampa. Trofie olhou empolgada enquanto o filho tirava cuidadosamente uma coisa de dentro. Ainda estava enrolada em papel de seda, mas o pó brilhante espalhado que caía das camadas de papel de seda era uma visão agradável. Como chuva de prata.

Por fim, com um gesto enfático, Aluar tirou a última dobra de papel de seda e revelou o presente.

Barbarro, Molucco e Trofie ofegaram em uníssono.

— É sua mão nova — anunciou Aluar, depois acrescentou, um tanto desnecessariamente: — Eu mesmo fiz.

Ali, aninhada em seus braços, estava o que havia começado como uma mão de manequim de loja, serrada toscamente e pintada de prateado (de modo um tanto desigual).

— E então? Gostou? — perguntou Aluar, os olhos espiando a mãe cheios de expectativa.

Trofie engoliu em seco.

— Eu... estou sem fala — disse.

— Que gesto gentil e sensível! — trovejou Molucco. — Aluar é um bom garoto — disse cutucando Barbarro.

— Olha! — Aluar segurou a mão prateada embaixo do nariz da mãe. — Está vendo como eu pintei as unhas?

Ela olhou, registrando que cada unha tinha sido pintada com a insígnia do crânio com os ossos. Sem dúvida, um esforço considerável fora posto naquilo. Trofie sentiu lágrimas quentes ardendo nos olhos.

— Veja só — disse Barbarro —, você comoveu sua mãe a ponto das lágrimas! — Em seguida, massageou o ombro da esposa. — Pronto, pronto, querida. Dá para ver como você está feliz com o presente do nosso filho. — Através dos soluços, Trofie assentiu.

— Deixe-me colocar em você — disse Aluar, empolgado. Antes que Trofie pudesse protestar, o menino levantou as dobras volumosas da manga do vestido e empurrou-a, revelando o pulso truncado da mãe. Tinha prendido uma grossa correia de couro no pulso de sua mão artesanal e afivelou-a de modo gentil, porém firme. Toda a família Wrathe olhava com a respiração presa para ver se ela ficaria no lugar. Milagrosamente, a mão pareceu se encaixar com perfeição. Aluar afastou-se, examinando o trabalho com grande orgulho.

Trofie olhou para sua estranha mão nova, que ainda soltava flocos de prata por todo o chão, como caspa de alto valor.

— Obrigada — gaguejou. — Obrigada, *min elskling*. Estou muito... muito... — Enquanto falava, ela levantou a mão para o filho, mas, ao fazer isso, o peso da mão puxou a correia para fora do pulso. A mão soltou-se e caiu no piso. O polegar se quebrou e voou para além da corda de veludo. Mais lascas de prata se espalharam por toda parte. Aluar gritou um palavrão e recebeu um cascudo do pai.

— Está estragada! — gritou Aluar. — Eu e Transom levamos dois

dias inteiros para fazer!

— Não faz mal, garoto — disse Molucco. — O que importa é a intenção. E, se você pegar o polegar antes que alguém pise nele, podemos tentar consertar.

— De que adianta? — Aluar balançou a cabeça. — Não sou idiota! Dá para ver que ela não gostou! Ela largou de propósito!

— Não importa — trovejou Barbarro com autoridade feroz. — Vamos recuperar a mão de verdade de sua mãe. E logo.

Trofie estendeu o braço para o filho.

— Ah, *min elskling,* eu gostei. Claro que gostei!

Porém, Aluar se soltou das vastas mangas fantasmas e chutou a corda de veludo, saindo do reservado VIP e indo para a área principal.

Sua cabeça estava rodeada por uma névoa escura e familiar de tensão e raiva. Queria dar um soco em alguma coisa, ou em *alguém*, com muita força. Por sorte, quando levantou os olhos, viu um rosto familiar vindo em sua direção.

Pela primeira vez, o punho de Aluar estava completamente no alvo. *Pou!* A vantagem da surpresa lhe permitiu dar um golpe de nocaute. Connor Tormenta caiu no chão da taverna como um peso morto. O barulho que fez ao pousar nas tábuas podres do piso devia ter sido o som mais agradável que Aluar escutava desde o último lançamento da banda *Espaços Sombrios*, os deuses da canção marítima metaleira.

— Ele está voltando! — disse Jacoby. — Pessoal, ele está voltando a si! —Todos olharam enquanto Connor, deitado num sofá de veludo, abria os olhos.

— Esses sais aromáticos nunca falham — disse Madame Chaleira.

Jasmine riu.

— Ah, acho que não foram os sais aromáticos! — Ela assentiu para Docinho. — Ela deu um beijo nele.

— Deu? — Madame Chaleira riu. — Como foi que não vi isso? Bom, não faz mal.

Connor olhou, meio tonto, para todos eles.

— O que está acontecendo? Por que aquela caveira enorme e prateada, com tíbias cruzadas, está girando desse jeito?

Jacoby se virou para os outros, sério e preocupado.

— Ele deve estar pior do que nós pensamos. Está alucinando.

— Não está, não! — disse a Madame, apontando para cima da pista de dança. — Estão vendo minha nova bola de espelhos, com a caveira e as tíbias? Eu vi numa produção de balé e pensei: quero uma igual! Linda, não é?

Aliviado, Jacoby voltou a olhar para Connor.

— Você sabe quem você é? *Onde* está?

— Sei, sei — assentiu Connor. — Sou Connor Tormenta, estou na taverna da Madame Chaleira e aquele panaca do Aluar acabou de me atacar sem motivo.

— Parece que ele não causou um dano muito grande — disse

Jacoby. — Isso, pelo menos, é uma boa notícia. — Em seguida, virou-se para os outros. — Para trás, pessoal. Deem espaço para o Connor respirar.

Madame Chaleira riu.

— Melhor ainda, deem uma bebida forte a ele. Isso vai resolver. — Em seguida, virou-se para Docinho. — Vamos dar mais uma rodada de Sombrio e Tempestuoso a esse pessoal. Por conta da casa!

— Certo, Madame.

Enquanto a Madame e Docinho saíam, uma tosse exagerada anunciou a chegada de Barbarro Wrathe, seguido de perto por seu irmão, Molucco.

— Como ele está? — perguntou Barbarro.

— Vai ficar bom — respondeu Cheng Li. — Não graças ao seu filho esquisito.

— Sinto muito — disse Barbarro. — O comportamento dele foi sem motivo.

— É — concordou Cheng Li —, foi mesmo. Só esperemos que não haja nenhum osso quebrado.

— Ora, ora, senhorita Li — entoou Molucco. — Acho que não foi tão sério assim.

Cheng Li se empertigou totalmente, fixando Molucco com seus olhos escuros amendoados.

— Talvez o *senhor* seja um tanto liberal ao tratar os ataques contra membros de sua tripulação, capitão Wrathe, mas *eu* levo essas coisas muito a sério.

Molucco balançou a mão, sem dar importância.

— É brincadeira de criança. Connor estava simplesmente no lugar errado, na hora errada. Aluar está com muita coisa na cabeça agora. Todos nós estamos. Presumo que você tenha ouvido falar do ataque ao *Tífon*, não? Pelos Vampiratas?

— Ouvi. — O tom de Cheng Li parecia mais circunspecto. — Mesmo assim.

Obviamente, Molucco achava que tinha ficado por cima e prosseguiu com a sutileza de um rolo compressor:

— Acho que então você vai entender como isso coloca as coisas numa perspectiva mais nítida. Todos nós devemos nos concentrar agora em enfrentar a ameaça Vampirata. — Ele fez uma pausa. — Com esse objetivo, gostaríamos de trocar uma palavra com o jovem senhor Tormenta sobre os Vampiratas. Pelo que me lembro, ele tem algum conhecimento e experiência com eles.

Molucco passou por Jacoby e Jasmine para abrir caminho até Connor, que agora estava sentado no sofá, mas ainda parecia meio tonto.

— Com *licença*, capitão Wrathe — disse Cheng Li, entrando protetoramente na frente de Connor. — Mas o que, pelos oceanos, o senhor acha que está fazendo?

Molucco franziu a testa.

— Achei que tinha sido perfeitamente claro. Queremos consultar

Connor sobre os Vampiratas.

Cheng Li pôs as mãos nos quadris.

— Ouvi seu pedido — disse ela. — Mas esta não é a hora apropriada.

— Sinto muito... — começou Molucco, parecendo bem distante de sentir alguma coisa.

Cheng Li continuou inabalável:

— Parece que o senhor tem a ilusão de que Connor ainda faz parte de sua tripulação. Não faz. E, por sinal, nem eu. Agora Connor está sob meu comando. E, portanto, sou eu quem decide quando *e se* o senhor pode falar com ele.

— Isso é ultrajante! — Barbarro olhou furioso para Cheng Li, por cima do ombro do irmão.

— Nem um pouco mais ultrajante do que um ataque a esmo de um pirata contra outro. Bom, estou pensando em prestar queixa ao comodoro Kuo e à Federação dos Piratas. Seria outro golpe contra o nome de Aluar.

— Não nos ameace, senhorita Li — reagiu Molucco. — Preste a queixa que quiser. Nós *teremos* nossa conversa com o senhor Tormenta.

— Talvez tenham — disse Cheng Li. — Mas não aqui, nem esta noite. — Ela cruzou os braços. — Marquem uma hora!

Molucco sustentou o olhar intenso de Li por alguns bons momentos, depois girou nos calcanhares e se afastou, os pés raivosos reverberando nas tábuas do piso. Barbarro foi atrás, praticamente grudado nele.

— Vá, capitão! — disse Jacoby. Ele e os outros todos se viraram para Cheng Li.

Ela assentiu para eles, séria.

Quero que entendam uma coisa. Não estou numa disputa de quem é mais forte, aqui. Todos vocês assinaram um contrato comigo, mas, em troca, prometi cuidar de cada um de vocês. E é exatamente o que pretendo fazer assim que me tornar capitã, daqui a alguns dias.

Capítulo 14

Impasse

Stukeley bateu à porta da cabine do capitão.

— Entre — gritou Sidório de dentro.

Stukeley empurrou a porta e entrou, seguido de perto por Johnny.

Sidório assentiu para seus tenentes.

— Estamos no curso, como planejado?

— Sim, capitão — respondeu Sidório. — Devemos chegar logo à baía.

— Ótimo. Agora vamos descobrir quem vem brincando com a gente e acabar com esse assunto.

— Sim, capitão — disse Stukeley de novo. — Mas, antes de chegarmos à baía, Johnny e eu andamos pensando e gostaríamos de conversar

com o senhor.

Sidório levantou uma sobrancelha.

— Certo, então. Comecem a falar.

Stukeley assentiu.

— Achamos que está na hora de nos organizarmos com uni pouco mais de regras.

Johnny assentiu.

— Nós nos expandimos depressa demais — disse, virando-se para Sidório. —Temos o quê, duzentos, trezentos na tripulação?

Sidório balançou os braços, sem dar importância.

— Teremos quinhentos no fim do mês... mil no mês que vem...

— Exato! — disse Stukeley. — É isso que queremos dizer. Se vamos crescer tão depressa, precisamos nos organizar. Vamos precisar de mais navios, para início de conversa...

Sidório deu de ombros.

— Então vamos arranjar mais navios. A começar com o que pegaremos esta noite. Vamos montar uma frota...

— Grande ideia — disse Stukeley. — E cada navio vai precisar de um capitão.

— Claro, claro. — A atenção de Sidório foi se esvaindo.

Stukeley sabia que os pensamentos do capitão estavam em outro lugar, mas continuou.

— Mas não somente de um capitão. Precisamos de uma estrutura de comando mais regimental em cada navio.

Sidório riu.

— Daqui a pouco, vocês vão sugerir que tenhamos uma tripulação de doadores e uma Noite do Festim semanal!

— Não! — disse Stukeley. — Não, eu nunca sugeriria isso. Não precisamos copiar o *Noturno.*

— Falou e disse — respondeu Sidório com firmeza. — Não é assim que as coisas vão ser feitas aqui. Não no meu exército. — Ele assentiu para Johnny. — Como você o chama, chapelão?

— *El ejército de la noche!* — repetiu Johnny.

— Muito poético! — disse Sidório, rindo.

Stukeley se levantou.

— Capitão, não estou sugerindo que a gente faça as coisas nem de longe como no *Noturno.* O senhor veio dos tempos romanos, não foi?

Isso trouxe a atenção de Sidório instantaneamente de volta.

— Dos tempos romanos, é.

— Bom — continuou Stukeley. — Andei fazendo umas pesquisas. Sobre o exército romano e sua estrutura. O senhor sabia que o exército romano tinha...

Sidório balançou as mãos, sem dar importância.

— Acredite, eu sei tudo que há para saber sobre o exército romano.

— Então o que acha — continuou Stukeley, paciente — de

organizar nossos navios... hrrrm... *seus* navios... nos moldes de uma legião romana?

— Hmm. Talvez. Vou pensar. — Para Stukeley, estava claro que a janela havia se fechado. — Vamos para o convés — disse o capitão. — Tenho a sensação de que estamos chegando perto do destino.

Stukeley assentiu. Fizera o máximo que podia.

— Lá está o navio — disse Jessamy, baixando os óculos escuros.

— Ah, sim — confirmou Camille. — Hora de encontrar nossos rapazes.

— Pela última vez — disse Jessamy com tristeza, a boca curvada para baixo.

— Foi o que a capitã disse. Confesso que vou sentir falta deles. São uns brinquedinhos lindos. — Ela sorriu para a colega.

As duas esperaram nos penhascos enquanto a tripulação do *Capitão de Sangue* se juntava na areia. Viram Sidório dar a ordem:

— Vão festejar! — Todos os Vampiratas, menos dois, correram para a cidade, a cidade já dizimada por Lady Lockwood e sua tripulação.

Então, enquanto Johnny e Stukeley iam para as dunas, Jessamy e Camille foram encontrar as presas.

— Boa-noite, senhores — gritou Jessamy enquanto Johnny e Stukeley iam na direção das dunas. Ela havia tirado os sapatos para escorregar pela lateral da duna. Camille foi atrás.

— *Ola!* — gritou Johnny, sorrindo e se aproximando. — De onde vocês duas saíram?

— Estávamos em cima dos penhascos, tomando o ar da noite — respondeu Camille. — E vocês?

— Acabamos de sair do nosso navio — disse Johnny, apontando para o navio-prisão, longe nas águas da baía.

— E então — disse Jessamy, sorrindo para Stukeley. — O que traz os senhores para a cidade esta noite?

Stukeley deu de ombros.

— Viemos liberar um pouco da tensão. Vocês sabem como é.

Jessamy confirmou com a cabeça.

— E vocês? — perguntou Stukeley. — Moram aqui ou também estão de visita?

As mulheres se entreolharam. Então, Jessamy falou de novo:

— De visita.

— Ei — disse Johnny —, por que estão usando óculos escuros? Aqui está uma escuridão de breu!

As mulheres sorriram de novo. As duas falaram ao mesmo tempo:

— É moda, querido! — e sorriram para os companheiros.

— Tirem os óculos!

Os sorrisos congelaram no rosto das mulheres. Não era Johnny nem Stukeley que havia falado.

— Eu mandei tirarem os óculos! — A voz se tornou mais enfática.

Camille se virou para Jessamy, procurando orientação. As duas olharam em volta.

Sidório estava atrás delas, os braços cruzados.

— Preciso pedir pela terceira vez? Tirem os óculos.

Enquanto ele descia as dunas, as mulheres tiraram os óculos escuros. Olharam para os homens, com as tatuagens de coração preto reveladas.

— Muito atraente — disse Sidório, parando entre os dois tenentes. — Não é de espantar que tenham conseguido colocar esses dois em transe noite após noite. — Ele assentiu.

— Quem é você? — perguntou Jessamy. Apesar da presença sinistra de Sidório, ela não parecia perturbada.

— Eu faço as perguntas — disse Sidório. — E vamos começar ouvindo quem são *vocês* e de que navio saíram.

Ele as encarou. As mulheres encararam de volta. Durante algum tempo, houve um impasse. Então, Sidório falou de novo:

— Vocês andaram se divertindo um pouquinho com meus rapazes nas últimas noites, não foi? Tirando informações sobre o lugar para onde íamos e depois usando alguma magia para fazer com que se esquecessem do encontro com vocês. — Ele fez uma pausa. — É isso, não é?

Jessamy pôs as mãos nos quadris, em desafio.

— Talvez esteja certo, senhor.

— Finalmente, estamos chegando a algum lugar. Bom, de que navio vocês vieram?

Jessamy encarou-o diretamente.

— Não estou autorizada a dar informações.

Sidório franziu a testa.

— Não está autorizada? —Ele chegou mais perto. —*Não está autorizada?* Talvez você queira repensar isso. Depressa.

Mas Jessamy balançou a cabeça.

— Acho que não. Em boca fechada não entra mosca.

— O quê? — Sidório encarou-a inexpressivamente.

De novo, houve um impasse.

— Certo — disse Sidório. — Vou lhes dar a oportunidade de fazer isso do modo mais fácil. Mas há outras opções.

— Fie se virou para os tenentes. — Levem-nas ao navio — ordenou, virando-se e indo na direção da água.

Johnny e Stukeley avançaram.

— Venham conosco, mocinhas — disse Johnny.

Jessamy olhou para os dois com ar depreciativo.

Nós dominamos vocês três vezes antes — disse. — Por que acham que seria diferente?

— É — assentiu Camille. — E, por sinal, *senhor*, esse papo de "mocinhas" perde a graça bem depressa.

Os quatro Vampiratas se encararam. Cada um tinha fogo ardendo nos olhos. Dessa vez não era a fome de sangue que os impelia, e sim a

necessidade de batalha.

De repente, uma voz nova entrou na disputa:

— Algum problema?

Lady Lola Lockwood caminhava pela praia, com a saia ampla do vestido de corpete justo se arrastando pela areia.

Sidório se virou para ela.

— E quem é você?

— Lady Lola Lockwood. — Ela assentiu para Jessamy *e* Camille. — Essas duas são da minha tripulação.

— *Sua* tripulação? — perguntou Sidório, incrédulo.

— Isso mesmo — respondeu Lady Lockwood. Em seguida, apontou para a lateral da enseada. — Meu naviozinho está ancorado lá.

— Verdade? — disse Sidório, apontando para o vasto navio-prisão parado na baía. — Aquele é o *meu* navio.

— Nossa — disse Lady Lockwood com um sorriso. — É enorme!

Sidório assentiu, desconcertado.

Lady Lockwood continuou afavelmente, como se tivesse encontrado Sidório num coquetel.

— Infelizmente, o *Errante* é uma sardinha comparada ao seu navio, que parece uma baleia! O *Capitão de Sangue*... não é assim que se chama? Que empolgante!

Lady Lockwood tinha um modo muito estranho de falar. Diferente de tudo que Sidório já ouvira. Era tão hipnotizante quanto os olhos e a estranha tatuagem do coração preto.

O que o lembrou... Sidório enfiou a mão no bolso.

— Acho que devo agradecer a você por isso, não é? — Ele pegou um maço de cartas de baralho e jogou-as na areia.

— Ah, você achou, foi? Nossos pequenos cartões de visita.

— É — disse Sidório. — Nós achamos. Noite após noite. Como você queria.

Lady Lockwood franziu a testa.

— O que você quer dizer?

— Não banque a inocente. Sabemos o que estiveram aprontando, você e sua *tripulação*. — Ele cuspiu as palavras com arrogância, assentindo na direção de Camille e Jessamy, que ainda estavam de frente para Johnny e Stukeley. — Suas pequenas criadas andaram convencendo meus tenentes a cortar aonde íamos em seguida. Então vocês apareciam e atacavam a cidade antes de chegarmos.

Á princípio, a expressão de Lady Lockwood não revelou nada. Depois um sorriso se abriu nos lábios em forma de arco.

— Bom, acho que há vantagens em ser uma sardinha, afinal de contas.

— Você admite — disse Sidório. — Então podemos parar com esse jogo.

— Ah, nunca foi um jogo, Sid. Posso chamá-lo assim?

O rosto de Sidório ficou sombrio.

— Não, você *não* pode me chamar de Sid. Meu nome é Sidório. Quinto Antônio Sidório. Rei dos Vampiratas.

Lady Lockwood sorriu.

— Que grosseria a minha! Quase esqueci. Que honra enorme em conhecê-lo! — Ela fez uma reverência, o corpo se abaixando na areia. Depois levantou-se. — Lamento muito se parece que não estamos nos entendendo direito.

Sidório balançou a cabeça.

— Como queria que nos entendêssemos, agindo como você e sua tripulação agiram?

Lady Lockwood deu de ombros.

— Eu só estava tentando atrair a sua atenção. Não é fácil uma sardinha sinalizar para uma baleia.

Sidório franziu a testa de novo, estranhamente irritado com as palavras, a voz distinta e a beleza rara.

— Você queria a minha atenção? — perguntou confuso.

— Ora, claro. — Lady Lockwood sorriu.

— Então, para você isso é só um jogo?

— Ah, não, senhor. — Lady Lockwood balançou a cabeça. — De jeito nenhum.

— Não está tentando rivalizar comigo? Assumir o comando destas águas?

— Ah, não, senhor, isso seria absurdo.

— É, seria *mesmo.*

— Talvez devêssemos fazer uma trégua entre nossas tripulações — sugeriu Lady Lockwood. Em seguida, fez um gesto para Johnny e Stukeley, que ainda estavam de frente para Jessamy e Camille, prontos para lutar.

Sidório pensou por um momento, depois chegou a uma conclusão.

— Deixem para lá, rapazes.

— Acalmem-se, senhoritas — gritou Lady Lockwood.

Os quatro Vampiratas voltaram a formar os pares originais. Johnny e Stukeley foram para perto de Sidório, enquanto Jessamy e Camille iam até Lady Lockwood.

— Mas esta coisa tem de parar — disse Sidório. — Tenho uma tripulação grande e que está crescendo. Eles precisam de sangue.

Lady Lockwood assentiu.

— Concordo. Mas certamente há espaço para mais de um navio de Vampiratas nesses oceanos, não é?

— Há espaço para qualquer número de navios — disse Sidório. — Mas para apenas um comandante e chefe. — Ele bateu no peito, para o caso de a informação precisar de ênfase. — Eu!

— Claro — assentiu Lady Lockwood. — Eu já disse antes, Sidório, não estou tentando rivalizar com você. Só estava, talvez de um modo desajeitado, tentando induzir uma apresentação.

Sidório olhou-a com ar vazio por um momento. Johnny avançou e sussurrou no ouvido do capitão.

— Acho que ela só queria conhecer o senhor, capitão.

Ouvindo essas palavras, Lady Lockwood concordou.

— Isso mesmo. Eu só queria conhecer o grande Sidório, Rei dos Vampiratas.

Diante dessa lisonja, Sidório riu abertamente.

— Bom, já conheceu.

— Conheci mesmo. — Os olhos da mulher reluziram. — E você ultrapassou em muito minhas expectativas.

Ele sorriu de novo.

Lady Lockwood olhou-o cheia de culpa.

— Infelizmente, senhor, minha tripulação já festejou nesta Cidade esta noite. Mas garanto que isso não se repetirá mais.

Sidório deu de ombros.

— Sem problema. Minha tripulação festejou em outro lugar. Só viemos aqui confrontar vocês e encerrar essa questão.

Lady Lockwood assentiu.

— E está satisfeito com o desfecho, senhor?

Ele a encarou, pensando em como ela era uma criatura **rara.**

— Sim — disse finalmente. — A questão acaba aqui.

Lady Lockwood fez menção de sair.

— Venham, senhoritas. Vamos retornar ao *Errante*. — Jessamy e Camille assentiram e, lançando um último olhar para Stukeley e Johnny, começaram a se afastar.

Então, Lady Lockwood deu meia-volta e retornou. Estendeu a mão para Sidório.

— Espero que nos encontremos de novo — disse. — Em circunstâncias um tanto diferentes.

Sidório olhou para a mão dela, a princípio sem saber o que fazer. Então, para a surpresa de todos, inclusive dele próprio, inclinou-se e beijou-a.

— Vamos nos encontrar de novo. Garantirei isso.

Lady Lockwood puxou a mão de volta e foi se juntar às suas tripulantes.

Quando ela estava fora do alcance da audição, Stukeley virou-se para Sidório.

— O que aconteceu? — perguntou ele. — Achei que iríamos tomar o navio.

— E só uma sardinha — respondeu Sidório, ecoando as palavras de Lady Lola. — Não preciso de uma sardinha. Deixe que ela fique com o brinquedo. — E olhou para a figura se afastando. — Gosto dela. Gosto de como ela fala.

Stukeley ia protestar, mas Johnny deu-lhe uma cotovelada nas costelas. Stukeley entendeu o recado.

— Quer que a gente vá tocar as sirenes e chamar a tripulação de volta, capitão?

Sidório assentiu.

— Faça isso, Stukeley — disse ele, caminhando pela areia com um

último olhar para a figura de Lady Lockwood, que ia desaparecendo.

Stukeley se virou para Johnny.

— Ele disse que era um tubarão assassino — observou balançando a cabeça. — Mas recuou como uma lesma do mar!

Johnny riu.

— Ouvi isso, *hermano*. Mas acho que o capitão se apaixonou.

— Não seja bobo. Sidório não sabe o significado dessa palavra. Não se interessa por essas coisas.

— Confie em mim — disse Johnny balançando a cabeça.

— Você sabe muitas coisas, amigo, mas eu sei o que acontece entre um homem e uma mulher. E há algum tipo de conexão entre esses dois. Com certeza!

— Foi por pouco! — disse Jessamy a Lady Lockwood.

— É — concordou a capitã.

— Aquele sujeito existe de verdade? — perguntou Camille. — Quero dizer, eu ouvi os boatos, mas ele é mais Neandertal ainda do que eu esperava.

Lady Lockwood sorriu.

— Eu o achei bastante charmoso, ao jeito dele.

— Charmoso! — exclamou Camille.

— A senhora cedeu muito — disse Jessamy —, se não se importa que eu diga, capitã.

Lady Lockwood sorriu.

— Cedi? Foi o que pareceu? — Ela estendeu os braços e pôs um no ombro de Jessamy e outro no de Camille. — O negócio, minhas caras, é que às vezes a gente precisa perder uma batalha para ganhar a guerra. — Seu sorriso ficou mais largo. — E ainda falta muito para a guerra acabar!

Suspirou.

— Bom, toda essa conversa fiada me deixou com sede. Vamos voltar ao navio e abrir o argentino!

— Ah, sim! — concordou Jessamy. — O embaixador argentino. Ele *estava* bem gostoso, não é?

— É — respondeu Lady Lockwood. — Estava mesmo...

Capítulo 15

O pedido de Sally

Na próxima vez em que visitou o quarto de Sally, Grace encontrou a mãe surpreendentemente animada.

— Ah, querida, tenho novidades, novidades maravilhosas!

— O que é? — perguntou Grace, num fascínio com a mudança da mãe.

— Vamos viajar juntas. — Os olhos de Sally estavam brilhantes. — Pedi a Mosh Zu e ele concordou. Vamos para a Baía Quarto Crescente!

— Baía Quarto Crescente? Mas por quê?

— Quero ver onde você e Connor cresceram. E quero visitar o túmulo de Dexter. Para estar perto dele de novo. Ah, Grace, por favor, fique feliz com isso.

— Eu *estou* feliz — garantiu Grace. — Só que é muito de repente. Tem certeza de que você está forte o bastante... — Ela soltou a respiração com força. — Ah, mamãe, claro, eu adoraria mostrar Baía Quarto Crescente a você! — Ela abraçou Sally.

— Você deve fazer suas malas. Vamos para o *Noturno* esta noite!

— Ao *Noturno*? — repetiu Grace. Um novo pensamento lhe ocorreu. — Isso significa que o capitão também vai? A recuperação dele é completa? — A possibilidade era empolgante.

Sally balançou a cabeça.

Infelizmente, não tenho a resposta para isso. Você precisará perguntar a Mosh Zu.

Grace olhou de novo para a mãe. Sally parecia empolgada como uma criança na véspera do aniversário.

— Tem certeza de que você vai ficar bem, voltando para lá? — perguntou Sally. — Visitar o túmulo de Dexter? E o farol? Você precisa me mostrar o farol.

Grace assentiu instintivamente. Seria estranho voltar, especialmente sem Connor. Mas seria ótimo mostrar a Sally, Lorcan e Mosh Zu — e esperava que ao capitão — o lugar onde havia crescido. E seria bom visitar de novo o túmulo do pai e sentir-se perto dele outra vez.

Pensando no pai, virou-se de novo para a mãe.

— Acho que não podemos retomar a história, não é? — perguntou hesitante.

— Podemos. Podemos, claro. — Sally deu um tapinha na cama. Venha cá, perto de mim. É isso. Quero você bem pertinho.

Grace não perdeu tempo, sentando-se depressa ao lado da mãe.

— Então, Shanti e Teresa estavam me esperando no convés — disse Sally. — Estavam desesperadas para saber tudo sobre meu encontro com Dexter. Era estranho, mas, apesar de eu só ter passado pouco tempo com ele, de algum modo sabia que era a pessoa com quem eu deveria ficar.

Grace sorriu. Sentira que fora amor à primeira vista, e as palavras de Sally apenas confirmavam isso.

— Nos dias seguintes — continuou Sally —, quase não falamos de outra coisa, e todas nós concordamos que tínhamos de deixar para trás o mundo fora do navio. Afinal de contas, esse era o trato que havíamos feito quando nos tornamos doadoras. Todas nós tínhamos nossos motivos para estar a bordo, mas não contávamos necessariamente às outras. E, mesmo que fosse bom devanear, sabíamos que nunca poderíamos voltar ao mundo lá fora. Havia sido divertido fazer uma visita, mas seria só isso.

Grace franziu a testa.

— Mas *não foi* só isso. Não pode ter sido.

Sally sorriu para a filha.

— Não, querida. Claro que não foi. Como dizem, a vida é o que acontece enquanto a gente está fazendo outros planos.

— Então como, e quando, você e papai se viram de novo?

Sally acariciou o cabelo de Grace enquanto continuava:

— Alguns dias depois. E naqueles dias e noites senti uma tristeza tão grande... como se estivesse de luto. Mas por quê? Por minha vida passada? Pelo caminho que havia escolhido? Por um homem que eu tinha conhecido no meio do oceano e com quem havia nadado durante... meia hora? Parecia ridículo demais, porém meus sentimentos eram mais profundos e mais verdadeiros do que qualquer outro que eu tivesse experimentado antes. — Ela suspirou. —Até Sidório notou que havia algo errado. Lembro-me de ele ter perguntado sobre isso na Noite do Festim. Pouco antes de começarmos a compartilhar, ele perguntou se eu estava bem. Foi um choque tão grande que explodi em lágrimas. Não conseguia parar de soluçar. — Sally balançou a cabeça. — Tenho certeza de que Sidório se arrependeu de ter falado alguma coisa, mas, quer saber?, ele fez o melhor que pôde para me consolar. E depois tomou meu sangue. Naquela noite, pela primeira e última vez, se ofereceu para ficar. Mas eu disse que não. Queria estar sozinha.

Grace pensou em sua mãe sozinha na cabine. Era de parti r o coração.

Sally continuou a história:

— No dia seguinte, acordei pior ainda. As garotas procuraram me distrair. O navio estava atracando para pegar comida fresca para nós, doadores. E, bem — ela fez uma pausa —, por acaso não foi só comida que pegamos naquele dia, mas também um novo ajudante de cozinha...

Grace virou o rosto para encarar a mãe, os olhos arregalados de expectativa.

— Papai? — perguntou ela.

— Dexter — confirmou Sally. — Só descobri no dia seguinte, veja bem. Eu estava andando pelo corredor, cuidando da minha vida, e uma voz disse de repente: “Olá de novo, linda Sally.” Quase enlouqueci! Não pude acreditar nos meus olhos. Perguntei o que ele estava fazendo, como havia me encontrado, o quanto ele sabia sobre o navio... e, ah, mais uma centena de coisas. — Seus olhos estavam brilhantes enquanto ela recordava o encontro.

— E o que ele respondeu?

Sally balançou a cabeça, um sorriso suave brincando nos lábios.

— Ele disse: “Eu falei que ia encontrar você, Sally. Falei que ia encontrar um modo de ficarmos juntos.”

— Vai fundo, papai! — incentivou Grace. Sentia um enorme orgulho dele. Ele havia sido muito romântico e também ousado em caçar o navio Vampirata e entrar para a tripulação. Havia poucas funções para mortais a bordo, mas ela se lembrou de seu primeiro dia no *Noturno* e do tempo que havia passado na cozinha com o jovem ajudante, Jamie. Como era estranho pensar que seu pai já havia trabalhado no *Noturno!* Era maravilhoso saber que, em épocas diferentes, Sally, Dexter, Connor e Grace tinham viajado no mesmo navio.

— Você deve ter ficado muito feliz — disse Grace, virando-se de novo para a mãe.

Ela pensou nisso.

— Feliz? Talvez. Empolgada, certamente. Mas também fiquei apavorada, muito apavorada. Não me entenda mal, Grace, eu adorei ver Dexter de novo, mas estava me sentindo como se tivéssemos entrado juntos numa montanha russa. E não podia deixar de pensar onde aquilo iria parar.

Grace viu no rosto da mãe a expressão de medo lembrado. Também viu cansaço. Parecia que contar a história estava exaurindo de novo as reservas de energias dela.

— É melhor eu ir — disse. — Preciso arrumar as coisas para a viagem.

— É. — O pensamento trouxe de volta a luz ao rosto de Sally. — Ah, estou tão ansiosa para ver todos os lugares que são especiais para você, Grace!

Grace confirmou com a cabeça e deu um beijo no rosto da mãe.

— E estou ansiosa para lhe mostrar. Vejo você mais tarde.

— Soube que todos nós vamos viajar — disse Grace, entrando nos aposentos de Mosh Zu. — De volta à Baía Quarto Crescente.

— É mesmo — respondeu Mosh Zu. — Não há tempo a perder. Vamos zarpar no *Noturno* esta noite, depois do pôr do sol. Darcy e Lorcan vão também.

— E o capitão? — perguntou Grace, cheia de esperança. — Vai nos encontrar lá?

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Não, Grace. O capitão não vai conosco nessa viagem, Eu vou substituí-lo.

Grace não conseguiu esconder o desapontamento.

— Como ele está? Sinto tanto a falta dele...

— Vocês têm um relacionamento especial, não é?

Grace confirmou.

— Sempre tivemos, desde quando entrei para o *Noturno.* Vai ser estranho viajar sem ele.

Mosh Zu assentiu.

— Para todos nós.

Grace fez uma pausa, mal ousando fazer a pergunta seguinte.

— Ele vai se recuperar? Vai retornar algum dia?

Mosh Zu pôs as mãos nos ombros de Grace.

— Espero e acredito que sim, Grace. Sei que ele quer. Mas está muito doente e temos de lhe dar tempo e espaço para se curar.

— Entendo. E sei que você vai fazer um grande trabalho comandando o navio.

Mosh Zu assentiu, agradecido.

— E muita generosidade sua dizer isso. — Em seguida, de franziu a testa. — Se eu pudesse, adiaria essa viagem. Mas é muito importante que Sally faça a jornada agora.

— Eu sei. — Grace viu Mosh Zu hesitar. — Há mais alguma coisa?

— Sua mãe está numa condição incerta. Ela tem falado com você sobre o passado, não é?

— É. Tenho perguntado a ela sobre isso. Ela está me contando o tempo que passou no *Noturno*. E eu pude canalizar uma parte sozinha.

— Parece que seus poderes continuam a se desenvolver, Grace.

— Está tudo bem, não é? Minha mãe parece mesmo muito frágil. Quero demais ouvir minha história, mas isso está certo? Ou a está deixando mais fraca? Porque, se estiver, eu paro.

Mosh Zu deu um sorriso terno para Grace.

— Não se culpe. É, acho que falar sobre o passado e compartilhar os segredos está deixando-a mais fraca, como você disse. — Ele parou, estendendo a mão de novo. — Grace, eu disse antes que as outras almas estavam se esvaindo mais depressa do que sua mãe. Que ela estava segurando-se por você!

— É. — Agora Grace sentia o coração pesado como uma pedra. — E agora? Ela vai poder se segurar por mais tempo?

— O que observei nas outras almas é o seguinte: quando elas emergiram durante a catarse de cura, seu tormento, do qual o capitão as vinha abrigando, ainda era novo. Você se lembra de como elas estavam espantadas?

— Sim. — Grace confirmou com a cabeça, visualizando nitidamente a cena das sombras desorientadas andando pela névoa.

— Meus assistentes e eu trabalhamos com elas para trazer paz a cada alma perturbada. O que descobrimos em cada caso, até agora, é que, à medida que elas vão se libertando dos tormentos, ficam mais leves. — Ele fez uma pausa. — Elas se esvaem mais depressa. — Mosh Zu deu um sorriso suave para Grace. — Estão se libertando do tormento, mas também de seu ser físico. Finalmente, cada alma está fazendo a viagem para um local de descanso.

Grace sentiu que estava tremendo. Mosh Zu apertou a mão dela um pouco mais, compartilhando parte de sua força.

— E é isso que está acontecendo com minha mãe — disse Grace, sentindo as lágrimas chegarem. — À medida que ela vai me contando seus segredos e aceitando o que aconteceu com ela, também está indo em direção à paz.

— Exatamente — disse Mosh Zu com voz calma e serena.

— E quanto mais ela me conta, mais leve fica. E, assim que tiver me contado tudo, vai... vai sumir daqui. — Os olhos de Grace se encheram de lágrimas.

Mosh Zu olhou-a por muito tempo antes de responder:

— É o que eu acho — disse finalmente.

Grace franziu a testa.

— Então eu tenho uma escolha. Ou deixo que ela me conte tudo para que encontre a paz e... por isso, vou perdê-la. — Ela tremeu. — Ou... faço com que ela pare de contar essas coisas e impeço que ela encontre a paz verdadeira, mantendo-a aqui comigo, de modo egoísta. — Ela balançou a

cabeça e suspirou. — Não é exatamente uma escolha, não é?

— Não. Na verdade, não é.

Grace esfregou os olhos.

— Diga uma coisa. Ela sabe o que está acontecendo? Essa viagem à Baía Quarto Crescente. É o último pedido dela?

Mosh Zu avaliou a pergunta com cuidado.

— Acho que sim. Acho que ela está se segurando para resolver as coisas com você. E depois creio que terá o descanso mais longo e lindo, com o conhecimento de que sua vida, seus sonhos, continuam em você. E em Connor também, claro.

— Mas eu acabei de encontrá-la! — Grace balançou a cabeça. — Realmente não sei se tenho forças para deixá-la ir embora.

Mosh Zu se inclinou adiante.

— Sabe o que eu acho, Grace? Acho que você é muito mais forte do que imagina. E, ainda que agora seja difícil aceitar, acredito que tudo está acontecendo exatamente como deveria.

Grace suspirou. Queria acreditar nele, mas parecia que, dessa vez, Mosh Zu estava pedindo o impossível.

Capítulo 16

A nova capitã

O coração de Cheng Li batia rápido enquanto ela descia os degraus da colina em direção ao porto da Academia dos Piratas. Como aluna, havia testemunhado essa cena muitas vezes: as arquibancadas se enchendo com os grandes e os bons — e os famosos! — do mundo pirata, vestidos com suas melhores roupas; o tapete azul-royal se estendendo pelo cais, indo até a plataforma central. Mal podia acreditar que, dessa vez, toda a agitação era em sua homenagem. Mas era! Quando fosse para a cama esta noite, finalmente teria o posto de capitã e, mais importante, as responsabilidades que acompanhavam a patente.

— Senhorita Li!

Virou-se e viu o comodoro Kuo descendo a escada de seu

escritório. Era uma figura elegante, com seu uniforme de comodoro completo — o colete cheio de medalhas indicando o posto elevado e uma casaca azul comprida com as abas roçando na calça justa. Nas mãos, segurava a lendária Lâmina de Toledo. Cheng Li ficou surpresa e deliciada. Em geral, essa espada só aparecia uma vez por ano, no Dia das Espadas. Era uma grande honra o comodoro Kuo ter quebrado o protocolo para usá-la em sua investidura.

— E então! — disse John Kuo, alcançando Cheng Li e apontando para a cena movimentada junto ao cais. — É tudo que você esperava que fosse?

Cheng Li acompanhou o olhar dele, vendo os homens vestidos de casacas e as mulheres com chapéus de plumas dirigindo-se a seus lugares, enquanto a orquestra da academia tocava o quarto movimento da sinfonia *Oceano,* de Rubinstein — a obra predileta da Federação.

— É perfeito — disse ela, os olhos brilhando como o sol da tarde nas águas do porto. — Absolutamente perfeito.

— A Federação dos Piratas jamais poupa quando se trata de suas estrelas mais brilhantes — disse o comodoro Kuo, dando uma piscadela. — E como está *você,* capitã?

— Não seja afobado. — Ela sorriu, achando fácil relaxar na companhia de John Kuo. — Ainda falta uma coisinha: a minha investidura.

— São só procedimentos. Pompa e circunstância. Você é capitã desde o dia em que apareceu aqui na academia, quando sua altura chegava aos joelhos de um cavalo-marinho.

As palavras dele a agradaram tremendamente. Cheng Li sentia como se estivessem andando sobre a água.

— Sinto como se cada acontecimento da minha vida fosse um degrau para alcançar este momento — disse enquanto desciam juntos a colina.

— Você está empolgada, mas nervosa, não é? Pronta para ir em frente, mas imaginando se será capaz de corresponder às expectativas de todo mundo... às suas próprias expectativas.

Ela assentiu.

— É! — Era inteligente demais, da parte dele, expressar aquilo em palavras. — É exatamente assim que me sinto.

Ele sorriu.

— Foi exatamente assim que eu me senti, há anos e anos, quando assumi meu primeiro comando. E foi o mesmo com Platonov, Grammont, Lisabeth Quivers e os outros. Não precisa temer. Como eu disse antes, você está mais do que preparada. Porém, o medo me mostra que você se importa com isso. Prova a paixão com que quer fazer com que isso funcione. O medo confirma que a Federação acreditou na pirata certa.

— Obrigada, John. Isso significa muito. Especialmente vindo de você.

Ele sorriu e estendeu o braço, apertando o ombro dela.

— Sempre estarei aqui para você, Cheng Li. Só se lembre disso. Sempre foi assim e nada muda agora.

— Obrigada, John — respondeu ela enquanto chegavam ao cais.

— Ah, e eu deveria ter dito antes: boa sorte na regata.

Ele riu.

— Posso contar com sua torcida?

Cheng Li sorriu enigmática.

— Meu subcapitão, Jacoby, vai disputar no barco da capitã Quivers. E o capitão Platonov inscreveu Jasmine, outro membro importante da minha tripulação.

— Sei — disse o comodoro Kuo. — Portanto, suas lealdades estão divididas.

— Tenho certeza de que não sei o que você quer dizer — respondeu ela com um sorriso. — Mas sei que, só para variar, você é o favorito.

— Sou? — perguntou John Kuo, com um brilho no olhar. — Ficarei feliz se simplesmente melhorar o tempo do ano passado.

— É — riu Cheng Li. — E quebrar outro recorde da academia.

— Ai! — O comodoro Kuo apertou subitamente o ombro. — Como sempre, seus dardos são de uma precisão brutal, senhorita Li.

Ela riu, mas então um pensamento desgarrado invadiu-lhe a mente. Um pensamento desgarrado que ela havia previsto, mas prometera que não iria incomodá-la naquele dia. No entanto, era impossível que isso não acontecesse.

— O que há de errado? — perguntou John Kuo.

Cheng Li suspirou.

— Eu só estava pensando no meu pai. É bobagem, você sabe, mas eu gostaria que ele me visse aqui hoje.

— Não é bobagem. — John Kuo estendeu os braços para Cheng Li. — Nem um pouco. Chang Ko Li era como um irmão para mim. Eu o conhecia talvez melhor do que qualquer pessoa, a não ser você e o resto da sua família. E sei, minha filha, que ele *está* olhando para você hoje e que é o homem mais orgulhoso do mundo.

— Obrigada. — Cheng Li enterrou o rosto por um momento no peito forte de John Kuo.

— Falo sério. — Kuo deu-lhe um beijo de leve na testa.— Agora venha. Precisamos ir logo ao cais. Não seria bom você se atrasar para sua investidura!

Quando a orquestra tocou as primeiras notas do hino da Federação Pirata, a multidão de dignitários, autoridades e alunos levantou-se ao mesmo tempo. Cheng Li sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha enquanto cantava as palavras familiares...

"Ofereço minha vida à aventura
Entrego ao mar minha alma.
Lutarei contra ventos e tempestades
Pelo sonho que arde em mim.
E o sonho que arde em mim

É simplesmente de ser livre.
E não há liberdade maior
Do que ser um pirata!"

As palavras e a música ressoavam fortes na cabeça de Cheng Li. Enquanto cantava a segunda estrofe, virou-se para a plataforma, onde, em pouco tempo, o comodoro Kuo começaria a cerimônia. Atrás dela, pendia o velho pano de vela com o logotipo de Academia dos Piratas. O logotipo era composto de quatro símbolos: espada, bússola, âncora e pérola. Uma das primeiras coisas que Cheng Li aprendera ao chegar à Academia dos Piratas fora o significado dos quatro símbolos: a espada representava a habilidade na luta; a bússola significava a capacidade de navegação; a âncora reconhecia a importância da história dos piratas; e a pérola celebrava a capacidade de passar pelas situações mais difíceis para encontrar o tesouro que havia escondido. Estes, segundo a Federação dos Piratas, eram os quatro talentos centrais que qualquer pirata precisava dominar, e Cheng Li sabia que havia dominado todos.

"*... E a honra que busco*
É um prêmio sem igual.
Pois não há prêmio maior
Do que ser pirata!"

Enquanto a terceira — e mais empolgante — estrofe do hino ia terminando, o comodoro Kuo deu a mão para Cheng Li apertar, depois levantou-se da cadeira e subiu os degraus do pódio.

— Boa tarde, senhoras e senhores — disse dirigindo-se à vasta plateia nas arquibancadas, com sua confiança natural. — Bem-vindos à Academia dos Piratas. Este porto, como qualquer outro, é um lugar de conexões. Muitos de vocês foram alunos aqui. Agora são capitães e subcapitães de seus navios; vocês, como eu, deixaram os oceanos para transmitir o conhecimento e a experiência para os capitães piratas do futuro. — Ele assentiu para as fileiras de alunos. Enquanto fazia isso, uma salva de palmas irrompeu na plateia. O diretor esperou que ela terminasse, antes de continuar: — Sim, penso em nosso pequeno porto aqui da academia como um lugar de partida e de retorno, e de continuar retornando através de seus dias como piratas. — Ele fez uma pausa. — Estamos reunidos aqui de novo para a investidura de uma nova capitã pirata. Essas ocasiões sempre me enchem de orgulho, mas hoje isso é especialmente verdadeiro. Veremos uma jovem pirata realmente notável partir para os mares como capitã do próprio navio.

Ele trocou um olhar tranquilizador com Cheng Li. De pé, ela já estava reluzindo de orgulho enquanto ele continuava:

— Cheng Li, como todos vocês sabem, é filha do grande capitão pirata Chang Ko Li. Ele ficou conhecido como o melhor dos melhores, e por bons motivos. Morreu tragicamente antes que a senhorita Li tivesse idade para aprender suas habilidades em primeira mão. Ainda se discute se a pirataria está no sangue. Independentemente da conclusão, ninguém pode negar que Cheng

Li tem sido uma estudante de pirataria bem conscienciosa. Durante sua ilustre carreira como aluna desta academia, nenhuma vez eu a ouvi invocar suas origens como motivo para ser preferida. Nenhuma vez usou isso para obter favores com os colegas. Não, porque Cheng Li é uma batalhadora. Aplicou-se nas aulas com concentração e diligência absolutas. Formou-se em primeiro lugar na turma e, como é costume, deixou esta escola para assumir o posto de estagiária como subcapitã a bordo de um navio pirata, o *Diablo,* sob o comando de Molucco Wrathe.

Cheng Li se perguntou se os outros notariam que nem Molucco nem qualquer membro da família Wrathe estavam presentes. Não importava. Se notassem, sem dúvida considerariam que era devido ao incidente recente a bordo do *Tífon* e à determinação dos irmãos Wrathe de recuperar a mão roubada de Trofie Wrathe. Lembrando-se de seu recente entrevero com os irmãos Wrathe na taverna de Madame Chaleira, Cheng Li se sentiu aliviada por eles estarem ausentes da cerimônia, mas sabia que sua investidura faria Molucco se enraivecer de modo bastante satisfatório.

Voltou a atenção ao comodoro Kuo.

— Tivemos a sorte de pegar a senhorita Li emprestada para ajudar nosso corpo docente durante alguns meses; a primeira vez, devo acrescentar, que um não capitão recebeu o pedido para trabalhar aqui. Para vocês, não será surpresa saber que Cheng Li não apenas esteve à altura do desafio, como ultrapassou todas as expectativas. Ela é uma professora com dom natural e, se tivéssemos o luxo de possuir duas vidas, tenho certeza de que ela daria uma contribuição muito válida aqui. Mas o lugar de direito para Cheng Li é nos oceanos e, sem mais delongas, eu gostaria de pedir que ela se junte a mim neste pódio para que eu possa realizar sua investidura como capitã.

Houve aplausos espontâneos enquanto Cheng Li subia os degraus para se juntar ao comodoro Kuo na plataforma.

Os dois fizeram uma reverência um para o outro, e Tegan, um aluno bastante sério da turma de Recepção, avançou com uma almofada — feita a partir de uma antiga bandeira da caveira com tíbias — onde estava o cordão de capitão. Esse cordão, feito de ouro e das pedras preciosas mais finas, tinha os mesmos quatro símbolos da Federação dos Piratas — espada, bússola, âncora e pérola. Cada capitão certificado pela Federação recebia um, e usar o cordão não seria apenas uma honra enorme para Cheng Li, mas também uma ligação poderosa com os grandes piratas que tinham vindo antes dela. Houve aplausos estrondosos enquanto a criança estendia a almofada para o comodoro Kuo e ele levantava o cordão, e em seguida pendurava no pescoço de Cheng Li, de cabeça baixa.

— Pelos poderes a mim investidos pela Federação dos Piratas, eu, o comodoro John Kuo, entrego a Cheng Li o posto perpétuo de capitã.

Em seguida, pegou a Lâmina de Toledo e estendeu-a até que a lâmina estivesse encostada num dos ombros de Cheng Li. Quando o metal tocou sua pele clara, ele falou:

— Fartura e Saciedade.

Depois passou a espada por cima da cabeça dela, para o outro

ombro, dizendo:

— Prazer e conforto.

Finalmente, pousou a ponta da espada no coração dela.

— Liberdade e poder.

Pôs a espada de volta na bainha e teve início a última parte da cerimônia. Todos entoaram juntos as palavras da investidura:

> *"Na cabeça e no coração guarde as tradições da Federação dos Piratas.*
> *Honre os que vieram antes.*
> *Dê aos que vierem depois motivo para honrá-la.*
> *Que os oceanos a sustentem e o tempo seja bom para você.*
> *Ensine sua tripulação e permita que ela lhe ensine.*
> *Seja firme na glória e na adversidade.*
> *E quando seu sol se puser, que você possa viajar para casa em paz e harmonia."*

Kuo fez uma reverência para ela e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Quando fez isso, beijou-a de leve no rosto e sussurrou em seu ouvido:

— Parabéns, capitã Li. — Depois recuou um passo para lhe dar o centro do palco.

— Obrigada — disse Cheng Li, o rosto brilhante como o sol da tarde. — Prometo não segurá-los por muito tempo, mas gostaria de aproveitar essa oportunidade para agradecer a algumas pessoas. Obrigada ao comodoro Kuo por realizar minha investidura e por dizer palavras tão gentis sobre mim e meu pai. Obrigada aos professores da academia que me ensinaram tão bem e... — ela fez uma pausa — que me fizeram trabalhar de modo tão incansável! — Houve uma onda de risos diante disso. — Mas se eu achava que os alunos trabalhavam duro aqui, isso não foi nada comparado ao trabalho feito pelos professores, como sei agora! — Ela bateu palmas, homenageando os colegas docentes. Na multidão, viu a capitã Quivers agradecer o elogio.

— Hoje é um dia maravilhoso para mim, mas a pirataria é um trabalho de equipe. Sinto-me abençoada em ter um navio novo tão maravilhoso, fornecido pela Federação. E sim, muito em breve revelarei o nome que escolhi para ele. Mas, antes disso, quero agradecer à tripulação com quem trabalharei. Obrigado a todos que assinaram contrato comigo. Espero servi-los bem como capitã. Sei como são talentosos e estou ansiosa para trabalhar com cada um de vocês.

Ela olhou para Jacoby, Jasmine, Connor e os outros membros da tripulação que estavam nas arquibancadas, sorrindo para a líder dinâmica.

— E quanto ao nome do meu navio. Pensei muito nisso. Mas, enquanto enchia um caderno com ideias, ficava retornando a um nome. Não havia como me afastar dele. Tive de perguntar ao comodoro Kuo se poderíamos driblar as regras da Federação. Tenho o prazer de dizer que a Federação concordou, por isso lhes apresento meu novo navio, *nosso* novo navio, o *Tigre*!

Houve um espanto boquiaberto geral enquanto a placa do navio era revelada.

— Eu sei! — disse Cheng Li. — Sei que não é uma prática comum assumir o nome de um antigo navio da Federação; e não preciso dizer que o *Tigre* era o nome da embarcação do meu pai. Meu pai, Chang Ko Li, foi levado no auge da vida. As pessoas falam dele como o melhor dos melhores. Mas era apenas um jovem quando faleceu e acho que ainda veríamos muita coisa feita por ele. Quero continuar sua obra. Espero que vocês entendam que escolho esse nome não para me aproveitar de sua reputação, mas para homenageá-la e, espero que, com o tempo, aumentá-la.

Enquanto terminava de falar, mais uma vez houve um silêncio absoluto. Cheng Li olhou a multidão, nervosa. Captou o olhar de Jacoby. Então, ele começou a aplaudir. Em seguida, Jasmine e Connor se juntaram. Depois o resto da tripulação de seu navio recém-batizado. Atrás dela, ouviu John Kuo batendo palmas. Cheng Li não ousou girar e, em vez disso, olhou para a fileira dos capitães. Viu com alívio que eles também estavam aplaudindo. Num instante, estava diante de uma parede de aplausos. Muitos na plateia haviam-se levantado em mais uma demonstração de apoio.

— Pronto — sussurrou o comodoro Kuo em seu ouvido. — Eu disse que eles iriam aceitar, não disse?

Sorrindo, Cheng Li assentiu, agradecendo, enquanto o comodoro Kuo se dirigia mais uma vez à plateia.

— Senhoras e senhores, a capitã Li e sua tripulação vão agora posar para as fotos costumeiras antes de uma viagem de batismo. Quanto aos outros, por favor, juntem-se a mim no terraço da academia para nosso merecido e famoso chá. E depois retomaremos nossos lugares — pelo menos *vocês* vão retomar *seus* lugares — para a Regata dos Capitães!

No mar, o rosto de Lady Lola Lockwood estava encostado no periscópio de alta definição, que lhe permitia ver do lado de fora sem ter de se aventurar à luz do dia. Ajustou o foco até que obteve uma visão cristalina da cena no porto da Academia dos Piratas. Olhou por um momento, depois recuou e se empertigou totalmente, afastando dos olhos uma mecha de cabelos pretos como penas de corvo.

— E então? — perguntou Marianne, que estava sentada diante dela, numa linda poltrona forrada de seda, trabalhando num bordado em ponto de cruz.

— A regata vai começar — anunciou Lady Lockwood.

Marianne riu e pousou a tapeçaria.

— Devo ir preparar as outras?

— Sim, minha cara — sorriu Lady Lockwood. Em seguida, esfregou as mãos rapidamente. — Ótimo! Estou no clima para um pouco de esporte esta noite.

Sorrindo amavelmente para as muitas pessoas que lhe desejavam sorte, Cheng Li sentou-se na arquibancada, grata por encontrar um rosto familiar no assento ao lado.

— Olá, Connor. Posso me sentar perto de você? — perguntou, ainda que o lugar já tivesse seu nome escrito.

— O prazer é todo meu — respondeu ele com um sorriso.

Enquanto se sentava, Cheng Li abriu o programa da regata, que havia recebido de um dos alunos mais novos.

— Bom — disse a Connor. — Presumo que você saiba como isso funciona, não é?

— Dez capitães, cada um num esquife de 18 pés, com dois

tripulantes assistentes. É uma regata de duas metades, a ida até a Ilha da Aranha à luz do dia; a volta no escuro. O primeiro esquife a retornar ganha.

— Muito bem — sorriu Cheng Li. — Você é um aluno rápido.

— Aprendi com os melhores — respondeu Connor, virando-se para olhar enquanto os capitães e suas equipes iam para a água.

Jacoby sinalizou para ele e Cheng Li com os polegares para cima, antes de acompanhar Lisabeth Quivers até seu esquife. Estavam acompanhados por um colega de Jacoby, Bastian, que complementava a tripulação. Connor sorriu — era típico da pouco ortodoxa capitã Quivers pegar como assistentes os rapazes mais fortes da turma de formatura.

Jasmine já estava sentada em seu esquife, junto de um sujeito que Connor reconheceu vagamente de sua primeira visita à academia. O nome dele era Aamir. Os dois estavam escutando atentamente o capitão Platonov dar as últimas instruções

Do outro lado do porto, o comodoro Kuo parecia em clima amigável enquanto batia papo com seus dois assistentes — Zak e Varsha. Kuo exalava confiança de diretor e favorito para a regata, mas tinha de saber que não podia ser complacente com nove outros ex-prodígios da pirataria ansiosos por glória. O olhar de Connor examinou o rosto dos outros capitães — Rene Grammont, Francisco Moscardo, Apostolos Solomos, Kirstin Larsen, Floris van Amstel, Shivaji Singh, Wilfred Avery. Junto com Kuo, Quivers e Platonov, aqueles eram dez dos mais célebres capitães de todos os tempos. Cada um era uma lenda.

Um dia, pensou Connor. *Um dia vou me juntar a eles.* Sorriu e se virou para o lado. Cheng Li estava olhando para o porto com mais atenção ainda do que ele. Pensou que sabia exatamente o que ela estava pensando.

Enquanto soava o canhão das seis horas, os dez barcos e suas tripulações partiram para a ação. Imediatamente, Connor ficou hipnotizado e desejou estar lá, velejando com uma das equipes.

— Eles são tão rápidos! — exclamou para Cheng Li enquanto olhava os pequenos esquifes roçando a água do porto.

— Pode acreditar! — disse ela. — O esquife de 18 pés é o melhor barco a vela. O casco chato significa que quase não há resistência na água.

O barco do capitão Singh ia à frente. O comodoro Kuo estava em segundo lugar, seguido a certa distância pelo capitão Grammont. Os capitães Solomos e Moscardo brigavam pela quarta colocação.

— Eles estão chegando muito perto, não é? — disse Connor.

Cheng Li gargalhou.

— Apostolos e Francisco são arquirrivais. Mas é melhor darem algum espaço ou vão tirar um ao outro da regata. Isso já aconteceu antes!

Os barcos haviam ganhado velocidade tão rapidamente que a maioria dos espectadores já ia pegando seus binóculos para monitorar o progresso da regata em direção ao arco de pedra que formava o limite do porto da academia. Olhando pelo binóculo, Connor viu a capitã Quivers e sua equipe fazendo um bom progresso. Para impedir que os barcos de 18 pés virassem, a

tripulação precisava usar cada grama de seu peso estrategicamente, inclinando-se sobre a borda para alcançar a melhor posição possível. Connor não tinha visto a capitã Quivers em ação, antes, e ficou surpreso ao ver como ela era ágil. Com Jacoby e Bastian ajudando, a capitã parecia ter uma chance muito grande de vitória. Boa sorte!

Procurou Jasmine pelo binóculo. Lá estava! O barco do capitão Platonov seguia um pouco atrás dos líderes, mas diminuía a distância rapidamente. Connor viu Jasmine soltando a vela de fortuna.

— Olha a Jasmine! — gritou Connor.

— É — disse Cheng Li. — Viu o que ela está fazendo? A vela de fortuna é como uma parede de seda. Você precisa do máximo de superfície possível se conectando com o vento. Desse modo, o esquife pode velejar tão rápido quanto o vento.

Os dois olharam enquanto, graças à capacidade de Jasmine, o esquife do capitão Platonov saltava até os líderes no momento em que eles chegavam ao arco da academia. Eles obtiveram um bom ângulo e ultrapassaram o capitão Singh, chegando ao segundo lugar. Mas ainda não havia como alcançar o comodoro Kuo. Seu esquife já havia passado pelo arco. Se mantivesse esse ritmo, seria impossível alcançá-lo. Connor não conseguia mais ver a expressão do diretor, mas sabia que Kuo não estaria complacente, nem mesmo com a vantagem precoce. Ainda havia muita corrida pela frente.

De repente, houve uma imensa reação de espanto na plateia, seguida por um suspiro conjunto. O que havia acontecido? Connor baixou o binóculo por um momento, examinando toda a cena no porto. Um dos barcos estava ficando muito para trás, totalmente imóvel. Mas qual era? Levantando o binóculo de novo, deu um zoom direto no rosto furioso de Kirstin Larsen. Viu a capitã baixar a cabeça nas mãos.

— Acho que Kirstin está fora da corrida — suspirou Cheng Li. — Foi obrigada a sair por causa do mastro da vela de fortuna, que se quebrou. Ela não vai ficar feliz com isso. Mas poderia ter acontecido com qualquer um. Esta tarde, o vento nordeste está forte. Eles vão encontrar mar revolto no caminho para a ilha e de volta.

Connor olhou uma embarcação de resgate partir para ajudar a capitã Larsen e sua tripulação. Notou que vários outros barcos também iam para a água.

— Aqueles são mais barcos de resgates sendo preparados? — perguntou. — Essa regata fica muito perigosa?

— Não. — Cheng Li balançou a cabeça. — Não são barcos de resgate. São batedores que vão acender os sinalizadores para guiar os barcos de volta na segunda metade da regata. Estavam esperando tomar uma distância para não ficar no caminho dos competidores.

— Ah! — Connor voltou o foco para a regata, olhando enquanto os dois últimos esquifes, pertencentes aos capitães Avery e van Amstel, iam em direção ao arco. Enquanto passavam para o outro lado, não era mais possível distinguir uma embarcação da outra. Os líderes estavam no oceano aberto e a frota começava a se espalhar enquanto os capitães aproveitavam os canais

mais amplos que estavam abertos para eles. Connor queria continuar acompanhando a regata, mas, a não ser que voasse por cima, não havia como.

— O que fazemos agora? — perguntou, baixando o binóculo.

— Ah, há muita coisa para nos manter entretidos até a volta dos esquifes. — Cheng Li virou o programa da regata e bateu nele. — Há uma demonstração de combate da turma de Recepção, depois o pessoal do segundo ano vai apresentar uma peça curta inspirada pela história da Federação dos Piratas. Depois é a vez dos alunos do terceiro ano e, em seguida paramos para o jantar. Até lá os esquifes devem ter chegado à ilha e estar voltando. É quando as coisas começam *mesmo* a ficar empolgantes.

Depois da demonstração de combate (na verdade, bem impressionante), a peça sobre a Federação (uma tremenda chatice) e a apresentação dos alunos do terceiro ano entoando uma canção de marinheiros composta por eles (sem comentários!), Connor estava mais do que pronto para a pausa do jantar. Acompanhou Cheng Li, subindo até o terraço, onde uma variedade de comidas tentadoras fora arrumada para os alunos da academia e seus convidados especiais.

Connor notou uma fileira de telescópios no terraço.

— Olhe só! — disse Cheng Li. — Eles são de longo alcance. Talvez dê para ver um dos barcos começando o retorno.

Connor encostou o olho no telescópio e procurou sinais de vida no mar. Só podia ver as fogueiras de sinalização acesas pelos batedores. Enquanto o sol baixava e o dia escorregava para o crepúsculo, as fogueiras começaram a ficar cada vez mais luminosas.

— Por enquanto, nada — anunciou, afastando-se do telescópio.

— Ah, bem — disse Cheng Li, passando-lhe um prato. — Então é melhor fazer um estoque de proteína.

Connor não precisou de muito encorajamento. Partiu para o bufê com ardor, enquanto Cheng Li se via subitamente cercada por pessoas dando os parabéns. À medida que ia fazendo uma pilha de comida no prato, Connor viu-a conversar com todas elas — desde um bando de jovens alunos empolgados até um velho pirata senil querendo entrar para sua tripulação. Ela tratava a todos com a mesma graça e o mesmo entusiasmo. Estava em ótima forma. Era seu grande dia e era bom vê-la aproveitando-o. Connor nunca a vira tão feliz e relaxada.

Para os barcos que voltavam da ilha da Aranha, não havia tempo de descanso. O mar estava tão revolto quanto Cheng Li havia previsto, e um lapso momentâneo de concentração poderia custar caro. O comodoro Kuo ainda desfrutava de uma dianteira saudável, mas isso não o impedia de instigar os tripulantes a trabalhar mais duro e mais rápido.

— Andem! — gritava. — Deem tudo de si! E mais ainda!

— Sim, capitão! — gritaram Zak e Varsha em uníssono,

pendurando o peso do corpo de novo na lateral.

O comodoro Kuo gargalhou.

— Deixamos Singh e a tripulação dele comendo poeira! Nesse ritmo, voltaremos à academia antes que terminem o jantar!

— Permaneça concentrada, Jasmine! — ordenou o capitão Platonov. — Você também, Aamir. Tivemos um pouco de azar até agora, mas ainda podemos alcançá-los e vencer.

Jasmine assentiu, o rosto tão decidido quanto o de seu capitão. Suas mãos haviam sido queimadas pela força das cordas. A dor era intensa, mas ela a ignorou. Nada importava nesse ponto, além de diminuir a distância em relação aos líderes.

—Isso não é maravilhoso? — riu a capitã Quivers para Jacoby e Bastian enquanto eles se inclinavam para fora, aproveitando a crista de uma onda. — Adoro a Regata dos Capitães. Eu realmente deveria voltar aos oceanos com mais frequência.

Jacoby gargalhou.

— É uma folga da aula de Nós, não é?

— É mesmo. E diga, você está empolgado em ser subcapitão do *Tigre...?* — Suas palavras foram afogadas enquanto uma onda alta lançava água por cima deles. Apesar de encharcada, a capitã Quivers meramente soltou um grito de empolgação e esperou a resposta de Jacoby.

Ele riu de volta.

— Mal posso esperar! Realmente mal posso esperar!

Junto à ilha da Aranha, o *Errante* estava parado nas águas escuras. O sol finalmente se pusera e Lady Lockwood e várias participantes de seu séquito andavam pelo convés. A maioria da tripulação estava simplesmente relaxando e desfrutando do ar puro e da promessa da noite. Lady Lola estava sozinha na proa do navio, o antigo binóculo apontado sobre o oceano.

Chegando ao lado da capitã, Marianne tossiu discretamente.

— A senhora pediu um bule de chá, capitã — disse ela.

Lady Lockwood baixou o binóculo e sorriu ao ver a bandeja de prata estriada, sobre uma mesinha próxima.

— A bandeja de prata da mamãe — murmurou com algum prazer.

A bandeja tinha não apenas um bule de prata e uma xícara de porcelana com pires e uma jarra de leite combinando, mas também um coador de chá e seu suporte. Lady Lockwood, como sua tripulação passara a saber, era tremendamente meticulosa com o modo de tomar seu chá.

— Posso servir? — ofereceu Marianne. — Ficou em infusão durante três minutos, exatamente.

—Muito bem — disse Lady Lockwood, assentindo.

Com cuidado, Marianne levantou o bule e o coador e serviu o chá dourado na xícara de porcelana, decorada com uma cena linda e antiquada de pastores e cordeiros cabriolando à beira de um rio. Ao lado da xícara e do pires, ficava a jarra de leite, combinando. Mas não estava cheia de leite. Lady Lockwood preferia algo um pouco mais forte em seu chá. Marianne, que era versada nessas questões, levantou a jarra e serviu uma quantidade exata de líquido na xícara. Um redemoinho de vermelho cortou o chá dourado. Marianne pôs uma colher de prata no pires e entregou a Lady Lola.

— Obrigada, minha cara — disse Lady Lockwood com um sorriso. Mexeu o chá e, em seguida, levou-o ao nariz, inalando o aroma. — Néctar — murmurou. Depois pegou a xícara e bebeu o líquido de uma só vez.

— Deseja uma segunda xícara, capitã? — perguntou Marianne.

Lady Lockwood balançou a cabeça.

— Olhe só — disse ela. — Acho que talvez você ache divertido.

Intrigada, Marianne chegou mais perto. Viu Lady Lockwood levantar a xícara vazia e o pires numa das mãos e, com a outra, mexer com a colher de novo. Marianne ficou perplexa. Não havia líquido dentro da xícara.

— Não, minha cara — disse Lady Lockwood. — Não olhe para a xícara.

O que ela queria dizer? Marianne levantou a cabeça. Ao fazer isso, ouviu o sussurro de galhos acima. As árvores ao redor da ilha haviam começado a balançar à brisa do oceano. Parecia que uma tempestade poderia estar se aproximando.

Enquanto estava ali parada, Marianne sentiu a brisa ficar mais forte. Olhou para Lady Lockwood, cujo rosto em transe estava fixo no mar, continuando a girar a colher de prata na xícara de porcelana, cada vez mais rápido.

Marianne olhou, espantada, as águas para além do navio ficarem revoltas, depois começarem a girar e espirrar como um torvelinho miniatura.

— Isso deve servir — declarou Lady Lockwood finalmente, deixando a colher descansar na borda do pires.

Marianne apontou para o oceano em redemoinho.

— *Você* fez aquilo — disse ela. — Não foi?

Lady Lola assentiu, sorrindo.

— É um truquezinho no qual me aperfeiçoei. Chamo de tempestade numa xícara de chá. Também poderia ser “tempestade em copo d’água”.

— Mas para que serve?

Lady Lola riu.

— Olhe e espere. Agora não falta muito.

Capítulo 18

A ilha da Aranha

O esquife de 18 pés capitaneado pelo comodoro Kuo foi apanhado no coração do torvelinho.

— Capitão, o mar está ficando cada vez mais revolto — gritou Zak.

— Eu sei — respondeu o comodoro Kuo. — Mas agora estamos quase na ilha. Posso ver a fogueira de sinalização.

— O barco está descontrolado — gritou Varsha, segurando com tanta força as cordas que suas mãos ficaram em carne viva.

— Concentrem-se! — ordenou o comodoro Kuo. — Encontramos um ponto isolado de turbulência aquática. Só isso. Podemos nos livrar dela!

Os olhos de Varsha estavam tão vermelhos quanto suas mãos e

ardiam pelo ataque constante da água salgada. Por que o comodoro Kuo não podia admitir que eles estavam encrencados? E muito!

— Capitão, olhe! — gritou Zak. — Navio a estibordo!

John Kuo se virou. Um pouco tarde demais. O esquife se chocou contra o casco do galeão pirata. A embarcação parecia ter vindo de lugar nenhum — talvez devido ao oceano furioso e à névoa densa que abraçava as águas perto da ilha.

— Deem a volta! — gritou o comodoro Kuo.

— Estamos tentando! — respondeu Varsha.

— Capitão, olhe para o mastro da vela de fortuna!

Três pares de olhos espiaram para o mastro, que se chocara com o navio. Todos tinham visto de longe quando o mastro da vela de fortuna da capitã Larsen se partiu, obrigando-a a sair da disputa. Agora viram seu próprio mastro ser fraturado diante dos olhos. Tinham perdido qualquer chance de terminar a regata.

— Estão com problemas? — Um rosto preocupado de mulher apareceu junto ao costado do navio e gritou para eles.

— Estamos — respondeu o comodoro Kuo. — Sinto muito, mas batemos no seu navio. Acho que não houve qualquer dano em sua embarcação...

— Não se preocupe com isso — foi a resposta tranquilizadora. — E o seu barco?

— O mastro da vela de fortuna se partiu. Afora isso, acho que estamos bem. Fomos apanhados num redemoinho súbito.

— É, nós vimos. Vocês lutaram o quanto puderam. Às vezes, os elementos da natureza são simplesmente fortes demais.

— Capitão! — disse Zak. — Acho que o esquife está afundando.

O comodoro Kuo se virou de novo. Estava entrando água no pequeno barco. A colisão devia ter causado mais dano ao esquife do que fora evidente a princípio.

— É melhor vocês subirem — disse a voz vinda de cima. — Podem alcançar a escada ou devo mandar ajuda?

— Podemos alcançar — disse Varsha, com as mãos já se estendendo para a escada de aço que levava ao convés do navio.

— Mas o nosso esquife... — protestou o comodoro Kuo. — A regata...

— A regata acabou, comodoro Kuo — disse Zak com tristeza, seguindo Varsha escada acima. Ele ficou olhando enquanto o esquife afundava ainda mais na água escura. O comodoro Kuo ainda estava agarrado aos seus sonhos de vitória.

— Venha, senhor — implorou a voz vinda de cima. — Suba com seus colegas e nós cuidaremos de vocês.

Balançando a cabeça tristemente, o comodoro Kuo estendeu a mão para a escada na última hora. O esquife afundou ainda mais e desapareceu de vista.

Enquanto os três piratas molhados subiam ao convés, a capitã, flanqueada por suas duas imediatas, veio rapidamente recebê-los.

— Bem-vindos ao *Errante* — disse a capitã. — Sou Lady Lola Lockwood e estas duas fazem parte de minha tripulação, Marianne e Angelika.

— Sou o comodoro Kuo, diretor da Academia dos Piratas. E esses são meus alunos, Zak e Varsha. Estávamos competindo numa regata.

— Pois é — respondeu Lady Lockwood, assentindo com tristeza. — Que sorte terrível serem apanhados nesse tempo estranho!

— Chama-se Regata dos Capitães — continuou o comodoro Kuo. — Acontece sempre que a Federação nomeia um novo capitão. Cada capitão que trabalha na academia comanda um esquife de 18 pés... Bom, a senhora deve saber disso, claro, como capitã-pirata.

Lady Lockwood deu um sorriso indulgente.

— Ah, mas eu não sou uma capit*ã-pirata,* comodoro Kuo. Este não é um navio pirata.

— Não? — perguntou o comodoro Kuo, olhando para o topo do mastro e vendo que a bandeira não tinha, como ele pensara a princípio, uma imagem da caveira com as tíbias, e sim um desenho parecido com uma carta de baralho. — Que tipo de navio é este, então?

— Um navio particular — disse Lady Lockwood com um sorriso. — Bom, o senhor está encharcado e seus pobres alunos tremendo. Angelika, poderia pegar algumas toalhas e cobertores? E Marianne, acho melhor termos um pouco mais de seu famoso chá!

— Não queremos incomodar — disse o comodoro Kuo.

— Não é incômodo algum — respondeu Lady Lockwood, com a voz tão precisa quanto facas. — Gostamos de cuidar dos convidados a bordo do *Errante*, não é, senhoritas?

— Sim, capitã — responderam Angelika e Marianne em uníssono, antes de partir para suas tarefas.

— Venham — disse Lady Lockwood, levando-os para uma área de estar, abrigada da brisa. — Vamos nos sentar aqui e esperar enquanto as meninas resolvem as coisas. Tenho certeza de que voltarão num minutinho.

Enquanto Zak se sentava, viu mais membros da tripulação de Lady Lockwood chegarem ao convés.

— Capitã, todos os seus tripulantes são mulheres? — perguntou.

— De fato — respondeu Lady Lockwood. — Creio que você e o comodoro Kuo estão em menor número! — Ela deu um riso tranquilo. — Mas não se preocupe: ainda que os homens não tenham permissão de entrar para a tripulação, nós os recebemos bem como visitantes.

Zak sorriu. Podia pensar em coisas piores do que ser resgatado das águas gélidas por uma tripulação de jovens lindas, que agora mesmo se aproximavam com toalhas e cobertores.

Mas, quando Angelika chegou, Lady Lockwood levantou a mão.

— Pensando bem, Angelika, esses dois jovens estão totalmente encharcados. Por que não os leva para dentro e arranja roupas secas para eles?

Varsha se levantou, agradecida, mas Zak balançou a cabeça.

— Obrigado, mas prefiro ficar molhado a colocar um vestido.

Lady Lockwood riu de novo.

— Muito divertido! Mas não se preocupe, meu caro. Tenho certeza de que Angelika poderá arranjar algo que lhe sirva. Como eu disse, nós recebemos homens como visitantes no navio muitas vezes.

— Então está bem — respondeu Zak, acompanhando Varsha e Angelika, que já estavam entrando.

— Desculpe, comodoro Kuo — disse Lady Lockwood. — Tenho certeza de que poderemos arranjar roupas para o senhor também, se quiser.

Ele balançou a cabeça.

— Estou bem, obrigado, Lady Lockwood. Mas é gentileza sua cuidar dos alunos. Creio que estão um tanto abalados com o que passaram.

— Claro. É bastante compreensível. Mas um homem com sua idade e experiência é feito de material mais forte. É necessário mais do que isso para abalá-lo, tenho certeza.

— Bom, é verdade — disse John Kuo com um sorriso.

— Olhe. Aqui está Marianne com o nosso chá. Obrigada, minha cara. Pode deixar que eu sirvo. Agora, vejamos. Prefere leite ou limão, John?

— Tomo o meu chá puro.

— Muito bem. — Lady Lockwood levantou o coador numa das mãos e o bule na outra.

O comodoro Kuo ficou olhando-a servir.

— A senhora sabe o meu nome.

— Sei. — Ela entregou a xícara e o pires. — Você se apresentou a mim antes.

— Eu me apresentei como comodoro Kuo. Mas a senhora acaba de me chamar de John.

Lady Lockwood gargalhou.

— Bom, talvez tenha sido uma pequena informalidade da minha parte. Mas o senhor pode me chamar de Lola.

— A senhora não entendeu, Lady Lockwood. — O comodoro Kuo examinou o rosto dela. — Como sabia que meu nome era John?

Lady Lockwood ficou ruborizada.

— Você me pegou. — Ela ergueu as mãos. —*Mea culpa! E*u sabia quem você era. O tremendamente famoso comodoro John Kuo, ex-capitão e agora diretor da academia e luz-guia da Federação dos Piratas. E, se não me engano, está carregando sua espada lendária, a Lâmina de Toledo. — Ela assentiu em direção à bainha da arma, que se projetava ligeiramente para fora. A forração característica de arraia-lixa no punho reluzia ao luar.

O comodoro Kuo estava surpreso.

— A senhora sabia de tudo isso?

— Você é um homem muito famoso. Vi pinturas suas. Mas, se é que posso ser tão ousada, elas não lhe fazem justiça.

O comodoro Kuo sorriu.

— Tenho certeza de que diria o mesmo se tivesse visto uma

pintura sua. Por que nunca ouvi falar de você, Lola?

— Sou uma pessoa muito discreta, John. Tive uma vida muito movimentada, por isso acho que agora migro naturalmente para as sombras.

— Humm — disse o comodoro Kuo, bebericando o chá. — Uma rara ave de rapina como você não deveria ficar engaiolada, envolta em escuridão.

Lady Lockwood sorriu, mexendo a colher em sua xícara.

— Está flertando comigo, John? Que doce!

O comodoro Kuo riu e tomou outro gole de chá.

De repente, notou que ela não havia tocado no chá.

— O que há de errado? Por que não está bebendo?

— Ah, eu tomei uma xícara há pouco. Além disso, o chá não é minha bebida predileta.

— Não? — perguntou ele, com a curiosidade atiçada.

Ela balançou a cabeça. Enquanto fazia isso, ele viu os olhos de Lady Lockwood mudar. A coisa aconteceu num instante. A princípio, o comodoro achou que fosse a fogueira de sinalização se refletindo nos olhos castanhos, mas, virando-se, viu que não havia fogueira alguma ao alcance. O fogo estava nos olhos dela, como se queimasse num poço muito escuro. Pela primeira vez em sua carreira longa e ilustre, o comodoro John Kuo ficou sem fala.

Capítulo 19

Misericórdia

—Este chá — disse o comodoro Kuo —, você pôs alguma coisa nele, não foi?

Lady Lockwood assentiu.

— Um leve sedativo. Algo para tirar a tensão de sua mente perturbada.

— Minha mente não estava perturbada. Mas agora está. Você é uma vampira, não é? Este é um navio Vampirata.

Lady Lockwood sorriu.

— Nomes, John. Eu fui batizada como Lady Lola Elizabeth Misericórdia Lockwood, mas fui chamada de muitos nomes no correr dos anos. Aventureira. Salteadora. Pirata. Portanto, sim, por que não acrescentar Vampirata à lista?

— O que quer de mim?

O fogo ardeu nos olhos dela outra vez.

— É bem simples. Quero o seu sangue. Tenho certeza de que tem um sabor poderoso. Suponho que seja encorpado e seco.

O comodoro Kuo empalideceu, depois gaguejou:

— Você quer o meu sangue?

— Isso mesmo, John. Você vai encher meio engradado. E será tremendamente valioso, já que é um pirata tão famoso, diretor, luz-guia... e assim por diante.

— Você é louca — disse ele, mas as palavras não saíam mais com facilidade. — É tremendamente louca.

— Pode me chamar como quiser, John. Como já disse, fui chamada de muitas coisas.

O comodoro Kuo afundou na cadeira. Sem dúvida, o sedativo estava dominando-o. Restava pouca capacidade de luta, mas, com esforço obviamente enorme, ele se empertigou de novo.

— E os estudantes, Zak e Varsha?

— Qual o problema? Ah, olhe, aí vêm eles!

Realmente, Angelika vinha trazendo-os de volta pelo convés. Vestiam roupas secas e estavam rindo e brincando com Angelika e duas outras tripulantes.

— Poupe-os — disse o comodoro Kuo, com a voz cheia de ansiedade. — Faça o que quiser comigo, mas deixe que eles fiquem livres. Já tive meus anos de glória. Os deles ainda estão pela frente...

— Sim, sim. — Lady Lockwood interrompeu o fluxo de palavras. — Claro que vou poupá-los, se é o que você quer. Além disso, o sangue jovem é um tanto rústico demais para meu paladar, se bem que outras da minha tripulação podem discordar disso.

— Outras... — As palavras morreram nos lábios do comodoro Kuo, enquanto via os olhos de Angelika arderem com o mesmo fogo infernal que havia nos de Lady Lockwood. Felizmente, Zak e Varsha pareciam não notar.

— O senhor está bem, comodoro Kuo? — perguntou Varsha.

— O senhor parece meio pálido — disse Zak. — Talvez devesse trocar de roupa. Veja que terno elegante elas arranjaram para mim.

Absolutamente óbvio, pensou John Kuo. Apesar de tudo que lhes havia ensinado sobre o *zansbin* — a sensibilidade aumentada do guerreiro samurai diante do perigo em qualquer situação. Mas, afinal de contas, ele próprio fora lento em identificar o perigo. E agora pagaria o preço.

— Vocês devem ir embora — disse o tom de voz rouco. — Lady Lockwood e eu temos alguns negócios a terminar.

— Ir embora? — disse Zak, incrédulo. — Para onde?

— O esquife afundou, comodoro Kuo — disse Varsha. — Não lembra?

— Lembro — respondeu ele, mas sua voz estava distante, desconectada.

— Ele está certo — disse Lady Lockwood. — Vocês dois devem ir

embora.

— Não podemos ir sem o comodoro Kuo — reagiu Varsha. — Ele parece péssimo.

— Vocês devem ir — insistiu o comodoro. — Nadem até a terra. Esperem a próxima tripulação junto à fogueira. Eles vão pegá-los e vocês voltarão à academia.

— Nadar? — protestou Zak. — Com meu terno novo? Mas por quê?

— Chega disso! — anunciou Lady Lockwood. — Angelika, retire-os do navio.

— Sim, capitã. — Angelika se virou e chamou três colegas. Juntas, levaram Zak e Varsha para a beirada do convés.

— Pulem, peixinhos — sibilou Angelika, os olhos relampejando fogo.

Zak viu aquilo, mas Varsha, não. Num clarão, ele percebeu o que estava acontecendo. Agarrou Varsha e puxou-a do navio, mergulhando com ela nas águas geladas.

Angelika guiou as colegas de volta pelo convés.

— Eles se foram — informou a Lady Lockwood.

— Estão livres? — perguntou o comodoro Kuo com a voz rouca.

— Sim — respondeu Lady Lockwood. — Esse *foi* seu último pedido, não?

— Foi. — O comodoro Kuo tombou no convés.

Angelika olhou para Lady Lockwood, esperando ordens. A capitã levantou-se.

— Levem-no à sala de prensagem. Mas tenha cuidado com ele. Quero o cadáver em ótimo estado depois.

— Sim, capitã — respondeu Angelika, virando-se de novo para pedir ajuda.

Enquanto ela dava as costas, o comodoro Kuo aproveitou a oportunidade. Num movimento contínuo, rolou para a frente, tirou a Lâmina de Toledo da bainha e estocou diretamente contra Lady Lockwood. Não fazia ideia se uma lâmina atravessando o coração poderia destruí-la; mas pelo menos iria infligir um ferimento profundo.

Mas Lady Lockwood foi mais rápida e, enquanto ele golpeava, ela simplesmente deu um passo atrás.

— Ora, ora, comodoro Kuo. Parece que teve uma recuperação notável.

O comodoro Kuo segurou a espada ameaçadoramente na direção do coração dela.

— Seu sedativo não teve impacto sobre mim. Usei a vontade do samurai para superar o efeito.

Lady Lockwood sorriu.

— A vontade do samurai e um pouco de atuação decididamente canastrona — disse, em tom recatado. Em seguida, cruzou os braços sobre o peito. — Qual é o plano agora, homenzinho? Vai me matar e matar minha

tripulação?

O comodoro Kuo encarou-a.

— Não seria a primeira vez.

— Ora, bravo! Tirou dez, John. Estou começando a ver como você criou essa reputação impressionante. Você *tem mesmo* alguns truques na manga. — Ela descruzou os braços. — Mas, infelizmente para você, eu também.

E começou a circular uma das mãos sobre a outra, primeiro devagar, depois ganhando velocidade. Quando ela fez isso, o comodoro Kuo sentiu a Lâmina de Toledo vibrando na mão. Era como se Lady Lockwood estivesse exercendo algum tipo de campo magnético, soltando a espada de seu punho. Usando cada fragmento de determinação que lhe restava, ele apertou o cabo forrado de arraia-lixa.

As mãos de Lady Lockwood giraram cada vez mais rápido, até que era impossível identificá-las individualmente.

O comodoro Kuo podia sentir que a espada se soltava, mas nem mesmo ele estava preparado para o que veio em seguida. A Lâmina de Toledo se libertou, mas, em vez de cair no chão, permaneceu pairando no ar, a pouca distância dele. Então, enquanto Lady Lockwood continuava girando as mãos, a espada se virou de modo que a lâmina ameaçasse o próprio comodoro Kuo. Ele ficou imóvel, hipnotizado. Então, isso era o fim? Seria morto pela própria espada? Quando falassem do grande pirata, o comodoro John Kuo, seria essa a história que contariam?

A voz entrecortada de Lady Lockwood atravessou seus pensamentos.

— Você disse antes que tinha as habilidades de um samurai, então por que não optar por morrer como um? Caia sobre sua própria espada. O *seppuku* não é o modo mais honrado de um samurai morrer?

O comodoro Kuo ficou olhando enquanto a Lâmina de Toledo ameaçava seu dono. Agora ele sabia o que suas centenas, talvez milhares, de vítimas haviam sentido na mesma situação. Talvez ela estivesse certa. Talvez esse fosse o modo melhor e mais honrado de morrer. Pegou-se hipnotizado pelo punho brilhante da espada, feito tantos anos antes pelo mestre artesão de Toledo.

— Eu conheci samurais, John Kuo — disse Lady Lockwood. — E você não é um deles.

Ele pensou em Zake Varsha nadando para a liberdade. Pensou nos outros capitães disputando a regata de volta à academia. Pensou em Cheng Li, que acabara de assumir o posto de capitã. Seu trabalho estava feito. A glória que fora sua estava passando à próxima geração. Este *era* o fim adequado.

Sentiu um jorro súbito de adrenalina enquanto se jogava na direção da espada. Estava rindo enquanto caía sobre ela e tombava no convés, dando na morte um sorriso mais largo do que jamais dera em vida.

Lady Lockwood chamou sua tripulação.

— Levem-no para baixo. — Não quero que nenhuma gota do sangue seja desperdiçada. — Enquanto elas o levantavam, Lady Lockwood pegou a espada e arrancou da carne dele. Estava coberta de sangue quente. Passou um dedo na lâmina e depois levou-o aos lábios. Sentiu o gosto na boca

antes de declarar o veredito: — Complexo e curiosamente equilibrado. Explosivo, doce, com uma exótica nota de romã no final. Será um belo acréscimo à minha coleção. Vou para minha cabine. Não quero ser incomodada. — E começou a se afastar.

— Capitã — chamou Angelika.

— Os dois estudantes. A senhora queria *mesmo* que eles ficassem livres?

Lady Lockwood pensou um momento.

— Realmente não me importa. Vou deixar essa decisão, minha cara, em suas mãos hábeis.

Zak e Varsha nadavam para a ilha.

— Nunca vamos conseguir — gritou Varsha. — Achei que estava perto, mas parece que vai ficando cada vez mais distante.

— É porque estamos cansados — disse Zak. — Mas estamos indo bem. Continue nadando! Lá está a fogueira. Mantenha os olhos fixos nela. Vamos esperar pela próxima tripulação que vier.

— E se elas os atacarem também?

— O perigo acabou. Tire isso da cabeça.

— Mas o que elas fizeram com o comodoro Kuo? O que estão fazendo com ele...

— Para. Ele não iria querer que você ficasse pensando nisso. Lembre-se das aulas. *Zansbin* e coisa e tal. Precisamos ser fortes e direcionar a energia para chegar seguros em casa. É o que ele iria querer.

Varsha ouviu essas palavras e, enquanto olhava Zak nadar, pensou que ele talvez estivesse certo. Talvez os dois *conseguissem*.

Nesse momento, houve um estalo na água. Uma cabeça veio à tona a uns 2 metros deles. Uma cabeça de mulher. Depois outra, alguns metros do outro lado. Depois mais duas. E duas mais. Zak e Varsha se viram cercados por Angelika, Marianne e outras seis tripulantes do navio de Lady Lockwood.

— Olá de novo — disse Angelika com um sorriso. — Estão gostando de nadar?

— Deixem-nos em paz — respondeu Zak. — Esse foi o trato. O comodoro Kuo se sacrificou para que ficássemos livres.

— Só estamos nadando — disse Angelika.

— O oceano é público — acrescentou Marianne.

— Venha — disse Zak, empurrando Varsha. — Continue nadando.

Os dois alunos prosseguiram em direção à terra firme. A tripulação de Lady Lockwood continuou nadando, mantendo o ritmo, formando um círculo perfeito ao redor deles. Era quase como se estivessem protegendo os dois jovens.

— Não adianta — disse Varsha. — Não consigo, Zak.

Ela parou. Zak não tinha opção senão parar e estender a mão para a colega.

— Descanse os braços um momento — disse ele. — Mas continue

se mexendo.

As oito mulheres haviam parado com eles. De repente, começaram a nadar em volta de Zak e Varsha num círculo perfeito. Os rostos lindos sorriam. Talvez esse fosse algum jogo estranho, mas um jogo que não terminaria necessariamente em perigo. Zak se perguntou quanto tempo isso duraria. Suas pernas estavam ficando entorpecidas na água gélida. Podia sentir o resto das forças de Varsha se esvaindo.

De repente, Varsha espirrou. Depois de novo. E uma terceira vez.

As mulheres riram. Então, em uníssono, começaram a cantar e nadar girando e girando...

"Um anel de rosas
as flores mais formosas.
A-tchiim! A-tchiim!
Todos nós caímos no fim. "

Quando terminaram o último verso, elas riram e mergulharam, sumindo do campo de visão.

Zak foi tomado de surpresa. Ele e Varsha estavam sozinhos de novo. Havia acabado. A ilha estava a apenas uns 10 metros, talvez menos. Sentiu um novo jorro de adrenalina. Sorriu, tranquilizando Varsha.

— Venha. Agora não falta muito.

Mas, enquanto tentava nadar, Zak sentiu um par de mãos segurando seus dois tornozelos. Houve um breve momento de terror enquanto percebia o destino dele e de Varsha. Depois sentiu um puxão implacável para baixo e foi absolutamente incapaz de resistir.

Capítulo 20

Vencedores e perdedores

— Lá vêm eles! — A empolgação se espalhou como fogo na selva enquanto os primeiros esquifes que retornavam eram vistos entrando no porto da academia. — Quem é?

— O capitão Platonov! — exclamou Connor. — É isso aí, Jasmine!

— É melhor eles terem cuidado — disse Cheng Li. — Há outro esquife passando pelo arco. Deve ser o comodoro Kuo.

— Não — gritou Connor. — É o capitão Singh. E está se aproximando rápido de Platonov.

Outros dois esquifes se aproximavam do arco, com apenas um barco de distância entre eles.

— Não acredito! — disse Connor. — O capitão Solomos e o

capitão Moscardo ainda estão pescoço a pescoço depois de todo esse tempo.

Cheng Li baixou o binóculo e franziu a testa.

— Isso significa que o comodoro Kuo está em quinto lugar. É muito pouco para ele.

— Ele *não está* em quinto —gritou Connor, empolgado, apontando. — É a capitã Quivers cora Jacoby.

Enquanto ele falava, o esquife de Lisabeth Quivers passou pelo arco, aproveitando o vento de popa para reduzir a distância em relação aos esquifes à frente. As ondas no porto estavam iluminadas pelas últimas fogueiras de sinalização. Havia tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que era difícil saber para onde olhar. Outro esquife se aproximou do arco, mas certamente estava muito atrás dos anteriores para ser um competidor sério.

O capitão Platonov continuava na liderança, seguido de perto, a um barco de distância, pelo capitão Singh. Os capitães Solomos e Moscardo lutavam pelo terceiro lugar, mas a capitã Quivers se aproximava deles a cada segundo.

— Anda, Jasmine! Anda, Jacoby! — gritou Connor.

Ao redor, os alunos e convidados gritavam para seus amigos e favoritos. As ondas no porto estavam altas e revoltas. Uma delas jogara o esquife do capitão Moscardo no ar. Quando pousou, chocou-se contra o barco do capitão Solomos, antes de rodopiar de lado. A multidão ofegou. No último momento, os dois esquifes haviam sido tirados da corrida. Os arquirrivais tinham se neutralizado mutuamente.

A atenção da plateia se voltou para os principais competidores. Menos do que a distância de um barco separava Platonov de Singh e não havia mais do que meio barco entre Singh e Quivers. Connor estava rouco de tanto gritar, mas não conseguia parar.

— Vai, Jacoby! Vai, capitã Quivers!

Enquanto gritava, ficou deliciado ao ver o barco da capitã Quivers emparelhar com o do capitão Singh. Platonov ainda estava um barco à frente, enquanto os esquifes disparavam na parte final do porto e se aproximavam da linha de chegada.

— Anda! — Os gritos da multidão iam num crescendo.

Foi o capitão Platonov que atravessou a linha em primeiro lugar, meio barco à frente da capitã Quivers, com o capitão Singh, claramente chateado, em terceiro.

— Eles conseguiram! — gritou Connor empolgado. — Jasmine e Jacoby conseguiram!

— É — disse Cheng Li. — A capitã Quivers certamente acelerou tudo na última hora. Foi bem corajosa.

— Olha! — disse Connor. — Os dois barcos seguintes haviam passado pelo arco.

— Deixe-me ver! — Cheng Li ergueu o binóculo. — O capitão Grammont e o capitão van Amstel.

— Com isso, só faltam o capitão Avery e...

— O comodoro Kuo. É impensável o comodoro Kuo terminar em

nono ou décimo lugar! Há algo errado. Vou falar com o Platonov. Talvez ele saiba de alguma coisa.

— Também vou — disse Connor, não lhe dando a oportunidade de recusar.

Foram o mais rápido possível em meio à multidão em júbilo. Junto ao porto, as equipes vitoriosas estavam desembarcando dos esquifes. Connor viu Jasmine, sedenta, bebendo uma garrafa d'água. Correu até ela e levantou-a impulsivamente num abraço.

— Parabéns! — gritou. — Você venceu!

— Obrigada — disse ela. — Foi difícil lá fora, mas nós conseguimos.

Ao lado deles, o capitão Platonov estava se inclinando na direção de Cheng Li e balançando a cabeça.

— Não entendo — disse ele. — O comodoro Kuo liderou durante toda a ida. Chegou à ilha tão à nossa frente que nem o vimos quando ele deu a volta. Só presumi que ele venceria com 1,5 quilômetro de dianteira. Quando passamos pelo arco do porto, pensei que estávamos chegando em segundo lugar. Até que levantei a cabeça e vi os rostos na multidão e percebi que o esquife do comodoro Kuo ainda não estava aqui.

— Acha que ele está com problemas, capitão Platonov? — perguntou Cheng Li com a testa franzida e os olhos atentos.

Platonov balançou a cabeça.

— Não sei o que pensar. Vamos falar com Shivaji, ver o que ele tem a dizer. — O capitão Platonov puxou o capitão Singh.

— Parabéns, Pavel — disse o capitão Singh, conseguindo sorrir. — Você lutou bem, lá fora.

— Obrigado. Você foi um adversário valoroso. Mas olhe, Cheng Li e eu estamos falando do comodoro Kuo. Você não viu nenhum sinal dele ou do esquife dele, viu?

O capitão Singh balançou a cabeça.

— Não, o esquife de vocês era o único que tínhamos na mira durante toda a corrida. Até que a capitã Quivers nos ultrapassou, no final.

— Alguém falou meu nome? — A capitã Quivers, flanqueada por Jacoby e Bastian, juntou-se ao grupo. — Desculpe se tive de castigá-lo bem no final, Shivaji.

O capitão Singh franziu a testa.

— Capitã Quivers, quando e onde viu pela última vez o esquife do comodoro Kuo?

O rosto de Lisabeth Quivers ficou imediatamente sério.

— Ele não voltou? Não o vi desde o início da regata. Depois que passou pelo arco da academia, realmente não achei que teríamos chance de alcançá-lo.

— Há algo errado — disse Cheng Li outra vez. Seu rosto estava pálido.

Connor podia ver que os outros capitães haviam chegado à mesma conclusão. E a conversa se espalhara do grupo no cais até a arquibancada. Todo

mundo, fosse aluno da academia ou convidado, sabia que, para o comodoro Kuo chegar em último lugar, seu esquife devia ter tido algum problema fora do arco do porto.

Enquanto os capitães Grammont e van Amstel atravessavam a linha de chegada, com o capitão Avery velejando à distância de alguns barcos, os aplausos foram fracos. Para todo mundo, a corrida havia terminado. A pergunta realmente importante era: onde estava o comodoro Kuo e o que havia acontecido com ele?

— Por enquanto não é necessário pânico — disse o capitão Grammont, que, apesar de ter chegado em quarto lugar (com os capitães Moscardo e Solomos desclassificados), agora assumia naturalmente o comando como antigo substituto do comodoro Kuo.

— Precisamos mandar os batedores procurá-lo — disse o capitão Platonov em tom de urgência.

— Por que só os batedores? — perguntou Kristin Larsen.

— Todos nós deveríamos ir!

— Será mesmo necessário a ida de nós nove, além dos batedores, para formar uma equipe de busca? — perguntou o capitão Singh. — Provavelmente há uma explicação simples. Um mastro partido, quem sabe? — Suas palavras pareciam dirigidas à capitã Larsen, que franziu a testa e lhe deu as costas.

— É do comodoro Kuo que estamos falando — disse o capitão van Amstel. — Voto para *todos* nós irmos procurá-lo. Não vamos desperdiçar mais tempo discutindo.

— Estou inclinado a concordar — disse o capitão Avery.

— *Moi aussi* — assentiu o capitão Grammont. — O tempo é essencial.

— Eu gostaria de ir também — disse Cheng Li. — Se não for problema para vocês.

Os capitães se viraram para olhá-la, com os rostos subitamente congelados.

— Ah — disse a capitã Quivers. — Que coisa pavorosa de acontecer no dia da sua investidura!

— Ora, ora, Lisabeth — reagiu o capitão Grammont. — Não sabemos se aconteceu alguma coisa pavorosa.

A capitã Larsen pousou a mão nos ombros de Cheng Li.

— Mesmo assim, isso manchou os procedimentos. E sei, Cheng Li, que John não era simplesmente seu comandante, e sim um grande amigo.

— Por favor — disse o capitão Grammont —, não falem do John usando o tempo passado.

— É realmente necessário corrigir minha gramática nessa hora? — rosnou a capitã Larsen, não entendendo o argumento.

— Claro que você pode vir conosco, Cheng Li — disse o capitão Grammont. — Vamos levar as lanchas da academia.

— Esperem! — Quem falava agora era o capitão Platonov.

— Desculpem se discordo. Mas e se *houver* alguma coisa errada lá? Vamos levar a sério a ideia de que o comodoro Kuo *tenha* sido atacado. Acho que estamos cometendo um erro se todos nós formos correndo para o mar. E se houver uma trama para atacar a academia? Nesse caso, certamente estaríamos ajudando a quem bolou esse plano, ao retirar todos os principais capitães daqui.

Os outros ficaram chocados com suas palavras, mas o capitão Grammont assumiu o comando de novo.

— Como sempre, suas palavras são brutais, mas sábias, Pavel. Sugiro então que nos separemos. Eu, os capitães Larsen, Moscardo e Solomos vamos para o mar. Com Cheng Li, claro. O resto espere aqui.

— Não devemos simplesmente esperar — disse o capitão Platonov. — Se a academia corre perigo, precisamos retirar todos os alunos ou pelo menos nos preparar para um possível ataque.

— Acho que não precisamos retirar os alunos — respondeu o capitão Grammont. — Basta juntá-los na Rotunda e tentar controlar a ansiedade. Pavel, anuncie nossos planos às pessoas. — Ele olhou triste para Cheng Li antes de continuar: — E acho melhor mandarmos nossos convidados para casa.

O capitão Platonov prestou continência ao capitão Grammont. Depois, o grupo de capitães se dividiu para realizar o plano.

No fim das contas, foi a capitã Quivers quem fez o anúncio à multidão — seu nível de relacionamento pessoal era considerado um pouco mais afável do que o do capitão Platonov. Mesmo assim, o pânico e as especulações brotaram no público.

Em meio às conversas ansiosas, Connor procurou Jacoby e Jasmine.

— Não é horrível? — perguntou Jasmine.

Jacoby deu-lhe um abraço reconfortante.

— Pode ser que tudo ainda esteja bem, Jasmine. Pode haver mil explicações para isso. Mesmo que o comodoro Kuo tenha encontrado algum problema lá fora...

— E Varsha e Zak — disse Jasmine. — Parece que ninguém está falando neles.

— E — concordou Jacoby. — Mas eles são marinheiros fortes, fortes *de verdade*. O comodoro Kuo não os teria escolhido se não fossem, não é?

— O que você acha que aconteceu? — perguntou Connor.

Mas Jacoby apenas balançou a cabeça com tristeza.

— Não sei, cara. Não sei mesmo.

No fim, decidiu-se que faria mais sentido reunir os alunos no refeitório do que na Rotunda. O que havia começado como um dia de comemoração terminara como uma vigília. Os capitães que ficaram tentavam manter o ânimo dos alunos, mas a atmosfera geral era de luto e claustrofobia, enquanto uma tempestade tropical despencava.

Todo mundo ficou fazendo as mesmas perguntas, repetidas vezes.

O que você acha que aconteceu lá? Quando a equipe de busca vai voltar?

A cada vez que um dos capitães entrava no salão, havia um silêncio instantâneo preparado para um anúncio. Mas as notícias não chegavam e, à medida que os minutos, depois as horas, iam passando, a capitã Quivers teve de entrar em cena de novo para chamar a atenção de alunos e professores.

— É tarde — disse ela — e não há nada mais que possamos fazer aqui. A busca a Vasha, Zak e ao comodoro Kuo vai continuar durante a noite. Voltem aos dormitórios e tentem dormir um pouco. Fiquem com eles no coração. Rezem pelo retorno em segurança, talvez, mas tentem não ser dominados pelo medo. Falo em nome de todos os capitães quando digo que continuo confiante em que amanhã de manhã teremos boas notícias para vocês.

Os alunos foram para os dormitórios, exaustos dos acontecimentos do dia e da ansiedade constante.

Connor, Jasmine, Jacoby e Aamir desceram para o cais. O lugar estava molhado depois da tempestade breve, porém violenta. Ao redor deles, estavam o pódio e a arquibancada vazia, erguidos para a investidura de Cheng Li, agora totalmente encharcados. Ao luar, parecia uma cidade-fantasma. Mas os quatro pares de olhos estavam fechados para isso, toda a atenção focalizada no porto, esperando, mesmo contra todas as chances, que o grupo de busca voltasse com boas notícias a qualquer momento.

— Olhem — apontou Aamir. — Aí vem um dos barcos.

A empolgação era grande enquanto viam a lancha da academia passar pelo arco e voltar para o porto. A lancha estava cheia de luzes e sua chegada foi vista por outros alunos e funcionários que atravessavam os jardins. Eles mudaram de direção e desceram rapidamente para o cais outra vez.

A lancha trazia os capitães Rene Grammont, Kirsten Larsen, Francisco Moscardo, Apostolos Solomos e Cheng Li. Os rostos desanimados enquanto eles desciam ao cais contavam a história antes mesmo de abrirem a boca.

— Não há sinal deles — anunciou o capitão Grammont. — E está escuro demais para fazer uma busca eficaz. Os batedores estão acampando na ilha. Vamos renovar os esforços de manhã.

Connor olhou para Cheng Li. O rosto dela parecia vazio. Pensou em como estivera feliz e relaxada apenas algumas horas antes, durante a investidura. Agora tudo havia mudado.

— Não posso deixar de sentir o pior — disse ela, incapaz de manter uma fachada diante de Connor e dos outros.

Não havia nada que qualquer um pudesse dizer para reconfortá-la. O capitão Grammont pegou Cheng Li pelo braço e levou-a de volta morro acima. Connor refletiu que aquele não era, de jeito nenhum, o modo como o dia dela deveria ter acabado.

A manhã seguinte surgiu clara e quente, com o céu totalmente azul. Connor acordou cedo e, mesmo tendo dormido pouco, sentia-se cheio de energia e pronto para agir. Jacoby, que dormira na cama ao lado, estava roncando, morto

para o mundo. Mas, afinal de contas, Jacoby havia competido numa regata de duas horas no dia anterior, lembrou Connor, vestindo-se e saindo silenciosamente do quarto.

Enquanto atravessava o terreno da academia outra vez, notou uma figura diminuta parada no pódio junto ao cais. Era Cheng Li. Estava olhando para o mar.

— Está tudo arruinado — disse ela. — Hoje é meu primeiro dia como capitã, mas estou preocupada demais com o comodoro Kuo para pensar em qualquer coisa.

Connor assentiu, pensando em como ela parecia vulnerável, sozinha ali em cima. Ficou tentado a se aproximar e abraçá-la, mas, como sempre, achava difícil saber como agir com Cheng Li: ela podia passar de amiga vulnerável a comandante desdenhosa em segundos.

— Senhorita Li! Senhor Tormenta! — gritou o capitão Moscardo do terraço da academia. Estava chamando-os com entusiasmo.

— Depressa! — disse Cheng Li. — Ele deve ter alguma notícia. — Os dois correram morro acima.

O capitão Moscardo estava ofegante.

— Cheguei aqui o mais rápido que pude. Há um boato de que o comodoro Kuo voltou! Parece que está no escritório dele.

O rosto de Cheng Li se abriu num sorriso e Connor achou que aquilo era como o sol aparecendo entre as nuvens. Independentemente da frustração com a festa de investidura arruinada, ele sabia que a preocupação maior dela era com o velho amigo.

— Vamos! — disse ela, puxando Connor.

A porta do escritório do diretor estava escancarada e Francisco abriu caminho para deixar que Cheng Li e Connor entrassem primeiro.

Ao entrarem, viram que o capitão Grammont havia chegado antes. Estava parado diante da mesa do comodoro Kuo. Sua expressão não era de alegria, mas de choque total. Connor ficou confuso.

— Não entendo — disse Cheng Li, verbalizando os pensamentos de Connor. — O capitão Moscardo disse que o comodoro Kuo havia retornado. Que ele estava aqui no escritório...

— Isso mesmo, *até certo ponto* — respondeu o capitão Grammont. — Ele não sabia em que forma. Quero que vocês se preparem para um choque terrível.

Um choque? O que ele estava falando? Tudo ficou claro quando Grammont se afastou para o lado. Atrás, o comodoro Kuo estava mesmo sentado em sua cadeira, como sempre. Só... só que totalmente imóvel, com uma expressão vítrea nos olhos. E o corpo totalmente exangue.

— Sinto muito — disse o capitão Grammont, baixando a cabeça. — Gostaria de tê-los preparado melhor para isso.

Mas como alguma palavra poderia prepará-los para a visão horrenda, absurda, diante de seus olhos? O comodoro Kuo estava morto, disso não poderia haver dúvida. Mas estava vestido como em vida e fora arrumado numa pose como se vivesse, a mão estendida sobre a mesa, como se quisesse

lhes mostrar alguma coisa.

— O que é isso? — perguntou Cheng Li. — Ele está segurando algo.

— É uma carta de baralho — disse Connor.

— É — assentiu o capitão Grammont. — E é uma carta estranha. Está vendo? É a dama de copas, mas não é vermelha como deveria. É preta.

Capítulo 21

Luz da manhã

Era o quinto dia da viagem de volta à Baía Quarto Crescente. Grace estava no convés superior do *Noturno*. De certa forma, voltar ao próprio navio fora a coisa mais natural. Mas havia sido necessário algum ajuste para retornar sem o capitão. Grace só podia se agarrar à esperança dada por Mosh Zu, de que ele estava levando o tempo necessário para curar os ferimentos adequadamente. E, afinal de contas, ela estava vendo o navio com outros olhos depois de tudo que Sally havia contado e mostrado. Era estranho, mas maravilhoso, pensar que sua mãe estivera ali, no convés, compartilhando filtro solar com as amigas e ouvindo a música que saía de um violão. Agora Sally parecia muito frágil, mas Grace vira como ela era cheia de vida na época.

Encostando-se na amurada, pensou de novo na primeira vez em

que a mãe tinha visto o pai, sentado naquela pedra, com a toalha de listras vermelhas e brancas. Pensando na visão, de repente fez uma conexão nova. Tinha visto aquela toalha! Tivera-a nas mãos uma vez, quando limpava o armário de roupas de cama! O vermelho desbotar até ficar de um rosa pálido e as fibras tinham ficado quebradiças de idade e sal do mar. Separara-a para o lixo, mas, no momento em que seu pai a vira ali jogada, pegou-a com tanta ternura quanto se estivesse levantando um bebê. "Acho que essa toalha ainda tem um pouco de vida", dissera a Grace, piscando. Ela ficou olhando perplexa enquanto ele a dobrava com cuidado e a recolocava na prateleira, sem mais explicação. Agora fazia todo sentido.

Grace estava tão imersa em pensamentos que não percebeu o rapaz que corria pelo convés em sua direção. Enquanto passava correndo, ele escorregou numa poça de água do mar e trombou em Grace. Os dois caíram.

— Desculpe — disse o rapaz, ajudando Grace a se levantar. — Você se machucou?

— Não. Estou bem. Não se preocupe. A culpa foi minha, eu estava meio atordoada.

— Você parecia mesmo perdida em pensamentos. Em que estava pensando?

— É uma longa história.

— Meu tipo predileto!

Os olhos de Grace se viraram para olhar melhor o rapaz. Ele era bonito, com cabelo curto, olhos cinzentos e corpo magro.

— Você corre todo dia? — perguntou ela.

— Sem falta! Bom, eles gostam que a gente fique em forma.

— A gente?

— A gente, os doadores — esclareceu o rapaz.

— Então, você é doador?

Como minha mãe, pensou ela.

— Sou. Mas meu Vampirata abandonou o navio recentemente, com Sidório e os rebeldes. —Ele puxou a camiseta e revelou um ferimento profundo na parte de cima do peito. — Mas isso não o impediu de ficar meio maligno antes.

Grace franziu a testa.

— Parece um machucado feio.

O doador deu de ombros.

— Tudo bem. Vários doadores ficaram em situação pior do que eu. Disseram que vai curar bem depressa.

Grace teve outro pensamento.

— Se o seu Vampirata abandonou o navio, como você vai ficar? — Ela pensou em Shanti. — Não é perigoso ser doador sem um parceiro Vampirata?

O sujeito assentiu, mas deu um sorriso.

— Felizmente, já fui emparelhado com outro Vampirata. Dessa vez, tenho certeza que não vou ser machucado. Ele é um cara bem legal, chama-se Lorcan Furey.

— Lorcan! — exclamou Grace.

— Você o conhece?

Grace confirmou com a cabeça.

— Espere um minuto! — disse o doador. — Aposto que posso adivinhar quem *você é*. — Sem hesitar, ele exclamou: — É Grace, não é?

Ela ruborizou.

— Isso mesmo. Sou Grace. E quem é você?

— Ah, desculpe. — O doador estendeu a mão. — Meu nome é Oskar. É um prazer conhecê-la, Grace. Lorcan me falou bastante de você. — Ele sorriu. — Espero mesmo que sejamos amigos.

— Sim — disse Grace, pensando no relacionamento tenso com Shanti. — É, seria ótimo.

— Bom, o que você está fazendo agora? — perguntou Oskar. — Eu gostaria de conhecê-la melhor, e não há tempo melhor do que o presente!

Grace hesitou.

— O que há de errado? — perguntou Oskar. — Você precisa estar em outro lugar?

Grace tomou uma decisão instantânea. Afinal de contas, faltava um bocado para chegarem à baía e Sally ainda estava dormindo.

— Não, por enquanto não preciso estar em lugar algum. Mas preciso deixar uma coisa muito clara para você, Oskar: eu não corro!

Ele deu um riso caloroso.

— Tudo bem. Já percorri uma boa distância hoje. Vamos nos sentar e curtir a brisa! A manhã está gloriosa, não acha? Um dia para comemorar o fato de estarmos vivos!

Grace riu. A presença de Oskar era tão calorosa e energética quanto a luz da manhã. Exatamente o que ela necessitava.

Grace passou algumas horas muito agradáveis com Oskar. De fato, ele era uma companhia tão boa que, depois de apenas uma manhã, ela sentiu que o conhecia melhor do que conhecera Shanti.

Fiz um novo amigo, pensou com algum prazer. *E, melhor ainda, é um amigo que vai estar acordado de dia, de modo que não ficarei mais sozinha.* Mas, afinal de contas, pensou, ela sempre tivera a opção de socializar com os outros doadores a bordo do *Noturno*. Por que isso nunca lhe ocorrera até então? Era como se o fascínio pelos Vampiratas tivesse nublado seu raciocínio. Certamente, sua determinação de acompanhar o ritmo do dia dos Vampiratas tornara difícil funcionar tanto de dia quanto de noite. Mas talvez a coisa fosse mais profunda do que isso, pensou. Talvez bem no fundo, se tivesse uma chance de optar entre doadores e Vampiratas, ela sempre escolheria os Vampiratas, como Connor dissera.

Grace sacudiu a cabeça. Oskar estava olhando-a interrogativamente.

— O que você está pensando? — perguntou ele. Grace não sabia se estava pronta para contar, por isso mudou de assunto.

— É engraçado você ser o doador de Lorcan — disse ela.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Quero dizer, você ser um homem e ser doador de Lorcan — disse Grace, ruborizando. —Acho que só presumi que, porque Shanti era mulher, quem a substituísse também seria.

Oskar deu de ombros.

— Há um monte de Vampiratas emparelhados com doadores do mesmo sexo.

Ela assentiu. Agora que ele disse, lembrou-se de ter visto isso no Festim ao qual havia comparecido.

— Grace — disse Oskar. — Sei que você e Shanti não se davam bem. Lorcan me contou isso. Ele estava muito preocupado em encontrar um novo doador que se desse bem com você.

Grace ficou surpresa.

— Ele disse isso?

Oskar assentiu.

— Você é muito importante para ele, Grace. E ele não disse exatamente com essas palavras, mas não precisava. Os sentimentos que ele tem por você são tremendamente claros. — Oskar sorriu, — Grace, falei sério sobre sermos amigos. Lorcan é um cara ótimo e coisa e tal, mas, no fim das contas, eu sou apenas o SAS dele.

— "SAS"?

Oskar sorriu.

— Suprimento Ambulante de Sangue.

— Não — Grace balançou a cabeça. — Não se diminua.

Oskar sorriu.

— Tudo bem, Grace. Não tenho nenhuma ilusão. Sei qual é o meu lugar aqui. Tenho motivos para fazer isso e entendo o trato.

Grace olhou para Oskar.

— Por que está fazendo isso? Se não for uma pergunta pessoal demais. — Apesar de interessada em ouvir a resposta, ela também pensava nas motivações da mãe. A única coisa que deixara de conversar com Sally era sobre o que a levara ao navio, para começar.

— Tudo bem — respondeu Oskar, sorrindo. — Olha, Grace. Sou um cara legal, certo? E recebi esse bilhete dourado para a imortalidade. Em outras palavras, posso viajar pelo mundo e ficar jovem e lindo assim para sempre! — E piscou para ela.

Grace sorriu. Seu primeiro instinto era descartar os sentimentos dele como superficiais, mas talvez isso fosse prematuro. O mundo atual era um lugar difícil. Ela sabia alguma coisa sobre isso, por haver crescido com dificuldades até para comer, numa cidade do fim de mundo. Ela não havia ficado na sala da lâmpada do farol do pai, olhando as águas da baía e ansiando por uma fuga e aventuras? Em seu caso, a aventura viera ao seu encontro. Mas e se as coisas fossem diferentes? Talvez tivesse procurado isso de qualquer modo. Talvez até fizesse algum pacto, como Oskar, como Sally antes dele. Quem era ela para julgá-los? No fim das contas, quem *não* queria ficar jovem para sempre

e ter uma vida de empolgação e facilidades? De novo, pensou em Sally. Para ela, as coisas não tinham saído de acordo com a promessa. Mas por quê? Por que haviam dado errado? Teria sido por causa de seu pai? Ou de Sidório? Ou dos dois? Grace esperava que essa viagem lhe desse algumas respostas.

— Por que você está tão interessada no relacionamento entre Vampiratas e doadores? — perguntou Oskar. — Pensa em se tornar doadora também?

Grace balançou a cabeça, lembrando-se de quando se oferecera para ser doadora de Lorcan.

— Não, não estou pensando em virar doadora, mas minha mãe foi. Acho que só estou interessada em descobrir mais sobre como essa coisa funciona.

— Sua mãe? — perguntou Oskar, surpreso. — Sabe, pensei que você parecia meio familiar.

Grace riu de orelha a orelha.

— Você a conheceu! — Subitamente, as coisas se encaixaram. — Você é *Oskar!*

— É, Grace, eu já disse isso.

— Você toca violão. Tinha cabelo muito mais comprido, mas estou reconhecendo!

Ele balançou a cabeça, confuso.

— Está me reconhecendo? Agora não entendi.

— É complicado. Mas o nome da minha mãe é Sally. Ela era amiga de Shanti e de outra doadora chamada Teresa...

Oskar ficou olhando boquiaberto.

— Claro! Eu me lembro de Sally! E você é muito parecida com ela. Não sei como não fiz a ligação antes. Como ela está? *Onde* ela está?

— Aqui mesmo, no navio.

De novo, o rosto de Oskar traiu sua confusão.

— Você sabe sobre as almas que o capitão estava carregando? — perguntou Grace.

Ele assentiu, o rosto cheio de preocupação.

— Sempre me perguntei o que teria acontecido com ela. Ela está bem?

— Está, dentro do possível. Mas está fraca, muito fraca. — Grace fez uma pausa. — Provavelmente você já sabe, mas a maioria das outras almas que voltaram com ela se esvaiu. — Ela sentiu um nó na garganta. — Mas, mesmo frágil, mamãe está se segurando. Nós vamos voltar à Baía Quarto Crescente para visitar a sepultura do meu pai... de Dexter. — Ela fez uma pausa. — Ela pediu... acho que isso vai ajudá-la... — Era impossível manter a emoção longe da voz.

— Também me lembro do Dexter. — Oskar sorriu para Grace. — Um cara maravilhoso. Realmente genuíno. — Ele fez uma pausa. — Então, você vai levar Sally para casa?

Grace deu de ombros.

— Não é a casa dela. Ela nunca foi lá. Nem sei se ainda é *minha*

casa. E o lugar de onde eu vim, e tenho algumas boas lembranças. Mas agora não há ninguém lá, para mim. Papai morreu. Connor está no mar. Lá não existe uma vida para a qual eu possa voltar. — Ela se virou para ele, sentindo uma onda de pânico. — Oskar, acho que eu *não tenho* mais um lar.

Ele sorriu.

— Entendo como você está se sentindo. Já pensei a mesma coisa a meu respeito. Mas talvez o lar não seja um local. Talvez seja um sentimento que a gente tem, por dentro, de estar perto de pessoas que importam. Talvez seu lar seja aqui mesmo, a bordo deste navio.

Grace pensou nisso.

— É — disse finalmente, sentindo-se tranquilizada de súbito. — É, acho que pode ser verdade.

Durante um tempo, Grace e Oskar ficaram sentados juntos, num silêncio de companheirismo, olhando as ondas e levantando o rosto para a brisa suave e o sol quente.

Então Grace notou uma coisa adiante

— Oskar! — gritou ela, empolgada, saltando.

Ele riu e apertou o peito.

— Cuidado, Grace! Esse grito foi capaz de acordar os mortos.

— Desculpe — disse ela. — Desculpe, mas acho que estamos quase chegando. Olha, aquele é o farol! O meu farol! — Grace ficou surpresa ao sentir uma onda de emoção tão grande invadindo-a. Talvez a Baía Quarto Crescente fosse mais importante para ela do que havia pensado.

Um farol vermelho e branco estava se tornando visível no alto dos penhascos ao redor da próxima baía.

— Preciso ir chamar minha mãe! Tenho certeza de que ela gostaria de ver isso. Venha comigo. Depressa!

Eles correram pelo convés e entraram no labirinto de corredores internos. Grace estava sem fôlego quando bateu à porta de Sally.

— Mamãe! Está acordada? Posso entrar?

— Pode, pode! — gritou Sally de dentro, cheia de empolgação.

Quando entrou na cabine, Grace descobriu que a mãe não estava deitada na cama, como ela esperava. Estava sentada, totalmente vestida, numa cadeira perto da vigia, olhando para o mar. Virou-se para Grace e sorriu.

— Chegamos, não foi?

— É. Está vendo o farol?

Sally confirmou com a cabeça.

— Estou, querida. Estou, sim!

— A vista é bem melhor do convés — disse Oskar, enfiando o rosto bonito para dentro da porta.

— Oskar! — exclamou Sally, adorando vê-lo.

— Sally! — Ele se aproximou e beijou-a nas duas bochechas. — É maravilhoso vê-la depois de todo esse tempo. — Havia lágrimas nos olhos dele.

— Vejo que ainda é um artista sensível — disse Sally, balançando a cabeça com um sorriso. — Agora, se a visão é tão melhor lá de cima, por que nós três, idiotas, estamos parados aqui embaixo?

— Está certa! — respondeu Grace. — Vamos!

Chegaram ao convés no instante em que o *Noturno* passava pelo último afloramento rochoso entre eles e o destino.

Sally ficou boquiaberta quando a pequena cidade litorânea surgiu. Ela apertou a mão de Grace com força.

— Então é isso. É isso mesmo! Baía Quarto Crescente!

O *Tigre* ainda estava ancorado no porto da Academia dos Piratas, tendo adiado a viagem de batismo por causa da tragédia na Corrida dos Capitães. Connor, junto com o resto da tripulação, tinha um sentimento crescente de claustrofobia. O que eles poderiam fazer de bom ali? Sem dúvida, o que acontecera era terrível. Horrendo. Impossível ser expresso em palavras. Mas os piratas eram feitos para estar no mar, e não encalhados no porto da academia. O lugar tinha muitas lembranças ruins para Connor sentir-se ao menos confortável, mesmo antes da matança no dia da investidura de Cheng Li.

— Tormenta — ouviu alguém da tripulação gritar. — Connor Tormenta está por aí?

— Aqui! — gritou ele, pulando para ser visto com mais

facilidade.

— A capitã Li quer vê-lo — disse o pirata. — Nos aposentos dela. Imediatamente.

— Certo — respondeu Connor com um risinho. Será que alguma vez Cheng Li não esperava que suas ordens fossem cumpridas imediatamente?

Correu pelo convés e entrou no corredor que levava à cabine da capitã. Quando bateu à porta, ela foi escancarada.

— Connor — disse Cheng Li. — Por que demorou?

— O que há? — perguntou ele, depois lembrou-se de que provavelmente deveria se dirigir a ela com um pouco mais de formalidade, agora que ela era sua capitã e ele, um mero tenente da tripulação.

— Fomos convocados para uma reunião — anunciou Cheng Li.

— Certo. Onde? Quando?

— Na academia. Dentro de aproximadamente três minutos. Acha que pode chegar ao topo daquele morro nesse prazo?

— Claro! — ele riu. — Mas de que se trata?

— É coisa da Federação.

— Ah. — A empolgação de Connor sumiu. Seus encontros anteriores com a Federação haviam instigado pouco entusiasmo por ela. — Jacoby não deveria acompanhar você? Ele é o seu subcomandante. Sou um simples tenente.

— Tenho consciência dos postos dos meus tripulantes — respondeu Cheng Li bruscamente. — Em condições normais, Jacoby me acompanharia, mas por acaso ele está indo noutra expedição hoje.

— Então estou substituindo o substituto, não é? — perguntou Connor rindo. — Isso faz de mim o terceiro na linha de comando?

— Na verdade, seu comparecimento a essa reunião foi requisitado especificamente. Agora vamos indo. Não queremos que eles fiquem esperando.

As batidas dos passos de Cheng Li e Connor no piso de mármore alertaram a secretária do diretor quanto à presença deles. A senhorita Martingale levantou a cabeça e deu um sorriso débil para ambos. Seu rosto, notou Connor, estava riscado de lágrimas, que tinham feito a maquiagem escorrer. Enquanto se aproximavam da mesa, ela pegou um lenço de papel e enxugou o rosto.

— Olá, Frances — disse Cheng Li. — Como você está?

— Não muito bem. Foi um choque tremendo.

— É. Para todos nós. John Kuo era um homem excepcional, um pirata superlativo, um mentor insubstituível e um amigo maravilhoso.

Suas palavras eram destinadas a consolar, mas pareceram ter efeito oposto sobre a Srta. Martingale, que pegou os lenços de papel. Cheng Li esperou com paciência, depois continuou em voz baixa:

— Frances, desculpe trazer as coisas de volta aos negócios numa hora dessas, mas fomos chamados para uma reunião com a Federação.

— Sim — confirmou a Srta. Martingale. — É, me disseram para

esperar vocês. Vou olhar pela porta e ver se eles estão prontos.

Enquanto ela desaparecia, Connor perguntou a Cheng Li:

— Você sabe exatamente *quem* nós vamos ver?

— Não. — Cheng Li balançou a cabeça. — John era o membro mais importante da Federação com quem já tive contato. E ele era *muito* importante. Imagino que Rene Grammont o tenha substituído. — Ao ouvir os passos da Srta. Martingale que retornava, ela acrescentou: — Parece que vamos descobrir!

— Eles estão esperando vocês — anunciou a Srta. Martingale. — Se seguirem pelo corredor... bom, vocês conhecem o caminho para a... sala do diretor. — Ela parou, triste.

— Conhecemos — disse Cheng Li. — Não se preocupe. Sabemos o caminho! — Enquanto seguia com Connor logo atrás, ela se virou e murmurou: — Coitada. Ela era totalmente dedicada ao John. Bom, acho que todos nós éramos.

Connor assentiu, decidindo que definitivamente era um momento para guardar os pensamentos.

Cheng Li bateu à porta e, depois de uma pausa breve, ela foi aberta e o rosto familiar do capitão Rene Grammont os recebeu.

— Senhorita... Desculpe, *capitã* Li. E senhor Tormenta. Entrem.

Então, pensou Connor, parecia que Cheng Li havia adivinhado. Grammont havia substituído Kuo em seu papel na Federação. Bom, Connor gostava mais de Grammont. Ele exalava um ar mais confiável. Mesmo assim, pretendia ser cuidadoso e vigiar as costas o tempo todo.

— É bom vê-lo de novo, capitão — disse Cheng Li, enquanto ele a cumprimentava com um beijo. — Mesmo em circunstâncias tão desagradáveis.

— É — concordou o capitão Grammont, apertando a mão de Connor. — Diga, como o resto de sua tripulação está se saindo?

— Estão todos meio abalados — respondeu Cheng Li. — Mas prontos para zarpar. Acho que era isso que John e os outros alunos desejariam.

— Exatamente — concordou o capitão Grammont. — Bom, tenho certeza de que o *Tigre* não será detido aqui por muito mais tempo. Na verdade, acho que nós podemos ter notícias para você.

— Nós? — perguntou Cheng Li, levantando uma sobrancelha interrogativamente.

Em resposta, o capitão indicou uma figura que nem Cheng Li nem Connor tinham visto ao entrar na sala. Havia um homem de costas para eles, na sombra junto à porta dupla de vidro, atrás da mesa de Kuo. Então, ele se virou e examinou-os. Estava usando um uniforme azul-aço. Enquanto saía das sombras para a luz, era difícil determinar sua idade. O rosto era curiosamente sem rugas, mas tinha bigode e cavanhaque. Sobre o olho esquerdo, havia um tapa-olho. A pupila do olho direito era de um tom profundo de violeta.

— Capitã Li, jovem senhor Tormenta, gostaria de lhes apresentar o comodoro Ahab M. Black.

Connor soube que Cheng Li estava tão surpresa quanto ele, mas, como sempre, ela reagiu rapidamente.

— Comodoro Black. Como vai?

— Capitã Li — disse ele, apertando rigidamente a mão dela. — Ouvi coisas boas a seu respeito.

— Obrigada. Eu gostaria de poder devolver o elogio, mas infelizmente nunca ouvi o seu nome. O senhor é novo na Federação?

O comodoro Black olhou-a, mas não disse nada. Restou ao capitão Grammont dar um passo à frente e explicar:

— O comodoro Black era o superior de John na Federação dos Piratas. O fato de você não ter ouvido falar nele até agora resulta do desejo de anonimato por parte da Federação em seus níveis mais elevados.

O comodoro Black assentiu.

— É mais ou menos isso. Obrigado, Rene. — Ele não sorriu quando se dirigiu de novo ao idoso capitão. — Pode sair agora. A partir daqui, assumo sozinho.

Pela expressão do capitão Grammont, Connor percebeu que isso não estava previsto, mas, sempre diplomata, Grammont apenas sorriu e murmurou:

— Claro. — Em seguida, sorriu para Cheng Li e Connor. — Talvez eu dê um pulo no navio mais tarde — disse ele. — Será que poderíamos tomar um chá?

Cheng Li assentiu.

— Eu gostaria.

Então, o capitão Grammont e o comodoro Black trocaram saudações e Grammont saiu da sala. Ahab Black, que, na opinião de Connor, parecia ainda menos versado nas questões básicas da interação humana do que Cheng Li, virou-se de novo e foi na direção da janela.

— Devemos nos sentar? — perguntou Cheng Li, levantando os olhos, exasperada. Connor tentou não rir.

— Sentem-se ou fiquem de pé — disse o comodoro Black. — Isso não vai demorar.

— Muito bem — respondeu Cheng Li, sentando-se numa das duas poltronas de couro viradas para a antiga mesa do comodoro Kuo, e sinalizando para Connor ocupar a outra.

— Os tempos estão mudando. E depressa — anunciou Ahab Black em seu tom monótono e cada vez mais irritante.

— Evidentemente — concordou Cheng Li.

De repente, Ahab Black girou, com o único olho visível fixando os dois.

— A Federação tem uma missão para vocês. Já há algum tempo sabemos da existência de um navio de vampiros piratas, ou “Vampiratas”. Creio que vocês dois têm conhecimento desse fenômeno, não?

— Sim — admitiu Connor.

— Já ouvi falar — respondeu Cheng Li, indo aos poucos. Connor se lembrava nitidamente de ela ter dito, em termos explícitos, que o tal navio

não poderia existir. Era um crédito para ela ser capaz de mudar de posição com tão pouco esforço.

— No geral, os Vampiratas nos causaram poucos problemas nos últimos tempos — continuou Ahab Black. — Um ou outro incidente ocasional, talvez, mas nada difícil de conter. De nossa parte, adotamos a política de tolerância discreta. Para usar uma frase feita, tapamos os olhos para isso.

Talvez fosse uma expressão infeliz, quando escolhida por uma pessoa que usava tapa-olho, refletiu Connor.

— Tudo mudou! — O olho bom de Ahab Black chamejou e sua voz pingou veneno. — O ataque ao comodoro Kuo e sua jovem tripulação foi uma afronta direta à autoridade da Federação dos Piratas.

— E o senhor acha que os *Vampiratas* foram responsáveis? — perguntou Cheng Li.

— Afirmativo. Foi um tiro direto destinado a nos ferir em alto nível. Bom, nós recebemos o recado e vamos dar uma resposta.

O comodoro havia atraído toda a atenção de Cheng Li e Connor.

— O tempo de tolerância discreta acabou. Daqui em diante, a Federação vai exercer uma política de agressão direta contra os Vampiratas. Vamos extirpar esse flagelo de nossos mares e eliminar a ameaça a esta e às futuras gerações de piratas. — Ele baixou o punho com força sobre a mesa. — Vamos purificar os oceanos.

— E qual será nosso papel nisso? — perguntou Cheng Li.

— Vocês estarão na linha de frente para exercer essa política. O *Tigre* será o primeiro navio de assassinos especializados em Vampiratas. E sua primeira missão é eliminar o assassino de John Kuo e dos estudantes.

— Tenho uma pergunta — disse Connor.

— Eu também. — Cheng Li falou por cima dele. Seus olhos já estavam brilhando de empolgação. — Que nível de apoio temos para essa iniciativa?

— De alto nível — anunciou Black. — Tudo que precisar, você terá. Você já tem uma tripulação de elite. Se quiser acrescentar mais pessoal, sem problema...

— Orçamento? — perguntou Cheng Li.

— Aberto — respondeu Black. — Tudo que for necessário para realizar o trabalho.

— Vamos precisar de espadas novas — disse Cheng Li.

Connor pensou nas caixas de espadas que haviam trazido recentemente da oficina do mestre Yin. Até agora, as armas só haviam sido usadas para treinamento de combate.

— Agora vamos lutar contra Vampiratas — disse Cheng Li, como se lesse seus pensamentos. — Vamos precisar de armas novas e teremos de pesquisar armas e estratégias de ataque.

— Concordo — assentiu Black. — Nós pensamos de modo igual, capitã Li. Posso ver que você é de fato a capita certa para esse trabalho. — Ele sorriu finalmente. — Você mencionou pesquisa. Podemos ajudar nesse sentido. — Ele foi para o outro lado da mesa. Abrindo uma gaveta, pegou um octógono

de mosaico e entregou a Cheng Li.

— Esse quebra-cabeça é a chave para um depósito escondido. O depósito contém vários arquivos secretos com nossa pesquisa sobre os Vampiratas até hoje. Acho que você, em particular, vai achar isso muito esclarecedor — disse ele, rindo para Cheng Li. — Está escondido sob o piso da Rotunda.

Cheng Li assentiu, virando o estranho octógono de mosaico.

— E pensar que o depósito estava aqui, bem debaixo de nossos narizes, o tempo todo! — Ela olhou para Ahab Black. — Então, a Federação está de olho nos Vampiratas há um bom tempo? — perguntou ela, claramente intrigada.

— Afirmativo. Como eu disse, estamos com eles na mira há um bom tempo. E viemos correndo juntos muito bem. Mas agora eles atravessaram um limite. É hora de lembrar a eles quem comanda os oceanos.

Connor sentiu um enjoo. Tinha de dizer alguma coisa.

— Esperem! — começou. A fala saiu mais forte do que ele pretendera, e conseguiu capturar a atenção de Cheng Li e de Ahab Black.

— Desculpe — disse. — Não queria ser desrespeitoso. Mas eu já tive algum contato com os Vampiratas.

— É — concordou Black. — Por isso eu o chamei. Você comandou o ataque anterior. Segundo minhas fontes, foi um tremendo herói. Você queimou o navio deles e os derrotou.

— Não foi tão simples assim. Nós destruímos alguns deles. Mas não todos. O principal, Sidório, sobreviveu.

— Tudo bem — disse Black. — Chamemos isso de dificuldade inicial. Uma parábola para aprendizado. Mas, a partir deste ponto, estamos esperando um resultado de cem por cento nos ataques.

— Mesmo que possamos encontrar modos... — começou Connor.

— Vocês encontrarão modos — disse Black. — Disso, não tenho dúvidas.

— Mesmo assim — insistiu Connor. — Nem todos os Vampiratas são tão brutais. Há uma tripulação desgarrada, sim. Mas é a exceção à regra. Os outros, bom, o senhor mesmo disse, vocês compartilharam os mares com eles durante muito tempo.

Ele estava suando, consciente demais do tamanho dos riscos. Pensou em Grace, sem saber exatamente onde ela estava, mas com certeza de que estava com os Vampiratas. E pensou no capitão Vampirata, naquele encontro na taverna de Madame Chaleira, quando ele dissera para atacar os rebeldes Vampiratas com fogo. Dera certo. Talvez não cem por cento, mas havia funcionado. E lembrava-se de outra coisa. Da estranha sensação que tivera ao apertar a mão do capitão: que, de algum modo, ele havia segurado aquela mão antes; que, em algum nível, ele também possuía uma conexão com os Vampiratas.

A voz de Ahab Black o trouxe de volta ao presente.

— Ouvi o que você disse, Tormenta, mas, como já falei, nós mudamos a política. A Federação decidiu.

— O negócio é o seguinte — tentou Connor pela última vez. — Nem todos os Vampiratas são Vampiratas maus... — As palavras o surpreenderam. Então, Grace o *havia* convencido. Mal podia acreditar, mas agora sabia que ela estava certa. Não que a Federação dos Piratas fosse concordar com eles.

— É melhor guardar esse tipo de pensamento, amigo — rosnou Black. — Na verdade, é melhor você erradicar esses pensamentos da cabeça. Você é um jovem pirata que recebeu uma missão importante. E, enquanto estiver na folha de pagamento da Federação dos Piratas, para você, o único Vampirata bom é um Vampirata morto. Todos devem ser eliminados, a começar pelo chefão. O que assassinou John Kuo e os estudantes, *seus colegas,* aqui na academia.

Connor poderia argumentar que nunca fora realmente aluno da academia, mas dava para ver que não existia sentido nisso. Como Black havia observado, ele era um jovem pirata que, contra todas as chances, já fora liberado do comando de um capitão. Agora estava no início de um novo emprego — que ele havia procurado vigorosamente — e recebendo uma missão da própria Federação dos Piratas. Deveria estar orgulhoso e empolgado.

Em vez disso, sentia-se totalmente enjoado. Deveria haver um modo de resolver isso, pensou. E se ajudasse Cheng Li a implementar a missão da Federação e se livrar dos Vampiratas rebeldes? Isso lhe garantiria mais tempo — e influência para convencer a Federação de que havia bons Vampiratas, como o capitão e Lorcan Furey. É, e isso também lhe daria tempo para convencer Grace de que ela precisava se separar dos Vampiratas de uma vez por todas. Poderia fazer com que isso desse certo. Só precisava de algum tempo.

— Tenho uma pergunta para você — disse o comodoro Black. Agora estava olhando para Connor, e não para Cheng Li. — Você sabe qual Vampirata matou John e os estudantes, aqui na Academia dos Piratas?

— Imagino. Eu diria que foi Sidório. Nenhum dos outros... Bom, tenho certeza de que foi Sidório.

— Bom — respondeu Black. — Então, vocês têm seu primeiro alvo. Acabem com esse tal de Sidório e vamos prosseguir a partir daí.

— Não vamos desapontá-lo — disse Cheng Li, ansiosa para reafirmar seu papel na missão.

— Espero que não, capitã Li. Diga do que precisa e faremos chegar a você.

— E eu farei contato com o senhor aqui ou no quartel-general da Federação?

Black riu de novo.

— Vamos nos manter em contato, capitã Li. Com relação a isso, não tema. Isso é importante demais para que a Federação aja de qualquer outro modo. Tenha sucesso nessa missão e sua ascensão meteórica estará garantida. Fracasse e... bom, o fracasso não é uma opção.

— Fracasso não é uma palavra que conste no meu vocabulário — disse Cheng Li com um sorriso.

Sem dizer nada, Ahab Black foi até a janela, de novo dando as costas e os ombros largos para eles.

Connor e Cheng Li ficaram sentados, sem saber o que fazer em seguida. Por fim, Black olhou para eles por cima do ombro e coçou o cavanhaque, irritado.

— O que ainda estão fazendo aqui? Essa reunião já terminou.

Capítulo 23

O banho de sangue de Lady Lola

A mudança de guarda era questão de rotina a bordo do *Errante*, e foi assim que à meia-noite em ponto Marianne e Angelika saíram ao convés superior para assumir o turno de vigia. Trocaram o mínimo de amenidades com Jessamy e Camille antes que as outras duas, entregando as lanternas e os deveres, desceram do convés.

— Bombordo ou estibordo? — perguntou Marianne à colega.

Angelika pensou um momento.

— Você fica a bombordo, eu fico a estibordo.

Marianne assentiu e se encaminhou para o lado esquerdo da embarcação. Enquanto isso, Angelika ia para a direita. Suas lanternas balançavam à brisa como vaga-lumes.

— Angelika! — O grito lancinante e súbito da colega fez Angelika se virar instantaneamente e retornar. Chegou a tempo de ver um homem grande e corpulento pular por cima da amurada. Ele pousou no convés com um ruído surdo. Ainda que certamente tivesse vindo da água, suas roupas e o cabelo curtíssimo estavam totalmente secos.

— Alto lá, estranho! — gritou Marianne. Sua lanterna iluminou o riso largo do sujeito e os dois incisivos dourados. — Quem é você? De onde veio?

— Pode parar com o teatro — disse ele. — Vocês sabem muito bem que eu sou Sidório, rei dos Vampiratas. Agora me levem à sua capitã.

Marianne e Angelika trocaram um olhar, depois se viraram de volta para o intruso.

— Você não pode ver a capitã agora — respondeu Marianne. — Ela está ocupada.

Sidório deu de ombros.

— Eu espero.

Angelika franziu a testa.

— Lady Lola nos deu instruções claras. Ela não está esperando por você, está?

Sidório riu.

— Só porque não está me esperando não quer dizer que não queira me ver.

— Está meio cedo para reuniões sociais — disse Marianne educadamente, mas com firmeza. — Talvez você queira deixar um cartão de visita e nós daremos o recado...

Decidindo não perder mais tempo, Sidório simplesmente passou por elas e foi em direção à escada.

— Ultrajante! — reclamou Marianne.

— Volte! — gritou Angelika.

Mas Sidório não obedeceu. Em vez disso, desceu e foi andando pelo corredor, empurrando portas e provocando gritos ansiosos do lado de dentro. Membros da tripulação de Lady Lockwood enfiavam a cabeça no corredor, interrogativamente.

— O que está acontecendo? — perguntou uma.

— Quem é ele? — gritou outra. Normalmente, os homens eram proibidos de entrar no *Errante*.

— O nome dele é Sidório — gritou Marianne, correndo atrás dele.

— Disse que veio ver a capitã — acrescentou Angelika.

Diante disso, uma voz alta, afiada como cristal, cortou o ar.

— Quem diz que está aqui para me ver?

Marianne e Angelika abriram a boca simultaneamente, mas foi uma voz mais profunda que ressoou pelo ar, em resposta:

— Sidório, rei dos Vampiratas!

Por fim, ele parou de andar, diante de um par de portas douradas no final do corredor.

De trás da porta, veio um riso alto.

— Que surpresa adorável! Bem-vindo ao *Errante*, Sidório! Só um

momento, estou meio despreparada.

A voz manteve Sidório imobilizado, o que deu a Marianne e Angelika a chance de finalmente alcançá-lo. Depois que se passou cerca de um minuto, a porta dupla se abriu.

— Entre! — gritou Lady Lockwood, de dentro.

Sidório entrou na cabine escura, o nariz se franzindo com o cheiro inebriante que havia lá dentro. Não havia lampião, apenas velas — centenas de velas. Tinham cheiro de flores. Não era um cheiro ao qual ele estivesse acostumado ou do qual gostasse particularmente.

— Desculpe, capitã — disse Angelika, acompanhando Sidório.

— Nós tentamos detê-lo — acrescentou Marianne. — Mas ele foi *muito* insistente.

— Tudo bem — respondeu Lady Lockwood, saindo da escuridão. — Eu assumo a partir daqui. — Ela sorriu para as auxiliares, depois direcionou o foco para o estranho. — Sidório — disse levantando a mão. — Você cumpre a palavra. Nós nos encontramos de novo.

— É. Vim agradecer pelos presentinhos. Suponho que *você* seja a Vinícola Coração Negro, não?

— A própria. Não quer entrar? Está meio frio aqui no corredor.

Foi então que Sidório notou que Lady Lockwood vestia apenas um roupão de seda. Sentindo que ele estava pouco à vontade, ela sorriu.

— Você deve perdoar meu *déshabillé*. Não esperava visita e você chegou na hora do meu banho.

Ela fez um gesto para a banheira no canto do aposento. Estava cheia de água cor-de-rosa. Ou, na verdade, *não* era água. De novo, Sidório franziu o nariz. Um cheiro familiar atravessou o aroma floral das velas acesas.

— É — assentiu Lady Lockwood. — É sangue. Eu me banho nele toda noite. De que outro modo você acha que mantenho uma pele tão rosada esse tempo todo? — Ela pôs a mão no braço dele. — Mas, pelo amor dos céus, não conte a ninguém. Uma mulher precisa guardar um ou dois segredinhos!

Sidório sorriu, meio sem jeito.

— O... bem... o vinho... estava muito gostoso — disse, agora um tanto perplexo.

— Isso mesmo! Mandei algumas garrafas de nossas safras mais recentes, não foi? Achei que você gostaria, depois de nosso pequeno entrevero. — Ela sorriu de novo. — Bom, não vamos fazer cerimônia. Não quer se sentar?

Ela estendeu a mão e guiou-o até um par de cadeiras de prata, parecendo tronos. Quando ele se sentou, ela pegou uma jarra de cristal e serviu o líquido em duas taças também de cristal. Pôs uma na mesa diante de Sidório e pegou a outra com a mão delicada.

— Deveríamos fazer um brinde, não acha? — disse ela.

Sidório deu de ombros, farejando o líquido que havia recebido.

— Não se preocupe, senhor. Esta é uma das nossas melhores misturas. Jovem e frutado. Bom, a que vamos brindar? À amizade? Não, isso é meio sem graça, nas atuais circunstâncias. À grandeza? Não, acho que já abordamos isso não é? Já sei! — Ela ergueu a taça até encostar na dele. — A

eternidade!

Ela levantou a taça e tomou um gole.

— À eternidade — murmurou Sidório. Em seguida, pegou a taça e tomou o conteúdo de uma vez só. Lambeu os lábios.

— Ora, ora — sorriu Lady Lockwood. — Que garoto sedento! Bom, há mais no lugar de onde este veio, mas talvez você queira saborear por um pouco mais de tempo desta vez. — Ela pegou a jarra e encheu de novo a taça dele. — Quer um docinho? — Ela apresentou a Sidório um prato com o que pareciam pequenas bolotas de gelatina vermelho-escura salpicadas com açúcar cristal.

— Sou um Vampirata — disse ele, um tanto desnecessariamente naquelas circunstâncias. — Não preciso de comida.

— Não se trata de *precisar*, senhor. Isso são apenas agrados. E nós precisamos de agrados de vez em quando. Experimente um. Garanto que são deliciosos.

Um tanto cautelosamente, Sidório pegou com os dedos um dos pedaços de gelatina e pôs na boca.

— Gosta? — perguntou Lady Lockwood, arqueando uma sobrancelha.

Ele assentiu, já estendendo a mão para um segundo.

— Isso, pegue outra — disse ela. — Na minha experiência, uma gelatina de sangue nunca basta. — Ela deu um risinho, depois acrescentou quase casualmente: — Soube das últimas fofocas? A morte do diretor e de seus pequenos piratas na Academia dos Piratas? Um negócio terrível.

Sidório se deu conta no momento em que pegava outro pedaço de gelatina.

— *Você* os matou, não foi?

Lady Lola riu, levantando as palmas das mãos.

— Assumo a culpa. O que posso dizer? Eu estava meio entediada. Francamente, sou um perigo para mim mesma quando estou entediada. E para todo mundo em volta. — Ela deu um sorriso luminoso para Sidório. — Mas agora a Academia dos Piratas está toda agitada e temo que eles estejam considerando que *você é* o vilão. Segundo os boatos, estão montando uma força de elite de caçadores de recompensa para procurar você.

— Deixe que eles tentem!

— Esse é o espírito! Bom, adoro saber que você está aceitando isso com tranquilidade. É muito esportivo da sua parte, devo dizer.

— Esportivo? — Sidório ficou perplexo.

—Você aceitar a culpa de meus delitos, quando parece que não fui detectada pelo radar, por assim dizer.

Sidório deu de ombros.

— Os mortais e as suas preocupações pífias não me interessam.

— É isso mesmo, é isso mesmo. — Lady Lockwood sorriu. — Essa é a minha filosofia. Se você tem menos de 150 anos, o que poderia dizer por si mesmo? Infelizmente, hoje em dia se dá ênfase demais à juventude.

Sidório riu.

— Gosto de você — disse ele. — Gosto de como você fala.

— Você é um doce. Fico *muito* feliz por você ter vindo esta noite. Vamos tentar nos ver um pouco mais, apesar de nossas agendas lotadas. — Ela ergueu a taça aos lábios e tomou um gole. Seus olhos escuros brilharam à luz das velas.

Sidório olhou para a banheira, cheia até a borda com o conteúdo glutinoso.

— Preciso ir — disse. — Seu banho está esfriando.

— Ah, dane-se o banho! — exclamou Lady Lockwood.

— Não me divirto tanto assim há décadas. Além disso, o sangue mantém a temperatura durante horas. Agora conte *tudo* sobre você. Estou louca para saber cada detalhe.

Sidório sorriu.

— Bom, eu sou dos tempos romanos — começou. — Já ouviu falar de César, Júlio César?

— Pode apostar que sim, querido. Pode apostar. — Ela riu de orelha a orelha. — E imagino que *você* tenha ouvido falar de Cleópatra?

Ele assentiu.

— Bom, então — disse Lady Lockwood, sorrindo de novo. — Tenho a sensação de que vamos nos dar tremendamente bem.

— Capitã, o que é exatamente essa coisa que o comodoro Black lhe deu? — perguntou Jacoby a Cheng Li. — Uma espécie de quebra-cabeça?

Marchando rapidamente para a Rotunda, flanqueada pelos membros mais jovens de sua tripulação, Cheng Li balançou a cabeça.

— É a chave para um depósito secreto. A porta fica em algum ponto do piso da Rotunda. Imagino que embaixo do mosaico do polvo.

— Não se parece com nenhum tipo de chave que eu já tenha visto — disse Jacoby. — E nunca ouvi falar nada sobre uma porta secreta.

— Claro que não ouviu! E se *você* soubesse, não seria secreta, não é?

— Por que o comodoro Black não deu instruções completas? —

perguntou Connor.

— Ou ele não sabe onde fica a porta — disse Cheng Li — ou está nos testando.

— Quer dizer — perguntou Jasmine — que, se descobrirmos como usar a chave, ele confiará que estamos prontos para a próxima parte da tarefa?

Connor balançou a cabeça.

— Esse não parece um momento para jogos, quando temos três assassinatos para resolver.

Mas Cheng Li assentiu para Jasmine.

— Às vezes, a Federação age de modo misterioso — falou.

— Posso dar uma olhada na chave, capitã? — pediu Jasmine.

Cheng Li assentiu e jogou o octógono de mosaico no ar. Jasmine pegou-o habilmente. Enquanto ia andando, começou a girá-lo, mudando o alinhamento das faces.

— Já ouviram falar do cubo de Rubik? — perguntou.

Jacoby olhou-a com ar vazio.

— *Você* é a princesa dos quebra-cabeças. — Em seguida, virou-se para Connor e Cheng Li. — Jasmine adora algo para provocar o cérebro — disse rindo. — É o segredo que está no coração de nosso relacionamento!

As mãos de Jasmine estavam movendo furiosamente as partes móveis do octógono.

— Ele é feito de peças que se interconectam — explicou. — É projetado para ser movido.

— Mas, se é uma chave, Jasmine — protestou Jacoby, — você não deveria ter deixado como encontrou? Do jeito como o comodoro Black entregou à capitã Li?

Sem perder o ritmo, Jasmine executou uma sequência de movimentos.

— Pronto! — disse, devolvendo a chave a Cheng Li. — Novo em folha.

Cheng Li, Connor, Jacoby e Jasmine chegaram à Rotunda que, em muitos sentidos, era o coração da Academia dos Piratas. Cada um deles tinha lembranças fortes daquela sala. Cheng Li, Jacoby e Jasmine haviam se reunido ali muitas vezes em seus anos como alunos da academia — assistindo às aulas dos capitães, ouvindo histórias empolgantes sobre seus antecessores piratas. Connor só estivera na sala um punhado de vezes, cada uma delas como convidado da academia. Para ele, a característica dominante era o emaranhado de espadas em caixas de vidro penduradas na cúpula central. Enquanto entrava com os outros, seus olhos foram atraídos de novo, como se magneticamente, para as espadas nas caixas.

Quando entrara ali pela primeira vez, uma espada, acima de todas as outras, atraíra seu olhar — a Lâmina de Toledo, pertencente ao comodoro Kuo. Agora a espada estava obviamente faltando e o comodoro Kuo, durante tanto tempo a presença dominante na Academia dos Piratas, estava morto. Independentemente dos sentimentos pessoais de Connor com relação ao

comodoro Kuo, seu assassinato era um choque profundo; e o *modo* de agir do assassino era um choque ainda maior. Um abalo sísmico estava acontecendo no universo dos piratas e Connor parecia ter sido apanhado bem no epicentro.

— Certo — disse Cheng Li. — Vamos olhar de novo esse piso de mosaico.

Connor não havia observado com detalhes o mosaico, antes, devido à sua preocupação com as espadas. Mas notou agora, enquanto ia até Cheng Li. Ficava diretamente sob o centro da cúpula e das espadas acima. A borda do mosaico era um largo círculo de ladrilhos azuis. Cada ladrilho parecia ser de um tom diferente, talvez refletindo as cores mutáveis do oceano. Dentro dessa esfera, ficava a representação intricada de um grande polvo. Seus olhos de lápis-lazúli pareciam quase estar olhando para Connor. Uma visão de Molucco Wrathe relampejou em sua mente. Afastou-a, indo do olhar hipnótico do polvo para os oito tentáculos poderosos que se estendiam cheios de cobiça para as bordas do círculo.

Cheng Li girou a chave "octogonal" nas mãos.

— É um quebra-cabeça mesmo — disse. — Parece que pode ser uma peça que falta no mosaico...

— Mas não falta nenhuma peça! — exclamou Jacoby.

— É — assentiu Cheng Li. — Eu tinha notado.

Connor se agachou no chão para olhar melhor. Passou os dedos nos ladrilhos do mosaico. Os outros estavam certos. Não havia peças faltando. Era um mistério. Começou a se levantar de novo. Jacoby passou por ele e Connor perdeu o equilíbrio momentaneamente. Ao estender a mão para o chão, querendo se firmar, aconteceu algo estranho. O chão se moveu. Ou melhor, o mosaico se mexeu. Só um pouquinho, mas o bastante para Connor ver que não tinha imaginado.

— Desculpa, cara — disse Jacoby.

Connor balançou a cabeça.

— Não esquenta. — Agora que estava firme de pé outra vez, estendeu a mão e apertou um dos lados do mosaico. — Olhem! — disse empolgado. — O mosaico gira. Aqui, me deem a mão! O mosaico era grande demais para Connor virar sozinho, mas, com a ajuda dos outros, ele completou uma rotação de cento e oitenta graus, revelando uma segunda face, embaixo.

— Não pode estar certo — disse Jacoby. — Olha, não tem nenhum desenho deste lado. Só uma confusão de diferentes...

— *Está* certo! — interrompeu Jasmine. — Olha, há um espaço! Deve ser para a chave. — Ela olhou para Cheng Li. — Capitã, quer colocar?

Mas Cheng Li sorriu e estendeu o octógono para Jasmine.

— Faça as honras, tenente Pavão.

Os outros ficaram olhando com a respiração presa enquanto Jasmine inseria o octógono no espaço. Ele se encaixou com um estalo significativo. Quando isso aconteceu, as centenas de ladrilhos que formavam o mosaico começaram a se virar.

— É isso aí, Jasmine! — gritou Jacoby.

Todos ficaram olhando enquanto os ladrilhos finalmente se

acomodavam. Agora estavam olhando a mesma imagem do polvo que tinham visualizado de cima. A chave estava localizada no centro do olho direito do polvo.

— E agora? — perguntou Connor.

Jacoby deu de ombros.

— Devo admitir que estou meio espantado. — Ele se virou para Cheng Li, que estava olhando atentamente para o mosaico, em busca de mais uma pista.

— Acho que a chave não está configurada do modo certo — disse Jasmine, estendendo a mão e extraindo o octógono. Pegou-o de novo e começou a girar as faces. — Assim está melhor! Estão vendo como os quadrados de cor funcionam melhor agora? Os tons de azul fazem uma sequência perfeita do claro para o escuro.

— Lindo, Jasmine — declarou Jacoby. — Mas vai *funcionar*?

— Vamos ver, não é? —Jasmine encaixou a chave de novo no espaço, devolvendo o olho ao polvo.

De repente, os ladrilhos do mosaico começaram a se virar de novo. Outra vez, os quatro piratas ficaram olhando.

— Acha que ele só está voltando ao que era antes? — perguntou Jacoby.

— Não — disse Connor balançando a cabeça. — É o mesmo polvo que havia do outro lado!

— Não exatamente — observou Cheng Li. — Olhem os tentáculos. Antes eles se estendiam até a borda do mosaico, como uma estrela. Agora estão em pares, cruzando uns por cima dos outros.

— Isso mesmo! — disse Jasmine empolgada. De fato, todo o mosaico começou a afundar lentamente sob o piso da rotunda.

— O que estamos esperando? — exclamou Jacoby, pulando na plataforma e puxando Jasmine. — Jasmine, você é um gênio.

— Bom trabalho, tenente — disse Cheng Li com um sorriso, enquanto ela e Connor se juntavam aos outros na plataforma que se movia. À medida que a plataforma baixava, subiu uma poeira em volta deles.

— Pelo jeito ninguém fazia essa jornada havia um bom tempo.

Em instantes, a cabeça dos piratas estava no mesmo nível do piso. Os quatro se pegaram rodeados por oito barras de ferro, o que fez com que se sentissem numa jaula, mas, mesmo assim, garantia uma descida suave e constante.

Por fim, a plataforma do mosaico parou.

— Parece que chegamos — disse Cheng Li, passando entre as barras e saindo na escuridão, para explorar.

Levou alguns instantes até que os olhos se acostumassem à escuridão enquanto eles saíam da plataforma. Jacoby foi o último a sair. Quando ele fez isso, o elevador improvisado começou a se mover com um zumbido, subindo outra vez.

—Ei — disse Jacoby. — O pódio está se mexendo.

— Claro — respondeu Jasmine. — Tem de ser, de modo que, se

alguém entrar na Rotunda, não vai notar nada diferente.

— Entendi — disse Jacoby. — Mas como vamos sair daqui? E, antes mesmo de chegarmos a isso, como vamos *enxergar* alguma coisa aqui dentro?

Sua pergunta foi respondida logo, quando foram banhados por uma luz azul aquosa. Olhando para cima, Connor viu que a parte de baixo da plataforma também tinha o desenho do polvo, e que os olhos do bicho é que estavam acesos. Enquanto a plataforma subia e se encaixava de novo com o piso acima, a luz iluminou o mundo subterrâneo. Eles se viram no meio de um corredor com várias portas idênticas dos dois lados.

— O depósito deve estar dentro de uma dessas. — Connor experimentou a porta mais próxima. Estava trancada. Experimentou a porta seguinte. Também trancada. — Todas estão trancadas — disse. — Como vamos encontrar o tal depósito?

— As portas são numeradas... — murmurou Jasmine, pensativa.

—E daí? — disse Jacoby. — Em que isso nos ajuda?

— Aposto que sei. — Jasmine avançou. Parou diante da porta que havia escolhido e virou a maçaneta. Ela se abriu imediatamente. — Como pensei — disse ela, virando-se para os outros com um sorriso largo. — O octógono era a pista. É a número oito.

Capítulo 25

O depósito secreto

— Como é aí dentro? — perguntou Connor, alcançando Jasmine, que estava parada na porta da Sala 8.

— Não dá para ver grande coisa — disse ela. — Está escuro e decididamente com cheiro de mofo.

— Sinistro! — exclamou Jacoby.

— Não se preocupe — disse Jasmine com um riso. — Eu seguro sua mão se você estiver com medo.

— Nesse caso, eu estou com muito, *muito* medo! — disse Jacoby, estendendo a mão.

— Esperem! — gritou Cheng Li, vindo juntar-se a eles perto da porta. E cruzou os braços, com uma expressão severa no rosto. — Devo lembrar

a vocês três que estamos aqui numa tarefa muito séria. — Seus olhos escuros encararam com firmeza os tripulantes. — Estamos aqui para resolver um *assassinato*. O assassinato do nosso diretor, líder da Federação dos Piratas e... um bom amigo. Isso *não* é uma aventurazinha alegre. Vocês não são mais crianças, são piratas profissionais e fazem parte da *minha* tripulação. Eu me arrisquei um bocado colocando os três em papéis tão importantes. Não façam com que eu me arrependa.

— Desculpe, chefe — disse Jacoby. — Acho que fomos apanhados no barato de adrenalina depois de decifrar o código e coisa e tal.

— Ele está certo — completou Jasmine. — Nós entendemos a seriedade da missão. Varsha era uma das minhas melhores amigas. — Havia lágrimas nos olhos de Jasmine enquanto ela continuava. — Não suporto pensar no que ela, Zake o comodoro Kuo passaram...

Cheng Li se virou para Connor. Dava para ver que estava esperando que ele também falasse. Connor respirou fundo e começou:

— Não havia um grande afeto entre mim e o comodoro Kuo. Eu seria hipócrita se fingisse que sim. Mas ninguém merece morrer daquele jeito.

Cheng Li examinou de novo os membros da tripulação.

— Certo. Fico feliz porque tivemos essa conversa. Agora vamos continuar de modo mais apropriado.

Os outros se afastaram para lhe dar espaço e ela empurrou de novo a porta do arquivo secreto. Como Jasmine havia observado, estava escuro lá dentro, mas a luz azul do corredor se estendia o suficiente para iluminar uma mesa onde havia quatro lampiões, velas e uma caixa de fósforos.

— Venham! — exclamou Cheng Li. — Vamos pôr um pouco de luz aqui. — Ela acendeu os lampiões com a ajuda de Connor. Entregaram um a Jasmine e outro a Jacoby e deram um passo atrás enquanto a luz revelava o cômodo. Era comprido e estreito, com prateleiras de ambos os lados, cheias de filas de caixas de papelão para arquivo. No fim da fileira de prateleiras, havia duas mesas e algumas cadeiras. Atrás da mesa, ficavam estantes atulhadas de livros. Presos na parede acima, havia vários mapas marcados com alfinetes coloridos.

Cheng Li olhou um dos mapas.

— Fascinante — murmurou.

Connor apareceu ao seu lado.

— Esses mapas — disse ele — marcam avistamentos do navio Vampirata, não é?

Cheng Li assentiu.

— Quem teria imaginado isso?

Connor sorriu sozinho. Certamente não Cheng Li, pensou. Lembrou-se de quando contou a ela que tinha visto o *Noturno*, quando se conheceram. A resposta dela, em termos diretos, fora que era impossível existir um navio de piratas vampiros como aquele. Apesar de sua confusão, ele soubera que ela estava errada. Agora parecia que outros no mundo pirata sabiam a verdade o tempo todo.

— Olhe isso — disse Jasmine, juntando-se a eles e pondo na mesa

uma das caixas de arquivo, de aparência sem graça, e levantando a tampa. — Está cheio de anotações, algumas escritas a mão, outras datilografadas, feitas pelos que testemunharam os Vampiratas e o navio deles.

Cheng Li enfiou a mão na caixa e levantou uma folha de papel. Seu olhar percorreu a página.

— E pensar que esse arquivo estava aqui o tempo todo, bem embaixo do piso da academia. — Ela balançou a cabeça incrédula, depois pousou o papel e pegou outro.

— A palavra "arquivo" parece tão chata! — disse Jacoby, abrindo o que parecia um enorme armário de vestiário. — Mas não há nada de chato nisso!

— O que você encontrou? — gritou Cheng Li.

— Só algumas das minhas coisas prediletas! — gritou Jacoby de volta. — Venham olhar! — Os outros se viraram enquanto Jacoby mostrava um par de espadas de aparência maligna.

— Espadas! — disse Connor. — O que estão fazendo aqui embaixo?

— Jacoby! — O tom de Cheng Li deu uma nota clara de aviso.

— Desculpe — disse Jacoby. Ele deixou as espadas e enfiou a mão no armário de novo. — Cara, isso é que nem o armário da morte! — E pegou duas garrafas rotuladas com as palavras PERIGO: TÓXICO, e balançou para os outros.

— *Por favor*, tenha cuidado! — disse Cheng Li.

Finalmente, Connor conseguiu olhar também no armário.

— Parece que há um laboratório de ciência maluco aí dentro — disse ele. — Tubos de ensaio, frascos e todo tipo de equipamento estranho!

— Claro — disse Cheng Li com frieza. — Eles estavam fazendo experiências.

— Experiências? — perguntaram os outros ao mesmo tempo.

Cheng Li assentiu.

— Não é óbvio?

A voz de Jasmine saiu baixa.

— Eles estavam trabalhando num modo de matar um Vampirata.

Cheng Li concordou.

— Isso mesmo, Jasmine. Felizmente um de vocês ligou o cérebro hoje. Mas eles não terminaram o serviço. E agora o bastão foi passado para nós.

— Foi? — exclamou Jacoby.

Cheng Li balançou a cabeça afirmativamente.

— E a nossa missão. O *Tigre* não será um navio comum da Federação dos Piratas. Nós recebemos um projeto especial. Nosso navio vai abrir uma trilha como o primeiro da Federação designado como assassino de Vampiratas.

— Assassino de Vampiratas? — repetiu Jacoby, arregalado. — Nós vamos assassinar Vampiratas?

Cheng Li concordou com paciência.

— E. A começar pelo que matou o comodoro Kuo.

— Isso não vai ser meio perigoso? — perguntou Jasmine. — Como podemos lutar contra *Vampiratas*?

— Do mesmo modo como lutaríamos contra qualquer outro tipo de inimigo — respondeu Cheng Li, a voz fria como gelo. — Nós nos preparamos. Não deixamos nada ao acaso. Lemos absolutamente todas as anotações que estão nesta sala. Absorvemos cada migalha de informação que a Federação reuniu no correr dos anos. Ficamos em dia com cada uma das experiências que eles fizeram e partimos para dar prosseguimento. Precisamos saber como se mata um Vampirata. Mas, antes de chegarmos a isso, precisamos pensar em como atacá-los.

Os olhos de Jacoby estavam completamente arregalados.

— E essa é uma missão oficial da Federação? Que maneiro! Ah, desculpe, chefe.

— Não precisa se desculpar. É certo se entusiasmar com uma missão. — E acrescentou, satisfeita: — Meu navio foi selecionado para o serviço.

— Qual é a escala de tempo para isso? — perguntou Jasmine.

— Boa pergunta, tenente — disse Cheng Li. — Essa missão tem status de prioridade alfa. Em outras palavras, a Federação quer que ela seja feita para ontem. *Mas* — ela enfatizou a palavra — devemos estar totalmente preparados. E estaremos. — Seus olhos brilhavam enquanto ela prosseguia. — Não vamos perder tempo. Jasmine, você cuida das caixas de arquivo. Leia tudo que existe e monte um relatório para mim.

— Sim, capitã! — Jasmine prestou continência a Cheng Li e se acomodou na mesa com a primeira caixa de papéis, abrindo as gavetas e encontrando um caderno e uma caneta.

Ao ver as fileiras intermináveis de caixas, Jacoby pareceu positivamente desanimado.

— Não se preocupe, Jacoby — disse Cheng Li. — Tenho outra coisa em mente para você. Quero que examine todas as armas e materiais científicos daquele armário. Parece que há cadernos lá, também. Você vai nos colocar a par das experiências feitas até agora. E depois vamos continuá-las.

— Sim, chefe! — disse Jacoby.

Cheng Li fez uma careta.

— Pare de me chamar de “chefe”. Basta “capitã” ou “Cheng Li”.

— Sim, che... quero dizer, capitã — disse Jacoby, partindo ansioso para o “armário da morte”.

Cheng Li virou-se para Connor. Ele a encarou, tentando parecer decidido, esperando ouvir que papel ela imaginava para ele naquela missão única e importante. Mas, quando Cheng Li falou, sua voz saiu diferente, mais suave, de algum modo.

— Você está em conflito, não é?

Ele assentiu aliviado.

— Estou. Sei que foi uma coisa terrível que aconteceu com o comodoro Kuo. E, não me entenda mal, eu não gosto dos Vampiratas. — Ele suspirou, estendendo o braço para se apoiar numa prateleira. — Mas Grace tem uma conexão com eles, e alguns deles *têm sido* bons com ela.

— Você precisa falar com ela de novo — disse Cheng Li. — Ela deve cortar essa ligação.

Connor balançou a cabeça.

— A coisa está ficando cada vez mais forte.

Cheng Li franziu a testa.

— É o rapaz Vampirata, não é? Ela me falou a respeito. O nome dele é Lorcan Furey, não é? Grace está se apaixonando por ele, certo?

Se o problema fosse só esse!, pensou Connor. Claro, seria difícil resolver isso, mas nem de longe tão complicado quanto era a verdadeira situação. Ele não podia contar a Cheng Li sobre os últimos acontecimentos — o verdadeiro motivo pelo qual ele deixara a irmã para voltar aqui. Que Grace tinha começado a acreditar que ela — que os dois — tinham sangue de Vampirata. Cheng Li pensaria que os dois estavam loucos. E, sem dúvida, estaria certa.

— E então? — Cheng Li ainda esperava uma resposta.

— Você está certa. É o Lorcan. Ela tem sentimentos muito profundos por ele. E pelo capitão também... se bem que os sentimentos por ele são diferentes.

— Entendo. E isso não vai ser fácil. Nós recebemos ordem de atacar os Vampiratas. Para mim não há como recuar. Devo agir segundo as ordens da Federação. E, para honrar meu amigo John Kuo, quero fazer isso. Mas, se você quiser sair, não importa o contrato que assinou, pode sair agora mesmo. Não vou pensar mal de você.

Connor balançou a cabeça.

— Não quero sair.

— Tem certeza? — Cheng Li fez uma pausa. — Esta oferta não vai se repetir.

Connor assentiu.

— Falo sério. Não quero sair. Só gostaria que pudéssemos fazer o comodoro Black entender que nem todos os Vampiratas são iguais.

— Talvez possamos. Talvez algo que encontremos aqui mesmo no arquivo ajude a convencê-lo disso.

— Mas se houvesse algo aqui — argumentou Connor —, ele já não saberia?

Cheng Li passou os dedos pelas prateleiras. Quando os trouxe de volta, as pontas estavam cheias de poeira.

— Olhe isso, Connor. É poeira. O comodoro Black lhe parece o tipo de homem que suja as mãos?

Connor sorriu e balançou a cabeça.

— Eu também me preocupo com Grace — disse ela. — E não só porque ela é sua irmã. Eu nunca faria nada para colocá-la em perigo. Você precisa confiar em mim. Sei que tivemos nossos... *momentos de dificuldade* no passado. Mas temos de seguir em frente.

As palavras pareceram simples demais. Ela nem sempre fora totalmente direta com ele no passado. Agora, apesar da abertura atual, será que Cheng Li continuava guardando segredos? Mas, afinal de contas, ele certamente estava guardando segredos. Seus instintos diziam que a equipe em que ele deveria

estar era a de Cheng Li. Juntos, encontrariam um modo de afastar Grace de Lorcan e dos outros antes que alguma coisa ruim acontecesse. Nesse sentido, confiaria nela.

Estendeu a mão. Cheng Li apertou-a.

— Então está certo — disse ela. — Vamos trabalhar.

Capítulo 26

Um dia perfeito

— Tem certeza de que vocês vão ficar bem? — perguntou Lorcan.

— Sim — disse Grace com firmeza. — Vamos ficar bem, não é, mamãe?

— Vamos — respondeu Sally, passando o braço pelo de Grace. — Só nós duas.

Mosh Zu assentiu.

— Como deve ser. O dia está lindo. Aproveitem, amigas queridas. — Apesar de estar sorrindo e de suas palavras serem calorosas, todos sabiam das implicações que haviam por trás delas.

Grace estava ansiosa para ir.

— Então nós encontramos vocês no pátio da igreja logo depois do

anoitecer? — perguntou ela.

Lorcan trocou um olhar com Mosh Zu, que assentiu.

— Sim — respondeu Mosh Zu. — Vamos encontrar vocês lá.

Grace e Sally partiram pelo caminho litorâneo, que subia até o farol. Pássaros giravam ao redor delas e lindas flores silvestres cresciam de ambos os lados da trilha.

— Acho que vou pegar umas flores dessas para pôr na sepultura de papai — disse Grace. Esperava que a menção a ele fizesse com que Sally começasse a contar as lembranças, mas sua mãe permaneceu em silêncio, preservando a energia para a caminhada.

Durante toda a subida, Grace se perguntava quem seria o novo faroleiro. Será que ele — ou ela — saberia sobre Grace e sua família? Será que Grace seria bem-vinda no farol? Não sabia se Sally teria forças para subir até a sala da lâmpada, mas, se por acaso tivesse, seria maravilhoso compartilhar com ela a vista do topo — e as lembranças de todas aquelas noites olhando para o mar com seu pai e Connor.

Mas, à medida que iam se aproximando do farol, Grace parou. À frente, a porta principal estava lacrada com tábuas e um cadeado grande.

— Que estranho — disse ela — e frustrante. Eu queria mostrar a vista da sala da lâmpada. A melhor visão da baía é de lá.

— Eu gostaria de ver. Dexter costumava me falar a respeito. E eu gostaria de ver através de seus olhos; e dos de Connor.

Grace segurou o cadeado, imaginando se teria condições de quebrá-lo. Se Connor estivesse ali, sua força bruta poderia dar um jeito. Mas ela não tinha a força física dele. Não havia como partir a grossa corrente de metal.

Então, um novo pensamento lhe ocorreu. Talvez não tivesse a força *física* de Connor, mas tinha poderes diferentes, poderes que haviam começado a emergir no passado, no *Noturno* e no Santuário. Até agora, isso havia acontecido nas áreas de conexão de pensamento e viagem astral, mas talvez houvesse uma chance de poder usá-los de outras maneiras, também.

— O que está fazendo, querida? — perguntou Sally ao ver a concentração de Grace.

Mas Grace não podia responder. Seu foco estava fixo no cadeado, que pesava como uma âncora na palma de sua mão. Haveria uma chance, só uma chance, de ela convencê-lo a se abrir? *Convencê-lo* era a palavra certa. Não iria forçá-lo, apenas instigá-lo a abrir por livre e espontânea vontade. Como se não fosse uma corrente de metal inanimada e sim um grande inseto, ou um escorpião. Enquanto lidava com esse pensamento, parou de ver o cadeado cheio de ferrugem. Em vez disso, ao olhar para as mãos, viu um escorpião preto-avermelhado.

Abra, pensou. *Por favor, abra para mim*.

Ficou olhando as pinças da criatura se moverem. Estava abrindo! Estava quase...

— Grace! — Era a voz da mãe de novo.

Tinha de se manter concentrada no escorpião. Incentivá-lo a abrir as pinças. Só um pouquinho mais...

Porém, por mais que desejasse, as pinças se recusavam a se abrir mais. Por fim, Grace suspirou e admitiu a derrota enquanto o escorpião desaparecia e ela olhava de novo para um cadeado enferrujado.

Sally passou o braço ao redor dela.

— Você estava tentando quebrar a corrente?

— É. Mas não pude. — Lágrimas estavam se juntando em seus olhos. Ela quisera tanto levar Sally ao farol e à sala da lâmpada!

— Tudo bem — disse Sally. — Não precisamos estar no farol para nos sentirmos perto de seu pai.

Sua voz era como um bálsamo calmo nos nervos esfrangalhados de Grace.

— Não, não precisamos — concordou Grace, soltando o cadeado finalmente. — Você está certa.

— Bom — disse Sally —, com certeza, a cozinheira é de dar orgulho, não é?

Estavam sentadas de novo na praia, examinando os sanduíches, as frutas e outras iguarias tentadoras espalhadas numa toalha de piquenique.

— É — concordou Grace, abrindo duas garrafas de limonada e entregando uma à sua mãe.

— Saúde! — disse Sally, batendo a garrafa na de Grace.

— Saúde!

— Não, querida — reagiu Sally. — Não está certo. Quando a gente diz saúde, tem de olhar nos olhos da pessoa a quem está saudejando! Tente de novo!

— *Saudejando*? — riu Grace. — Acho que essa palavra não existe, mamãe.

— Não seja teimosa. Só porque você não ouviu antes não significa que ela não exista. — Sally ergueu a garrafa de novo e olhou diretamente para Grace. Grace olhou de volta, espelhando o gesto. Os olhos verdes e vívidos das duas se encararam.

— Saúde! — exclamaram mãe e filha em uníssono, enquanto as garrafas batiam de novo. Então, cada uma tomou um gole da limonada deliciosa, que já estava morna por causa do sol do início da tarde.

O piquenique farto as deixou sonolentas e elas guardaram o resto no cesto, depois se esticaram na praia.

— Devíamos ter trazido um cobertor — disse Grace.

— Não — Sally balançou a cabeça. — *Gosto* de me deitar na areia.

Grace franziu o nariz.

— Mas a areia entra em tudo!

— É, querida — disse Sally, rindo. — É para isso que ela serve.

Grace riu. Estava se divertindo muito. Era assim que mãe e filha compartilhavam tempo? Não tinha nada com que comparar. Era como estar com uma amiga, se bem que a única verdadeira amiga de Grace era Darcy, e elas ainda não tinham feito um piquenique juntas.

— O que você está pensando? — perguntou Sally.

Grace protegeu os olhos do sol.

— Em como isso é especial. Como é maravilhoso ter esse tempo com você.

— Para mim também. — Sally hesitou, como se estivesse se contendo para não falar. Depois balançou a cabeça e abriu a boca de novo: — Estou tentando manter as coisas leves e luminosas porque não quero que nenhuma de nós se chateie e estrague esse dia especial.

— Eu também.

— Mas, mesmo assim, quero dizer como lamento, Grace. Você merece muito mais do que isso. Muitos outros piqueniques na praia e passeios em penhascos. Você merece uma mãe que seja melhor do que eu.

— Não — disse Grace, olhando diretamente nos olhos da mãe. — Não, você é tudo que eu esperava que minha mãe fosse.

— Verdade? — perguntou Sally com uma lágrima no olho.

— É — respondeu Grace estendendo a mão e abraçando-a. — Verdade.

Deixaram o cesto numa pedra e andaram pela praia, de braços dados. Não havia ninguém por perto e elas tinham toda a extensão de areia para si. Estavam descalças; haviam deixado os dois pares de sandálias descansando ao lado do cesto.

— Nossa única tarde — disse Sally com tristeza, enquanto andavam pela beira d'água. — E temos de passá-la falando do passado...

Grace confirmou com a cabeça. Sabia que não restava muito tempo para dizerem tudo o que precisavam.

— O que aconteceu depois que papai entrou para o *Noturno*? — perguntou gentilmente.

— Bom — disse Sally baixinho. — A princípio, as coisas continuaram como antes. Eu servindo a Sidório, como Shanti servia ao Lorcan. Às vezes, confesso, eu gostaria que Sidório fosse um pouco mais parecido com Lorcan. Shanti me contava coisas que Lorcan dizia a ela, e para mim estava claro que os dois tinham uma amizade verdadeira, o que não acontecia entre mim e Sidório.

Grace não pôde deixar de franzir a testa. Sally balançou a cabeça.

— Não era um romance, Grace. De jeito nenhum. Mas Lorcan e Shanti *eram* amigos. Conversavam. Para ele, ela era mais do que apenas um suprimento de sangue...

Grace se lembrou da terminologia usada por Oskar: SAS: Suprimento Ambulante de Sangue.

— Sidório permanecia distante, formal — continuou Sally. — Ela

deu de ombros. — Mas, à medida que o tempo passava, isso foi importando cada vez menos para mim. Eu passava cada vez mais tempo com Dexter, meu querido Dexter.

Grace sorriu.

— De que você e papai falavam quando estavam juntos?

— De tudo! Ele era um homem muito interessante. Muito diferente de todos que eu tinha conhecido. Todos eram superficiais, sem nada por dentro, ocos, por assim dizer. Seu pai era diferente. Nós nunca ficávamos sem assunto.

Sally fez uma pausa, baixando a mão e deixando escorrer alguns grãos de areia entre os dedos.

— Mas, cada vez mais, falávamos de um assunto especial. Nosso futuro. — Ela suspirou. — Dexter era otimista demais, tinha estrelas nos olhos. Queria me levar para longe, para fora do navio, para começarmos uma vida juntos. Mas eu ficava dizendo que havia me comprometido com o navio, com o capitão e Sidório. Ele sabia disso quando conseguiu vir a bordo. E eu dizia isso várias vezes, desde então. Ele sabia em que estava entrando, sabia das escolhas que eu havia feito.

— O que ele dizia com relação a isso?

Sally sorriu.

— Dizia que nenhuma decisão era irreversível. Que deveríamos falar com o capitão e ver se ele estaria disposto a romper o acordo.

Grace arregalou os olhos.

— E o que você fez?

— Eu ficava argumentando contra isso. Mas Dexter era muito persuasivo e, no fim, pensei: bom, ele está certo. Perguntar não faz mal, não é? E assim eu fui, sozinha, ver o capitão...

As palavras de Sally falharam. Grace olhou para a mãe. O cansaço estava desenhado no rosto dela. A caminhada devia tê-la exaurido. Grace deveria deixar que ela fizesse uma pausa. Suspirou e estendeu a mão para afastar uma mecha de cabelos castanho-avermelhados de cima dos olhos verdes da mãe.

— Por que não descansa, mamãe? — disse, levando-a de volta para o cesto e os calçados.

Sally fechou os olhos, agradecida, com os dedos se cruzando nos de Grace. Apertou fracamente a mão de Grace e deixou o corpo relaxar. Em pouco tempo, a respiração de Sally se alongara e ficara mais suave.

Grace olhou a mãe dormir durante um tempo, surpresa por estar tão perto dela e, ao mesmo tempo, saber tão pouco a seu respeito. Por fim, sentou-se. Olhou para o mar, lembrando-se de quando era pequena e andava por ali com Connor, catando conchas e jogando pedras na água. De repente sentiu um desejo avassalador de ver o irmão.

Com cuidado para não incomodar a mãe, olhou para o farol.

— Connor — sussurrou. — Connor, onde você está? Não posso fazer isso sozinha.

Capítulo 27

A visita

Fora um dia longo e Connor estava desesperado para ir para sua cabine e cair na cama. Mas, mesmo exausto, ao se deitar, descobriu que ainda tinha a mente girando com pensamentos. Pensamentos que o impediam de pegar no sono. Tentou afastá-los, socou o travesseiro para mudar a forma e se acomodou de novo. Mas o sono insistia em não vir. Pegou um livro e começou a ler. No entanto, apesar dos esforços, a cabeça continuava girando de ansiedade. Pousou o livro, exasperado.

— *Connor*?

A voz soou instantaneamente familiar. E estava perto. Connor levantou os olhos e encontrou Grace parada junto à cama, parecendo quase tão surpresa quanto ele.

— Grace! — exclamou ele. — Como chegou aqui? Como soube onde me encontrar? E entrou na cabine sem que eu notasse! — Ele sentou-se apoiado nos travesseiros. — Acho que devo ter pegado no sono.

— Não. Pode parecer que eu esteja aqui com você, mas não estou.

Connor riu.

— Ah, saquei. Estou sonhando isso. Faz sentido. Estive pensando em você o dia todo, querendo ver você. Por isso sonhei.

Grace balançou a cabeça.

— Não, Connor. Você não está sonhando. Acho que estou fazendo uma viagem astral. — Ela sorriu. — Mas é bom saber que você esteve pensando em mim. Eu também estava pensando em você. Adivinha onde estou!

Connor franziu a testa. Que tipo de pergunta era aquela?

— Está aqui, na minha cabine!

— Não. Essa é a minha projeção astral. Olha, vou mostrar. — Ela se aproximou e sentou-se na cama ao lado dele. Connor ficou perplexo. Grace parecia não ter peso.

— Aqui — disse ela —, não se assuste. Agora pegue minha mão. — Dizendo isso, estendeu a mão para ele. Ele enrolou o punho em volta da mão dela. Não encontrou nada; seu punho simplesmente se fechou. No entanto, quando olhou para baixo, pôde ver que a mão de Grace ainda parecia estar embaixo da dele. Agora foi sua vez de balançar a cabeça.

— Realmente não entendo — disse.

— Como falei antes, isso é uma projeção astral minha. Sou eu de verdade. Estou aqui com você, podemos conversar e coisa e tal. Mas meu corpo físico não está aí. Está separado da minha mente. É uma coisa que Mosh Zu me ensinou. Deve ser algo instintivo.

Connor sentiu-se tentado a se beliscar para ver se não estava dormindo. Mas, de algum modo, o que Grace falava fazia sentido e ele percebeu que isso era uma evidência ainda maior da imersão da irmã no outro mundo — o mundo do qual ele precisava convencê-la a se afastar. No entanto, ela estava ali e, independentemente do que a tivesse trazido, essa visita era um presente. Percebeu que a principal causa de sua insônia havia sido ela; suas ansiedades com relação à Grace e a necessidade de falar com ela. Bom, agora tinha a chance.

— É bom você estar aqui. Preciso falar com você.

Ela assentiu.

— Achei que sim, Connor. Nós sempre fomos próximos, não é? Acho que, em algum nível, somos capazes de captar o humor um do outro; dizer o que o outro está pensando.

— Talvez — respondeu Connor cautelosamente.

— Só precisamos refinar o processo, reforçar a conexão. Para podermos nos comunicar mesmo quando estivermos fisicamente separados. — Ela sorriu. — Agora responda à minha pergunta!

— Que pergunta?

— A que eu fiz antes. Onde eu estou?

Ele franziu a testa de novo.

— Quer dizer, além de aqui?

— É. Onde está meu corpo físico?

— Diga — pediu ele. — É tarde. Foi um dia difícil. Não estou no clima para jogos de adivinhação.

Grace franziu a testa mas sorriu de novo.

— Estou na Baía Quarto Crescente, na praia.

— *Na Baía Quarto Crescente*! — Os olhos de Connor se arregalaram. — Sério? Você foi para casa?

— Só para uma visita. Mamãe queria ver onde nós crescemos. Ah, Connor, passamos um tempo ótimo. Foi o dia mais perfeito. Ela está contando como conheceu papai. Eu estava errada, quando falei que achava que ele podia ser um vampiro. Os dois se conheceram no navio Vampirata, o *Noturno*. Mas ele *não era* um Vampirata. Ele entrou para o navio para trabalhar na cozinha, só para ficar perto de mamãe! Estava tentando convencê-la a sair do navio!

Ela ia continuar, mas ele levantou a mão.

— Espera, Grace. Devagar. Você está indo depressa demais.

— Desculpe, mas eu tenho tanta coisa para contar! E essa viagem astral é problemática. Não sei quanto tempo tenho para falar com você.

— Grace, olha, se o tempo é limitado, você realmente precisa deixar que eu diga umas coisas. — Ele estendeu a mão para ela, depois se lembrou de que era inútil. — É muito importante.

— Certo — disse ela, cedendo muito mais prontamente do que ele havia esperado. — Fale, Connor.

— Você se lembra do comodoro Kuo?

— Lembro, claro. O diretor da Academia dos Piratas.

— Isso mesmo. Bom, ele foi assassinado.

— *Assassinado*?

Connor assentiu.

— Ele e dois estudantes da academia foram assassinados por Vampiratas durante uma corrida para comemorar a investidura de Cheng Li como capitã...

O rosto de Grace ficou sombrio.

— Você disse que ele foi assassinado por Vampiratas? Como você sabe?

— O corpo dele foi encontrado. Ele foi morto no mar, achamos. Mas o corpo foi trazido de volta à academia, por quem o matou. Grace, ele estava totalmente sem sangue.

Grace mordeu o lábio.

— *Tem* de ser culpa dos Vampiratas, Grace. Você precisa entender isso.

Ela não protestou.

— Parece coisa do Sidório. Ele, obviamente, está aumentando as forças. Quem sabe onde vai parar?

— *Eu* vou fazer com que ele pare.

— Não! Você já tentou antes, lembra? Pôs fogo no navio dele. Mas

o fogo não o matou, só o deixou mais forte. Foi como se ele se alimentasse das chamas.

— Agora é diferente. Faço parte de uma missão.

— Missão?

— É. A Federação dos Piratas deu uma missão especial à tripulação de Cheng Li. Seremos assassinos de Vampiratas.

— Assassinos? — Grace parecia em choque. — Vocês vão atrás dos Vampiratas?

— Vamos. Era sobre isso que eu precisava falar com você. — De novo ele estendeu a mão para ela, incapaz de se conter. — Você precisa se afastar deles. Não quero que seja apanhada no meio disso.

Grace riu, mas era um riso vazio.

— Você não quer que eu seja apanhada no meio disso? Você diz que recebeu uma missão de assassinar as pessoas de quem eu gosto e pede para eu não ser apanhada no meio? É impossível, Connor. Como pode ser tão tacanho? Não vou ficar parada deixando você atacar o capitão, Lorcan e Darcy. Eles são meus amigos!

— Espera! — disse ele. — Calma! Era sobre isso que eu queria falar. Sei da conexão que você tem com Lorcan e os outros. Entendo isso. E não vamos atrás deles. Pelo menos no começo. Claro, você está certa, Kuo deve ter sido assassinado por Sidório. A coisa tem a cara dele. Vamos atrás dele e dessa tal tripulação que ele vem montando, e vamos acabar com eles.

— Acabar com eles! — exclamou Grace.

— Grace — implorou Connor. — Eu pensei um bocado nisso. E conversei com Cheng Li. Falei com ela que nem todos os Vampiratas são iguais.

— Cheng Li! — exclamou Grace. — Você consegue mesmo confiar *nela*, depois de tudo que ela fez?

Connor franziu a testa de novo.

— Agora ela é minha capitã, Grace. Além disso, houve um tempo em que você também confiava nela, lembra?

— Lembro. E veja aonde isso me levou! Ela não vai parar depois de atacar Sidório e a tripulação dele. Virá atrás dos outros Vampiratas. Sei que virá.

Connor assentiu.

— Espero que isso não aconteça, mas estou preocupado com que possa acontecer. Grace, vou fazer tudo que puder para convencê-la, e à Federação, de que o capitão e os tripulantes do *Noturno* são... pessoas boas, que não são perigosos. Mas temos de ser realistas. Não sei se eles vão reconhecer a diferença. E morro de medo de que você seja apanhada no fogo cruzado. Por favor, por favor, saia do navio. Fique em Baía Quarto Crescente. Eu posso pegar você aí. Vou falar com Cheng Li de manhã...

— Não. — Grace balançou a cabeça.

— Olha — disse ele, ansioso. — Vou falar com ela agora mesmo. Eu poderia partir esta noite. Poderíamos chegar aí ao amanhecer.

— Não — repetiu Grace. — Não vou deixá-los. Agora, não.

— O que você está falando, Grace? — Agora Connor estava com

raiva. — Olha, estou tentando cuidar de você. Durante toda a vida tentei cuidar de você. Admiti seu fascínio estranho por eles. Mas deveria ter cortado isso pela raiz...

— Para, Connor. Não fale comigo assim! Não preciso de que você "cuide" de mim. Posso cuidar de mim mesma, obrigada. E, para sua informação, você *não* deixou que eu fizesse nada. Isso não era da sua conta.

Pelo rosto de Grace ficou claro que ela estava com tanta raiva quanto Connor havia sentido. Ele nunca a vira tão raivosa.

— Grace, só quero que você fique em segurança.

— Verdade? Você não quer que eu seja feliz? Porque é isso que eu sou, aqui com Lorcan e Sally. Pelo menos era. Hoje me senti feliz como não me sentia há séculos. A única coisa que faltava era você. Mas agora você estragou tudo.

— Grace, nós fomos apanhados numa coisa maior do que nós dois. Quando fomos para o mar, quando naufragamos naquela tempestade, não podíamos saber. Mas alguma coisa está chegando. É grande e implacável, como um tsunami. Não há como impedir.

Grace suspirou e balançou a cabeça.

— Eu sei disso, Connor. Mas o fato é que já é tarde demais. Se você acha que há alguma saída fácil para nós, está errado.

— Não! — exclamou Connor. A imagem de Grace estava se esvaindo. Agora ele podia ver de fato que ela era apenas uma visão. Começou a entrar em pânico, desejando ter feito a coisa de modo diferente. Mas como? — Grace! Você está sumindo! Não vá!

— Eu preciso! — Agora a voz dela estava entrecortada, como se houvesse estática na linha. — Eu disse que não sabia quanto tempo...

Então, houve apenas silêncio. A imagem de Grace sumira tão subitamente quanto havia chegado.

Capítulo 28

Almas reunidas

Grace estava de novo na praia. Ao lado, viu Sally acordando. Sua mente era um tumulto. Será que deveria alertar Lorcan e Mosh Zu quanto ao que Connor havia contado? Mas lhe restava tão pouco tempo com Sally! Parecia que não poderia desperdiçar nenhum instante. Connor dissera que não havia perigo imediato, de modo que talvez fosse seguro esperar.

— Há muitas coisas que eu quero contar, Grace — disse Sally, interrompendo os pensamentos da filha. Em seguida, sentou-se e passou o braço pelos ombros dela. — Nunca pensei que teria chance, e agora parece que preciso juntar toda uma vida de conversas num dia só. — Ela suspirou e balançou a cabeça. — Se eu pudesse deixar uma mensagem com você, Grace, sabe qual seria? — Olhou intensamente para a filha. — Nunca desista de você.

Independentemente do que aconteça e dos desafios que tenha de enfrentar. Nunca deixe de acreditar em você.

Grace estava atordoada. Era como se a mãe soubesse exatamente o que lhe passava pela cabeça. Assentiu.

— Não vou. Não se preocupe.

— Para mim, deu resultado, você sabe, quando fui falar com o capitão.

Grace respirou fundo. Talvez agora descobrisse o que realmente havia acontecido entre sua mãe e Dexter. De súbito, todo o resto parecia sem importância.

— O capitão me lembrou de que o elo entre doador e Vampirata não deve ser criado levianamente. Eu lhe disse que sabia disso. Disse que tinha de perguntar, mas entendia que a coisa estava feita. Mas ele balançou a cabeça. Respondeu que abriria uma exceção no meu caso. Permitiria que eu deixasse o navio, com Dexter, assim que pudesse ser encontrado um novo doador para Sidório.

Grace sorriu com alívio.

— Então papai estava certo.

— Estava — concordou Sally. — Dexter estava certo. O capitão é de fato um homem notável. — Ela sorriu, depois virou o rosto para o horizonte. — Olhe, nosso dia terminou. O sol está se pondo.

Grace virou os olhos para o mar, onde o sol afundava nas águas escuras e o céu ardia no crepúsculo.

— Eu gostaria que pudéssemos ficar aqui, nos agarrarmos a esse momento para sempre.

E impedir o conflito que ela sabia que estava chegando.

— Eu também — concordou Sally. — Mas temos um compromisso. Nos comprometemos a encontrar os outros no cemitério.

Grace confirmou com a cabeça. Lembrava-se. O prazo curto havia lançado sombras em boa parte da tarde. No entanto ela ainda desejava que, de algum modo, a areia pudesse subir, como mágica, e enterrar seus pés — e os da mãe — prendendo as duas na praia e impedindo-as de ir embora.

— Venha, querida — disse Sally, já de pé. Estava segurando as sandálias e Grace achou que ela possuía uma energia nova, forte, mas pacífica. Talvez fosse isso que acontecia com todas as almas que finalmente se livravam das últimas amarras. Enquanto se levantava com relutância, Grace lançou outro olhar para a mãe. À luz dourada do sol que se punha rapidamente, Sally parecia mais viva e linda do que nunca.

Dessa vez, não demoraram muito para subir o caminho do penhasco, passar pelo farol e chegar ao pequeno cemitério onde Dexter Tormenta fora posto para descansar. Grace abriu o portão e guiou a mãe por entre os túmulos espalhados até chegarem à lápide simples, que tinha o nome de seu pai. Ali estava um sólido bloco de granito cor-de-rosa gravado simplesmente com o nome e as datas de nascimento e falecimento. Grace refletiu sobre alguns dos pensamentos que haviam borbulhado febrilmente em sua cabeça nos últimos tempos. Que Dexter poderia não estar morto! Que poderia ser um Vampirata!

Balançou a cabeça, chateada consigo mesma. Agora sabia que isso tinha sido um desejo impossível. Era ali que a história dele havia acabado. Olhou para a lápide de granito, tirando da solidez da pedra um sentimento de calma. Ela a fazia lembrar-se de seu pai.

Ajoelhou-se e pôs na base da pedra o buquê de flores que havia colhido antes.

— São para você, papai. Espero que goste.

Recuou olhando a brisa do mar passar pelas flores, agitando as pétalas e liberando o perfume, para que seu pai pudesse senti-lo. Sorriu.

— Gostaria de ficar a sós com ele um pouco? — perguntou à mãe.

Sally confirmou com a cabeça.

— Sim, querida. Se você não se importar, acho que é exatamente disso que eu gostaria.

Grace confirmou com a cabeça e se virou para ir andando. Ao fazer isso, notou que o portão do cemitério estava aberto de novo. Os outros haviam chegado.

— Espere um momento! — disse Sally. Enquanto Grace se virava, a mãe a abraçou. — Obrigada. Obrigada por me trazer aqui, por me trazer de volta para ele. — Ela apertou Grace com força, e sua respiração era uma brisa fresca na orelha da filha. — Obrigada por tudo, minha filha querida. Fico feliz por ter essa chance de conhecer você.

Grace sentiu os braços da mãe soltando-a com relutância, como o oceano sendo forçado pela maré a recuar para longe da areia. Grace não se demorou. Sabia o que precisava fazer: manter sua parte no trato. Afastou-se, os olhos procurando os companheiros que estavam do outro lado das sepulturas.

— Grace — disse Lorcan, avançando rapidamente enquanto a garota se aproximava e passando o braço em volta dela. — Você está bem?

Ela assentiu.

— Ela está pronta — disse olhando para Mosh Zu —, não está?

Mosh Zu confirmou.

— Acho que sim.

— O que acontece agora?

— Vamos esperar aqui um instante.

Lorcan ficou abraçado a Grace enquanto os três olhavam Sally de longe. Ela estava ajoelhada diante do túmulo de Dexter, a silhueta emoldurada claramente contra o bloco de granito cor-de-rosa. A lua ia subindo depressa e, quando isso aconteceu, a lápide pareceu mais brilhante. Ficou quase luminosa. Grace desviou o olhar por um momento, querendo perguntar sobre isso a Lorcan, mas algo a compeliu a não afastar o olhar do túmulo, nem mesmo por um instante.

Havia uma segunda figura junto à lápide. Um homem. Quem era? De onde tinha vindo? O coração de Grace começou a disparar enquanto o homem estendia a mão para Sally e ela olhava para ele. Grace podia ver que ela estava sorrindo. E de repente soube por quê. Sabia quem era a figura.

— Papai! — exclamou. Ao ouvir a palavra, Lorcan abraçou-a com mais força. Grace virou a cabeça. — É o meu pai.

Lorcan assentiu.

— Talvez a alma dele tenha vindo ajudar sua mãe a fazer a passagem.

Grace sorriu, mas seu rosto estava molhado de lágrimas. Agora não precisava se preocupar pensando que a mãe estaria sozinha na jornada.

Junto à sepultura, Sally estava de pé outra vez. Dexter a havia puxado num abraço e estava beijando sua testa. Sally levantou o buquê para ele, que pegou-o e levou ao nariz por um momento, sorrindo. Depois ele sussurrou algo no ouvido de Sally. Ela sorriu e segurou a outra mão dele. Os dois começaram a andar.

— Aonde eles vão? — perguntou Grace. Mas a pergunta não teve resposta. A noite estava escurecendo e logo engoliu as duas figuras que andavam de braços dados pelo pátio da igreja; almas enfim reunidas.

Depois que eles se foram, Grace ficou imóvel, rodeada pelos outros, durante algum tempo, sem dizer nada. Era como se todos ainda estivessem esperando, olhando. Mas o quê?

De repente, ela viu um facho de luz se estender por cima da praia. A luz tinha uma qualidade diferente da luz suave do luar. Ela olhou para o farol deserto, seu antigo lar. Antes ele estivera escuro, mas agora a lâmpada fora acesa outra vez.

Lá em cima, na sala da lâmpada, viu duas figuras. Podia identificá-las claramente como Sally e Dexter. Os dois pararam junto à janela, olhando a baía lá embaixo. Dexter parecia estar apontando coisas para Sally. De novo, Grace sentiu-se reconfortada ao pensar que sua mãe e seu pai estavam juntos outra vez. Agora nunca mais iriam se separar.

Por fim, eles se viraram e ela soube que estavam olhando diretamente para ela. Viu o pai apertar a mãe com mais força. Depois os dois levantaram as mãos e acenaram para ela.

A princípio, Grace pensou que eles estavam pedindo para ela se juntar aos dois, mas depois percebeu que era um aceno de despedida. Levantou a mão, ainda que subitamente ela parecesse pesada como chumbo, e acenou de volta.

Quando fez isso, escutou dentro da cabeça a voz da mãe: *"Lembre-se do que eu lhe disse, filha querida."*

Ela assentiu. Depois escutou a voz do pai, clara como o dia: "*Sinto muito orgulho de você, Grace. Cuide do seu irmão. E confie na maré!*"

Ela assentiu de novo. Honraria cada uma dessas promessas.

Ainda estava assentindo quando a lâmpada começou a girar. O facho passou sobre a praia e continuou o arco pela baía. Depois de um tempo chegou à própria igreja. A luz era tão forte que Grace precisou não apenas fechar os olhos, mas também levantar a mão para cobri-los. Esperou um momento, dando tempo para o facho se mover, depois descobriu os olhos. Voltando o olhar para a sala da lâmpada, viu que ela estava escura outra vez. A sala estava vazia. O farol, deserto de novo. Seus pais tinham seguido em frente.

Tremendo, soltou-se de Lorcan e correu de volta para o túmulo do pai.

— Espera! — gritou Lorcan, mas ela foi rápida. A sepultura estava atraindo-a como um ímã, reluzindo um tom róseo ao luar. Parada diante da lápide, não pôde acreditar no que via. Havia uma nova inscrição ao lado das datas do pai. Não estivera ali antes; disso, tinha certeza. Mas agora, inconfundivelmente, havia as seguintes palavras:

E SALLY, AMADA MÃE E COMPANHEIRA.
FINALMENTE, EM CASA.

O coração de Grace estava batendo rápido. Tão rápido que ela não sabia se conseguiria contê-lo. Estava tonta, quente, nauseada e achou que precisaria sentar-se. A lápide cor-de-rosa era um borrão diante de seus olhos. Seu corpo parecia informe como gelatina. Estendeu a mão para se firmar, mas não adiantou. Tombou na terra fria diante do túmulo. A última coisa de que teve consciência foi da grama correndo em sua direção, depois tudo ficou preto.

Os outros não tardaram a alcançá-la. Mosh Zu foi o primeiro a falar.

— Então tudo termina. Então tudo começa. — Em seguida, virou-se para Lorcan. — Temos de levá-la para o navio agora.

— Eu carrego — disse Lorcan, abaixando-se para pegar Grace.

— Precisa de ajuda? — perguntou Mosh Zu.

Lorcan balançou a cabeça.

— Não — respondeu segurando no colo o corpo frouxo de Grace. — Não, ela é leve como uma pena. — E sorriu para Mosh Zu. Quase tão leve quanto da primeira vez em que a carreguei. Depois voltou o olhar de novo para Grace, espiando-a, pensando em como ela parecia em paz. Era bom sinal, pensou, um bom pressagio enquanto ela embarcava no próximo estágio da jornada.

Capítulo 29

Como matar um vampirata

Cheng Li dera a cada um dos seus três jovens tripulantes uma pesquisa diferente — a ser completada em cinco dias. No fim do quinto dia, a capitã Li voltou ao arquivo secreto para interrogá-los sobre o que haviam descoberto. Enquanto descia a plataforma do mosaico, imaginou como eles teriam se saído. Suas expectativas eram de uma análise meticulosa e bem pensada da parte de Jasmine e uma variedade de ideias loucas, mas potencialmente brilhantes da parte de Jacoby.

A variável desconhecida era Connor. O fato de a irmã dele ter ligações tão fortes com os Vampiratas ainda era uma preocupação para Cheng Li. Ela precisava considerar a possibilidade de que, em algum estágio, a lealdade dele ficaria abalada. Connor lhe havia garantido que não sentia apreço pelos

Vampiratas, apesar do relacionamento de Grace com eles. Mas Connor sabia alguma coisa sobre eles e seu mundo. Vira-os como "pessoas" definidas. Isso deveria desafiá-lo, à medida que a missão prosseguisse. Na batalha, era preciso saber o máximo possível sobre o inimigo, mas depois não poderiam vê-los como qualquer coisa que não fosse uma barreira para seus objetivos. Uma barreira que deveria ser erradicada. Será que Connor tinha condições de fazer isso?

Jasmine, Jacoby e Connor estavam esperando por ela na Sala 8. Com um mínimo de preâmbulo, Cheng Li ocupou sua cadeira atrás da velha mesa no canto do arquivo.

— Então, quem vai começar? — perguntou.

— Primeiro as damas — respondeu Jacoby com um riso.

— Claro — disse Jasmine, levantando-se e pegando uma pilha de papéis encadernados. — Fiz uma cópia completa do meu relatório para cada um de vocês. — E distribuiu-as aos colegas.

Cheng Li sorriu. Quando você entregava um projeto a Jasmine, ela sempre realizava — com eficiência, meticulosidade e no tempo determinado. Isso acontecera durante toda a sua carreira na Academia dos Piratas, e Cheng Li adorou ver que nada havia mudado, agora que Jasmine era uma pirata formada.

— Muito impressionante — disse, sorrindo para Jasmine. Em seguida, pousou seu relatório na mesa para ser lido com calma depois. — Pedi que você lesse os numerosos relatos de avistamentos do navio Vampirata. Diga, Jasmine, quais são suas principais descobertas?

— O fato é que tenho dúvidas muito sérias quanto ao valor de grande parte do que li aqui — respondeu Jasmine. Intrigada, Cheng Li ergueu uma sobrancelha. Jasmine prosseguiu com calma e confiança: — Muitos desses relatórios são... bom, seria generoso chamá-los de *pouco científicos.* Na maioria, são mais parecidos com boatos, chegando à beira das histórias de fantasmas. — Ela suspirou. — Incluí no relato algumas narrativas mais espalhafatosas para o caso de vocês se interessarem, mas acho que concordarão que eles devem ser vistos com uma grande dose de ceticismo. — Ela fez uma pausa. — Mas há um núcleo de avistamentos mais consistentes, que falam de um galeão tradicional, com várias marcas distintas. Em particular, as velas feitas de um material desconhecido. Poucos chegaram suficientemente perto para que o material fosse identificado, mas várias testemunhas falam que as velas têm uma textura de couro, que reluzem intermitentemente e têm um movimento parecido com o de asas.

Enquanto Jasmine falava, Connor pensou em seus contatos com o *Noturno.* Até então, nada que Jasmine dissera ia além de seu conhecimento sobre o navio. Afinal de contas, ele estivera a bordo duas vezes. Sabia disso — e Cheng Li também —, mas não tinha a intenção de solapar a pesquisa de Jasmine.

— Outra característica especial do navio Vampirata — continuou Jasmine — é uma figura de proa feminina que evidentemente ganha vida depois do escurecer. Houve alguns avistamentos em que ela mergulhava no oceano depois do pôr do sol e depois subia de volta ao convés.

Enquanto Jasmine falava, Cheng Li olhou para Connor. Isso bastou para lembrar que ela sabia que ele vira isso em primeira mão. Connor pensou

em Darcy Flotsam, a figura de proa bonita, mas mesmo assim sobrenatural, que se tornara grande amiga de sua irmã. Franziu a testa, pensando na estranha visita que recebera de Grace algumas noites antes. Não pela primeira vez, essa missão estava parecendo próxima demais de seus sentimentos. Cheng Li havia garantido que existiria tempo para levar Grace a um lugar seguro, que não era o navio Vampirata *dela,* o qual estaria sob ataque. Mas ele não conseguia afastar o sentimento de que, assim que o conflito continuasse, as coisas andariam depressa e de um modo difícil de controlar.

— Esse navio se mostrou difícil de ser rastreado de qualquer modo consistente — prosseguiu Jasmine. — Praticamente todos os relatos mais prováveis falam que ele chegou no meio de um denso véu de névoa e partiu de modo semelhante. Portanto não pudemos obter um conhecimento real da velocidade com que ele viaja. Parece possível que se mova a uma taxa de nós diferente da de uma embarcação convencional. — Ela bateu no mapa, atrás. — Ele poderia literalmente desaparecer na névoa no ponto A, aqui — ela moveu a mão para o outro lado do mapa — e reaparecer pouco depois no ponto B, aqui.

Cheng Li interrompeu com uma pergunta:

— Parece que você está falando apenas sobre um navio Vampirata, Jasmine. É isso?

Jasmine assentiu.

Com base no que li, parece que, historicamente, estamos falando de um único navio de Vampiratas. Acho que Connor pode dizer mais sobre como essa situação talvez tenha mudado recentemente. Mas, sem dúvida, segundo os relatos que eu li, os avistamentos, ainda que superficiais, têm um fio comum. O que me leva a pensar que estamos lidando com *um* navio, com suas velas parecidas com asas e a figura de proa que volta à vida, ou, como uma possibilidade remota, uma frota de navios totalmente iguais e que operam do mesmo modo.

— Uma frota? perguntou Cheng Li, intrigada com o pensamento. Você tem alguma coisa para sustentar essa linha de raciocínio?

Jasmine balançou a cabeça.

— Por enquanto, não. Foi meu pensamento que me levou aí, com base em vários relatos de avistamentos em múltiplos lugares sucessivamente. Nenhuma embarcação comum poderia cobrir os oceanos desse modo. — Ela deu de ombros. — Mas acho que esse é o ponto, não é? Nós *não* estamos lidando com uma embarcação convencional.

— Não mesmo — disse Cheng Li. — Obrigada, Jasmine. Estou ansiosa para ler o seu relatório completo mais tarde.

Jasmine assentiu, deu um sorriso modesto para a capitã e sentou-se.

— Agora sou eu? —Jacoby mal parecia capaz de se conter.

Cheng Li sorriu.

— Jacoby, você esteve pesquisando as experiências feitas até agora sobre como ferir e, em última instância, matar um Vampirata.

— Estive, sim — respondeu Jacoby, assumindo a vez. Não tinha relatórios bem encadernados para mostrar ao grupo, mas havia montado uma

variedade de instrumentos na mesa oposta.

— Bom — disse, com os olhos brilhando de empolgação.

— O armário da morte estava atulhado de coisas interessantes. — Começou a pegar alguns itens ao lado. — Existem os crucifixos, desde os simples até os ornamentados. Este é uma peça de prata particularmente bonita, não acham? Por falar nisso, vejam essas balas de prata! *Pou!* São boas para lobisomens, e possivelmente para Vampiratas também. — Ele largou a bala na mesa e estendeu a mão para outros objetos. — Em seguida vêm os Santos Sacramentos, como o terço ou esse frasco de água benta. E há o nosso velho amigo, o alho. — De repente, ele enfiou a mão atrás da mesa e pegou um buquê de flores muito bem amarrado. — Jasmine, isso é para você! — Jogou o buquê para Jasmine, que pegou e sorriu, cheirando-o.

— Rosas silvestres — disse ela. — Minhas prediletas.

— Não se você for um Vampirata — riu Jacoby. — Segundo uma lenda que encontrei, você pode acorrentar um vampiro à sepultura com rosas silvestres. Mas nenhum dos itens que mostrei até agora têm probabilidade de matar um vampiro. Eles estão na categoria dos *apotropaicos.* — Jacoby disse a palavra devagar, depois, como um professor jovem e um tanto louco, anotou-a e sublinhou várias vezes no quadro de apresentação que estava ao lado. — O objetivo de coisas assim é proteger contra os Vampiratas, mas, segundo tudo que andei lendo, e preciso ser um pouco criativo quando se trata de um ataque total.

Cheng Li olhou para Connor. O rosto do rapaz era difícil de decifrar. Estaria pensando nos Vampiratas que conhecera pessoalmente? Ou será que, de algum modo, teria conseguido criar uma distância mental em relação a eles? Ela decidiu ficar atenta a ele enquanto falava de novo com o subcapitão.

— Bom trabalho, Jacoby! Mas agora vamos nos concentrar em como matar um Vampirata.

— Sem dúvida — disse Jacoby —, mas lembre-se, capitã, que nosso objetivo na verdade não é *matar* um Vampirata.

— Não? — De novo, Cheng Li ergueu uma sobrancelha.

Jacoby balançou a cabeça.

— Na verdade, os Vampiratas já estão mortos, ou são *mortos-vivos,* se você preferir. Nosso objetivo não é matá-los, e sim *destruí-los.*

— Uma distinção justa — admitiu Cheng Li. — Então, certo, diga como *destruí-los.*

Jacoby virou uma folha do quadro, revelando uma página de anotações rabiscadas de modo confuso.

— Nossos antecessores citaram literalmente centenas de maneiras possíveis. Por exemplo, colocar uma moeda na boca do vampiro e decapitá-lo com um machado. Ou ferver sua cabeça no vinagre. Ou derramar óleo fervente nele e enfiar uma agulha no umbigo.

— Isso é que eu chamo de *piercing* — disse Jasmine, estremecendo.

Jacoby riu para ela.

— Na Romênia, eles preferiam remover o coração, cortá-lo ao meio, enfiar alho na boca do vampiro e depois um prego na cabeça. Mas na

Sérvia optam por enfiar um prego no pescoço e depois cortar os dedos dos pés do vampiro...

De novo, Cheng Li olhou para Connor. Dessa vez, ele pegou-a olhando e a encarou de volta. Talvez o garoto fosse feito de um material mais forte do que ela havia pensado.

Jacoby continuou animado, evidentemente sem notar essas preocupações.

— Como eu disse, existem centenas de ideias no armário da morte. Mas separei três principais. — Ele virou a página para revelar uma série de novas anotações:

1. Fogo
2. Luz do sol
3. Estaca no coração

— Certo. — Jacoby bateu na folha. — Número um: fogo!

Enquanto Jacoby falava, Connor pensou na noite em que havia usado fogo para atacar os Vampiratas renegados. Foi o próprio capitão Vampirata que havia dito a Connor que arma usar. E tinha sido um sucesso... até certo ponto. Vários Vampiratas foram *mesmo* destruídos no incêndio. Mas nem todos, pensou Connor, fechando os olhos momentaneamente. Essas eram lembranças dolorosas. Ele tivera de se virar contra Jez — ou contra a coisa em que Jez havia se transformado — e jogar fogo nele. Foi uma das coisas mais difíceis que já fez. E quase ficara aliviado ao saber que Jez não havia morrido no incêndio.

— Connor? — chamou Cheng Li.

Ele abriu os olhos com um susto.

— Sei que é tarde e vocês trabalharam muito, mas, por favor, faça aos seus colegas a cortesia de não cochilar enquanto eles apresentam os resultados.

— Sim, capitã — respondeu Connor. Ele poderia ter lhe dito que o fogo não era um modo certo de matar um Vampirata — que Jez Stukeley e Sidório tinham sobrevivido ao seu ataque incendiário. Mas, por ora decidiu esperar.

Manteve os olhos abertos, mas, à medida que Jacoby continuava a discutir os modos de expor os Vampiratas à luz do sol e cravar uma estaca no coração, a mente de Connor focalizava outro lugar. Estava pensando no capitão Vampirata e em como ele dera a Connor a informação de que precisava para atacar Sidório e os rebeldes. Isso interessava a Connor de dois modos. Primeiro, porque o capitão estivera disposto a se virar contra os outros Vampiratas. No próximo conflito, será que isso aconteceria? Ou será que, dessa vez, as forças Vampiratas iriam se juntar contra um inimigo comum? A segunda coisa que interessava a Connor com relação ao conselho do capitão era que ele estivera errado. Ou, ainda que não estivesse exatamente *errado*, a sugestão havia sido inadequada. O fogo não se mostrara fatal para acabar com os Vampiratas. Será que eles teriam evoluído para além da norma — além até mesmo do conhecimento e dos poderes do próprio capitão Vampirata? Ou será que ele o

enganara intencionalmente? Connor não acreditava nisso. Seus pensamentos voltaram à cerimônia de cura da qual fizera parte — para restaurar a vitalidade enfraquecida do capitão depois de ele ter se sacrificado para salvar tantos outros. Como ele estaria agora? Grace não havia falado sobre ele. Será que isso significava que ainda estava sumido, como acontecera quando Connor saiu do Santuário, ou estaria de volta ao timão do navio, de volta ao comando dos Vampiratas "bons"?

Os pensamentos de Connor foram interrompidos quando Jacoby finalmente encerrou a apresentação. Cheng Li ficou obviamente impressionada.

— Jacoby, você fez um serviço excelente. Acho que nosso próximo passo é claríssimo. Temos de encontrar alguns Vampiratas com os quais experimentar antes de finalizarmos a estratégia de ataque.

— Quer dizer, sequestrar um Vampirata? — perguntou Jasmine.

— Um não será suficiente — respondeu Cheng Li, balançando a cabeça. — Acho que precisaremos de pelo menos três, num primeiro momento.

— Três! — exclamou Jasmine. — Durante quanto tempo vamos mantê-los? E onde?

— Está tudo sob controle — disse Cheng Li. — Mandei construir algumas jaulas no convés do *Tigre*. Vamos mantê-los lá. Quanto ao tempo... bem, será o tempo necessário para obtermos algum resultado.

— Quer dizer, até obtermos sucesso em matar um deles — disse Connor.

— Não — corrigiu Jacoby. — *Matar,* não, meu chapa. Até obtermos sucesso em *destruí-los.* — Em seguida se virou para Cheng Li. Mas onde vamos *encontrar* esses Vampiratas?

Cheng Li sorriu.

— Connor andou trabalhando nesta parte da missão, não foi?

Connor assentiu, pigarreando.

— Como indicou a pesquisa de Jasmine, o principal navio Vampirata, o *Noturno*, é difícil de ser rastreado. — Ele fez uma pausa. — Mas não é mais o único navio Vampirata. Sidório e os Vampiratas rebeldes tomaram posse de um navio-prisão. E, ainda que o *Noturno* realmente pareça se mover de modo muito misterioso, o navio rebelde, *Capitão de Sangue*, está viajando de modo excêntrico, mas, mesmo assim, possível de ser rastreado, ao longo da costa.

— Como você sabe disso? — perguntou Jacoby.

— Eles não são como os Vampiratas do *Noturno.* O *Noturno* tem sua própria tripulação de doadores a bordo. — Enquanto falava, percebeu que acabara de jogar no lixo a pesquisa detalhada dos outros. Mas não se importava. Tinha duas missões a cumprir: dar a Cheng Li tudo de que ela precisava para perseguir Sidório e proteger Grace pelo máximo de tempo que pudesse. — Como eu disse, há doadores a bordo do *Noturno*, que suprem de sangue os Vampiratas. Isso significa que o navio jamais precisa atacar em outros lugares. Mas o *Capitão de Sangue é* muito menos organizado. A tripulação está crescendo rapidamente e eles são selvagens e descontrolados. Isso os torna perigosos, mas, ao mesmo tempo, vulneráveis.

— Vulneráveis? — perguntou Jasmine com um tremor. — Eles não *parecem* muito vulneráveis.

Connor olhou para Jasmine.

— Eles precisam de sangue. Não têm um suprimento a bordo do navio, por isso precisam ir à terra caçar as presas. Eles deixaram uma trilha de devastação ao longo do litoral. Não foi difícil acompanhá-la. — Agora Connor pegou seu mapa, onde havia marcado em vermelho, de modo apropriado, o curso do navio. — Acho que a direção em que ele vai é bastante clara.

— Excelente trabalho, Connor — disse Cheng Li.

— Não terminei — disse Connor. Ele havia guardado o trunfo para o final. Então, enfiou a mão no bolso e pegou um maço de cartas de baralho. Inclinou-se e espalhou-as na mesa de Cheng Li. — Notam alguma coisa estranha nisso? — perguntou aos colegas.

— Estão sujas de sangue — respondeu Jacoby. — Nojento.

— Elas são *erradas* — disse Jasmine. — São todas do mesmo naipe, Copas. Mas as cartas de copas são vermelhas, e essas são pretas. Nunca vi um baralho assim.

Cheng Li olhou para Connor.

— Onde você as conseguiu?

— Foram encontradas nas vítimas dos ataques recentes. Havia centenas mais.

Cheng Li pegou uma das cartas.

— É idêntica à que John Kuo estava segurando quando nós o descobrimos — disse ela. — Lembra?

Connor assentiu, sério. Essa era uma visão que provavelmente jamais conseguiria apagar da memória.

— Isso mostra que estamos na trilha dos matadores — disse Cheng Li, olhando Connor com admiração incontida. — Bom, devo dizer que vocês não me decepcionaram. Cada um dos relatórios trouxe muitas ideias e revelações. — Ela se recostou na cadeira. — Vou ficar aqui e pensar mais um pouco esta noite. Vocês três podem retornar ao navio. Devem chegar a tempo para a segunda leva do jantar.

Não precisaram ser persuadidos. Fora um dia longo e eles haviam ficado trancados na sala subterrânea durante muitas horas.

Os outros estavam no corredor quando Jasmine parou de repente.

— Desculpe, pessoal, esqueci de dizer uma coisa a Cheng Li. Vão na frente, eu alcanço vocês. — Ela se virou e, batendo à porta, entrou na sala do arquivo.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou Cheng Li.

— Esqueci. Está na gaveta da sua mesa. Um caderno. Encontrei antes, na última caixa de arquivo. Achei que você não quereria que eu falasse dele aos outros antes que tivesse a chance de olhar pessoalmente.

Cheng Li ficou intrigada. Pousou a caneta e abriu a gaveta. Sem dúvida, dentro, havia um velho caderno. Ela pegou-o e pôs na mesa. Ao levantar os olhos de novo, viu que Jasmine já havia saído da sala. Que estranho!

Quando abriu o caderno, seu coração falhou. A caligrafia era

inconfundível. Foi um choque terrível. Instintivamente, fechou o caderno e respirou fundo antes de abri-lo novamente. Não havia dúvida. A letra precisa. A característica tinta turquesa. Sabia o que estava segurando antes mesmo de ler a primeira página.

Diário de Chang Ko Li, janeiro de 2495

Era o diário de seu pai. Ele havia começado a escrevê-lo em janeiro de 2495, apenas alguns meses antes de morrer. Cheng Li franziu a testa. Por que nunca tinha visto esse caderno? Por que estava aqui, no arquivo secreto? Que revelações haveria nele? E será que lançariam alguma luz sobre a morte de seu pai? O comodoro Kuo dissera que Chang Ko Li morrera numa briga de taverna. Essa era a versão aceita. Mas seria a verdade?

Cheng Li começou a virar furiosamente as páginas escritas com tinta turquesa. Palavras e frases saltavam para ela...

Primeiro avistamento...

Uma figura de proa que ganha vida depois do pôr do sol...

Não é um véu, e sim uma máscara!

Uma segunda tripulação que eles chamam de doadores...

A cabeça de Cheng Li estava girando. Os últimos meses de seu pai tinham sido passados perseguindo os Vampiratas!

De repente, percebeu outra presença na sala. Dessa vez não houvera batida, ou então ela estivera concentrada demais para ouvir.

— Jasmine — disse ela. — Obrigada. Essa é mesmo uma descoberta incrível!

Mas, quando levantou os olhos, não era Jasmine quem estava ali. Era um rapaz, com pele pálida e translúcida e cabelo preto como a asa de um corvo.

— E quem é você? — perguntou ela, mesmo já tendo suspeitas.

— Meu nome é Lorcan. Lorcan Furey. — Seus olhos azul-celeste se fixaram nela enquanto ele prosseguia: — Vim lhe trazer uma mensagem dos Vampiratas.

Capítulo 30

O enigma

Fascinante. Não era uma palavra que vinha com frequência à mente de Cheng Li, mas era perfeita para descrever o rapaz que estava à sua frente.

— Então — disse ela. — O lendário Lorcan Furey.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Lendário?

— Ouvi falar um bocado de você — disse ela com um sorriso. — E, pelo que vejo, você está mais do que à altura de sua publicidade.

Na verdade, claro, ele *não era* um rapaz. Esse era o truque! Ele percorria a terra e os oceanos há vários séculos. Sua palidez sugeria esse fato, mas, ao mesmo tempo, aumentava sua beleza rara — como o mármore translúcido de uma estátua antiga, ou a pele fina e meio violeta de um dente de alho. Irônico, pensou Cheng Li, dado o que diziam sobre o alho.

Os cílios compridos e escuros lançavam sombras sobre os malares nítidos, enquanto ele baixava a cabeça, modesto.

— Esta não é uma visita social, capitã Li. Tenho uma mensagem para você. De Mosh Zu, guru dos Vampiratas.

— Mosh Zu? Nunca ouvi falar dele.

— Há muita coisa que você não sabe sobre nós.

— Mas estou ansiosa para saber. Por que não se senta? — Ela indicou a cadeira do outro lado da mesa. — Isto é, se quiser sentar-se.

— Presumindo que você não tenha um caixão forrado de veludo para eu me deitar, esta cadeira será suficiente — disse Lorcan, acomodando-se diante dela.

— Humor Vampirata! — Cheng Li sorriu. — Eu não esperava por isso. Pelo que Grace me contou, eu pensava que você era do tipo "sombrio e pensativo".

Ele sorriu disso.

— Tenho meus momentos.

— Estou certa que sim, Lorcan Furey — disse ela, sentindo um arrepio no corpo. — Estou certa que sim.

Estou flertando com um Vampirata, pensou Cheng Li. Qual era a expressão? *Flertando com o perigo.* Bom, não era muito mais perigoso do que estar trancada num espaço confinado com um sugador de sangue notório, ainda que ele tivesse *mesmo* o tipo de aparência normalmente reservada para estátuas de mármore. E se estivesse com fome? Ou seria *sede*? Não fazia mal, dava no mesmo. Ele inclinando-se por cima da mesa velha e cravando os dentes nela...

— É melhor irmos aos negócios — disse Lorcan, com o sotaque forte puxando-a de volta do monólogo interior.

— É mesmo — respondeu Cheng Li, esperando que ele não fizesse ideia do efeito que sua presença causava. — Você disse que tinha uma mensagem para mim. Do tal de Mosh Zu. — Os olhos amendoados focalizaram atentamente o rosto de Lorcan.

— Na verdade, é muito simples: não comece algo que não possa terminar.

As palavras dele fizeram o coração de Cheng Li acelerar. Uma corrente elétrica de adrenalina pulsou através dela. Seu primeiro pensamento foi de que devia ser medo, porque *acabara* de receber um alerta dos Vampiratas. Mas ela conhecia o medo, e aquilo *não* era medo. O que seria, então? Atração? Bom, inegavelmente, sentia-se atraída pelo rapaz sentado à mesa, com os olhos azuis, cílios compridos e malares nítidos. É, em outro lugar e em outro tempo as coisas poderiam ficar bem interessantes entre eles. Mas esse sentimento, essa sensação, era maior do que o medo ou a atração. De repente, percebeu o que era, cravando decisivamente um alfinete nas asas de borboleta de seus pensamentos.

Era o fato de que Mosh Zu, claramente um dos Vampiratas mais importantes, havia mandado um emissário a ela. *A ela!* Não a Rene Grammont, respeitado velha-guarda da Federação. Nem ao comodoro Ahab Black, o misterioso e ambíguo recém-chegado. Não, Mosh Zu mandara Lorcan a *ela*,

Cheng Li. Não poderia desejar um sinal mais forte de que seu poder estava aumentando.

Lorcan pigarreou.

— Você entende a mensagem?

Ela assentiu.

— Vocês sabem sobre nossa missão. — Ela olhou-o, esperando que ele voltasse a falar. Ele a encarou de volta, aparentemente feliz com o silêncio entre os dois. Cheng Li ficou tentada a dizer mais alguma coisa, mas precisava ter cuidado. Já havia algo em Lorcan Furey que a deixava desequilibrada. Em geral, esse era o efeito que ela provocava nos outros. Que estranho, e não totalmente desagradável, ter isso voltado contra si própria! Havia um verdadeiro perigo de que ele a provocasse a dizer mais do que ela desejaria, ou que a Federação gostasse.

Ele se levantou. Evidentemente estava preparando-se para sair.

— É só isso? — perguntou ela.

— Entreguei a mensagem — respondeu Lorcan. — Meu trabalho aqui terminou.

— Espere. — As palavras de Cheng Li tiveram sucesso em retardar sua saída. Mas agora ela se sentia insegura, sem saber como continuar. — Como você entrou aqui? Na verdade, como soube onde me encontrar?

— Isso importa? Eu cheguei. Encontrei você. Dei a mensagem de Mosh Zu.

A mente de Cheng Li estava disparando. Ela queria mantê-lo na sala, mas não sabia exatamente por que e não tinha tempo de questionar mais, agora.

— Eu não deveria mandar uma mensagem de volta ao seu chefe?

Lorcan se virou de novo, mas balançou a cabeça.

— Não é necessário.

— Sei — disse Cheng Li, um tanto azedamente. — Então, isso não era bem uma mensagem, mas um aviso.

Lorcan deu de ombros.

— Agradeço pelo seu tempo. E sua atenção. Confio em que vá refletir sobre o que falei.

— Vou. Vou, sim.

Lorcan assentiu e voltou, dando os últimos passos até a porta. Nesse momento, Cheng Li viu um pedaço de papel cair das dobras do casaco de Lorcan. O papel voou livre à luz do lampião, depois pousou no piso, branco e frágil como uma pena.

— Espera! — gritou ela, depois pensou que seria capaz de dar um chute em si mesma.

Ele já estava junto à porta. Virou-se com os olhos azuis procurando os dela à luz do lampião, depois se fixando neles.

— Sim?

Cheg Li tentou desesperadamente não olhar o pedaço de papel, nem pensar nele. Com um esforço supremo, assumiu um tom casual.

— Eu só estava pensando: como está Grace?

— Muito bem — respondeu Lorcan, a voz mais suave do que antes. — Vou dizer que você perguntou por ela, se quiser.

— Por favor, faça isso.

— Havia mais alguma coisa que você queria me dizer? — perguntou ele. Sua mão já estava na porta. Num instante, ele sairia para a noite. Esta era a última chance.

Cheng Li pensou no papel no chão. Provavelmente não era nada importante. Mas mesmo assim...

— Não — disse balançando a cabeça. — Não, não há mais nada.

Ele não se moveu. Será que podia sentir que havia algo que ela estava escondendo? Será que teria largado o papel intencionalmente? Estaria testando-a?

— E como você sai? — perguntou ela. — Num sopro de fumaça? Ou simplesmente desaparece?

Ele riu.

— Por mais que eu odeie ser uma frustração esmagadora para você, acho que vou simplesmente usar a porta. — Com isso, ele se virou, abriu a porta e saiu para o corredor.

Ela ouviu seus passos se afastando. Não sabia se ele estaria pegando o estranho elevador de volta à Rotunda ou encontrando outro modo de sair da academia. Como ele próprio dissera, o que importava?

Cheng Li ficou sentada à mesa, sentindo o choque de seu encontro com Lorcan Furey e a estranha mistura de medo e empolgação que a visita, o alerta — mas, acima de tudo, sua presença — haviam despertado nela. Durante um tempo, repassou a conversa mentalmente, pensando em como poderia ter reagido melhor, como poderia ter sido mais inteligente. Mas Lorcan Furey era um sujeito interessante. Interessante mesmo. Lembrou-se de Grace contando sobre o jeito evasivo dele quando ela havia chegado ao *Noturno;* a capacidade que ele tinha de falar sem dizer nada; de falar por charadas. Ele é um enigma, pensou Cheng Li. Um enigma ambulante e falante.

Não conseguiu deixar de pensar em Grace e no relacionamento entre ela e Lorcan. Pelo modo como Grace havia contado naquela noite na academia, parecia uma paixão intensa. Grace não era a primeira jovem, nem seria a última, a se apaixonar por um rebelde que não fazia parte de seu meio. Mas Lorcan era mais do que um rebelde desgarrado, lembrou-se. Era um demônio, mesmo que fosse abençoado com a aparência de um semideus.

Enquanto pensava, Cheng Li olhou para a frente e viu de novo o retângulo de papel que Lorcan deixara cair antes da partida. Levantou o lampião e foi até lá, ajoelhando-se. Enquanto baixava o lampião junto às tábuas do piso, viu que não era, como havia pensado, um pedaço de papel, e sim um envelope. Estava caído de rosto para baixo. Ela levantou-o e virou-o, vendo que havia só um nome escrito na frente.

Grace

O envelope era gordo, e continha várias folhas, sem dúvida todas escritas. O que revelaria?, pensou ela, não querendo apressar o momento da abertura, e sim adiar o prazer. Seria uma declaração de amor de um Vampirata para sua namorada mortal? Ou, talvez mais provavelmente, será que ele estava para romper o relacionamento e que naquele envelope estaria toda a explicação do motivo? Cheng Li sentiu o peso do precioso envelope que tinha em mãos, sorrindo do presente intrigante que literalmente caíra em sua posse.

Era hora de sair dessa masmorra sem ar, retornar à cabine confortável a bordo do *Tigre* e refletir sobre os tesouros que esse dia lhe trouxera. Estava cansada, mas empolgada. Tinha muito para refletir.

Olhou o caderno do pai. Não pôde resistir a levantá-lo e contemplar momentaneamente as páginas escritas, todas com a letra de Chang Ko Li e a tinta turquesa igualmente característica. Mas não iria lê-lo agora. Guardaria para mais tarde.

Enfiou a carta de Lorcan dentro do diário, depois colocou-o na bolsa, fechou o zíper e pendurou-a no ombro. Pegando o lampião de novo, voltou para a porta, depois saiu ao corredor. Fechou a porta da sala do arquivo e continuou pela escuridão, ansiosa para voltar à cabine o mais rápido possível e abrir a bolsa. Não faltava material para ler esta noite, isso era certo. De repente, sentia-se bastante animada.

Capítulo 31

Contra-ataque

Outra noite. Outra cidade litorânea de fim de mundo a ser dizimada.

Stukeley e Johnny monitoravam a aproximação no passadiço do *Capitão de Sangue*. Podiam ouvir a turba faminta embaixo, preparando-se para a ação. Outra noite de festa, farra e caos absoluto.

Na cabine do capitão, Sidório estava de pé diante do espelho que ia até o teto, ajustando a capa nova. Era uma peça elaborada, feita de uma variedade de peles de animais com correntes de ossos, encimada por espetos de metal em cada ombro. Desnecessário dizer que fora feita sob medida. Lola havia recomendado um alfaiate e, ainda que inicialmente ele tivesse ficado cético, fora convencido facilmente de que: a) ele parecia irresistível em qualquer sentido da palavra e b) como Rei dos Vampiratas, precisava

urgentemente de roupas que combinassem com sua reputação, que crescia rapidamente. Adquirira as botas novas, que tinham espetos combinando, com outro dos contatos de Lola. Riu. Em pouco tempo, Lola se tornara indispensável para ele.

Inclinou-se mais perto do espelho — verificando se havia alguma coisa presa entre os dentes. Depois passou a mão pelo cabelo curto.

— Perfeito — declarou, rindo sozinho. Em seguida, virou-se — notando com satisfação o farfalhar da capa nova — e saiu da cabine para encontrar seus tenentes no passadiço.

Enquanto seguia pelo corredor, a multidão de Vampiratas de posto inferior se dividiu como um mar Vermelho. Suas vozes agudas baixaram num silêncio respeitoso enquanto ele passava e começava a subir a escada até o passadiço. Escancarou a porta para anunciar sua presença. O estrondo de metal causou o efeito desejado. Johnny e Stukeley se viraram simultaneamente.

— Boa-noite, rapazes — disse Sidório.

— Boa-noite, capitão — respondeu Johnny.

Stukeley cumprimentou-o com a cabeça, os olhos se arregalando diante da roupa elaborada de Sidório.

— Tremenda beca! — exclamou ele. — A capa, por acaso, é uma aquisição nova?

Sidório assentiu, orgulhoso.

— Lola me ajudou a bolar. — Ele fez uma pose, permitindo que vissem a roupa em glória total. — Vocês acham que é muito... — Ele hesitou, procurando a palavra.

— Espalhafatosa? — sugeriu Stukeley.

— Discreta? — rugiu Sidório.

Stukeley balançou a cabeça muito devagar.

— Não, capitão. Acho que o senhor pode ficar tranquilo: isso não é nem um pouco discreto.

— Excelente — disse Sidório, esfregando as mãos. — Vocês estão com fome? Eu estou.

Johnny assentiu.

— Estou com uma fome de lobo! — E fez uma imitação bastante precisa de um uivo de lobo.

— Muito bom, chapelão — disse Sidório, rindo.

— Na verdade — observou Stukeley —, é bom ver o senhor. Como temos alguns instantes antes de desembarcar, será que poderíamos falar sobre negócios?

— Certo — respondeu Sidório, com a expressão entediada sinalizando uma nítida falta de entusiasmo.

O capitão, que na melhor das hipóteses jamais gostava de discussões sobre estratégia, esta noite parecia mais inquieto do que o normal. Mas Stukeley não podia se dar ao luxo de adiar essa discussão.

— O senhor ouviu a notícia de que os piratas estão montando uma força para nos atacar diretamente?

— Verdade? — A sobrancelha levantada de Sidório indicava um

interesse moderado.

— É — respondeu Stukeley. — É por causa do assassinato do comodoro Kuo, diretor da Academia dos Piratas, e de dois alunos de lá...

Sidório sorriu.

—Trabalho de Lola.

Stukeley assentiu.

— É mesmo. Trabalho de Lady Lockwood e da tripulação do *Errante*.

Sidório riu.

— Lola malvada!

Stukeley franziu a testa.

— O negócio, capitão, é que todas as nossas informações indicam que Lady Lockwood passou despercebida e os piratas estão vindo atrás do senhor. Eles se lembram de quando massacrou Porfírio Wrathe e a tripulação dele, e acham que o senhor é o responsável.

Sidório sorriu.

— Acho que *ele* foi mesmo morto por mim.

— Foi mesmo — disse Stukeley. — Eu estava junto. — Ele fez uma pausa. — O que quero dizer, capitão, é que a situação está mudando depressa. Precisamos nos preparar.

— Para quê? Um ataque de alguns piratas fazendo cabriolas? — Os dedos dele roçaram nos espetos das ombreiras. — Podem vir! Vamos fazer picadinho deles! — Fez uma pausa. — Ou talvez comecemos nossa vinícola também, como...

— É ótimo ver o senhor tão obstinado com relação a isso — insistiu Stukeley. — Lembra-se de quando falamos antes sobre estabelecer uma nova estrutura de comando? — Sidório olhou com expressão vazia para seu tenente. — Seguindo as linhas de uma legião romana? — Sidório mostrou um leve reconhecimento.

— Precisamos de mais capitães — disse Stukeley, decidindo manter a coisa simples. — Um para cada navio.

— *Eu* sou o capitão — respondeu Sidório a voz trovejando no passadiço e saindo pelo corredor.

— É — disse Johnny, vindo ajudar seu colega tenente. — O senhor está no comando geral. Ninguém questiona isso. Mas, juntando essa ameaça e a rapidez com que nosso número aumenta, precisamos de mais navios e de um capitão e um subcapitão para cada um deles. Precisamos começar a avaliar quem, entre os tripulantes, tem potencial de liderança.

Sidório bocejou, com os incisivos dourados brilhando na boca aberta. Seu hálito, notou Stukeley, estava com um cheiro doce e pouco característico. Com frescor de hortelã. Franzindo o nariz, Stukeley trouxe o foco de volta à discussão.

Sei que isso pode parecer muito burocrático para o senhor, capitão, mas temos de cuidar desse assunto. Esta situação vem-se formando há um bom tempo.

Sidório deu de ombros, mas não estava claro se era por falta de

resposta ou puro tédio. Ao notar outro espelho na parede oposta, deu as costas para seus tenentes e foi andando para lá.

Stukeley e Johnny trocaram um olhar.

— Eu desistiria, se fosse você — murmurou Johnny baixinho. — Esta noite a cabeça dele está num lugar totalmente diferente.

— Nem me diga! — sibilou Stukeley com uma careta.

— Vocês dois não podem relaxar? — disse Sidório por cima do ombro. — Nós estamos virando uma força impossível de ser contida. Deixem os piratas virem atrás de nós, se quiserem. Se eles acham que podem impedir nossa ascensão, estão errados. Tremendamente errados. — Sidório olhou de novo para o espelho. Estufou o peito, levantando alternadamente um peitoral, depois o outro, como se estivesse participando de um concurso particular de fisiculturismo. — Já estamos chegando? Não queremos nos atrasar para encontrar os outros.

— *Que* outros? — perguntaram os tenentes em uníssono, as vozes cheias de preocupação.

Sidório se virou, sorrindo amigável.

— Não mencionei que Lady Lockwood e a tripulação dela vão conosco? Achamos que seria divertido caçar juntos.

Stukeley franziu a testa, virando-se e olhando para a praia.

— Ah, sim — disse numa voz absolutamente desprovida de entusiasmo. — O navio dela acaba de chegar.

— Excelente — exclamou Sidório, cheirando as axilas. — É isso aí, pessoal, hora de baixar âncora e saltar fora.

— Antes de o senhor ir — disse Stukeley — será que ao menos podemos terminar nossa conversa?

— Achei que já tínhamos terminado.

Stukeley tentou reunir toda a paciência que tinha.

— Capitão, esse negócio não vai sumir sozinho. Se os piratas estão planejando nos atacar, e parece que estão, precisamos estar preparados.

— Então está certo — disse Sidório em tom afável. — O que vocês sugerem?

Às vezes, Stukeley se perguntava se, apesar dos muitos poderes consideráveis, o capitão não seria provido da capacidade de memória de um peixe dourado.

— Sobre as legiões... um capitão para cada navio.

— Sim, sim. Vou falar com Lola sobre isso. Agora preciso ir. Não quero manter aquela criatura magnífica esperando.

Ele já estava junto à porta.

— Capitão — disse Stukeley. — Desculpe, mas Lady Lockwood não faz parte de nosso comando. O senhor deveria discutir essas questões com ela?

Sidório olhou irritado para Stukeley.

— Será que preciso lembrar a vocês quem está no comando aqui? Eu falo *com quem* eu quiser sobre o *que* eu quiser.

— Sim, senhor! — respondeu Stukeley, percebendo que havia

passado do ponto. Às vezes, o maior valor era saber quando calar a boca.

Mas Sidório ainda não havia terminado.

— Por acaso — disse ele —, Lady Lockwood e eu estamos discutindo uma fusão.

— Uma fusão? — exclamou Johnny.

Sidório assentiu.

— Isso mesmo, chapelão. Pedi que ela se juntasse a nós. Gosto do seu estilo. Acho que ela vai agitar as coisas por aqui. Como é que se fala? — Ele riu e deu um soco no ar. — *Um toque feminino!* — exclamou. Com isso, virou-se e foi pelo corredor, não querendo adiar o encontro nem por um instante.

Johnny se virou para Stukeley.

— *Um toque feminino?* — repetiu. — Qual é a dele, *hermano*?

Stukeley franziu a testa.

— O capitão não sabe se é a hora do jantar ou do juízo final, meu chapa. Foi nesse estado que Lady Lockwood o deixou. Nós tentamos fazer com que ele entendesse, mas a coisa entra por um ouvido e sai pelo outro. Não que ele tenha muita capacidade de atenção, para começar, mas desde que Lady Gosma apareceu...

— Então o que vamos fazer?

— Vamos fazer a coisa do nosso modo. Deixamos o capitão arrulhando com a lady amiga até ficar entediado e encontrar um novo brinquedo. Enquanto isso, assumimos o controle desse empreendimento. Antes que ele desmorone diante dos nossos olhos.

Os olhos escuros de Johnny brilharam.

— Estou ouvindo, *hermano.* Mas você acha que podemos mesmo fazer isso?

— Precisamos tentar. Não vejo outra opção. Você vê? — Ele saiu pela porta, chamando Johnny para segui-lo.

Sidório estava parado com Lady Lockwood e sua tripulação, todas vestindo capas pretas idênticas, quando Stukeley e Johnny chegaram à praia.

— Ah, aí estão eles, finalmente! — exclamou Sidório, afável. — Rapazes, venham cá. Vocês se lembram de Lady Lockwood.

— Como se pudéssemos esquecer — murmurou Stukeley, fazendo uma reverência elaborada.

— *Buenas noches, capitan Lockwood.* — Johnny pegou a mão de Lola e beijou-a.

Lady Lockwood deu um sorriso doce para os rapazes, depois se virou de novo para Sidório.

— Seus tenentes são *tão* charmosos! — Em seguida, estendeu as mãos para os lados. — E, sem dúvida, vocês, rapazes, se lembram de Jessamy e Camille, não?

As duas deram um passo à frente para cumprimentar a equipe de Sidório. Stukeley e Johnny ficaram sem graça, lembrando-se bem demais de como as duas os haviam feito de bobos durante várias noites.

— Bom, não se preocupem, rapazes — disse Lady Lola. — Elas prometem ser boazinhas esta noite, não é, senhoritas?

— Sim, capitã — responderam as duas em coro, com doçura.

Stukeley se virou para Sidório.

— Não é hora de colocarmos o bloco na rua, capitão?

— Claro — assentiu Sidório. Em seguida estendeu a mão para Lady Lockwood. — Venha comigo. Vamos caçar em dupla.

— Sabe — disse Lady Lockwood —, eu tenho pessoas que caçam para mim, querido. Geralmente prefiro beber sangue saído de uma taça veneziana inestimável.

Sidório ficou momentaneamente frustrado. Ao ver isso, Lady Lockwood pegou sua mão.

— Mas estou sempre aberta a uma nova experiência. Venha, seu bruto. — Em seguida, virou-se para sua tripulação. — Divirtam-se, todas!

Sidório levou Lady Lockwood ao centro da turba e juntos deram a ordem:

— Vão festejar!

Stukeley e Johnny viram a multidão se afastando. Ficaram parados, cercados pelo resto da considerável tripulação de Lady Lockwood, que, Johnny não pôde deixar de notar, era totalmente composta de mulheres lindas.

— E então? — indagou Jessamy, levantando uma sobrancelha. — Estávamos esperando que vocês mostrassem o caminho, senhores.

Johnny riu.

— Sigam-me, senhoritas! — E começou a correr pela praia, à frente do elegante bando da tripulação de Lady Lockwood com suas capas pretas.

Após a farra, Johnny e Stukeley acompanharam a tripulação de Lady Lockwood até a praia. Depois do ceticismo inicial, Stukeley havia se divertido um bocado. Agora que Jessamy e Camille não estavam mais tentando enganá-los e induzir a perda da memória de curto prazo, revelaram-se uma boa companhia. Havia coisas piores, pensou ele, do que uma noite de festa com um bando de lindas Vampiratas.

Depois de pouco tempo, os dois capitães — Sidório e Lady Lockwood — juntaram-se a eles na praia. Sidório chegou correndo, carregando Lady Lockwood no colo, com as saias se arrastando atrás. Ela gritava empolgada.

— Ponha-me no chão! Ponha-me no chão agora mesmo!

— Por fim, ele soltou-a gentilmente na areia. Ela prendeu o fôlego e se virou para as outras, meio ruborizada: — Bom, *nós* certamente nos divertimos tremendamente esta noite. E vocês todas?

Houve confirmações de cabeça e palavras entusiasmadas.

Lady Lockwood passou o braço pelo de Sidório.

— Parece que nossas tripulações são bem compatíveis, não é?

Ele assentiu, sorrindo para ela.

—Devo tocar a sirene? — perguntou Johnny ao capitão.

— Por enquanto, não — respondeu Sidório balançando a cabeça. — Ainda está bom, está escuro. Nós nos divertimos, mas devemos deixar os outros aproveitarem um pouco mais.

De repente, o ar da noite foi cortado por um grito de gelar o sangue.

— O que foi isso? — perguntou Jessamy.

Mas todos sabiam a resposta. Todos conheciam os sons de gritos mortais. Aquele era diferente. Vinha de um deles.

— Está começando — disse Stukeley com calma. — A cidade está montando um contra-ataque.

— O que vamos fazer, capitão? — perguntou Johnny, virando-se para Sidório em busca de liderança.

Em silêncio, Sidório se empertigou e foi andando pela praia, olhando de volta para a cidade. Seus dois tenentes foram atrás.

— Devemos ficar e lutar? — perguntou Stukeley. — Ou quer zarpar?

Agora o primeiro grito foi seguido por outro. Em cima do morro, havia fogo. Um rio de fogo correndo. Tochas. Tochas acesas.

— Vamos sair daqui — disse Sidório.

— Vou tocar a sirene — respondeu John.

— Não! — Sidório balançou a cabeça. — Não precisa. Não vamos esperar nenhum retardatário.

— Retardatário? — disse Stukeley. — Capitão, há um momento o senhor estava dizendo que deveríamos deixar que eles se divertissem...

— As coisas mudam. Os que conseguirem, tudo bem. Quanto ao resto... — Ele deu de ombros. — O que se ganha fácil se perde fácil.

Stukeley e John ficaram enraizados no lugar, chocados com a atitude do capitão.

— Não estou sendo suficientemente claro? — gritou Sidório. — Voltem ao navio e levantem a âncora!

— Sim, capitão! — respondeu Stukeley, saltando para a ação.

— Agora mesmo, capitão! — gritou Johnny.

— Acho melhor nos retirarmos depressa também — disse Lady Lockwood, virando-se para sua tripulação. — Venham, senhoritas! — Ao seu comando, a tripulação começou a correr pela areia.

Lady Lockwood jogou um beijo para Sidório.

— Boa-noite, então. Obrigada por nos convidar para a farra. Eu adorei, Sid. E tenho certeza de que vamos nos ver em breve!

Enquanto Lady Lockwood e sua tripulação partiam para um lado, Sidório e a tripulação do *Capitão de Sangue* corriam para o outro lado da praia, onde seu navio os esperava.

Ainda havia Vampiratas subindo pelo costado do casco enorme enquanto ele começava a dar a volta. Agora outros apareciam na praia. Os últimos

retardatários sobreviventes tinham retornado enfim. Stukeley olhou para eles. Era uma visão lamentável. O cabelo de uma Vampirata fora incendiado e ela estava tentando desesperadamente apagar as chamas. Outro recebera uma estaca e estava olhando, com ar triste, para o pedaço de pau que se projetava do peito.

— Esperem por nós! — gritou um no grupo.

— Nadem! — respondeu Johnny.

— Não posso! — gritou o Vampirata com a estaca.

Sidório estava impassível. Segundo suas instruções, o navio já ia zarpando.

— Vocês não podem deixar a gente! — gritou a Vampirata queimada.

— Posso fazer o que quiser — respondeu Sidório, em tom entediado.

— O senhor é nosso capitão! — gritou outro. — Deveria cuidar de nós. O capitão do *Noturno* nunca nos trataria assim!

Sidório revirou os olhos.

— Esse é o ponto, não é? — Ele olhou com desdém para os tripulantes abandonados. — Vocês são Vampiratas, não são? Mostrem alguma coragem. Eu poderia dominar essa cidade sozinho e transformá-la em poeira... se estivesse a fim. — Ele bocejou. — Mas agora vou tirar um cochilo. *Hasta la vista!* — Em seguida, virou-se e foi andando pelo convés.

Na praia, abaixo, os Vampiratas abandonados continuavam a gritar com amargura enquanto o *Capitão de Sangue* desaparecia na noite. Atrás dele, acelerando pela praia, havia um bando de furiosos moradores da cidade.

A turba de linchadores brandia tochas acesas, estacas, atiçadores e qualquer coisa que parecesse uma arma em que pudessem pôr as mãos no meio da noite.

Mas agora outro navio apareceu junto à praia. Sua capitã estava na frente da embarcação, examinando a cena abaixo.

— Que terrível — disse ela, virando-se para seu imediato. — Você viu aquilo? Aquele outro navio deixou esses pobres Vampiratas abandonados.

— É, disse o subcapitão. — Não demonstrou muita esportividade, não é?

A capitã balançou a cabeça.

— Acho que deveríamos oferecer ajuda, não é?

Jacoby riu para Cheng Li.

— É. Acho que temos espaço para pelo menos três desses pobres Vampiratas no nosso navio.

Eles se viraram e olharam para as três jaulas que haviam sido construídas no convés principal, exatamente com esse objetivo.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Isso é que é sair da lama para cair no atoleiro — disse. Depois se virou de novo e começou a sinalizar para as criaturas desesperadas na areia.

Capítulo 32

Com o tanque vazio

— Grace, desculpe entrar assim. Eu bati, mas você não atendeu.

Grace abriu os olhos, grogue. Sua visão estava turva e ela demorou um instante para situar a figura que entrava no quarto.

— Oskar?

— É — disse ele, animado, indo na direção dela. — Como você está?

A visão dela continuava embaçada.

— Bem... acho. — Mas, enquanto dizia essas palavras, sentiu-se subitamente nauseada. O cômodo parecia estar girando em volta.

— Aqui — disse Oskar, sentando-se ao lado dela. Grace sentiu a mão dele segurar a sua. O toque era frio, como de todos os Vampiratas... mas

não, Oskar não era vampiro. Era doador. A mente de Grace estava disparando. O toque dele era frio porque ela estava quente demais. Devia estar com febre.

— Ah, Oskar. Não estou muito bem.

— Tudo certo, Grace. Eu sei. Eu sei. — Ele sentou-se na cama ao lado dela e continuou segurando sua mão. Os dois ficaram assim por um tempo, sem dizer nada.

Depois de alguns minutos, Grace sentiu a respiração começando a ficar mais lenta e a temperatura baixando. Sua visão foi ficando mais clara. Ela sentou-se na cama.

— Bom — disse Oskar —, certamente você está melhor do que ontem.

— Ontem? — perguntou Grace vagamente. — Você veio me ver ontem?

Oskar assentiu e deu um sorriso, paciente.

— E anteontem, e no dia anterior. Não lembra?

Ela balançou a cabeça, presa num nó de pânico.

— Não, Oskar, não lembro. Nem sei há quanto tempo estou aqui. — Ela suspirou. — Acho que estava mais doente do que me dei conta.

Oskar sorriu e apertou sua mão.

— Você está aqui há cinco dias, Grace. Cinco dias e cinco noites. Desde que saímos da Baía Quarto Crescente. — Ele fez uma pausa. — Você se lembra do que aconteceu lá?

— Lembro. Claro! Minha mãe fez a passagem. Juntou-se ao meu pai... pelo menos as almas deles se reuniram. Foram embora juntos.

— Isso mesmo. E você se lembra do que aconteceu em seguida?

Ela pensou em quando estava na baía. Parada no cemitério, segura nos braços de Lorcan, olhando a reunião de sua mãe com o pai junto ao túmulo dele. E depois lembrou-se de vê-los se afastar... A visão estava se esvaindo, mas Grace agarrou-se a ela tenazmente. Houvera um facho de luz vindo do farol e ela os vira na sala da lâmpada, olhando para ela e acenando em despedida. E depois o facho começou a se mover pela praia e a baía até que ela teve de fechar os olhos. Escuridão. Escuridão absoluta. Mas não, antes houvera outra coisa. A lápide, a lápide de seu pai, tinha reluzido vermelha... não, *cor-de-rosa.* Era como se estivesse chamando-a, convocando-a. Grace havia corrido para lá. E tinha visto uma linha extra, gravada, a inscrição de Sally. E foi então que a escuridão viera. Havia lido as palavras novas e tudo começou a ficar turvo, e ela perdeu a consciência.

— Acho que devo ter desmaiado no cemitério.

Oskar assentiu.

— Foi exatamente isso que aconteceu. Veja só, você se lembra! Os outros a trouxeram de volta ao navio, para sua antiga cabine. — Ele indicou o aposento ao redor, e agora os olhos dela começaram a perceber, também. Fazia algum tempo desde que estivera ali, depois da longa estada em Santuário, mas sim, esta era a sua cabine, que lhe fora designada quando chegara ao *Noturno*, quando nem sabia o nome do navio.

Estava sentada, apoiada em travesseiros na cama de dossel, com

postes de madeira esculpida de modo intricado. À direita, ficava o pequeno lavatório com a bacia de louça, a toalha dobrada ao lado. Seus olhos continuaram a percorrer o aposento — até a poltrona, onde suas roupas estavam muito bem dobradas. Perto da poltrona, ficava a escrivaninha. Como sempre, a superfície estava cheia de canetas, lápis, tinta e cadernos — inclusive aqueles em que escrevera as histórias de travessia dos Vampiratas que tinha conhecido e com quem falara ali e no Santuário. Do outro lado da mesa, estava a cômoda laqueada, pintada com caracteres estranhos, com uma escova de prata e um espelho. Lembrava-se do espelho. O vidro estava faltando.

Grace pegou a mão de Oskar.

— Quanto tempo você disse que eu fiquei aqui? — perguntou de novo, começando a imaginar se tudo não fora um sonho: a cegueira de Lorcan, a viagem a Santuário, a cerimônia de cura do capitão, o retorno da mãe e tudo que veio depois.

— Cinco dias. Desde que sua mãe fez a passagem e você desmaiou no cemitério. Mosh Zu a trouxe para cá. Você veio no colo de Lorcan.

Então *não tinha* sido um sonho. Tudo havia acontecido mesmo. Por que as coisas pareciam tão turvas?

— Desculpe — disse — você falou que me visitou antes?

Ele assentiu.

— Todas as tardes. Lorcan e Mosh Zu disseram que não tinha problema. Acharam que você gostaria da companhia.

— Muito obrigada. De verdade. Só que é muito estranho eu não lembrar. É como se tudo, desde o cemitério da igreja, estivesse perdido. E tudo que aconteceu antes está embolado. Estou com problema para saber o que é verdade e o que é minha imaginação.

Oskar falou com ela no tom mais tranquilizador que pôde.

— Não se culpe por isso, Grace. Você passou por muita coisa nas últimas semanas. É natural que seu corpo reagisse em algum momento. Você passou por estresse demais. Tinha de haver alguma consequência.

Grace ouviu as palavras dele, processando-as como se Oskar estivesse falando com outra pessoa. Faziam sentido, se bem que, pelo lado de dentro ela não via assim.

— Acho que você está certo. Talvez eu estivesse andando com o tanque vazio durante um tempo. E isso cobrou um preço. Talvez seja uma gripe, um resfriado ou algo do tipo.

— Exatamente. Tenho certeza de que não é nada com que se preocupar. O mais importante é você descansar bastante. Você vai se sentir melhor logo, tenho certeza.

— Obrigada.

Ele riu. Houve uma segunda batida à porta.

— Entre — disse Grace.

— Bom, você parece melhor... — começou Lorcan, entrando na cabine. E parou. — Ah. Oskar. Não sabia que você estava aqui.

— Não tem problema, não é? — perguntou Oskar. — Você disse que eu podia visitar Grace, lembra?

Lorcan pareceu distante por um momento, depois assentiu.

— É. É, claro que lembro. Só não estava esperando vê-lo agora, só isso. — Ele fez uma pausa. Parecia meio agitado.

— Gostaria que eu deixasse vocês dois a sós? — perguntou Oskar.

Lorcan assentiu.

— Se você não se importar.

Oskar balançou a cabeça.

— Claro que não. Além disso, preciso me preparar para o Festim desta noite.

— Vai haver um Festim esta noite? — perguntou Grace.

Os dois confirmaram. Isso explicava por que Lorcan parecia tão distraído. Como os outros Vampiratas, ele ficava mais fraco logo antes do Festim. Era quando seus níveis de sangue chegavam ao ponto mais baixo e sua energia também baixava.

— Vou me preparar — disse Oskar. Em seguida, sorriu para Grace. — Mas venho ver você de novo amanhã, certo?

— Sim, por favor. — Ela sorriu para ele. — Por sinal, obrigada pelo que você disse. Já fez com que eu me sentisse muito melhor.

— Que bom — respondeu ele com um sorriso. Depois cumprimentou Lorcan e foi para a porta.

— E como você está se sentindo? — perguntou Lorcan a Grace, sentando-se onde Oskar estivera.

— Meio estranha, para ser honesta. Não me lembro de nada desde que desmaiei no cemitério. Oskar disse que você me carregou de volta para cá.

Lorcan assentiu.

— Isso mesmo.

— Obrigada. De um modo ou de outro, parece que você vive me salvando.

Ele deu de ombros e sorriu com ternura.

— Bom, se continuar naufragando e desmaiando em cemitérios, alguém tem de cuidar de você.

— Fico feliz que seja você — disse ela, estendendo a mão para a dele. O toque era frio, como sempre. Mas isso estava certo. Afinal de contas, ele *era* um Vampirata.

— Então, você e meu novo doador parecem ser muito amigos. O que andaram conversando?

Grace fez uma pausa.

— Ou será segredo?

— Não. — Grace balançou a cabeça. — Não, nós só estávamos falando sobre o que eu passei. E como estou me sentindo agora. Ah, Lorcan, isso é tão estranho! Estou com uma confusão de sintomas. Num minuto, fico muito quente, depois sinto enjoo demais e depois acho que estou cansada, porque durmo bastante.

— Eu sei. Mas tudo bem, Grace, isso vai passar.

Grace confirmou com a cabeça.

— Foi o que o Oskar disse, também. Ele acha que é só o estresse

que eu passei, forçando o corpo demais. Algum tipo de gripe, acho... — Ela parou de falar, notando que Lorcan a olhava com muita atenção. — Lorcan, o que há de errado comigo?

Ele continuou encarando-a, depois segurou sua mão com mais força.

— Grace. Minha querida, doce Grace. Tenho uma coisa para lhe dizer. — Ele parou.

— Lorcan, o que é? Você está me apavorando. Por favor, diga o que é.

Ele assentiu.

— Está na hora. Já *passou* muito da hora. Estive tentando protegê-la por tempo demais, todos nós estivemos, mas você precisa saber.

Grace o encarou espantada. O que, afinal, ele estava falando?

Capítulo 33

Um trio perigoso

Cheng Li estava olhando para o retrato do pai quando ouviu a batida à porta da cabine. Virou-se e se ajeitou antes de gritar:

— Entre!

A porta se abriu e Jacoby, Jasmine e Connor entraram.

Cheng Li ergueu uma sobrancelha.

— Está feito? — perguntou.

Jacoby assentiu.

— Está. As experiências terminaram hoje cedo. Estamos prontos para contar o que descobrimos.

— Excelente. Cada um pegue uma cadeira. — Ela levou-os até a mesa redonda perto da janela e todos se sentaram. Os três tripulantes haviam

trazido cadernos, que eles abriram, prontos para discutir as descobertas e receber as próximas ordens da capitã.

— Então — disse Cheng Li. — Há três noites eu trouxe três ratos de laboratório para vocês. Falem das experiências e contem o que descobriram.

Jacoby concordou.

— Certo, capitã! Bom, primeiro nós penduramos guirlandas de rosas selvagens e dentes de alho nas jaulas...

— Que decorativo! — interrompeu Cheng Li.

Jacoby riu para a capitã.

— E você deve se lembrar de que as duas plantas têm propriedades apotropaicas, ou seja, ajudam a proteger contra Vampiratas. Ou pelo menos foi o que disseram. Queríamos testar.

— E?

Jacoby assentiu.

— Eu diria que é positivo. Certamente não vimos nenhuma tentativa precoce de escapar. Claro, é difícil confirmar, mas eu diria que as guirlandas tiveram algum efeito repelente, não é, Jasmine?

Jasmine concordou. Cheng Li rabiscou uma anotação, depois instigou o imediato a continuar.

— Depois — disse Jacoby animado —, testamos os efeitos da luz do sol. Queríamos ver que grau de malefício causaria a eles. Sabemos por relatos, claro, que um Vampirata que Connor conheceu foi temporariamente cego pelo sol.

— Como esses três se saíram? — perguntou Cheng Li.

— Ficaram definitivamente em pânico com a ideia — respondeu Jacoby. — Quando tiramos as coberturas das jaulas naquela primeira noite e dissemos a eles que iríamos vê-los de manhã, todos ficaram numa agitação tremenda. — Ele fez uma pausa. — Claro, não nos afastamos totalmente, mas ficamos observando à distância. À medida que o sol nascia aumentavam os sinais de perturbação.

— Eles começaram a gritar — exclamou Jasmine. O rosto deles também mostrava perturbação. — Foi horrível, horrível mesmo.

— Mas — continuou Jacoby — a luz do sol pareceu ser outro apotropaico. Enfraqueceu-os, mas não pareceu causar um dano significativo. No geral eu diria que foi mais um efeito sedativo.

— Interessante — observou Cheng Li, fazendo outra anotação. E olhou para Connor. — Será que cada Vampirata reage ao sol de modo diferente?

Connor concordou.

— É possível. Além disso, pelo pouco que Grace me contou, não creio que a cegueira de Lorcan Furey tenha sido causada apenas pela exposição à luz do dia. Parece ter havido outras causas.

Cheng Li assentiu, voltando-se de novo para Jacoby.

— Não há chance de que eles estivessem fingindo o efeito sedativo, para enganar vocês?

O imediato balançou a cabeça.

— Não. Confie em mim, capitã, não houve fingimento.

— Depois de um tempo — disse Jasmine —, tivemos de cobrir as jaulas para minimizar a perturbação e prepará-los para outras experiências.

Diante disso, Jacoby pegou um objeto no bolso e pôs na mesa de Cheng Li.

— Uma estaca de madeira. Testamos no Vampirata Um. Talvez você se lembre dele. Macho adulto. O maior do trio. Quando entrei na jaula, ele estava como um peso morto. Virei-o. Ele parecia ter sido enfraquecido pela luz do sol, mas, mesmo assim, lutou.

Cheng Li ergueu uma sobrancelha.

— Ele parecia estar no auge da fome de sangue — continuou Jacoby. — Quando olhei-o nos olhos, era como se estivesse espiando um poço fundo, com um fogo ardendo no final. Depois as coisas ficaram bem feias.

— Feias? Como?

— O Vampirata Um me atacou — respondeu Jacoby, franzindo a testa diante da lembrança. — Ele me dominou facilmente e rasgou minha camisa...

— Estava tentando expor o tórax de Jacoby — disse Jasmine. — Parece ser o local preferido pelos Vampiratas para furar a pele e abrir um canal de sangue.

Jacoby fez uma careta ao lembrar.

— Se não fossem esses dois, capitã, eu teria virado almoço de Vampirata. Connor entrou na jaula e tentou tirar o Vampirata Um de cima de mim, mas o sujeito era forte demais para ele também. Estava arranhando meu peito, como se tentasse decidir onde iria furá-lo. Não me envergonho de dizer, foi o momento mais apavorante da minha vida!

Connor assentiu.

— O Vampirara estava em cima do Jacoby, com os dentes para fora. Eu tentei tirá-lo de novo, mas ele me jogou do outro lado da jaula.

— Então, como vocês repeliram e dominaram o Vampirata Um?

— Surgiu um Pavão — disse Jacoby com um sorriso, virando-se para Jasmine, que assumiu a história.

— Na noite anterior Jacoby me contara os supostos poderes do acônito. É uma planta com flores, também conhecida como napelo, que tem sido usada há séculos como veneno de flecha por caçadores em Ladakh e no Japão, e até em guerras na China. — Cheng Li anotava furiosamente enquanto Jasmine prosseguia. — Em humanos e animais, o veneno funciona depressa, provocando entorpecimento na boca e ardência no abdômen. Isso geralmente é seguido por vômitos severos. Então a pulsação e a respiração diminuem cada vez mais, levando à morte por asfixia. O acônito era citado como outro apotropaico e, como por acaso eu estava carregando um saco de pétalas que ia levar ao laboratório, decidi testar ali mesmo.

— Ela foi intrépida! — disse Jacoby, com os olhos arregalados. — Entrou correndo na jaula e jogou as pétalas na cabeça do Vampirata Um. O efeito foi instantâneo. Ele tinha me grudado no chão, mas, quando o acônito começou a funcionar, foi como se ficasse paralisado instantaneamente. Seu aperto afrouxou e ele gritou de dor.

— O que me levou a concluir — terminou Jasmine que o acônito não é simplesmente um apotropaico, como as rosas ou o alho. Ele não manteve o Vampirata Um simplesmente à distância. Pareceu agir mais profundamente e infligir dano de verdade. — Enquanto terminava de falar, ela pôs um ramo de flores brancas, de aparência inocente, ao lado da estaca de madeira.

Cheng Li olhou para as flores e para a estaca.

— Então — disse ela —, a flor funciona, mas a estaca não? É o que estou ouvindo?

Jacoby balançou a cabeça.

— A estaca funciona muito bem. Só precisávamos dominar os Vampiratas antes de usarmos. Nós os deixamos durante outra noite e depois os expusemos a várias sessões de luz durante o dia seguinte. Como antes, isso pareceu sedá-los. Quanto mais luz, mais pronunciados eram os efeitos de sedação. Depois voltamos ao pôr do sol para testar a estaca no Vampirata Dois, o segundo macho, que era nitidamente menor.

— Ele reagiu muito? — perguntou Cheng Li.

Jacoby balançou a cabeça.

— Eu praticamente entrei direto na jaula e cravei a estaca no tórax dele. Ele abriu a boca, mas não gritou. Foi meio estranho.

Jasmine assentiu.

— Houve um som agudo, mas não saiu da boca do Vampirata. Era como se fosse numa frequência diferente, como o som que o vidro faz ao se despedaçar. E depois ele se desintegrou literalmente diante dos nossos olhos.

Cheng Li estava fascinada.

— Isso mesmo — assentiu Jacoby. — Num momento ele estava ali, no outro se despedaçou como um espelho. Sua forma humana desapareceu. Havia cacos por toda a jaula. E depois os cacos se partiram mais ainda, numa estranha poeira metálica. — Jacoby olhou para os colegas. — Foi então que cometemos nosso primeiro erro.

— Erro? Que erro? — perguntou Cheng Li.

— Bom, para ser honesto, capitã, eu fiquei meio em choque pelo que tinha feito. Nós achamos que eu tinha tido sucesso em destruí-lo.

— Vocês *acharam*? Isso parece bem definitivo.

Jacoby assentiu.

— Foi o que todos nós pensamos. Por isso decidimos interromper as experiências durante a noite e fomos jantar.

— Somente mais tarde — disse Jasmine —, Kavan, o guarda de serviço no cesto da gávea, contou o que tinha visto.

— E o que foi? — pressionou a capitã.

— Ele contou que houve uma coisa parecida com uma tempestade de poeira no convés — respondeu Jasmine.

— Uma tempestade de poeira?

— Foi o que ele pensou a princípio. Ele podia ver o pó metálico se movendo na jaula. Depois aquilo saiu da jaula num redemoinho, como se o vento tivesse soprado. E continuou a se mover. Só que agora assumiu uma forma, a silhueta de uma forma humana. Kavan disse que, enquanto olhava

para baixo, a poeira brilhante virou carne de novo. O Vampirata Dois havia se reconstituído.

— Incrível — disse Cheng Li. — Mas o erro não foi de vocês. Vocês não poderiam saber.

— Não foi *esse* o erro, capitã — disse Jacoby. — O erro foi o que aconteceu em seguida. Como eu disse, todos nós tínhamos ido jantar. Kavan estava no cesto da gávea. Quando viu o que estava acontecendo, ele desceu para tentar pegar o Vampirata Dois, mas não foi suficientemente rápido. O prisioneiro escapou do navio.

— Escapou? — exclamou Cheng Li. — Para onde foi? — Suas feições ficaram sombrias. — E por que só agora estou sabendo disso?

Jacoby estava vermelho.

— Os outros tentaram me convencer a contar antes, mas eu achei que você havia delegado a responsabilidade dessa tarefa a mim. Eu não queria frustrá-la, capitã. Tinha confiança em que poderia recuperá-lo.

— Ah, Jacoby! — disse Cheng Li, exasperada. — Mas não recuperou, não foi?

Jacoby balançou a cabeça.

— Sinto muito, de verdade, chefe.

Cheng Li assentiu.

— É um azar, mas compreensível nestas circunstâncias. Então ele foi embora. É só um Vampirata. Ainda temos os outros dois, não é?

Jacoby confirmou, tremendamente aliviado porque a capitã havia recebido isso tão bem. Sem dúvida, deveria ter ouvido os outros e contado antes, isso lhe economizaria duas noites longas e insones.

Cheng Li estava escrevendo, mas, enquanto fazia isso, levantou os olhos.

—Apesar de ele ter escapado, você provou que a estaca é uma arma muito poderosa, em especial quando usada em conjunção com outras técnicas. — Ela segurou a estaca. — De que madeira é feita?

— Pilriteiro — respondeu Jasmine. — Nossa pesquisa sugere que o pilriteiro é especialmente tóxico para os Vampiratas.

— Trabalho excelente. A coisa toda está começando a tomar forma. Então, como vocês continuaram?

— Decidimos investigar mais os poderes do acônito — respondeu Jacoby. — Como Jasmine descreveu antes, essa substância parece ser muito tóxica para os Vampiratas. As pétalas, sozinhas, têm efeito entorpecedor, paralisante. Causam um grande inchaço ao redor dos olhos e dos lábios, e internamente parece ter um efeito ainda mais profundo. Por isso preparamos uma redução de acônito e, naquela noite, apresentamos na forma de uma bebida para a Vampirata Três, a única fêmea do trio.

Cheng Li levantou os olhos, esperando Jacoby continuar.

— Nós a destruímos — continuou ele.

— Somente com essa redução de acônito?

Jacoby assentiu.

— Nós chamamos de chá-cônito para dormir.

Cheng Li viu Connor se encolher diante da piadinha de Jacoby. Ela havia notado como Connor ficara silencioso e recolhido com o desenrolar dessa conversa. Sabia que ele ajudara Jacoby e Jasmine nas experiências, mas, como previra, o garoto claramente achara difícil alcançar o mesmo nível de objetividade dos outros dois na tarefa. Bom, isso não era uma surpresa total. Sem dúvida, precisava trocar algumas palavras com ele mais tarde. Mas, por ora, estava ansiosa para ouvir a parte final das descobertas.

— Nesse ponto só restava um Vampirata — disse Jacoby. — O Vampirata Um, o que havia me atacado antes. Nós tínhamos coberto a jaula dele e conseguido enfraquecê-lo com mais pétalas de acônito, mas não pudemos enganá-lo para beber o veneno. — Ele fez uma pausa. — Por isso tivemos de usar outros meios.

De novo, Cheng Li ergueu uma sobrancelha.

— Nós cravamos uma estaca nele — disse Jacoby. — Bom, eu disse *estaca*, mas seria mais exato dizer que usamos metal.

Cheng Li ficou surpresa.

— Vocês despacharam o Vampirata Um com uma espada?

Jacoby balançou a cabeça.

— Não, não foi uma espada. Foi um candelabro. Espere um momento. — Ele remexeu em sua mochila e pegou um candelabro, colocando-o sobre a mesa, junto da estaca de pilriteiro e do ramo de acônito.

Cheng Li passou o dedo pelo candelabro, intrigada.

— Ele se despedaçou, como o Vampirata Dois — disse Jacoby. — Só que dessa vez nós observamos, esperamos e ele *não* se reconstituiu.

— Têm certeza absoluta?

— Temos — respondeu Jacoby, buscando o apoio dos colegas. Jasmine e Connor concordaram, sérios.

— E de que esse candelabro era feito? — perguntou Cheng Li.

— De prata — respondeu Jasmine. — Na pesquisa encontramos alguns relatos sobre como a prata fora usada para destruir lobisomens.

Jacoby assentiu.

— E achamos que, se era ruim para lobisomens, também poderia ser para Vampiratas.

Cheng Li fez outra anotação, depois começou a folhear as páginas para trás.

— Então vocês tentaram todas as substâncias da lista, desde o alho até a prata?

—Tentamos — confirmou Jasmine. — E identificamos três substâncias que se mostraram altamente tóxicas para os Vampiratas.

— E o que podemos concluir? — perguntou Cheng Li. Era obviamente uma pergunta desnecessária. — Podemos concluir que, ainda que essas substâncias possam causar grande dano isoladamente, a combinação das três parece ter o impacto mais destrutivo.

Cheng Li fez um gesto para a variedade de itens na mesa.

— Pilriteiro, acônito e prata. — Ela sorriu. — Um trio perigoso. Como vocês três!

Jacoby riu. Jasmine parecia séria. Connor fez uma careta e desviou o olhar.

— Então — continuou Cheng Li — Nossas armas devem incorporar essas três substâncias.

— Se possível, capitã — disse Jasmine.

— O que você está pensando? — perguntou Jacoby.

— Me deem mais tempo — respondeu Cheng Li, levantando-se e olhando pela janela. — Obrigada a todos vocês pelo trabalho meticuloso.

À medida que o dia ia se transformando em noite outra vez, Connor estava no convés do *Tigre,* treinando alguns movimentos com a espada, num local isolado. Estava tão concentrado que não ouviu a aproximação silenciosa da capitã. Cheng Li pôde ficar olhando-o executar os movimentos durante vários instantes até que ele parou e se virou, finalmente percebendo sua presença. Os olhares dos dois se encontraram.

— Sua habilidade com a espada está cada vez maior — observou Cheng Li.

— Obrigado. — Ele ficou obviamente sem graça na presença dela, e os dois sabiam.

— Deixe a espada, Connor. Precisamos ter uma conversa.

Ele enfiou a rapieira de volta na bainha, pôs no chão e foi até a amurada, onde ela estava.

— Você não gostou muito das experiências que realizamos com os Vampiratas, não foi?

— Você sabe a resposta. Foi difícil. Difícil *de verdade.* Não tanto para Jacoby e Jasmine, mas para mim... foi. Não sei por quê.

Cheng Li sorriu.

— É óbvio, não é? É porque você teve contato direto, pessoal, com alguns Vampiratas. E sabe como sua irmã ficou próxima de alguns deles.

— É. Isso tudo é verdade. — Ele ficou olhando para o horizonte.

—Eu lhe dei uma oportunidade de sair desta missão. Lembra? Na primeira noite, no arquivo secreto.

Connor assentiu, depois se virou de novo para a capitã.

— Não quero sair desta missão. Quero ser um membro valioso da tripulação deste navio. Quero isso mais do que qualquer coisa. — Seus olhos estavam úmidos com lágrimas de frustração. — Só que é difícil para mim seguir esse caminho quando Grace... — Ele mudou a abordagem. — Eu falei com ela, como nós concordamos que eu faria. Tentei convencê-la a abandoná-los.

— Você falou com ela? — Cheng Li estava perplexa. — Quando? Como?

Ele ficou num silêncio de pedra.

— Connor, isso é importante. Fale comigo.

Ele suspirou.

— Grace tem a capacidade de fazer viagem astral. Sei que parece

absurdo, mas já aconteceu duas vezes. Ela vem me ver e nós conversamos. Ela não é uma presença física, se eu tentar segurá-la, minhas mãos passam direto, mas é *mesmo* ela. Não estou imaginando. Você precisa acreditar.

— Acredito. Nós dois percorremos um longo caminho desde que nos conhecemos. Há muitas coisas em que acredito agora, coisas das quais meu eu anterior duvidaria totalmente. — Ela sorriu de novo. — Então, você conversou com Grace e tentou convencê-la a se separar dos Vampiratas.

— É. Mas ela é teimosa e diz que não vai fazer isso. — Connor não podia contar a Cheng Li toda a extensão do que Grace imaginava: que ela e ele eram relacionados aos Vampiratas. Nunca poderia lhe dizer isso. Por que as coisas precisavam ser tão complicadas? Ele só queria se encaixar em algum local, *aqui.* Só queria ser um pirata bom e confiável, mas agora estava fracassando até nisso.

— Connor. Você está fazendo o melhor que pode. Posso ver isso. Para você não é fácil.

— Eu frustrei você. Você me deu uma segunda chance e eu fracassei.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Pare de ser tão duro consigo mesmo. Você fez exatamente o que eu pedi: falou com Grace. E depois, mesmo sendo compreensivelmente difícil, ajudou Jacoby e Jasmine com as experiências.

— Eu tentei.

— Daqui para a frente vai ser mais fácil. Nossas experiências terminaram. Agora vamos começar a planejar o ataque a Sidório. Contra *Sidório,* lembra? *Não* vamos atrás dos Vampiratas com quem Grace está. Nem ela nem eles correm perigo imediato.

— Agora não, mas...

— Precisamos viver um dia de cada vez, Connor. Haverá tempo suficiente, *depois* desta missão, para você conversar com Grace. E não simplesmente através de viagem astral. Eu o levarei aonde ela estiver. Vou falar com ela também, se isso ajudar. Mas, por enquanto, por favor, fique tranquilo, porque ela está em segurança.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Obrigado — disse, tentando sorrir. — De verdade. Obrigado por tudo.

— De nada — Cheng Li disse em tom tranquilo. — E agora está pronto para saber sobre a próxima parte da sua missão?

Ele confirmou.

— Vou mandar você de volta a Lantao. — A simples palavra provocou lembranças agradáveis em Connor. — É — continuou ela. — Achei que isso traria um sorriso ao seu rosto. Você vai encontrar o mestre Yin e encomendar novas armas para nós. Cinquenta espadas feitas de prata, mas também incorporando pilriteiro e acônito. Acho que o mestre Yin vai gostar do desafio, não é? E acho que a viagem vai ser boa para você também.

Connor assentiu.

— Prepare suas coisas. Você vai partir de manhã cedo. E creio

que vai precisar ficar em Lantao cerca de uma semana.

— Para mim parece bom. — Connor pegou a espada e o suéter com capuz, que estavam no piso do convés.

Cheng Li começou a se afastar. De repente, parou e olhou por cima do ombro.

— Ah, esqueci de dizer antes. Jasmine vai com você, para fazer companhia na viagem.

— Jasmine! — exclamou Connor. Adorou a ideia de viajar a Lantao com Jasmine, de apresentá-la ao mestre Yin e à sua filha empolgada, Bo. Mas havia fatores que complicavam. — É... como o Jacoby vai se sentir ao saber que vou passar uma semana com a namorada dele em Lantao?

Os olhos de Cheng Li pareceram brilhar sob as estrelas.

— Deixe que eu cuido do subcapitão. Tenho coisas suficientes para mantê-lo ocupado aqui, nos preparativos para o ataque.

Com isso, ela se virou e foi andando, rápida e objetiva.

Connor se demorou um pouco mais no convés, com o céu escurecendo ao redor. Em uma explosão súbita de felicidade, deu um pulo e um soco no ar. Depois correu para dentro, para arrumar a bagagem.

Capítulo 34

A crisálida

— Grace — disse Lorcan. — O que você está passando no momento, esses estranhos sintomas físicos, não é gripe. E não acho que seja estresse, como disse o Oskar.

— Então o que é? — perguntou Grace, ansiosa.

— Você está num estágio de metamorfose. E isso exerce uma força enorme no seu corpo.

— Que *tipo* de metamorfose? — Grace ficou subitamente alerta.

— É como quando uma lagarta vira borboleta. Sabe como é? A lagarta solta a pele e a pele endurece formando uma crisálida que contém e protege a lagarta enquanto ela se transforma em borboleta. — Lorcan assentiu para Grace. — Bom, neste momento, você está dentro dessa crisálida. É por isso

que tudo parece tão estranho e confuso. Grace, estão acontecendo as mudanças mais incríveis dentro de você.

Grace compreendia as palavras, mas ainda não sabia exatamente o que significavam.

— Essas mudanças são uma coisa boa?

Lorcan sorriu e apertou a mão dela.

— Acho que você *vai* se sentir bem com elas. Mas é uma grande transformação, Grace. Você precisa estabelecer um ritmo, dar um passo de cada vez.

Ela respirou fundo.

— Certo. Certo, acho que consigo fazer isso. Mas você precisa me dizer mais. Preciso saber o que vou virar.

— É. É, eu sei. — Ele baixou a cabeça, depois encarou-a de novo. — Grace, o que vou dizer vai mudar tudo para você. Vai mudar o modo como você pensa sobre si mesma e sobre mim, sobre sua mãe, Dexter e Connor. Tudo que você achava que sabia. Tudo que achava que você era. Tudo isso vai mudar. Estive tentando protegê-la disso...

Grace franziu a testa. Estivera sentindo-se esquisita antes que Lorcan começasse a falar. Agora as palavras dele pareciam agourentas.

— Não entendo. Se a transformação é uma coisa boa, de que você precisaria me proteger?

— A transformação em si é boa. Mas, como eu disse, ela vai mudar o modo como você pensa nas coisas, em pessoas que lhe são próximas. Por isso eu quis lhe contar pessoalmente, mas tivemos de esperar até você estar pronta.

— Estou pronta. — Grace sentou-se, empertigada.

— É. Está, agora sei. — Ele apertou sua mão. — Vou fazer isso devagar, Grace. Se houver alguma coisa que você não entenda, diga, certo?

Ela concordou, o coração disparando de suspense.

— Grace, você não é uma mortal comum.

— Eu sabia! — exclamou ela. — Sou vampira, não sou? E Connor também é!

— Não exatamente. Grace, vocês dois são *dhampiros*.

— Dhampiros? — repetiu Grace. — Isso é algum tipo de vampiro?

— É. Dito de modo simples, vocês são meio vampiros. Um dhampiro é filho de uma mãe mortal com um pai Vampirata.

Grace sentiu-se quente e fria ao mesmo tempo, mas não sabia se isso se devia à metamorfose da qual Lorcan havia falado ou simplesmente ao choque da revelação. Uma mãe mortal e um pai Vampirata...

— Então eu estava certa. Dexter *era* Vampirata!

O olhar de Lorcan era intenso.

— Vou chegar a isso mais tarde. Uma coisa de cada vez. Você precisa entender as implicações disso. Você e Connor são dhampiros. Como os Vampiratas, são abençoados com a imortalidade, mas são mais fortes. Não têm nossas fraquezas.

Grace tentou acompanhá-lo.

— Eu sou imortal? — Ela entendia as implicações dessa palavra, mas não podia pensar nelas com relação a si mesma. Lorcan acabara de dizer que ela era especial, que viveria para sempre, mas ela não conseguia acreditar de verdade. Não se sentia diferente de antes — estava fraca de exaustão e dos sintomas parecidos com gripe, talvez — mas afora isso era a mesma Grace de sempre. Mas de algum modo sempre soubera que era diferente. Revirou o cérebro em busca de alguma prova, procurando algo em que se agarrar, algo para tornar isso real, concreto.

— Eu preciso tomar sangue? É por isso que meu corpo está mudando? Vou precisar de um doador?

— Acho que é uma questão de escolha. Vou deixar que Mosh Zu fale sobre isso, no devido tempo. Ele pode explicar melhor do que eu. Você é a primeira dhampira que eu conheço.

Grace suspirou.

— Não se apresse — disse Lorcan. — É muita coisa para absorver de uma vez só. Você precisa de tempo.

— Foi por isso que Sally voltou? Para me preparar?

— Foi. Acredito que sim.

— Mas eu não entendo. Se esse é o caso, por que ela partiu antes de me contar? Por que não terminou a história?

— Ela queria. Queria mais do que qualquer coisa, mas no fim não pôde. Por isso eu disse que contaria por ela.

— Você? — Grace olhou nos olhos dele, nos olhos azuis. Os olhos que a haviam recebido no *Noturno* naquela primeira noite.

De repente, ela encontrou o ponto fixo que estivera procurando em tudo aquilo.

— Você! — disse de novo, mas dessa vez não era mais uma pergunta.

— O que é que tem?

Por mais febril que estivesse, ela quase soltou as palavras num esguicho. *Agora que também sou imortal, nós dois podemos ficar juntos. Para sempre. Não há nada para nos impedir.* Mas, apesar da febre, um censor interno a impediu de falar. Em vez disso, apenas sorriu. De repente, tudo fazia sentido, um sentido puro e completo.

Mas Lorcan não devolveu o sorriso. Ele parecia ansioso.

— Lorcan, o que há de errado? Por que não quer me contar?

— Shhh — disse ele, conseguindo sorrir. — Eu disse alguma coisa errada? Já falei antes, Grace. Você está passando por uma transformação maravilhosa. Só precisa se dar tempo. — Ele afastou o olhar brevemente. — Agora preciso ir. O Festim vai começar logo. Você vai ficar bem, sozinha? Posso vir aqui depois, ou mandar Oskar ou um dos outros...

Grace balançou a cabeça.

— Estou bem. — Então, um novo pensamento ocorreu-lhe. — Por que não vou com você? O Festim! Eu já fui antes.

Lorcan balançou a cabeça.

— É cedo demais. Você precisa descansar.

— Estou cansada de descansar. Pelo que sei, tudo que fiz durante dias foi descansar. Seria bom sair...

— Sinto muito, Grace. Mas é cedo demais. Você precisa confiar em mim. Você está experimentando uma explosão súbita de energia, mas é frágil. Você vai precisar descansar de novo em breve. Confie em mim.

Ela suspirou, mas sabia que era inútil. Não existia ninguém mais teimoso do que Lorcan Furey, quando ele queria. Então, certo, ele podia ir embora. Podia ir para o Festim. Mas, enquanto ele estivesse longe, ela não iria dormir. Ficaria sentada pensando em tudo isso. Montaria o quebra-cabeça e deduziria exatamente o que ele estava escondendo.

— Então está certo. Vou ficar aqui descansando.

— É para o seu bem — disse ele, puxando as cobertas de novo sobre ela. Sempre o enfermeiro solícito.

Então, ele se inclinou perto e encarou-a. Ela sorriu. Ele era tão lindo! Seria esse o momento que ela havia esperado? Será que ele iria finalmente beijá-la?

— Vejo você mais tarde — disse Lorcan, depois baixou a cabeça e lhe deu um beijo suave na testa.

Apesar da frustração, o beijo foi tranquilizador. Deixou um frio agradável na testa febril muito depois de ele ter saído pela porta para se juntar aos outros no Festim.

Depois de Lorcan ter saído, Grace tentou repassar tudo que ele dissera. Mas era muita coisa para absorver e ela estava incrivelmente cansada, mais do que depois do naufrágio quase fatal. Caiu num sono profundo, cheio de sonhos estranhos. Conversas que tivera se repassaram na mente. Acordou com um susto, percebendo o que havia deixado de perceber. Dexter Tormenta não era um Vampirata. Sua mãe fora muito clara com relação a isso. E, se era assim, Dexter não era o pai dos gêmeos.

Grace começou a repassar as conversas que tivera com a mãe. Não podia ter cem por cento de certeza, mas não achava que Sally tivesse se referido alguma vez a Dexter como pai dos gêmeos. Ela sempre o chamara pelo nome ou simplesmente como “ele”. Era como se Sally estivesse dando uma mensagem através das conversas, mas Grace só captou tarde demais.

Então, Grace e Connor eram mesmo meio vampiros: dhampiros. E seu pai de verdade — seu pai “biológico” era um Vampirata. Mas quem? De novo, Grace começou a refletir sobre as conversas e experiências recentes. Sally fora doadora de Sidório, mas estava claro que o relacionamento deles era puramente profissional. Para usar a frase de Oskar, ela era simplesmente o Suprimento Ambulante de Sangue para Sidório. Mas qual dos outros Vampiratas poderia ser?

Grace sentiu o coração disparar. Quem fora o primeiro Vampirata a receber Sally de braços abertos? Lorcan. Quem estivera trocando olhares e sorrisos secretos com Sally? Lorcan. Quem, durante todo o relacionamento, havia se mostrado íntimo e distante com relação a Grace — sugerindo intimidade

num momento e depois recuando subitamente? Lorcan. E quem fora mais evasivo e furtivo perto de Grace desde a chegada de Sally? Lorcan.

Seria Lorcan o pai dos gêmeos? Não podia ser. Podia? Isso mudaria tudo... Como ele havia dito.

Capítulo 35

Retorno a Lantao

— Connor! Connor Tormenta!

Quando pulou no píer de madeira, Connor mal teve a chance de recuperar o fôlego antes que um pequeno embrulho de energia saltasse sobre ele e o abraçasse. Olhando para baixo, viu o rosto sorridente de Bo Yin, a filha do artesão de espadas.

— Connor! Connor Tormenta! É você *mesmo*!

— Olá, Bo — disse ele, sacudindo-se de tanto rir enquanto Bo Yin o soltava. — Isso é que é uma recepção!

— Estou muito feliz em ver você. Eu estava indo para o mercado de peixes. Lá estava eu, cuidando da minha vida, olhando os barcos-táxis, quando vi Connor Tormenta! O que traz você de volta tão cedo a Lantao?

— Tenho uma nova encomenda para o seu pai. Da capitã Li.

Bo Yin pareceu compreensivelmente perplexa.

— Uma nova encomenda? Mas todas aquelas espadas que ele fez... o que aconteceu com elas? Havia alguma coisa errada?

Connor balançou a cabeça.

— Claro que não. Eram perfeitas, como todo o trabalho do mestre Yin. Vim conversar com ele sobre uma coisa extra. Uma coisa especial.

— Intrigante! — disse Bo Yin, sorrindo de orelha a orelha. De repente sua expressão mudou. — E quem é essa?

Os dois se viraram enquanto Jasmine descia do barco-táxi, tendo terminado sua longa discussão com o barqueiro. Jasmine tirou os óculos escuros e veio andando pelo píer. O barqueiro parecia fascinado com as pernas longas e bronzeadas da jovem que se afastava. Juntando-se a Connor, ela balançou a cabeça.

— Faz a gente desejar que existisse um curso de negociação na Academia dos Piratas! — disse ela, depois viu Bo. Sorrindo, estendeu a mão. — Olá, sou Jasmine Pavão.

— E eu sou Bo Yin. *Muito* amiga de Connor Tormenta.

— Verdade? — disse Jasmine. — Bom, qualquer amiga de Connor é minha amiga.

Bo Yin assentiu, com um riso dançando no rosto.

— Venham! — disse. — Venham falar com meu pai. — Ela passou o braço pelo de Connor e guiou-o rapidamente pelo cais, enquanto o mercado de peixes se transformava numa lembrança distante. Rindo, Jasmine foi atrás, absorvendo a paisagem, os sons e os cheiros do porto pequeno e movimentado.

Bo Yin se inclinou mais perto de Connor e baixou a voz até um sussurro:

— Connor Tormenta tem uma namorada.

— Não — respondeu Connor, balançando a cabeça. — É só uma amiga.

— Jasmine Pavão. Nome *lindo*. Garota *linda*! — declarou Bo Yin.

— Talvez, mas... — começou Connor.

— Temos muita coisa para pôr em dia — disse Bo, impossível de ser contida, piscando enquanto o levava pelas escadas até a construção sobre palafitas que abrigava a oficina de seu pai.

— Voltou tão cedo, Bo Yin? — disse uma voz familiar vindo de trás de uma cortina de contas.

— É, papai. E trouxe visitas!

— Visitas? Não estamos esperando visitas! Que absurdo é esse? — Num momento surgiu uma mão, depois um rosto. E então o mestre Yin entrou arrastando os pés na sala, uma figura diminuta. Ao ver Connor, sorriu. Ah, isso explica a agitação. Parece que os desejos de Bo Yin se realizam.

Connor ficou vermelho.

— Boa tarde, senhor. Desculpe vir sem me anunciar. Esta é minha colega, Jasmine Pavão.

— É uma grande honra conhecê-lo, mestre Yin disse Jasmine, fazendo uma reverência com a cabeça.

— Bem-vinda, bem-vinda! — respondeu o mestre Yin, apertando a mão dela. — A tarde está quente e vocês devem estar com sede por causa da viagem. Bo Yin, poderia arranjar um pouco de suco de lichia?

— Já está saindo, pai! — Bo Yin foi correndo para a cozinha.

— Bom, amigos — disse o mestre Yin. — Venham sentar-se. Sentem-se! Fiquem à vontade e digam o que os traz a Lantao.

— O que acha, senhor? — perguntou Connor. Haviam-se passado vários minutos desde que ele entregara ao mestre Yin o bilhete detalhando os pedidos de Cheng Li e, até então, o ferreiro não dera qualquer resposta. Agora, finalmente, ele ergueu o rosto de lua.

— Uma proposta intrigante. Durante muitos anos fiz espadas para capitães piratas de todos os oceanos. Mas esta é a primeira vez que me pedem para fazer espadas com esse objetivo.

— Existem mesmo piratas vampiros? — perguntou Bo Yin, os olhos arregalados de empolgação e espanto.

— Existem — respondeu Connor.

— Maneiro! — disse Bo Yin. — Você já viu? Como eles são?

— Quieta, Bo Yin — interveio seu pai. — Não consigo pensar, com sua conversa ininterrupta. Seu bichinho não precisa de comida?

— Sinbad! — gritou Bo Yin. — Esqueci do Sinbad. Obrigada, pai. Ela pulou da mesa e saiu correndo da sala.

O mestre Yin suspirou e olhou de novo para o bilhete. Depois, sem dizer nada, colocou-o de volta na mesa. Seria esse seu modo de dizer não?

— Posso ajudar vocês — disse o ferreiro —, mas vai demorar.

— Não temos muito tempo — respondeu Connor, incapaz de afastar a ansiedade da voz.

— Essa é uma proposta nova. Não posso ser apressado.

— De quanto tempo o senhor precisa? — perguntou Jasmine tentando acalmá-lo.

— Pelo menos duas semanas.

— Duas semanas! — disse Connor. — Esperávamos metade disso.

O mestre Yin deu de ombros, estendendo os braços, com as palmas das mãos viradas para cima.

— Há alguma chance — disse Jasmine, hesitando — quero dizer, seria possível fazer isso em dez dias?

O mestre Yin olhou nos olhos de Jasmine.

— Dez dias, você diz? Certo, então. Dez dias. — Em seguida, ele se virou para Connor. — E, enquanto eu trabalho nas espadas, vocês dois serão nossos hóspedes aqui.

— É gentileza sua — disse Connor —, mas temos nosso barco e

provisões.

— Não, não, não! — respondeu o mestre Yin. — Eu estou fazendo um favor e vocês vão me fazer um de volta. Durante dez dias, serão meus hóspedes. E durante dez dias farão minha filha maluca largar o meu pé! — Ele estendeu a mão para Connor. — Feito?

Connor riu para o ferreiro.

— Feito — respondeu apertando a mão do velho.

— Acho que a senhorita Yin tem uma certa paixonite por você — disse Jasmine, enquanto voltavam no táxi para pegar suas coisas no barco.

— Verdade? Acho que ela só está agradecida por ter a companhia de gente nova. Na verdade qualquer companhia. O pai é *muito* rabugento com ela.

— Confie em mim, Connor. Eu sou mulher. Sei identificar uma paixão.

— Bo só tem 12 anos. Eu tenho 14.

— As garotas amadurecem mais depressa do que os garotos — disse Jasmine com um sorriso. — E você não pode negar que ela é bem bonita. Vocês dois são perfeitos um para o outro.

— Só que — disse Connor balançando a cabeça — eu sempre tive uma queda por mulheres mais velhas.

Foi a vez de Jasmine rir.

— É mesmo? Isso é novidade, Connor. Então diga: quem faz o seu tipo? A capitã Li? Não, ela provavelmente é nova demais para você. Que tal a capitã Quivers? Ou a Madame Chaleira?

— Não *tão* velha — respondeu Connor baixinho, ousando olhar Jasmine direto nos olhos. — Só uns dois anos mais velha do que eu.

— Verdade? — perguntou Jasmine, com os lábios num sorriso. Para surpresa e deleite de Connor, ela não afastou o olhar; em vez disso, sustentou-o. Ele foi levado de volta à primeira vez em que a vira, alongando-se para a corrida matinal na varanda da academia. Depois ele ficara ofuscado com o cabelo preto e sedoso e os olhos verdes. Agora estava mais do que ofuscado. Mas Jasmine era namorada de Jacoby. E Jacoby era seu amigo. Isso não podia acontecer. Podia?

— Tudo resolvido, Connor Tormenta? — perguntou Bo Yin, enfiando a cabeça pela porta do quarto dele. Ela o havia surpreendido enquanto vestia uma camisa limpa e, quando ele se virou para olhá-la, com o peito nu, a garota ficou vermelha, sem graça.

— Desculpe! — disse Bo Yin. — Desculpe! Eu volto mais tarde.

— Tudo bem — respondeu ele. Talvez Jasmine estivesse certa. Talvez Bo sentisse mesmo uma certa paixão por ele. Isso era lisonjeiro. Ela era uma garota legal. E, agora que Jasmine havia falado, era mesmo muito bonita.

— Eu só queria que você conhecesse o Sinbad.

— Sinbad? — perguntou Connor. Bo Yin teria um irmão do qual ele não sabia? Depois se lembrou. Bo Yin havia falado de Sinbad antes. Depois que seu pai perguntou se ela dera comida ao bicho de estimação. Que tipo de bichinho ela teria? Um coelho? Um passarinho?

— Venha, Sinbad! Não seja tímido! — disse Bo Yin, ajoelhando-se.

De repente a criatura mais hedionda que ele já vira na vida entrou rapidamente no quarto. Era um cruzamento entre um morcego e um rato, tinha olhos loucos e luminosos, dentes de roedor e orelhas enormes. Fiapos de cabelo se projetavam da testa como se ele tivesse sofrido recentemente um choque terrível, Mas o mais estranho de tudo eram as patas da criatura. Ele parecia ter polegares e os outros dedos. Eram todos longos e finos, curvos e enrugados como os de uma bruxa de contos de fadas. Mas, em cada uma das mãos, o dedo médio era três vezes maior do que os outros. A criatura olhou para Connor, depois baixou os olhos e começou a farejar os sapatos dele.

— Rá! Rá! — disse Bo Yin. — Sinbad gosta de você! Sinbad gosta dos seus sapatos!

— Que diabo é isso? — perguntou Connor.

— É um aiai. Não é lindinho?

Connor balançou a cabeça. Lindinho não era a primeira palavra que lhe vinha à mente.

Enquanto o sol se punha no porto de Lantao, Connor arrumou a mesa para o jantar ao mesmo tempo que Bo se ocupava no fogão fazendo *laksa*, ajudada por Jasmine.

— Prove. Diga o que falta — disse Bo, passando uma colher para Jasmine. Bo ficou olhando com atenção enquanto Jasmine soprava o caldo e depois tomava um gole.

— Mais pasta de camarão? — perguntou Bo. — Ou suco de lima? Talvez mais um pouco de pimenta?

— Nada — respondeu Jasmine. — Absolutamente nada! Bo, isso é a coisa mais deliciosa que eu já provei!

Bo riu de orelha a orelha.

— Talvez eu possa ir com vocês e ser cozinheira no Tigre.

— Você teria o meu voto — disse Jasmine.

— Cuidado! — brincou Connor. — Ela realmente não precisa de encorajamento.

— Onde está a graça? — perguntou Bo. — Cheng Li é pirata. Jasmine Pavão é pirata. Por que Bo Yin também não pode ser?

Connor ficou vermelho. Esquecera como Bo Yin levava a sério seus sonhos de ser pirata. Parecia que, quanto mais o mestre Yin jogava água fria neles, mais fortes ficavam.

— Claro que você pode ser o que quiser, Bo — disse ele com um sorriso. — Mas não vai querer deixar o Sinbad sozinho agora, vai?

Bo franziu a testa e lhe deu as costas. Connor sentiu que a havia

chateado. Teria de aprender a tratá-la com mais sensibilidade. Por enquanto decidiu verificar como estava o mestre Yin. Encontrou-o na oficina, mexendo numa panela. Tal filha, tal pai.

— Desculpe — disse Connor. — Eu bati, mas acho que o senhor não ouviu. Está comendo aqui? Bo Yin está fazendo o *laksa* mais gostoso do mundo.

O mestre Yin sinalizou para Connor se aproximar.

— Não estou fazendo sopa, senhor Tormenta. — Em seguida pegou um pano de prato e enrolou-o em volta da panela, depois levou-a para sua bancada. Ali, havia uma espada esperando. O mestre Yin pegou um pincel e mergulhou-o na panela. Depois começou a pintar a ponta da espada com uma substância parecida com verniz.

— O que é isso? — perguntou Connor.

— Pegue uma espada de prata. Pinte-a com um composto de acônito e pilriteiro. Prata, acônito e pilriteiro. Todas são substâncias venenosas para os Vampiratas. Ele ergueu a espada e entregou-a a Connor pelo punho. Pronto! anunciou. — Uma receita de sucesso. A primeira das cinquenta espadas que a capitã Li requisitou.

— Uau! — disse Connor, segurando-a.

— É, uau mesmo — respondeu o mestre Yin. — Por hoje, acho que chega. Meu estômago está roncando. O que você falou sobre *laksa*?

Capítulo 36

Uma conspiração de silêncio

Grace estava esperando sozinha no convés do *Noturno* enquanto o sol se punha. Isso pareceu demorar uma eternidade. Havia pores do sol que eram mais lentos do que outros ou será que apenas quando a gente estava esperando com tanta urgência o sol se pôr, a lua levava uma eternidade para nascer e a escuridão para vir?

Sentiu-se tentada a olhar por cima da borda do navio, para ver se haveria algum sinal de que Darcy estaria retornando à vida. Mas não ousou. Não queria dar a Darcy qualquer dica de que estava esperando por ela e, ainda que a figura de proa ficasse inanimada até as horas de escuridão, os olhos dela, mesmo sendo pintados na madeira, eram argutos.

Assim, Grace se resignou a ficar de pé no convés, esperando,

tentando ouvir os estalos estranhos de quando os membros de Darcy voltam à vida e, em seguida, o som da água espirrando quando ela desse o mergulho noturno de costume.

Por fim, escutou. *Crac*. *Plaft*. O coração de Grace martelou. Estivera esperando esse encontro durante todo o dia, mas agora que estava chegando, sentia-se tremendamente nervosa.

Recuou para o abrigo da vela mestra de modo a controlar o momento em que Darcy a visse. Era meio cruel fazer esse tipo de truque com uma boa amiga como Darcy, mas sabia que precisava pegá-la de surpresa; era vital, nessa situação.

Ficou olhando Darcy chegar ao convés e pegar a toalha pendurada. Enquanto ela começava a se enxugar, Grace agiu, soltando-se das sombras.

— Boa-noite, Darcy.

— Grace! — Darcy estava com os olhos arregalados. — Você me deu um susto. De onde saiu tão de repente?

— Desculpe, não queria assustá-la — mentiu Grace. — Só queria ver você.

— Sem dúvida, é bom ver você — disse Darcy, sorrindo. — Estive preocupada e queria fazer uma visita...

Grace balançou a cabeça.

— Tudo bem. Mesmo que você tivesse feito a visita, provavelmente eu estaria dormindo. Ultimamente tenho passado a maior parte do tempo dormindo.

Darcy assentiu, enxugando o cabelo.

— Provavelmente é disso mesmo que você precisa, nessas circunstâncias.

— Nessas circunstâncias? — perguntou Grace levantando uma sobrancelha.

— Depois do choque com sua mãe e coisa e tal. — Darcy começou a dobrar a toalha molhada.

— Darcy — disse Grace, olhando a amiga direto nos olhos. — Darcy, eu sei.

Darcy ficou subitamente sem jeito. Remexeu-se e a toalha caiu no convés.

— Sabe o quê? O que você está falando, Grace?

Grace abaixou-se para pegar a toalha e devolvê-la.

— Sei que sou uma dhampira, Darcy, que Connor e eu somos meio mortais e meio vampiros.

Os olhos de Darcy se arregalaram.

— Você sabe! — repetiu ela.

Grace confirmou com a cabeça.

— Lorcan me contou.

Darcy ergueu as sobrancelhas.

— Você parece surpresa — disse Grace.

Darcy tentou se recuperar.

— Na verdade, não. Bom, como você se sente com a notícia?

Grace sorriu.

— Estou bem. Na verdade, estou feliz. Eu tinha suspeitas de que era... como vocês.

Darcy sorriu de volta.

— É. Eu também. Nós somos boas amigas desde que nos conhecemos, não é, Grace? E agora somos mais como irmãs! — Ela estendeu a mão e puxou Grace num abraço, depois hesitou. — Ah, desculpe, ainda estou meio molhada! Preciso entrar e trocar de roupa.

— Tudo bem. Não me importo. Você está certa. Somos como irmãs. E irmãs não devem ter segredos entre elas. — Ela deu um passo atrás e olhou de novo para os enormes olhos castanhos de Darcy.

— Segredos? — perguntou Darcy, nervosa.

— Preciso que você me diga uma coisa. E preciso de uma resposta honesta.

— Claro. Mas isso pode esperar até que eu dê o toque do anoitecer e acenda as lanternas do convés? Não quero deixar minhas tarefas de lado.

— Não vai demorar nem um instante. E depois eu ajudo você com as lanternas. Darcy, eu sei que Dexter Tormenta não era Vampirata, por isso não era meu pai verdadeiro.

Darcy se imobilizou.

— Ah — disse ela.

Grace sorriu consigo mesma. Até então, havia sido apenas uma suposição. Agora a expressão de Darcy confirmava.

— Darcy. Sei que você sabe quem é meu pai de verdade. E preciso que me conte.

Os olhos de Darcy se viraram nervosos para Grace, e depois na direção do sino.

— Eu preciso mesmo tocar — disse ela.

— Darcy. — Grace agarrou seu braço. — Você mesma disse. Você é minha amiga, mais como uma irmã. Você *precisa* me contar.

Darcy franziu a testa e balançou a cabeça.

— Não é tão simples assim, Grace. Eu gostaria que fosse. Mas tenho ordens rígidas de não lhe contar isso. — Ela deu um suspiro profundo. — Por isso não fui visitá-la na cabine. Eu estava *desesperada* para ver você e saber se você estava bem, mas eles disseram que eu não deveria.

— Eles?

Darcy assentiu, sem entrar em detalhes.

— Eles sabem como eu tenho a língua solta, como acho difícil esconder as coisas das pessoas de quem gosto.

Grace suspirou. Sentia que estava se aproximado da verdade. Se ao menos pudesse dobrar Darcy...

— Darcy, se eu lhe disser alguns nomes, você nem precisa dizer sim ou não. Só pode balançar a cabeça ou talvez simplesmente afastar o cabelo do rosto. Pode até ir dar o toque da noite. Não seria como se estivesse me dizendo nada. Estaria simplesmente fazendo suas tarefas de sempre.

Ela olhou com atenção para a amiga. Darcy tinha a aparência de um gato encurralado num beco escuro por um predador mais perigoso. Não havia tempo a perder.

— Mosh Zu — disse Grace. Darcy a encarou de volta, impassível.

Grace digeriu a informação. Hora de tentar outro nome.

— Sidório — disse. Darcy franziu a testa diante do nome, mas, de novo, ficou em silêncio.

— O capitão — disse Grace. Darcy franziu a testa de novo. De novo ficou em silêncio.

Grace respirou fundo. Os riscos haviam aumentado.

— Lorcan — disse ela.

— Lorcan! — exclamou Darcy.

Foi uma reação diferente da que houvera para os outros nomes. Grace decidiu pressionar mais.

— É, Lorcan. Tudo se encaixa. Toda vez que nós ficamos perto ele encontra um motivo para me afastar. Ele sempre cuidou de mim, a ponto de ficar cego para me salvar. E sei que a cegueira era em parte psicológica, por causa das coisas com as quais ele estava lutando. Como ter uma filha, talvez, e não poder dizer a verdade... — Darcy permaneceu boquiaberta. Grace assentiu e continuou: — E quando Sally apareceu, durante a catarse de cura do capitão, havia algo no modo como ela e Lorcan se olhavam. Havia um elo profundo entre eles. E duas vezes depois eu vi os dois juntos e eles pareciam próximos demais.

— Eles eram *mesmo* p-p-próximos — gaguejou Darcy. — Mas isso não significa...

— O quê? — Grace precisava de algo mais. — Darcy, você não está traindo ninguém ao me dizer a verdade.

Darcy franziu a testa de novo.

— Você praticamente já me contou, antes — continuou Grace.

— Já?

— Não lembra? Eu disse a você como me sentia com relação a Lorcan, que tinha sentimentos românticos por ele. Estávamos falando de você e Jez e de mim e Lorcan, lembra?

Darcy confirmou.

— E você disse que Lorcan *tinha* sentimentos por mim, mas que talvez não fossem *esses* tipos de sentimentos...

— Grace, isso é muito complicado. Realmente não sou eu que devo contar.

— É verdade, não é? Lorcan *é* meu pai. Pode dizer. Eu aguento. — Ela sorriu.

Darcy balançou a cabeça com firmeza.

— Não posso falar sobre isso. Fiz uma promessa. E preciso honrá-la, mesmo que isso torne as coisas difíceis entre nós. Só tente entender que ninguém está tentando magoar você. Todos gostamos demais de você. Tudo que fizemos foi para protegê-la.

— Me proteger? Mas como...

— Grace, eu preciso mesmo tocar aquele sino. Sinto demais por

você ter de passar por isso. Mas, por favor, espere que a verdade venha até você. Não ande por aí como um touro numa loja de louças, tentando forçá-la a sair. Isso não vai ajudar.

E, com isso, Darcy foi tocar o sino.

Grace ficou sozinha de novo. Não mais perto da verdade. Se até mesmo Darcy tivera de jurar segredo, isso devia ser muito sério.

De volta à cabine, a mente de Grace ficou repassando a conversa com Darcy. Será que sua amiga havia indicado que Lorcan era mesmo o pai dos gêmeos? Ela certamente reagira com mais força ao nome dele do que ao de qualquer outro. E quanto mais Grace refletia sobre seu raciocínio, sobre o modo como o havia apresentado a Darcy, mais seu argumento parecia concreto. Mas, se Lorcan *era* seu pai, por que todos estavam tão interessados em esconder isso dela? Sem dúvida, ele tinha de dar alguma explicação. Sua mãe, afinal de contas, amava outro homem, Dexter. Mas, conhecendo Sally e conhecendo Lorcan, deveria haver uma explicação decente e razoável para isso. Mesmo que a explicação fosse que sua mãe havia simplesmente amado dois homens, um mortal e um Vampirata. Grace poderia conviver com essa revelação. Até poderia viver com a frustração de saber que Lorcan não era exatamente a pessoa que ela havia imaginado. Ele continuaria sendo uma figura vital em sua vida.

Só precisava saber da verdade. Mas como descobriria, se os Vampiratas haviam tramado uma conspiração de silêncio?

Capítulo 37

Um romance brutal

Lady Lockwood acordou em sua *chaise-longue* coberta de seda, num leve estado de confusão. Acima dela, em vez de o teto de sua cabine pintado à mão, via estrelas. Virou-se e encontrou Sidório ao lado, olhando-a atentamente.

— O que há de errado, amor? — perguntou ele.

— Estou na minha *chaise-longue*. Que geralmente fica na minha cabine. Mas, a não ser que eu esteja muito enganada, estou no convés do meu navio.

Ele deu um sorriso suave.

— Você não está enganada. Eu carreguei você para cá, com a espreguiçadeira e tudo.

— *Você* me carregou? — Ela deu um sorriso interrogativo. — Por

quê?

Ele apontou para cima.

— Há muitas estrelas esta noite. Eu queria que elas fossem a primeira coisa que você visse ao acordar.

— Ah, Sidório — disse Lady Lola, sentando-se. — Você é uma criatura extraordinária; tão capaz de romance e gentileza num momento e de maldade extrema no outro.

— Obrigado, amor. — Sidório jamais se cansava dos elogios dela. — Então, o que achou de nossa pequena saída esta noite?

Lady Lola sorriu ao pensar nas aventuras anteriores. Fazia um bom tempo que não caçava presas de sangue pessoalmente. Em geral, contava com sua tripulação hábil e depois bebia, quando sentisse vontade, o sangue servido de uma de suas elegantes garrafas venezianas. Até com John Kuo ela mandara drenar o corpo antes de ao menos provar o sangue. Este, ela sabia, não era o estilo de Sidório. Apesar de fazer a vontade dela bebendo nas taças antigas, ele preferia pegar o sangue direto da fonte.

Assim parecia justo que, como ele se dignava a experimentar as coisas do modo dela, ela também deveria imitá-lo e experimentar o mundo dele.

— Foi bem empolgante — disse ela, o rosto um tanto ruborizado. — Não é algo que eu gostaria necessariamente de fazer toda noite, mas de vez em quando é bom. Especialmente com você. — Ela fez uma pausa. — Foi maravilhoso vê-lo em ação, Sid. Você foi implacável, querido. Nunca vou esquecer como perfurou aquele tórax.

Ele ruborizou, claramente sem graça com os elogios.

Ela se virou e encontrou uma jarra e duas taças numa mesa ao lado. De novo olhou para Sidório com espanto.

Ele deu de ombros.

— Só achei que talvez você estivesse com sede quando acordasse.

Ela balançou a cabeça.

— Você pensa mesmo em tudo. Posso lhe servir uma taça?

—Por que não?

Ela pensou em como a taça do século XIII parecia frágil nos dedos grossos de Sidório. Ele era muito mais velho até mesmo do que a taça, mas era tão forte, tão vital! A qualquer momento certamente partiria a taça ao meio. Mas não. Segurou-a com cuidado com as mãos — as mesmas mãos que ela observara em sua brutalidade completa algumas horas antes. Notou com prazer como ele havia aprendido a girar o líquido na taça — para liberar as mais finas sutilezas do “buquê” — e até mesmo a bebericar, em vez de engolir o conteúdo de uma vez.

— Sabe — disse ela, — acho que estamos nos entendendo. — Ela tomou um gole, contente, depois notou que ele estava olhando-a com atenção. O que é, querido?

— Nada. Às vezes só gosto de olhar para você.

— Ah, Sid, venha sentar-se perto de mim. Vai ficar apertado, você é um tremendo brutamontes, mas quero ficar juntinho de você. — Ela abriu espaço para ele sentar-se na *chaise-longue*. — Pronto, estique suas pernas

gigantescas para lá e eu vou me aninhar perto. — Ela pousou a taça no convés. — Confortável?

— Sim — respondeu ele, dando-lhe um beijo na testa.

— Você não teve muito afeto na vida, querido, teve? Por mais grandioso que você seja, por mais que seja importante em seu mundo, no *nosso* mundo, acho que andou meio carente de companhia e companheirismo. Estou certa?

Sidório deu de ombros e tomou um gole.

— Tenho Stukeley e Johnny para me manter entretido — disse rindo. — E mais algumas centenas de tripulantes prestando contas a mim.

— Bom, é. Mas eles não podem lhe oferecer o mesmo tipo de companheirismo que eu posso, não é?

Sidório gargalhou e balançou a cabeça.

— Não, Lola. É melhor olhar para você do que para as fuças feias deles.

— De qualquer modo — continuou ela — eu estava pensando em antes disso. Quando você fez a travessia. Todo esse tempo sozinho, andando pelo mundo, antes de encontrar o caminho para o *Noturno*. — Ela se virou para olhá-lo. — E, mesmo lá, você não se encaixava de verdade. O modo que eles têm de fazer as coisas nunca poderia ser o *seu*. Era apenas uma questão de tempo até que você e o capitão fossem às vias de fato.

Ele franziu a testa.

— Você está *tentando* fazer com que eu me sinta mal?

— Claro que não. Pelo contrário. Só estou dizendo que você deve ter ficado solitário às vezes. E, francamente, eu também. Talvez seja o preço que pagamos por nossa grandeza.

— Talvez — refletiu ele, depois perguntou: — Você está solitária agora?

— Com você? Não! Com você, nunca.

— Bom, então — disse ele, rindo. — Só temos de passar mais tempo juntos, não é?

Lola assentiu e se acomodou de encontro ao peito de Sidório, fechando os olhos. Ficou ali, cochilando suavemente sob a luz das estrelas. Sidório se esticou à frente e puxou o cobertor por cima do corpo adormecido de Lola. Não queria que ela sentisse nenhum desconforto. Parecia a coisa mais natural do mundo protegê-la e cuidar dela. Mas o pensamento liberou uma súbita espiral de pânico por dentro. O que estava acontecendo com ele? Estaria perdendo o pique? O pensamento o fez dar um pulo de repente.

Lady Lockwood acordou com um susto.

— O que há de errado? — Perguntou. Sidório estava andando de um lado para o outro pelo convés, finalmente parando junto à amurada.

— O que foi? — Ela se levantou, enrolando o cobertor nos ombros e acompanhando-o até a beira do convés.

Ele fez uma pausa, tentando juntar os pensamentos.

— *Não é* você — começou. — Sou eu. A pessoa que sou quando estou com você. Eu viro outra pessoa. Eu achava que era mau, maligno. Sinto-

me confortável com isso. Isso serve para mim, como uma luva gasta. Aí você aparece e acorda todos esses pensamentos e sentimentos. Sentimentos que eu achava que não tinha. Dos quais nem era capaz. — Ele traçou a linha cinzelada do rosto dela. — Não gosto disso, Lola. Faz com que eu me sinta descontrolado.

Ela sorriu.

— Entendo o que você está dizendo, Sidório, entendo mesmo. Mas você não vê? É possível me amar, cuidar de mim e continuar sendo mau. Afinal de contas, eu também sou. Pense nesta noite, quando caçamos juntos aquele casal. Aquilo não foi maligno? E não foi divertido?

— É. Foi divertido.

— E não foi *mais* divertido ainda porque nós fizemos juntos? Não foi você sozinho ou com alguém da sua tripulação. Você estava *comigo*, que você ama e que o ama de volta. E nós dois fomos maus. Muito, muito maus.

— É. Fomos mesmo.

— Confie em mim. Se eu achasse seriamente que você estava perdendo a capacidade de ser mau, iria jogá-lo no mar num instante. Isso me deixaria morta de tédio. Mas você não vê? Quanto pior, quanto mais perverso você for com todos os outros, mais especial será sua ternura por mim. Isso faz sentido?

Ele parou por um momento, pensando nas palavras dela, depois assentiu.

— Tem uma certa lógica deturpada.

— Exatamente! *Nós* também temos uma lógica deturpada. É exatamente o que temos. Não deveríamos dar certo, mas de algum modo damos. O nosso romance é brutal. Você é maligno. Eu sou maligna. E juntos somos malignos ao quadrado.

— Está certa — disse ele, sem entender totalmente, mas captando o cerne do argumento. Olhou-a com espanto. — Case-se comigo!

Ela gargalhou com força por um bom tempo.

— Ah, Sid, você me mata! De verdade!

— Estou falando *sério*. Case-se comigo! Podemos ficar juntos por toda a eternidade, cada um tornando a vida do outro uma alegria e os dois tornando a de todo mundo um sofrimento!

Lola sorriu, mas balançou a cabeça.

— Há um momento achei que você estava querendo me deixar. E agora isso? Não sei o que pensar a respeito!

— Case-se comigo! — Repetiu ele, estendendo os braços para a cintura dela e puxando-a para perto. — Somos perfeitos um para o outro. Temos de ficar juntos.

Ela sentiu os braços fortes envolvendo a cintura, viu a luz estranha nos olhos dele. Era como um farol distante guiando-a para casa. Ele estava certo. Os dois eram mesmo perfeitos um para o outro. Impossíveis de ser contidos. Ele era tudo que ela queria, desde o instante em que o vira. E, para dizer a verdade, antes mesmo disso.

— Sim! — disse. — Sim! Eu me caso com você.

—Vocês vão se *casar!* — exclamou Stukeley.

— Não é maravilhoso? — disse Lady Lockwood. — Olhe meu anel divino! — Ela estendeu a joia pesada diante dos olhos de Stukeley.

— Quando? — perguntou Johnny, na bucha.

— Em breve — respondeu Sidório.

— *Muito* em breve — disse Lady Lola. — De que adianta ficar esperando? Nós dois já passamos por isso vezes suficientes para saber quando estamos prontos.

Stukeley nem conseguia olhar para Johnny D. Forçou um sorriso falso e olhou para o casal feliz.

— Bom, estou felicíssimo. Estou mesmo. Por vocês dois. — Em seguida, deu um passo à frente e beijou Lady Lola nas duas faces, depois apertou a mão de Sidório.

— Claro, não vai ser um casamento convencional — disse Lady Lockwood —, mas queríamos que vocês dois se envolvessem, não é, querido?

Sidório assentiu.

— Como meus padrinhos.

Lady Lockwood confirmou.

— E Angelika e Marianne serão *minhas* madrinhas. — Ela olhou para Stukeley e Johnny, aprovando. — Que quarteto lindo vocês vão formar!

— Será uma honra — disse Stukeley, percebendo que não tinha opção.

— Para mim também — completou Johnny.

— Maravilhoso! — Lady Lockwood bateu palmas. — Vamos ser uma familiazinha muito feliz!

— É — assentiu Stukeley, sentindo-se estranhamente nauseado.

— Bom, é melhor eu voltar ao *Errante* — disse Lady Lola. — Há muita coisa a resolver. — Em seguida, virou-se para Sidório: — Quer me acompanhar até a porta?

— Boa-noite, rapazes! — Lady Lockwood acenou animada para os dois.

— Parabéns — disse Stukeley.

— É — assentiu Johnny. — Parabéns.

Ficaram olhando enquanto Sidório segurava a porta aberta para a noiva, depois pegava a mão dela e a acompanhava para o corredor.

Enquanto os passos deles se afastavam, Stukeley começou a se agitar. Foi trancar a porta da cabine.

— Precisamos pensar rápido — disse.

— É — concordou Johnny. — Como disse a dona, há muita coisa para resolver em pouco tempo. Será que devemos usar ternos iguais?

Stukeley agarrou Johnny pelos ombros.

— Johnny, volte à Terra! Não estou falando do casamento. Temos coisas muito mais importantes para pensar.

— Temos?

— Claro! Isso muda tudo. Não vê? — Ele encarou o amigo. —

Quem está no comando dessa operação agora?

— O capitão. Sidório.

— Isso mesmo. E quem vem em seguida no comando?

— Você — disse Johnny. — E eu!

Stukeley balançou a cabeça.

— Não mais! Assim que eles estiverem amarrados, Lady Gosma vai comandar as coisas e nós vamos ficar no frio.

— Não. O chefe não faria isso com a gente. Tenho a sensação...

Stukeley balançou a cabeça.

— Ele não terá escolha. Você não vê como ela o arrasta de um lado para o outro como um cachorrinho? *Faça isso! Case comigo!* Aposto que ela estava com tudo planejado desde o início.

— Não. Ela disse claramente que *ele* a pediu em casamento. E o anel! Você viu o anel que ele deu.

Stukeley balançou a mão.

— Isso não quer dizer nada. Ela é ardilosa. Pode fingir que é um sonho de amor, mas no fundo é fria como gelo. Não está apaixonada por Sidório. Ela quer a base de poder dele, só isso. Não é de espantar que seja chamada de Coração Negro. Ela jogou com ele como uma especialista em baralhos.

— Não. — Johnny balançou a cabeça.

— Sim! — Insistiu Stukeley.

Johnny deu de ombros.

— Bom, agora não importa. O casamento vai acontecer, e em breve. Tente ficar feliz por eles!

Stukeley balançou a cabeça.

— Se quiser, pode começar a escolher um belo terno, meu chapa. Bom, pode até escolher um para mim, se estiver a fim. — Havia uma expressão sombria nos olhos dele. Uma expressão que Johnny nunca vira. — Mas não vai *haver* casamento, se eu tiver algo a ver com isso.

— O que está planejando, *hermano?* — perguntou Johnny, em choque, mas fascinado.

— Olhe e espere. — Stukeley riu sombrio para o amigo. — Como dizem, os caminhos do amor nunca são simples.

Capítulo 38

Encontro na Taverna de Madame Chaleira

Era uma noite chuvosa, mas essa não era a única preocupação de Cate "Alfanje" Morgan enquanto entrava na fila do lado de fora da Taverna de Madame Chaleira. Apertou o chapéu *cloche* sobre o característico cabelo ruivo e olhou para o relógio de bolso. Ao longo da fila, notou o chefe de segurança da Madame, Peças 08, revistando os piratas à frente.

Apesar da anunciada mudança na política e nos procedimentos de segurança tremendamente rigorosos, muitos piratas não haviam captado a mensagem de que agora era proibido trazer qualquer espada, faca ou armas alternativas para a taverna. Cate ficou vendo Peças revistar habilmente uma célebre capitã pirata e pegar nada menos do que oito peças de armamento.

— Tenha uma noite maravilhosa, senhora — disse Peças, paciente e educado como sempre. Em seguida, pôs as armas num caixote para serem recolhidas no fim da noite.

— Anda! — murmurou Cate baixinho, olhando de novo o relógio. — Anda!

Passaram-se apenas cinco minutos quando ela chegou à frente da fila, mas pareceu muito mais tempo.

— Ora, não é a senhorita Morgan? — perguntou Peças, preparado para cumprimentá-la de modo bastante público.

— É — respondeu Cate, com a voz baixa. — Boa-noite, Peças. Estou aqui num assunto particular, de modo que agradeceria sua máxima discrição.

— Claro, senhorita... Claro! — disse ele, dando uma piscadela.

Cate pegou seu florete e entregou-o a Peças, com uma nota de dinheiro enrolada na ponta.

— Pela sua discrição — disse ela.

— É uma tremenda gentileza. Entre!

Ele ergueu a corda de veludo e Cate passou, entrando na taverna movimentada. Outra vez olhou o relógio. Dez minutos atrasada. Não era ideal. Nem um pouco ideal. Esperava que tivesse disfarçado os rastros suficientemente com Molucco e que ele não mudasse os planos da noite e aparecesse subitamente na taverna.

— Cate — disse uma voz familiar, e uma mão roçou de leve em seu ombro.

Cate deu um pulo, depois viu que era apenas Docinho, a confiável auxiliar da Madame. Sorriu nervosa.

— Olá. Como vai?

— Ótima — respondeu Docinho. — Onde está o resto da sua tripulação? Há alguma chance de Bart aparecer mais tarde?

Um tanto sem-graça, Cate balançou a cabeça.

— Acho que não. Sou só eu, pelo que sei. Tenho um negociozinho para resolver. Negócio *particular.*

— Não diga mais nada. — Docinho bateu na lateral do nariz pequeno. — Seu segredo está seguro comigo.

Cate sorriu, depois baixou a cabeça e passou rapidamente pela multidão, subindo a escada até a fileira de reservados com cortinas. Só um dos reservados parecia ocupado. A pessoa a esperava. Cate respirou fundo, abriu a cortina de veludo e entrou.

— Eu estava começando a achar que você não apareceria — disse Cheng Li, à luz das velas. — Belo chapéu, por sinal.

— Desculpe. — Cate tirou o chapéu e sacudiu os cabelos. — Demorei mais para chegar do que eu esperava. A fila lá fora estava uma loucura.

— Bom, você está aqui *agora.* É isso que importa. — Cheng Li sorriu. — Sente-se, relaxe! Tomei a liberdade de pedir uma caneca da cerveja especial da Madame. Costumava ser a sua predileta.

— Ainda é! — respondeu Cate, sentando-se.

— Veja só, essa é uma das coisas de que gosto em você, Cate. Você é uma constante neste nosso mundo que muda tão depressa.

O rosto de Cate era como uma máscara, a não ser por uma sobrancelha erguida.

— Esse é o seu jeito de dizer que eu sou sem-graça?

— Sem-graça? Ora, claro que não. Confiável. Boa numa crise. Essas qualidades não são sem graça. Pelo menos segundo a perspectiva de um capitão.

Cate relaxou visivelmente com o elogio de Cheng Li. Cheng Li assentiu.

— Beba sua cerveja, Cate. Você deve estar com sede.

Cate levantou a caneca e tomou um gole. Um bigode de espuma se formou no lábio superior. Ela não percebeu, até que notou o sorriso se esgueirando no rosto de Cheng Li. Sem-graça, enxugou a espuma.

Cheng Li estava tomando chá de flor da lua. Serviu-se de uma nova xícara e pôs uma colherada de mel-de-manuka.

— Diga — pediu ela em tom casual, — como vai a vida a bordo do *Diablo?*

Cate deu de ombros.

— Não muito diferente de como você deve lembrar.

— Nossa! — disse Cheng Li, tomando o chá. — Eu esperava que Molucco tivesse se corrigido um pouquinho. Mas acho que é verdade, não se podem ensinar truques novos a um velho cão do mar.

— Molucco é Molucco. — Cate escolhia as palavras com cuidado. — É outra constante, se você quiser.

— É. Um constante pé no...

— Tenho certeza de que você não me chamou aqui para falar mal de Molucco — disse Cate, com o tom de formalidade voltando à voz.

— Não. Ele está muito baixo na minha lista de preocupações atuais. — Cheng Li tomou outro gole de chá. — Não, Cate. Eu a convidei aqui para falar de ***você.*** — Ela fez uma pausa. — Do seu futuro.

— Meu futuro?

— É. Do seu futuro. De seus objetivos. De seu plano de cinco anos. Presumo que você tenha um plano de cinco anos.

Cate tomou cerveja e balançou a cabeça.

— Não preciso de um. Sei exatamente onde estarei em cinco anos. Assinei o contrato vitalício com o capitão Wrathe.

— Ah, Cate — suspirou Cheng Li. — Não posso deixar de pensar que você está se vendendo um tanto barato. Como eu disse antes, as coisas vêm mudando rápido no nosso mundo.

— É. Mas, como você também já disse, eu sou uma constante. Não acredito em mudar de alianças a cada cinco minutos, como... — Ela parou, olhando para a vela tremeluzente.

— O que você ia dizer, minha cara? Como *eu*? Ou como Connor Tormenta?

Cate retomou o contato ocular.

— Connor tinha seus motivos. Eu entendo. Gosto de Connor e o respeito muito. Mesmo assim acho que ele errou ao sair.

Cheng Li ergueu uma sobrancelha.

— Quanto a isso, teremos de discordar.

— Como está o Connor?

— Prosperando. Devo dizer que tenho grande prazer em vê-lo evoluir de um jovem desgarrado a um pirata de talentos consideráveis. Acho que não consigo evitar o sentimento de um elo especial com ele. Afinal de contas, fui eu que o pesquei no mar naquela primeira noite. Não fosse por mim, ele teria se afogado, e um grande pirata seria perdido.

Cate sorriu.

— Você fez muitas coisas sobre as quais tenho certa dúvida, mas sempre serei grata por você ter salvado Connor. Tenho certeza de que todos os amigos dele diriam o mesmo.

— Obrigada. — A voz de Cheng Li ficou íntima de novo. — Ele sente falta de você, Cate. E sente falta do Bart. Claro, Connor tem bons amigos na tripulação do *Tigre*. E eu, claro. Mas estou ocupada com o trabalho de comandar o navio durante a maior parte do tempo e não posso dar tanta atenção a ele quanto deveria.

Olhando o relógio, Cate tomou as últimas gotas da cerveja.

— Vamos ao que interessa — disse. — O que você quer de mim?

Houve uma tosse discreta do lado de fora do reservado.

— Bem na hora — anunciou Cheng Li. — Entre!

O rosto de Cate era a própria imagem do alarme mas, quando a cortina se abriu, ela suspirou aliviada. Docinho se inclinou e pôs outra caneca de cerveja na mesa. Depois encostou o dedo nos lábios, piscou e saiu do reservado.

— Achei que você estaria com sede — disse Cheng Li, indicando a nova caneca.

— Preferiria ouvir o que você tem a dizer com a cabeça limpa, obrigada — respondeu Cate, empurrando a caneca.

— Certo. O que vou dizer agora é confidencial. Entende? Você não pode revelar nem uma palavra disso. A ninguém.

— Confie em mim, também não vai ser bom para mim se alguém ficar sabendo desse encontro.

— Eu disse *ninguém* — insistiu Cheng Li. — Inclusive Bart.

Ruborizando, Cate injetou uma nota de aço na voz.

— Entendi. Por favor, continue.

— O *Tigre* não é um navio pirata comum. E o meu comando não é típico. Tive a enorme honra de receber uma missão de alto nível do comando mais elevado na Federação dos Piratas.

Cate estava de olhos arregalados. *Bom*, pensou Cheng Li. *Achei que isso atrairia a atenção dela.*

— Nosso navio será o primeiro navio de assassinos de Vampiratas — continuou. — Fomos encarregados de comandar ataques contra os Vampiratas e expurgar os oceanos da ameaça deles de uma vez por todas. Nosso primeiro

alvo é Sidório, o monstro que matou o comodoro Kuo e os dois alunos da academia, Zake Varsha.

À menção da matança, Cate balançou a cabeça.

— Aquilo foi terrível — disse ela.

— É. E não se engane, coisas piores vão acontecer. A não ser que ajamos depressa e decisivamente.

— Continue — instigou Cate.

— Como eu disse, meu navio não é uma embarcação pirata comum. Temos um objetivo mais elevado. E já estamos a caminho de realizar a primeira missão.

— Parabéns. Mas não sei onde me encaixo em tudo isso.

— Pense só — disse Cheng Li, com os olhos límpidos brilhando à luz da vela. — Nós vamos lutar contra Vampiratas. Não contra mortais comuns, mas demônios, monstros. Minha equipe realizou amplas pesquisas quanto às vulnerabilidades deles. Identificamos três substâncias que são venenosas para eles: prata, pilriteiro e acônito. — Cate se inclinou adiante, claramente fascinada, enquanto Cheng Li continuava: — Agora mesmo, Connor está em Lantao, pegando um tipo especial de armas com o mestre Yin.

— O mestre Yin — disse Cate. — Impressionante!

— Eu só trabalho com os melhores, Cate. *Esse* é o objetivo deste encontro. Eu tenho as armas. Tenho o apoio da Federação. Agora preciso de um especialista em ataques. E, sem mais delongas, nós duas sabemos que você é a melhor do ramo.

— Você quer que seja conselheira de estratégia para atacar os Vampiratas? — perguntou Cate, visivelmente intrigada com a proposta.

— Seria seu trabalho mais importante até hoje. Sua glória. Iria colocá-la direto no radar da Federação, que é o seu lugar. Mas isso não tem a ver simplesmente com glória, Cate. Tem a ver com se posicionar, fazer diferença. Limpar os oceanos e torná-los seguros para as gerações futuras. Você pode realmente se contentar em ficar perdendo tempo com Molucco quando uma missão como essa está chamando-a?

Por sua expressão ficou óbvio que Cate estava dividida. Cheng Li esperou com paciência. Será que havia dito o suficiente para convencer a ex-colega?

Cate balançou a cabeça e suspirou.

— Acho que Molucco não vai concordar de jeito nenhum.

— Ele não precisa.

— Não vou violar meu contrato. É uma questão de princípio. Não vou. Nem mesmo por isso.

— É justo. Como eu disse no início, admiro tremendamente sua constância. Mas vamos pensar por outro ângulo, minha cara. Meu apoio vem do nível mais alto da Federação. Eles podem ser muito persuasivos.

— Como assim?

— Não é segredo que você esteve economizando durante todo o tempo em que serviu no *Diablo*, para sua pobre mãe e suas irmãs. Todos nós sabemos como você se preocupa com elas. Eu poderia lhe oferecer uma quantia

muito significativa para se juntar à minha equipe.

Cate balançou a cabeça.

— Não se trata de dinheiro.

— Não — concordou Cheng Li. —Trata-se de muito mais do que isso. Mas dinheiro não faria mal. Poderia tornar sua vida, e a da sua família, muito mais confortável.

De novo Cate parou para pensar na oferta. Então balançou a cabeça.

— Agradeço tudo que você disse. Fico lisonjeada. Mas minha resposta é não. Eu tenho um compromisso e pretendo cumpri-lo. — Ela se levantou e estendeu a mão. — Eu não achava que diria isso, mas gostei de vê-la.

Cheng Li apertou a mão dela. Estava desapontada, mas decidida a não deixar transparecer.

— Também gostei de ver você, minha cara. Nós realmente deveríamos nos encontrar mais. — Ela sorriu. — Nós, mulheres, devemos nos unir.

A pedido de Cate, Cheng Li esperou no reservado enquanto ela saía discretamente pelos fundos da taverna. Continuava paranoica com a possibilidade de as duas serem vistas juntas.

— Como foi? — perguntou Docinho, enfiando a cabeça no reservado.

— Não exatamente segundo o plano.

— Que pena — disse Docinho, pegando a caneca de Cate, ainda cheia. — Bom, não precisa de pressa. Gostaria de outro bule de chá? Ou talvez algo mais forte?

Cheng Li pensou, depois balançou a cabeça.

— Não. Não, é melhor voltar ao meu navio. Quando se é capitão, é só trabalho, sem diversão!

Cheng Li pegou com Peças 08 suas *katanas* e o alfanje do pai e partiu pela passarela em direção à fileira de barcos-táxis que esperavam. Seu pé de jacarandá predileto estava florido e ela parou um momento para admirar as flores cor de lavanda. Faziam com que ela se lembrasse de que para tudo há uma estação, um tempo de amadurecer. Enquanto passava a mão numa flor, pensou em Cate. O momento era errado, só isso. Quando chegasse a hora certa, a resposta dela seria diferente. Levantou uma das *katanas* e cortou um galho de flores, enfiando-o na botoeira. Depois foi rapidamente para o fim do passeio de tábuas, levantou a mão e gritou:

— Táxi!

— Para onde, bela dama? — perguntou o barqueiro.

— Para o meu navio, o *Tigre*. Está ancorado na baía — disse ela, acomodando-se.

— Sem problema!

Cheng Li entrou no táxi aquático, sem perceber o segundo marinheiro agachando na popa do barco.

— Está uma noite linda para um passeio — disse uma voz atrás dela. O sotaque do segundo marinheiro estava a um mundo de distância do de seu

colega, e, no entanto, era meio familiar.

— Não quero fazer um passeio — respondeu Cheng Li. — E não vou lhe pagar a mais por isso. Vá direto ao longo da baía, muito obrigada!

O primeiro marinheiro se virou e sorriu para ela, os olhos tão escuros quanto os seus.

— *Buenas noches,* pequena dama — disse Johnny.

Irritada com o excesso de familiaridade, Cheng Li se virou e pegou-se olhando direto para o rosto de Jez Stukeley. Foi então que percebeu que havia entrado no táxi errado.

— Não nos vemos há muito tempo — disse Stukeley, rindo. — Ouvimos dizer que você está com um interesse súbito por Vampiratas, por isso pensamos em pegá-la para dar uma volta.

Cheng Li olhou para um rosto e depois para o outro, com o coração disparando. Como, diabos, sairia dessa?

Capítulo 39

O convite

— Pare esse barco! — ordenou Cheng Li, levando a mão às duas *katanas.*

Mas Stukeley foi rápido. Antes que ela pudesse soltar as espadas afiadas como navalhas, ele havia prendido seus braços numa chave, obrigando-a a largar as armas.

— Vou manter essas coisas em segurança por enquanto — disse ele. — Não se preocupe, você vai tê-las de volta depois... desde que se comporte.

Cheng Li franziu a testa. Em vida, Jez Stukeley fora um dos melhores e mais rápidos lutadores que ela já vira. Sem dúvida havia carregado esses talentos para a outra vida — ou para qualquer que fosse o lugar sombrio onde residia atualmente.

Johnny tossiu.

— Ah, desculpe — disse Stukeley, com a voz subitamente mais afável. — Onde estão meus bons modos?! Permita-me apresentar meu bom amigo e compadre, Johnny Desperado.

— Pode me chamar de Johnny — disse o marinheiro bonito, piscando para Cheng Li e levantando ligeiramente o chapéu de feltro.

— Esta aqui é Cheng Li — continuou Stukeley. — A gente se conhece há um tempão, não é?

A pergunta dele foi deixada de lado enquanto Cheng Li olhava ao redor, avaliando rapidamente as opções de fuga. Pareciam decididamente limitadas. Johnny havia aproveitado habilmente as correntes marítimas e eles já estavam muito longe do reconfortante halo de néon da taverna. O que ela poderia fazer? Nadar? Era uma distância considerável até a margem. E os Vampiratas não iriam acompanhá-la na água? Em algum recôndito da mente, lembrou-se de ouvir dizer que os Vampiratas não podiam nadar. Mas seria verdade? Lorcan Furey não havia mergulhado no oceano para salvar Grace Tormenta? Ela não podia se dar ao luxo de correr riscos nesse momento.

— Para onde estão me levando? — perguntou ela. Mesmo sentindo-se sem opções, era vital que eles não notassem seu medo. Tente ganhar tempo, disse a si mesmo. Concentre-se. A resposta virá. Pensou nas aulas de John Kuo sobre *zanshin.* Então pensou no destino de John Kuo — seu cadáver mumificado sentado na cadeira do escritório. Não era muito reconfortante.

— Vamos levá-la para um pequeno cruzeiro misterioso — disse Johnny.

— Não gosto de mistérios — respondeu Cheng Li. — E, por sinal, nem de cruzeiros.

Houve uma gargalhada atrás dela. Um riso familiar. Desconcertou-a ver que Jez Stukeley, um ex-colega, era agora um Vampirata e estava ameaçando-a.

— Ora, ora — disse Stukeley. — Pelo que soubemos, você adora um bom mistério, não é, Johnny?

Johnny assentiu.

— Ouvimos dizer que está sondando o mundo oculto dos Vampiratas.

Cheng Li franziu a testa, mas não disse nada. De que adiantava negar?

— De qualquer modo — disse Johnny — achamos que, se você está tão interessada nos Vampiratas, por que não lhe fazer um favor com uma visitinha?

— Exato — concordou Stukeley, inclinando-se perto, atrás dela, tão perto que ela podia sentir seu hálito no pescoço. — Portanto, cá estamos. Prontos e ansiosos para responder às suas perguntas.

Ao dizer isso, ele saiu de trás dela e sentou-se no banco à frente. Johnny permaneceu de pé, com a mão no leme.

— Certo, meu chapa — disse. — Acho que podemos parar um pouco por aqui, não? A noite está linda. E este é um lugar muito pitoresco, não concorda, senhorita Li?

Cheng Li fez uma careta, decidida a manter alguma aparência de controle.

— Na verdade agora é *capitã* Li.

— Ah, claro! — continuou Stukeley. — Eu estava esquecendo. Desculpe.

— Está tudo bem, Jez — disse ela. — As coisas andaram bem depressa depois que nos vimos pela última vez.

Stukeley assentiu.

— Andaram mesmo. Para nós dois. E, por sinal, ninguém me chama mais de Jez. Agora sou conhecido como Stukeley.

Cheng Li ergueu uma sobrancelha.

— Como quiser.

Ela olhou-o de verdade pela primeira vez. Ele não parecia tão *mudado* como Cheng Li esperaria. Estava pálido, certamente. Talvez um pouquinho mais magro. Isso era evidente no rosto. Jez sempre fora brincalhão, e seu rosto redondo, com sardas, de algum modo reforçava essa impressão, como se ele estivesse sempre pensando na última piada ou na próxima. Agora os malares eram mais nítidos e ele parecia mais sério. Mais bonito, também, notou ela, com certa surpresa. Mas, quando pensou nisso, percebeu que todos eles eram bem bonitos — Lorcan Furey, Johnny Desperado e Jez... ou melhor, Stukeley. Apesar das mudanças pelas quais haviam passado, ou talvez por causa delas, eles provocavam uma atração estranha.

Para com isso!, disse a si mesma. Para com esses pensamentos malucos! Se continuar assim, vai acabar no mesmo beco escuro de Grace Tormenta.

— O que você está pensando? — perguntou Stukeley.

Ela o encarou. Eram os mesmos olhos brilhantes, notou com algum alívio.

— Estava pensando em nós. Em mim e em você. Em quando éramos colegas a bordo do *Diablo*.

Stukeley franziu a testa.

— O que há de errado? — perguntou ela. — Você não gosta de pensar naquela época?

Ele balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Eu fui adiante. Agora sou uma pessoa diferente.

— Talvez — concordou Cheng Li, intrigada ao ver como ele parecia inquieto com essa linha de perguntas. — Mas às vezes você não gosta de pensar em sua vida naquela época? No capitão Wrathe e nos seus amigos, Connor e Bart?

Stukeley pareceu ferido e fechou os olhos.

— Não! Fica quieta! — Ele apertou os ouvidos com as mãos.

Johnny se inclinou adiante.

— Ele não gosta de falar naquele tempo ou nessas pessoas.

Cheng Li assentiu. Que interessante Stukeley ter reagido assim! Guardou a informação para o caso de ser útil mais tarde.

Continuaram à deriva, em silêncio, durante vários minutos. Tinham chegado a um impasse, flutuando nas correntes, no meio da baía deserta.

— Aposto que posso adivinhar o que você está pensando — disse Johnny depois de um tempo.

Cheng Li ergueu a cabeça.

— Continue.

— Aposto que você gostaria de ter alguma arma à mão.

Cheng Li franziu a testa, olhando as *katanas* que Jez ainda segurava.

Johnny balançou a cabeça.

— Não é isso que quero dizer. Quero dizer as armas que você vem desenvolvendo para atacar os Vampiratas.

Então, ele sabia disso também. Apesar de seus esforços, Cheng Li estava começando a ficar ansiosa e cheia de desalento. Sem dúvida, Sidório conhecia seus planos e mandara os tenentes numa missão noturna para acabar com ela. Como haviam acabado com o comodoro Kuo. Desgraça! Sua carreira estava apenas deslanchando. Por que agora? Mas, afinal de contas, supôs, se você aumenta a aposta, aumenta os perigos.

— Então vocês sabem sobre minha missão — disse cautelosamente.

Johnny assentiu.

— Claro. Um dos seus prisioneiros escapou.

— O Vampirata Dois! — exclamou Cheng Li, com o coração apertado. Lembrou-se de suas palavras para tranquilizar Jacoby. *"Então ele fugiu. É apenas um Vampirata."* Mas, claro, ele fora alertar Sidório e os outros Vampiratas.

Stukeley sorriu para ela. Não havia qualquer traço de humanidade — nenhum traço do Jez que ela conhecera.

— Seus capangas pegaram pesado com nosso amiguinho, o Cara-de-neném, mas ele conseguiu se juntar de novo, nos encontrou e pediu ajuda.

— Ele queria que vocês resgatassem os outros dois — disse Cheng Li. Claro, quando ele havia escapado, os outros Vampiratas ainda estavam vivos. — Por que vocês não foram salvá-los?

— Se fosse por mim — disse Stukeley, — é *exatamente* o que teríamos feito. Mas o capitão tinha outras ideias.

— Sidório?

— Isso mesmo. Nosso capitão. Sidório. O rei dos Vampiratas.

— Que você pôs na mira — disse Johnny.

Cheng Li pensou no seu encontro com Ahab Black. Em sua missão. A que deveria lhe trazer glória. Pegar Sidório, o líder dos Vampiratas renegados, o assassino de Porfíno Wrathe, John Kuo e dos outros.

— Você está cometendo um erro — disse Stukeley.

— Falando com criaturas como vocês?

Ele balançou a cabeça.

— Não é isso que eu quero dizer. Não é Sidório que deveria estar

na sua mira. Não foi Sidório que matou o comodoro Kuo.

— Não? — Cheng Li estava fascinada. Por que estariam lhe dizendo isso? Eles não pareciam o tipo de gente que sentiria necessidade de limpar a barra antes de matar alguém. — Vocês querem algo de mim? — perguntou com curiosidade.

Stukeley deu de ombros.

— Estamos aqui para lhe passar algumas informações. Só isso.

O coração de Cheng Li estava disparado. Não mais devido ao medo, e sim de adrenalina.

— Quem matou o comodoro Kuo? — perguntou ela.

— O nome dela é Lady Lola Lockwood — disse Stukeley. — Também conhecida como Coração Negro.

— Coração Negro! — exclamou Cheng Li. Claro. Lembrou-se da carta de baralho que o comodoro Kuo estivera segurando quando ela o encontrou no escritório. E das outras cartas sujas de sangue que Connor havia posto sobre sua mesa.

— Ela tem um navio chamado *Errante* — disse Stukeley. — E está para se juntar às forças de Sidório.

— Em outras palavras, às *suas* forças.

Stukeley assentiu.

— Se você quiser.

Agora a mente de Cheng Li estava em disparada, rápida como seu coração.

— Ela é uma ameaça para vocês. — Cheng Li estava numa agitação tão grande a ponto de achar que sua cabeça iria explodir. — Vocês não querem que ela junte forças com Sidório porque, se isso acontecer, vai ameaçar a posição de vocês.

— Você é boa! — exclamou Johnny. — É uma coisinha bem esperta.

Stukeley levantou a mão para silenciar o colega.

— Não estamos falando de nós. Nem do que queremos. Só estamos colocando você no caminho certo. Você recebeu a missão de matar Sidório porque todos acham que ele matou o comodoro Kuo. Mas não é assim. Foi Lady Lockwood. Só achamos importante acertar as coisas.

Cheng Li assentiu.

— Entendo. Vocês têm um sentimento inato de justiça. —Ela parou para acrescentar, quase casualmente: — E se fôssemos atrás de Lady Lockwood, vocês não ficariam no nosso caminho. — Ela decidiu forçar ainda mais. — Na verdade, talvez gostem disso. Ou até nos ajudem?

Stukeley balançou a cabeça.

— Absolutamente não! Como eu disse antes, só estamos aqui para lhe dar informações. A ideia de ajudarmos... não, nem posso pensar nisso. — Ele riu. — Ah, mas queríamos lhe dar uma coisa. — Ele procurou nos bolsos. — Onde foi que eu pus? — E fez um estardalhaço, batendo em cada um dos bolsos.

Johnny gargalhou.

—Não lembra, *hermano*? Você me deu para guardar. — Ele enfiou a mão no

bolso do paletó e pegou um envelope, que entregou para Stukeley passar a Cheng Li.

Ela pegou o grosso envelope de pergaminho. Nele, estava escrito em letras imaculadas.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Por que não abre? — instigou Stukeley.

Intrigada, Cheng Li virou o envelope. Fora fechado com um lacre de cera e tinha um brasão com fitas grudadas.

— Muito chique — observou ela.

— Não se deve poupar esforços com o casamento do ano — riu Stukeley.

— *Casamento?* — perguntou Cheng Li. Tudo estava se encaixando. Enquanto tirava o convite, a última peça do quebra-cabeça se fixou no lugar. — Então Sidório vai se casar com Lady Lockwood?

— Elementar, meu caro Watson! — disse Stukeley.

— É *por isso* que ela ameaça a posição de vocês. Eles vão se casar e depois dividir os espólios entre os dois, e vocês... bom, seu futuro será incerto, para dizer o mínimo.

Stukeley balançou a cabeça de novo.

— Como eu disse, não estamos aqui para falar de nós.

— Só queríamos convidá-la para a festa — disse Johnny. — Todo mundo adora um casamento. — Seus olhos estavam brilhantes.

— Isso mesmo — concordou Stukeley, os olhos fixos nos de Cheng Li. — Todo mundo adora um casamento. Não é, capitã Li?

Agora ela entendia.

— Vocês querem que eu vá ao casamento para assassinar Lady Lockwood?

— Que ideia chocante! — respondeu Stukeley, parecendo profundamente ofendido. Mas a expressão de seus olhos revelava outra coisa.

Cheng Li pensou rapidamente.

— Como vou saber que isso não é um truque? Que vocês não estão me atraindo para me matar?

Stukeley gargalhou demoradamente.

— Capitã Li, se nossa intenção fosse matá-la, você estaria morta na água e nós já teríamos ido embora há muito tempo.

Cheng Li pensou nisso.

— Mas o convite diz “e acompanhantes”. Vocês querem que eu leve minha tripulação. Vocês poderiam matar todos nós.

— Ninguém falou em matar ninguém — disse Stukeley.

Mas pensaram, refletiu Cheng Li.

— É — concordou Johnny. — Só apareça, sozinha ou com sua tripulação. Eu acho que é mais divertido levar companhia para um casamento

do que ir sozinha, mas você é que sabe. Então apareça, coma um pedaço de bolo, jogue um punhado de arroz...

— E depois assassine a noiva! — completou Cheng Li.

— Johnny — disse Stukeley. — Nós deveríamos levar a capitã Li de volta ao navio dela. Já a seguramos por tempo demais.

— Claro — respondeu Johnny, pegando o leme de novo. — A senhorita deve descansar um pouco. Dê-se um tempo para pensar no presente de casamento ideal.

Cheng Li se virou de volta para Stukeley.

— Você tem alguma sugestão? Afinal de contas, vocês conhecem os dois muito melhor do que eu.

Stukeley balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que você vai bolar a surpresa perfeita.

Então, era só até aí que ele iria ajudá-la. Bom, dado o que ele sabia sobre suas experiências, isso significava que ela devia estar na trilha certa. Cheng Li pensou em Connor e Jasmine, retornando de Lantao com as espadas de prata mergulhadas em pilriteiro e acônito. O presente perfeito para uma noiva Vampirata: uma espada venenosa atravessando seu coração.

— E depois? — perguntou ela, virando-se de volta para Stukeley. — Depois do casamento, como eu posso ter certeza de que vou ter uma saída rápida? Que vocês não vão fazer jogo duplo e atacar minha tripulação?

— Não se preocupe — respondeu Stukeley. — Dê-nos a grande honra de comparecer às núpcias e nós cuidaremos do resto. Confie em mim!

Cheng Li deu um riso leve.

— Você está pedindo que *eu* confie em *você*?

— Você mesma disse. Somos velhos camaradas, não é? — Ele riu. — Aqui, tome suas *katanas* de volta. — Com isso, ele enfiou as lâminas mortais nas bainhas. — Pronto, Cheng Li. Você precisa confiar em mim e eu preciso confiar em você. Acredito que nos melhores círculos isso é conhecido como interesse mútuo.

Capítulo 40

Sonhos impossíveis

Mais uma vez, Connor sopesou a espada de Chang Po. Na última vez em que a havia segurado, tinha pensado na história de Chang Po como pirata lendário e comandante da Frota da Bandeira Vermelha, e depois em seu próprio futuro. Agora todos os pensamentos estavam concentrados no presente, enquanto olhava ao longo da extensão do florete, em direção à arma da oponente.

— *En garde!* — gritou Jasmine, com a rapieira fazendo contato com o florete. A batalha havia recomeçado.

Jasmine era uma espadachim hábil. Fora treinada nos níveis mais altos durante dez anos de oficinas de combate na Academia dos Piratas. Essa formação de elite combinada com sua capacidade atlética natural a tornava uma adversária perigosa. Em comparação, Connor sentia-se um grosseiro lutador de

rua. Para ele não houvera dez anos de aulas, apenas alguns meses no mar e a tutela hábil de Cate Alfanje, Bart e Jez. Mas Connor tinha um instinto natural para o combate, como se tivesse nascido para a espada. Enquanto Jasmine aparava seus golpes recuando, ele permanecia frio e controlado. Também tinha alguns golpes de surpresa.

Bo Yin olhava o duelo, tremendamente impressionada com a graça e a precisão de Jasmine. Frequentemente havia experimentado as espadas — sem que o pai soubesse. Até mesmo pegara escondido alguns dos antigos livros dele sobre técnica de esgrima, levando-os para o quarto e lendo até tarde da noite — com a luz mais fraca possível, para não alertá-lo. O problema é que não havia ninguém decente com quem treinar. Havia desafiado alguns garotos da área, mas, depois de mostrar algum entusiasmo inicial, eles se cansaram rapidamente dos jogos e partiram para outros. Bo Yin suspirou. Se ao menos Connor e Jasmine ficassem mais tempo, ela poderia finalmente começar a melhorar a habilidade.

— Você ganhou! — gritou Connor enquanto Jasmine lhe dava uma estocada, com o florete perigosamente perto do coração dele.

— Três a dois para mim! — exclamou Jasmine com empolgação.

Bo Yin bateu palmas furiosamente.

Connor foi até ela, baixando a espada.

— Preciso beber alguma coisa — disse pegando a garrafa d'água. — Ela está me cansando!

— Acho que você deixou que ela ganhasse, Connor Tormenta — disse Bo Yin. — Você deixou porque gosta dela.

Connor riu, mas balançou a cabeça.

— Acredite em mim, Bo, Jasmine é uma oponente difícil. — Ele sorriu, estendendo o punho da espada de Chang Po. — Por que você não vê pessoalmente?

— Posso? — Bo Yin sentiu um tremor de adrenalina enquanto olhava a espada. Em seguida se virou para Jasmine.

— Venha! — disse Jasmine. — Vou ser boazinha com você, prometo!

Agora foi a vez de Connor ficar olhando. Fiel à palavra, Jasmine foi um pouco mais gentil com Bo Yin do que na luta anterior, mas era evidente que a menina menor também era abençoada com alguma habilidade real com as espadas. Talvez isso fosse de esperar, pensou ele, vindo da filha de um mestre artesão de espadas.

Sentou-se, olhando as duas garotas lutar. Jasmine era ágil e elegante — como ele imaginava que seria um leopardo na luta. Não pela primeira vez pegou-se perdido num sonho em que estavam ele e Jasmine. E, como sempre, uma imagem de seu amigo Jacoby — o *namorado* de Jasmine, lembrou-se — surgiu rapidamente no pensamento. Havia algumas coisas que não se deviam fazer, alguns pensamentos que não se deviam ter. E, no entanto, olhando Jasmine agora, esguia como um felino selvagem, não pôde deixar de pensar em como seria se as coisas fossem diferentes.

Sua pequena fantasia foi interrompida por um tapinha no ombro.

Virou-se e encontrou o mestre Yin. O artesão havia chegado silenciosamente à sala, ou talvez Connor estivesse envolvido demais em seu sonho impossível para notar.

— Venha comigo! — disse baixinho o mestre Yin. Em seguida, virou-se e saiu da sala arrastando os pés. Connor foi atrás.

— Uau! — disse Connor de novo, examinando a longa fileira de espadas brilhantes na oficina do mestre Yin.

— É, uau! — O mestre Yin sorriu. — Cinquenta espadas de prata. Mergulhadas num composto de pilriteiro e acônito.

Fatais para os Vampiratas! — Ele riu. — Ainda que seja eu a dizer, é um dos meus melhores trabalhos.

No fim da bancada, havia uma pilha de latas que pareciam de verniz para madeira. Connor pegou uma.

— Quer dizer que, a cada vez que formos para a batalha, só pintamos uma camada desse composto?

O mestre Yin assentiu.

— É. Só um pouquinho na ponta da espada. Não fique maluco com isso. Só um toque deve ser mais eficaz. Preparei uma anotação detalhada para a capitã Li. — Ele procurou em meio às latas e pegou uma página de instruções escritas imaculadamente, que entregou a Connor.

— Bom — disse Connor, com certa tristeza. — Acho que é hora de pegarmos nossas coisas de novo.

— É — concordou o mestre Yin. — Vou pedir a Bo Yin para me ajudar a encaixotar as espadas, depois vamos embalar tudo para vocês. — Ele se virou e chamou por cima do ombro: — Bo Yin!

— Já vou, pai! — Um instante depois, Bo Yin entrou correndo. Estava com o rosto vermelho e meio sem fôlego. Ainda segurava a espada de Chang Po.

O mestre Yin olhou para a arma, depois levantou os olhos para o rosto da filha.

— Guarde o florete, Bo Yin. Preciso de sua ajuda para embalar essas espadas. Connor e Jasmine estão prontos para voltar ao *Tigre*.

— Já? — Bo Yin ficou frustrada.

— Bom, de novo estamos nos despedindo. — O mestre Yin descera até o cais para dar adeus aos hóspedes. — Senhorita Pavão, foi um prazer conhecê-la.

— Foi um prazer conhecê-lo também, mestre Yin — respondeu Jasmine. — Muito obrigada por toda a hospitalidade. — Ela fez uma reverência formal, depois se pegou não resistindo e deu um abraço no velho artesão. Ele poderia parecer um velho rabugento, em especial quando se tratava da filha, mas, durante os dez dias passados em Lantao, Jasmine viu que isso era apenas uma fachada. Bem no fundo, o mestre Yin era como um urso de pelúcia. Ainda que um urso que dedicasse a vida a fabricar armas mortíferas.

— Adeus de novo, senhor — disse Connor, apertando a mão do mestre Yin.

— Viajem em segurança — respondeu o mestre Yin. — Vocês e seus companheiros estão navegando em águas não mapeadas, com esses Vampiratas. Mantenham a cabeça no lugar e fiquem tranquilos, porque não poderiam ter líder melhor do que a capitã Li.

Connor assentiu.

— Eu sei. — Ele olhou o porto ao redor. — Onde está Bo? Não nos despedimos direito dela.

O mestre Yin balançou a cabeça.

— Ela ficou chateada demais. Bo Yin está muito raivosa comigo. Acha que estou arruinando sua vida mantendo-a aqui. — Ele suspirou. — Talvez ela esteja certa. Mas há muitos anos fiz uma promessa à querida mãe dela, e pretendo cumpri-la. Pelo menos por mais algum tempo.

— Bom, diga que nós mandamos um adeus especial — disse Connor. — E a Sinbad.

— É — assentiu Jasmine. — E, por favor, agradeça a ela de novo pela receita de *laksa*.

O mestre Yin assentiu.

— Sim, sim, sim. Agora entrem no barco-táxi, por favor. Vocês já estão pagando por uns bons minutos de espera.

— Pobre Bo Yin — disse Jasmine enquanto eles levantavam a âncora e preparavam seu barco para voltar aos companheiros. — Acha que o pai vai deixar que ela siga carreira como pirata?

Connor deu de ombros.

— Quem sabe? Dessa vez, ele pareceu que estava amaciando um pouquinho. Mas ela ainda é nova demais.

— Só é dois anos mais nova do que você — lembrou Jasmine com um riso.

— Certo. — Connor içou a vela mestra. — Mas, se meu pai ainda estivesse vivo, tenho certeza de que não ficaria muito empolgado por eu virar pirata. — Enquanto a vela se enfunava, ele pulou pelo convés para ajudar Jasmine com os cabos.

— Engraçado, — disse Jasmine — o único sonho de meus pais para mim era segui-los na pirataria. Nós viemos de mundos muito diferentes, não é?

— Talvez. — Connor terminou de dar os nós e se pegou tão perto de Jasmine que podia sentir o cheiro de seu xampu com perfume de mel. — Mas será que importa mesmo de onde a gente vem? O importante não é para onde estamos indo?

— Talvez — respondeu Jasmine, levantando-se e pondo uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Connor, você está me encarando. O que há de errado? Estou com uma mancha de óleo no nariz? Ou, pior, uma espinha?

Connor sorriu e balançou a cabeça.

— Não, não, você está perfeita. — As palavras eram instintivas. — Você é mesmo absolutamente perfeita.

A pele em volta dos ofuscantes olhos verdes de Jasmine se enrugou.

— Ninguém é perfeito, Connor. Não seja bobo!

— Não sou... — começou ele, estendendo a mão para ela, surpreso com a ousadia dos próprios atos.

Ela se virou, baixando os óculos escuros sobre os olhos e cruzando os braços, olhando o mar. Perplexo, Connor chegou mais perto, ousando pôr as mãos de leve na cintura dela.

Ela pulou ao sentir o toque.

— O que há de errado? — perguntou ele. Depois ouviu um soluço abafado. — Jasmine? Ei, você está *chorando*?

— Não! Estou! Ah, não sei! É *tão* idiota. Eu realmente não queria aprontar um dramalhão com isso.

— Com o quê? — perguntou ele, com as mãos pousando empolgadas na cintura dela.

— Com esses sentimentos que eu tenho. Essas coisas que eu não deveria fazer. Mas que quero muito fazer.

A cabeça de Connor estava girando.

— Jas, o que você está falando? Que coisas?

Jasmine se virou, graciosa como uma bailarina, ainda presa na circunferência dos braços dele. Inclinou-se e deu-lhe um beijo nos lábios, os braços baixando frouxos sobre os ombros dele. Connor ficou absolutamente desnorteado. Possivelmente foi o momento mais mágico de sua vida.

— Será que deveríamos começar a pensar no jantar? — perguntou Connor.

Estavam viajando há algumas horas e tinham feito um progresso excelente, embalados por ventos favoráveis. Para Connor, o dia continuava a ter um tom irreal. O primeiro beijo de Jasmine fora o começo. Mais beijos tinham acontecido. Mas eles haviam conversado também. Isso, para falar a verdade, não era novo. Os dois eram amigos havia um tempo e, claro, durante os dez dias em Lantao tinham batido papo longamente todos os dias. Mas, desde aquele momento, desde aquele beijo, começaram a falar de um modo diferente, abrindo o passado e contando as esperanças e sonhos para o futuro. Os temores também: temores que iam desde o que dizer a Jacoby quando o encontrassem de novo até a missão surreal e sem precedentes em que logo estariam embarcando.

— Ei, Jas, ouviu? Está com fome?

Ela se virou e olhou-o.

— Acho que sim. Que horas são?

Connor ia olhar o relógio quando foi distraído por um curioso som de batidas. Parou, tentando ouvir de onde vinha.

Jasmine encarou-o perplexa.

— O que você está fazendo?

— Escuta! Ouviu isso?

— Ouvi o quê? — Ela focalizou a atenção.

— Começou de novo.

— Ah, ouvi — disse Jasmine. — O que você acha que é?

Connor andou lentamente, tentando encontrar o ponto exato de onde o som vinha.

— Provavelmente alguma coisa se soltou aí embaixo — disse Jasmine.

Mas Connor podia ouvir as batidas de novo. Mais próximas e mais altas. Agora estava agachado sobre o alçapão. Levantou-o e não ficou totalmente surpreso quando um dedo comprido surgiu vindo de baixo. Connor abaixou as duas mãos e segurou o corpo quente e peludo que estava escondido.

— Olá, olá — disse ele. — Como vai, Sinbad? — O aiai de estimação de Bo Yin pareceu felicíssimo ao ver Connor de novo e ouvir seu nome.

— O que está acontecendo? — Jasmine veio pelo convés para se juntar a ele.

Connor se virou, segurando a estranha criatura no colo.

— Parece que temos um clandestino! — disse.

— Parece que temos mais de um — respondeu Jasmine, enquanto Bo Yin enfiava a cabeça pelo alçapão.

— Sinbad Yin — sibilou ela. — Você é um garoto muito mau!

— E você é ótima — disse Connor. — O que, diabos, está fazendo aqui, Bo?

— Eu fugi! — anunciou Bo Yin, passando pelo alçapão e pulando no convés, com as mãos nos quadris.

— Claro que fugiu! — disse Connor, balançando a cabeça, embora rindo.

— Por favor, não fique com raiva, Connor Tormenta! — pediu Bo, com os olhos arregalados. — E, por favor, não me leve de volta. Eu serei uma boa pirata. Você mesmo falou.

Connor suspirou, mas achou difícil ficar exasperado com Bo.

— E falei sério. Mas não agora. Por enquanto, não.

— *Carpe diem*, Connor Tormenta! — pronunciou Bo Yin. — Aproveite o dia!

— O que vamos fazer com você? — perguntou Connor, olhando para Jasmine.

— Por favor, não me leve de volta, Jasmine Pavão! — implorou Bo Yin.

— Nós *não* podemos voltar a Lantao — disse Jasmine. — Já viemos muito longe. Temos de retornar à capitã Li e levar as armas.

— Isso! — gritou Bo Yin. — E então Bo Yin vai poder entrar para a tripulação de Cheng Li.

— Bom, teremos de ver o que a capitã Li vai dizer sobre isso — respondeu Connor.

— Ela é uma velha amiga da família — disse Bo Yin, sorrindo. — Não se preocupe!

Connor não conseguiu evitar o riso diante do entusiasmo e da determinação irreprimíveis.

Cheng Li olhou para Bo Yin, depois falou com ternura surpreendente:

— Você não devia ter agido de modo tão intempestivo. Seu pai vai ficar nervoso e cheio de preocupação. Sei como você sonha em se tornar pirata, mas realmente não deveria ter feito isso sem primeiro falar com ele e comigo.

— Quando a gente sabe o que quer na vida — disse Bo Yin —, tem de ir atrás. Pense no passado, capitã Li. Quando você era mais nova, se alguém lhe dissesse que você não poderia ser pirata, teria deixado algo ficar no seu caminho?

— Não — concordou Cheng Li. — Mas era diferente. — Ela indicou o retrato atrás da mesa. — Meu pai era pirata.

Bo Yin balançou a cabeça.

— Não era isso que você deveria dizer.

— Não? — Cheng Li ergueu a sobrancelha com ar interrogativo.

Bo Yin riu e chegou mais perto.

— Você deveria dizer que eu faço você se lembrar de quando tinha a minha idade.

Cheng Li riu, mas foi o riso mais caloroso que Connor já ouvira ser dado por ela.

— É mesmo? Bem, Bo, acho que você está certa. Vejo muito de mim em você. Mas você é muito mais atrevida do que eu já fui.

Bo Yin pressionou mais:

— E essa é a parte em que você diz que vai me deixar fazer uma experiência e que, se eu me mostrar digna, vai falar com meu pai e convencê-lo de que isso aconteceu para o bem.

Cheng Li sorriu.

— Você planejou tudo isso, Bo Yin, não foi?

A menina assentiu.

— Andei pensando um bocado, capitã Li. Tinha muito tempo para pensar, em Lantao.

Cheng Li avaliou a situação por um momento, depois tomou uma decisão.

— Bo Yin, em circunstâncias normais, eu deixaria seu atrevimento e seu entusiasmo vencerem. Mas, veja bem, meu navio não é comum...

— É— concordou Bo Yin. — O *Tigre* é o melhor navio pirata, o melhor de...

— Não, querida, não é isso que eu quis dizer. Nós temos uma missão especial. Uma missão *perigosa*. Não seria certo envolver você nisso. Eu nunca me perdoaria se alguma coisa lhe acontecesse.

Mesmo assim, Bo Yin não se abalou.

— Vocês vão lutar contra os Vampiratas. Eu sei tudo a respeito. Foi por isso que Connor Tormenta e Jasmine Pavão foram encomendar novas espadas. — Ela fez uma pausa. — Eu posso ajudar!

Cheng Li balançou a cabeça.

— Bo, lamento desapontá-la, mas você não faz ideia do perigo que vamos enfrentar.

— Bo Yin não tem medo de perigo. Bo Yin pode ajudar! Cheng Li estava tentando permanecer paciente.

— Mas como, *exatamente*, você acha que pode ajudar?

Como sempre, Bo tinha a resposta pronta.

— O pai de Bo Yin é um gênio das armas, não é? E Bo Yin não ficou parada sem aprender algumas dicas com ele. Por exemplo... — Ela tirou um pedaço de papel do bolso. — A fórmula do veneno para colocar nas espadas de prata. Quando vocês ficarem sem, posso preparar mais. Como vocês sabem, Bo Yin é muito eficiente com receitas.

Cheng Li sentiu que sua determinação estava se afrouxando. Talvez *pudesse* dar certo. Claro, Bo teria de ser mantida fora das situações de combate. Era imperativo. Mas, desde que isso estivesse claro, onde estava o perigo real? Ela poderia fazer um teste com Bo Yin e, depois de resolver o negócio imediato com Lady Lola Lockwood, poderia falar com o mestre Yin e pensar de novo.

— Certo — disse. — Você está dentro... por enquanto! Se for uma pirata com metade da habilidade que tem para negociar, você tem um futuro brilhante.

— Obrigada, capitã Li. — Bo Yin prestou continência. — Sinto-me honrada em fazer parte da sua tripulação.

De repente, houve uma agitação atrás de Bo Yin. Uma bola de pelos correu pela abertura entre suas pernas. Connor ficou olhando, incrédulo, enquanto Sinbad imitava o gesto da dona, levando a mão estranha à cabeça e prestando continência à capitã.

— O que é *isso*? — perguntou Cheng Li.

— Um aiai, capitã — respondeu Connor.

— Muito engraçado, Connor. Vejo que sua minifolga em Lantao fez maravilhas por seu senso de humor.

— Mas é verdade, ele é mesmo um aiai, não é, Bo?

Bo Yin assentiu, pegando Sinbad no colo.

— É meu bicho de estimação, senhorita Li. Diga olá à capitã Li, Sinbad!

Sinbad esticou sua mão enrugada na direção de Cheng Li.

— Sinto muito — disse Cheng Li. — *Você* pode ficar, Bo Yin. Não são permitidos animais no *Tigre*. Estou comandando um navio pirata, não uma arca de Noé.

Bo Yin franziu a testa, depois colocou Sinbad no chão.

— O negócio é o seguinte... — começou ela. Connor sentiu que outra longa negociação teria início.

Capítulo 41

Mudanças

— Sinto muito — disse Connor mais tarde, enquanto ele e Cheng Li andavam pelo corredor. — Você precisa acreditar. Eu não tinha ideia de que ela iria fazer isso. E, se tivéssemos descoberto antes, teríamos dado meia-volta...

— Tudo bem — respondeu Cheng Li, com uma serenidade surpreendente. — Não creio que nenhum de nós poderia ter impedido que isso acabasse acontecendo. Era apenas questão de tempo. Bo Yin é uma jovem muito ambiciosa.

— Então, você vai deixar que ela fique?

Cheng Li assentiu.

— Por enquanto. Mas vamos mantê-la longe de qualquer situação de combate. Para isso vou precisar de sua ajuda.

— Sem dúvida.

— Agora. Onde estão as armas novas?

— Esperando você na armaria.

— Excelente! Vamos dar uma olhada! — Cheng Li foi andando pelo corredor. Como sempre, Connor teve de correr para acompanhá-la.

— Perfeitas! — declarou Cheng Li, erguendo uma das espadas de prata.

Perfeitas. A palavra levou Connor de volta ao convés do pequeno barco. Jasmine de pé sob o sol. Os ombros bronzeados voltados para ele, o cabelo cheirando a mel. Pouco antes daquele momento delicioso em que ela se virou e...

— Connor! — O chamado de Cheng Li trouxe o foco de volta ao cômodo. — Não me ouviu?

— Desculpe. Me distraí por um momento.

— Vamos embarcar numa missão perigosa e sem precedentes. Você não pode se dar ao luxo de se distrair nem por uma fração de segundo.

— Sim, capitã! — concordou Connor. Era loucura. Ali estava ele, envolvido na mais perigosa missão pirata de todos os tempos, e só conseguia se concentrar na sensação de ser beijado por Jasmine Pavão, a garota mais bonita da Academia dos Piratas. Onde ela estaria agora? Com Jacoby? Será que já teria lhe contado o que havia acontecido? Seu coração estava disparando.

— Houve várias mudanças importantes na nossa missão enquanto você e Jasmine estavam fora.

— Mudanças? — perguntou Connor, com as palavras intrigantes de Cheng Li puxando seu foco para o aqui e agora.

A capitã assentiu.

— Vamos a um casamento!

— Um casamento? No meio da missão? — Connor não pôde deixar de ficar confuso.

Cheng Li sorriu.

— O casamento *é* a missão. Parece que até os Vampiratas se sentem inclinados a um pouquinho de romance. Sidório está tentando se amarrar a uma colega capitã Vampirata, Lady Lola Lockwood. — Ela pegou o convite de casamento no casaco e pôs o cartão diante dos olhos dele.

Connor ficou pasmo.

— Como foi que *você* conseguiu um convite?

Os olhos de Cheng Li brilharam.

— Você está familiarizado com a expressão "seis graus de separação"? — Enquanto ele balançava a cabeça, sem entender, ela deu de ombros. — Bom, digamos apenas que sou muito bem relacionada.

Connor não duvidou.

— Então, vamos ao casamento? — Ele fez uma pausa, subitamente entendendo. — E vamos destruir Sidório lá?

— Passou perto, Connor, mas não é exatamente isso. — Cheng Li guardou o convite no bolso outra vez. — Nosso alvo mudou. Descobri que o comodoro Kuo não foi morto por Sidório, afinal de contas. Ele foi assassinado, de

modo igualmente brutal, por Lady Lockwood. Você se lembra daquela carta de baralho que John estava segurando quando o vimos pela última vez?

A mente de Connor saltou para trás, com um arrepio enchendo as veias enquanto se lembrava da visão terrível do corpo do comodoro Kuo totalmente exangue, com a estranha carta de baralho presa entre os dedos petrificados.

— Era uma carta de copas, com o coração preto.

Cheng Li assentiu.

— É o cartão de visitas da louca. Ela até usa o apelido de Coração Negro. Por isso minha missão agora tem o codinome de Coração Negro. — Cheng Li se virou para Connor. — Mas ainda prefiro pensar nela como Operação Presente de Casamento.

A cabeça de Connor estava girando enquanto ele absorvia essas informações novas.

— Venha — disse Cheng Li, com a voz subitamente mais suave. — Dá para ver que você está cansado da viagem. Venha jantar. Vai ser uma boa chance de ficar em dia com os companheiros.

Jamais recusando uma oferta de comida, Connor acompanhou Cheng Li, saindo da armaria até o rancho — ou à cafeteria, como a capitã Li preferia que seu refeitório de último tipo fosse chamado. Não havia uma mesa da capitã propriamente dita — Cheng Li preferia comer com a tripulação, certificando-se de manter contato cotidiano tanto com os recrutas mais novos quanto com os oficiais superiores.

— Siga-me — disse ela, indo para uma mesa no meio da sala. Connor viu que Jacoby e Jasmine já estavam sentados lá. Estavam rindo e Jacoby pusera o braço em volta dos ombros de Jasmine. A julgar por esses sinais, ela ainda não havia contado. Jasmine olhou para Connor e sorriu, mas havia algo contido. Connor sentiu-se confuso e um tanto frustrado.

— Bem-vindo de volta! — exclamou Jacoby, levantando-se e iniciando o aperto de mão secreto dos dois. — Ouvi dizer que vocês conseguiram armas inigualáveis!

Connor assentiu.

— E, escute — Jacoby se inclinou para perto. — Obrigado por trazer Jasmine de volta em segurança. Eu ficaria louco de preocupação se ela tivesse ido com outro, e não com você!

Connor pintou um riso forçado no rosto. Mas, enquanto se virava, viu algo que transformou o riso falso num verdadeiro. Dois rostos familiares, mas deslocados, ocupavam a outra extremidade da mesa. Bart e Cate.

— Pessoal! — gritou Connor, correndo para abraçá-los. — O que estão fazendo aqui?

— Ouvimos dizer que vocês precisavam de uma forcinha — disse Bart enquanto abraçava o velho amigo. — É bom ver você de novo, meu velho!

— É bom ver você também! — Connor estava à beira das lágrimas.

— Fomos emprestados temporariamente — disse Cate. — Dispensa especial para essa missão. Ahab Blackfalou com Barbarro Wrathe, que

falou com Molucco... bom, pois é, cá estamos, por enquanto.

— Fico muito feliz em ver vocês. Só estou surpreso porque eles não mandaram Aluar junto...

Quando ele disse o nome de Aluar, houve um grito vindo do balcão de comidas.

— Que baboseira de baixo nível de carboidratos é essa? Eu *exijo* uma pizza!

Connor se virou. Ao mesmo tempo Aluar ergueu os olhos. Ao ver Connor, ele enfiou dois dedos na boca.

— Eu já estava sentindo enjoo antes — gritou. — Agora estou *mesmo* a ponto de vomitar.

— Não seria a primeira vez! — gritou Connor, lembrando-se com muita nitidez de como Aluar havia vomitado sobre ele, duas vezes! Durante uma travessia em mar agitado a bordo do navio pirata de Barbarro Wrathe, o *Tífon*.

Enquanto Aluar jogava de lado a bandeja e saía da cafeteria batendo os pés, Connor se virou para Cate.

— Antes eu só estava brincando. Porque alguém faria Aluar se juntar à turma?

Cate se inclinou adiante.

— É política, Connor. Pura política. Quando Barbarro convenceu Molucco a nos emprestar, insistiu em que Aluar também viesse. Barbarro tem a impressão de que isso vai ser bom para construir o caráter dele!

— Construir o caráter! — exclamou Connor. — Tem certeza de que Barbarro não espera secretamente que um Vampirata nos faça o favor de acabar com ele?

Bart riu.

Cate sorriu, mas balançou a cabeça.

— Como sempre, a estratégia com relação a Aluar é bastante óbvia. Mantê-lo o mais longe possível da ação.

— Certo — disse Connor —, mas, por favor, nem pensem em deixá-lo comigo desta vez.

— Não se preocupe — tranquilizou Cate. — Prometo que isso não vai acontecer.

Bart pôs a mão no ombro de Connor.

— Não vamos perder tempo falando daquela figurinha ridícula. Pegue uma gororoba, velho, e nos coloque a par das suas aventuras! Sentimos muita falta de voce, não foi, Cate?

Connor notou que o outro braço de Bart estava passado em volta dos ombros de Cate. E que ela não tentara tirá-lo. Na verdade estava sorrindo, contente. Connor riu.

— Parece que vocês dois também têm novidades a me contar!

— Vá pegar a comida! — disse Cate, tentando ser formal, e sem sucesso. Para surpresa e deleite de Connor, ela se virou e beijou Bart embaixo da orelha.

— Cuidado! — brincou Connor. — Não deixem que Cheng Li veja. Este é um navio pirata, vocês sabem, e não o Barco do Amor!

Enquanto ia para o balcão, Connor passou por Jacoby e Jasmine, que já haviam terminado de comer e estavam de saída.

— Vejo você depois, meu chapa! — gritou Jacoby. — Eu e Jasmine temos de botar as coisas em dia, se é que você me entende. — Jacoby piscou para Connor, depois deu um soco no ombro dele e continuou brincando com os colegas em outra mesa.

Connor sentiu uma dor de cabeça chegando. Jasmine se conteve, depois estendeu a mão e encostou em seu pulso. Foi um toque levíssimo, mas mesmo assim empolgante.

— Connor, não sinta raiva de mim — disse ela. — Não pude falar tudo no minuto em que a gente chegou. Mas nada mudou. Eu *vou* contar a ele. Tudo que conversamos na volta de Lantao é verdade. Eu quero isso tanto quanto você.

Connor sorriu e deu um suspiro.

— Obrigado, Jas. É um alívio tremendo.

— Certo — disse ela, soltando a mão. — Agora preciso ir. Mas vou voltar para ver você depois. Prometo.

— Certo. — Sentindo-se tremendamente aliviado, Connor foi pegar uma bandeja.

No dia seguinte, Cheng Li ficou olhando do convés superior do *Tigre* enquanto Cate começava a orientar os cinquenta membros da tripulação selecionados para a Operação Presente de Casamento nas novas formações de ataque. O olhar da capitã foi de Jacoby a Jasmine, de Connor a Bart e Bo Yin — que era surpreendentemente hábil com sua espada. Se os primeiros sinais indicavam alguma coisa, com a pequena Bo Yin ela havia conseguido uma tripulante prodigiosamente talentosa. Tudo se desenrolava muito satisfatoriamente — tanto das maneiras planejadas quanto das inesperadas. Pensou em algo que seu pai lhe dissera um dia: *o destino favorece os corajosos.* Esperava que as palavras de Chang Ko Li fossem verdadeiras.

Capítulo 42

O feitiço

Grace irrompeu na cabine do capitão. Ainda era um choque entrar e descobrir que o capitão estava ausente. Onde estaria? Será que algum dia retornaria ao *Noturno* — à tripulação que o amava, sentia sua falta e *precisava* dele? No entanto, por mais que estivesse ansiosa para resolver esse mistério, havia questões ainda mais urgentes que demandavam respostas.

— Grace — disse Mosh Zu, dando as costas para o timão. Ele sorriu, evidentemente nem um pouco surpreso nem incomodado por seu surgimento súbito.

Ela viu que Lorcan também estava ali, parado diante da lareira, olhando o fogo. Agora ele girou e olhou-a também, mas não sorriu. Parecia ansioso.

Grace olhou para um e para outro, imaginando o melhor modo de fazer a pergunta. No fim, deixou de lado todas as amenidades e foi direta:

— Qual dos Vampiratas é meu pai? Preciso saber. Agora!

Sua pergunta foi recebida inicialmente com silêncio. Lorcan olhou para Mosh Zu em busca de conselho. Mosh Zu pareceu pensar no assunto, afastando-se do timão e penetrando mais na cabine.

— Certo, então — disse por fim. — É, acho que é hora.

Grace sentiu o coração disparar. Finalmente teria algumas respostas.

Mosh sentou-se à mesa do capitão e sinalizou para os outros se juntarem a ele. Quando se sentaram, ele se dirigiu a Grace.

— Grace, quero que saiba que ninguém estava tentando manter segredos de você. Para mim, estava claro que você caminhava sozinha na direção dessas descobertas importantes. Não vi necessidade de apressá-la. Você estava chegando lá no tempo certo.

— Quer dizer, através dessas visões que eu vinha tendo?

Mosh Zu assentiu.

— As visões que você vinha canalizando através do contato com Sally.

Grace confirmou com a cabeça.

— Mas é exatamente isso — disse ela. — Desde que mamãe... bem, desde que nós a deixamos no farol, as visões se foram. Não consigo retornar a elas.

Mosh Zu assentiu.

— Faz sentido. Como você sabe, Grace, sua mãe achava difícil conversar longamente quando voltou. Ela queria demais lhe contar a história, a *sua* história, Grace. Tenho certeza de que por isso ela se sustentou com tanta tenacidade por tanto tempo. E, ainda que a voz física fosse fraca, parece que ela encontrou outro modo de contar a história.

Os olhos de Grace arregalaram-se.

— Quer dizer que mamãe estava *intencionalmente* conjurando aquelas visões para mim?

— Mosh Zu fez uma pausa, depois balançou a cabeça.

— Não conscientemente. Acho que não. Mas o subconsciente é muito poderoso. — Ele fez uma pausa. — Lembra-se de como você conseguia trabalhar com as fitas em Santuário, absorvendo as energias contidas nela para destravar as memórias e as histórias que outras pessoas haviam imprimido nelas?

Grace ficou boquiaberta.

— Quer dizer que eu fiz a mesma coisa, simplesmente segurando a mão da minha mãe?

— Sim — assentiu Mosh Zu. — Só que, claro, sua conexão com Sally era mais forte ainda.

— E agora ela se foi — disse Grace, desolada. E não poderei canalizar o resto da história.

Mosh Zu deu um sorriso caloroso.

— Como é aquela expressão tão charmosa? *Há mais de um modo de esfolar um gato!* — Os olhos dele brilhavam enquanto prosseguia: — Diga, através de suas conversas com Sally e suas visões, até que ponto você chegou?

Agora o coração de Grace estava disparado.

— Ela contou como meu pai... quero dizer, Dexter... como ele entrou para o *Noturno* como ajudante de cozinha e como os dois se apaixonaram. Contou que percebeu que estivera errada em abrir mão da vida fora do navio e procurou o capitão, pedindo para libertá-la do compromisso de ser doadora de Sidório.

Mosh Zu assentiu.

Grace inspirou fundo e depois soltou o ar.

— Ela disse que o capitão concordou com o pedido.

— Não foi uma decisão que ele tomou levianamente — disse Mosh Zu —, mas o capitão podia ver a situação dela e que o verdadeiro destino de Sally estava fora deste navio.

— E então — continuou Grace —, ele disse que ela deveria esperar até que encontrassem um novo doador para Sidório. Assim que isso acontecesse, ela estaria livre para levar uma vida nova com Dexter. — Grace soltou um suspiro. — E foi aí que terminou a história, naquele dia que passamos juntos na Baía Quarto Crescente. O último dia, um dia perfeito.

— Então é aqui que vamos prosseguir — disse Mosh Zu. — E assentiu para Lorcan. — Você quer começar?

Os olhos de Grace se viraram para Lorcan, seu primeiro amigo a bordo do *Noturno*. Ele passara a significar muito para ela e, independentemente do que fosse lhe contar, ela sabia que não preferiria ouvir de mais ninguém.

— Sidório ficou sabendo que Sally tinha ido ver o capitão — começou Lorcan. — Que pedira para ser liberada do serviço de doadora e que ela poderia ir embora com Dexter. — Ele balançou a cabeça, sombrio. — Sidório ficou doente de ódio.

— Porque ia perder a doadora? Mas por quê? Segundo tudo que minha mãe me contou, ele só a via como... como foi que Oskar disse? ... Um Suprimento Ambulante de Sangue. Por que se sentiria incomodado com a troca de doadores?

— Você está certa — respondeu Lorcan. — Pelo menos foi o que todos nós pensamos. Mas evidentemente Sidório tinha sentimentos mais profundos por sua mãe do que ele revelava. Não conseguiu suportar a dupla traição dela, primeiro através do relacionamento com Dexter e depois com a decisão de ir embora.

Grace não pôde acreditar no que estava acontecendo.

— Sidório tinha sentimentos por minha mãe?

Lorcan assentiu.

— Sentimentos muito fortes, Grace. Sidório estava apaixonado por sua mãe. Mas era um amor não correspondido e assim foi muito mais difícil para ele suportar.

Era muita coisa para absorver e entender, mas Grace agarrou-se a cada palavra de Lorcan enquanto ele continuava.

— Sidório confrontou Sally, que disse que ele não poderia impedi-la de sair do navio. Talvez não, respondeu ele, mas encontraria um modo de ela jamais se esquecer dele.

Grace estremeceu diante dessas palavras. Tinha uma sombria premonição sobre o modo como a história ia se desdobrando, mas precisava se concentrar nela, independentemente do resultado.

Mosh Zu foi o próximo a falar:

— Amor e ódio não são opostos. São apenas manifestações diferentes da mesma intensidade de sentimento. O que Sidório fez em seguida pode parecer odioso a você, a todos nós... — Ele parou.

— O que ele fez? — perguntou Grace.

— Tem certeza de que quer saber? — respondeu Mosh Zu.

— Não é uma questão de querer — disse Grace. — Eu *preciso* saber.

Mosh Zu assentiu.

— Gostaria que eu lhe mostrasse?

Que ele *mostrasse*? O que ele queria dizer? Mosh Zu se levantou da mesa e foi até a lareira. Chamou Grace para perto. Ela obedeceu, perplexa. Lorcan, sentado de costas para o fogo, não se levantou. Virou-se e pousou os braços nas costas da cadeira.

— Olhe para as chamas — disse Mosh Zu, pondo a mão no ombro de Grace. Grace deixou o olhar pousar nas chamas trêmulas que lambiam as bordas da lareira.

— Agora ouça as chamas — disse Mosh Zu.

Ouvir as chamas? Era uma ordem curiosa. Mas Grace obedeceu, deixando a atenção se concentrar no chiado e nos estalos do fogo. De repente o som das chamas ficou mais alto e todo o ruído de fundo foi cortado. De certa forma aquilo era calmante, como ouvir as águas da fonte no jardim de Santuário. O barulho do fogo ficou cada vez mais alto em sua cabeça. Então, ela escutou vozes. O choque a fez levar um susto, mas a voz de Mosh Zu tranquilizou-a.

— Tudo bem. Fique com elas, Grace. Ouça com atenção. — Ela obedeceu. Podia escutar vozes e música. Música muito ritmada, um tanto familiar.

— Agora. — Mosh Zu falou de novo. — Agora olhe para além das chamas.

Grace fez o que foi mandado. E de repente era como se uma janela houvesse se aberto na lareira — podia ver os Vampiratas e os doadores numa Noite de Festim. Pareciam tão próximos que ela quase podia estender a mão e tocá-los. Mas onde estava Sally? Enquanto fazia a pergunta, a visão mudou e levou-a aonde sua mãe estava sentada, esperando junto a mesa comprida. Grace prendeu o fôlego. Desta vez enxergava as coisas de um ponto de vista diferente, não mais através dos olhos de Sally. Era fascinante ver o rosto da mãe. Podia ver esperança nele. Sua mãe sabia que iria embora do navio, que seus planos se realizariam. Que estava prestes a começar uma vida nova — e uma família nova — com Dexter. Seus olhos verdes estavam luminosos de

esperança. Ela parecia mais linda do que nunca.

Então, Sally baixou a cabeça. Por quê? A visão mudou e Grace viu Sidório entrar no salão. Ele se destacou instantaneamente, mesmo no meio da multidão de Vampiratas. Foi até a mesa e assumiu sua posição diante de Sally. Quando ele fez isso, Sally levantou a cabeça e sorriu para ele. Sidório assentiu de volta, formalmente. Se tivesse tido essa visão antes, Grace pensaria que o que sua mãe dissera — que Sidório a enxergava apenas como um suprimento de sangue — era verdade. Mas agora se lembrava das palavras recentes de Lorcan: *"Sidório estava apaixonado por sua mãe. Mas era um amor não correspondido."* É, dava para ver que era verdade! O rosto de Sidório parecia uma máscara, era o rosto de alguém que tentava desesperadamente esconder as emoções turbulentas subjacentes.

Grace continuou olhando enquanto o Festim começava. Até podia ouvir as conversas ao redor de Sally e Sidório. Mas os dois mal falavam.

— Está pronta para seguir em frente? — interveio Mosh Zu.

— Estou — respondeu Grace sem deixar de olhar as chamas.

Diante disso a visão mudou de novo e ela estava olhando Sidório e Sally andando pelo corredor, de braços dados, até a cabine de sua mãe. Será que iria testemunhar o compartilhamento? Mas, quando os dois entraram na cabine, a porta se fechou e Grace foi deixada do lado de fora.

— Continue olhando — disse Mosh Zu baixinho. — Você não está vendo isso em tempo real. O tempo está passando.

Grace ficou olhando a porta. De repente, ela se abriu e Sidório saiu para o corredor. O coração de Grace começou a acelerar. Onde estava Sally? O que ele fizera com ela?

Os olhos de Sidório se viraram para a esquerda e a direita. A princípio, Grace achou que ele estivesse simplesmente ansioso. Depois percebeu que Sidório procurava alguém. Mas quem? Ouviu-o chamar:

— Aqui, venha para dentro! Seja rápida!

Agora uma figura se aproximou. Era uma mulher, vestida com capa preta e comprida, carregando uma bolsa.

Grace ficou olhando Sidório abrir a porta e puxar a mulher para dentro. Agora a porta se fechou de novo, mas desta vez a visão levou Grace para dentro da cabine. Lá estava sua mãe, deitada na cama. Parecia em paz.

A outra mulher suspirou.

— Uma verdadeira bela adormecida! — disse, pondo a bolsa no chão.

— Ande logo, sua bruxa — reagiu Sidório rispidamente. — Não temos muito tempo!

— Não sou uma bruxa! — exclamou a mulher com raiva, jogando a capa para trás. — Sou uma sacerdotisa! — Grace ficou ofegante. Sentia-se num trem descarrilado. Parte dela queria saltar fora, mas sabia que não tinha opção além de viajar pela visão inteira.

Bruxa? Sacerdotisa? O que quer que fosse, a mulher se ajoelhou e começou a tirar coisas da bolsa. Levantou um pequeno baú e pôs com muito cuidado no piso da cabine. Sidório ficou de pé, com a agitação e a urgência

óbvias. Enquanto isso Sally dormia com expressão beatífica. Grace imaginou que ela estaria sonhando com a vida nova que a esperava, tão próxima que quase podia sentir o gosto — como o sal marinho trazido pelo vento.

Não foi surpresa ver a feiticeira acender velas pretas no chão e espalhar minúsculos discos brilhantes ao redor. Tinha visto esta parte da visão antes. Mas agora ouviu Sidório perguntar:

— O que é isso?

— Escamas de peixe — respondeu a mulher. — Uma oferenda aos meus deuses famintos.

A sacerdotisa segurou uma das mãos de Sally, envolvendo-a com a dela, que parecia feita de couro. Começou a cantar. As palavras eram irreconhecíveis — sons estranhos, guturais, que saltavam horrivelmente entre notas profundas e guinchos agudos. Era uma música maligna, pensou Grace. Temeu pela mãe, mas Sally continuava ali, aparentemente sem se perturbar nem perceber nada.

— Agora vamos começar — disse a sacerdotisa, virando-se para Sidório e estendendo a mão livre. — Primeiro me dê as aranhas de möbius.

Grace viu Sidório enfiar a mão no baú e levantar duas aranhas que se retorciam numa folha. Isso também ela já vira. A sacerdotisa pegou as aranhas e pousou-as sobre as pálpebras fechadas de Sally — primeiro a direita, depois a esquerda. Quando fez isso, ela cantou e, com os dedos livres, deu um número preciso de batidas na mão de Sally.

— O olho da aranha — anunciou a feiticeira. — Para a visão suprema, através de névoa e escuridão.

Depois de uma pausa, ela estendeu a palma vazia de novo.

— O frasco! — ordenou. Grace viu Sidório enfiar a mão no baú outra vez e pegar um vidrinho. A mulher pegou o frasco e, tirando a tampa, virou-o sobre os lábios pálidos de Sally, ao mesmo tempo em que cantava e continuava percutindo na mão de Sally. — O frasco de ar da montanha — anunciou —, para energia inabalável. — Virando o rosto por cima do ombro, riu desdentada para Sidório. — Agora o coral!

Sidório pegou no baú um galho de coral vermelho. A sacerdotisa colocou-o como um buquê na mão livre de Sally. Houve mais canto, e depois a mulher entoou:

— Coral vermelho, para sorte até o fim dos dias.

— Está funcionando? — perguntou Sidório, curvando-se sobre Sally.

— Pare! Idiota! — a mulher empurrou-o com raiva. — Não interrompa minha conversa com os deuses! Dê-me a planta Kurinji!

Sidório voltou ao baú e tirou com cuidado o minúsculo galho roxo.

A sacerdotisa arrancou-o dele e pôs na testa de Sally.

— A rara planta Kurinji, que só floresce uma vez a cada 12 anos, para uma sabedoria rara. — De novo a sacerdotisa cantou e bateu na mão. Sally ainda parecia dormir, o corpo absolutamente imóvel.

Só restava um objeto no baú. A mulher se virou para Sidório.

— Por fim, o coração enegrecido da águia-do-mar — ordenou.

Sidório enfiou a mão e pegou a oferenda escura. Parecia uma coisa nojenta, mas a sacerdotisa sorriu ao recebê-lo, levando-o aos lábios e beijando-o. Enquanto cantava, pôs o coração enegrecido sobre o tórax de Sally.

— O coração da águia-do-mar, para jamais abandonar a luta — anunciou.

— E agora — virou-se para Sidório —, dê-me a *sua* mão. — Ele estendeu-a prontamente. A sacerdotisa apertou-a com força, depois juntou-a à de Sally, na qual continuou a bater até o último instante. Então, apertou uma palma contra a outra e cantou de novo. Sua música pareceu ficar mais alta e até mais feia enquanto chegava ao auge.

— Segure a mão dela! — ordenou a sacerdotisa. — Segure a mão dela agora e vocês nunca irão se separar. — Grace tremeu, vendo a força com que Sidório apertava a mão de sua mãe. Sally não se mexeu. Por fim, a sacerdotisa pôs a mão no ombro de Sidório. — Está feito. Eu perguntei aos deuses e eles responderam.

O que ela queria dizer? Grace pensou que fazia uma ideia, mas não tinha certeza.

A visão estava se esvaindo depressa, como se consumida pelas chamas famintas. Grace deixou-a ir, depois se virou para Mosh Zu.

— O que foi o feitiço que a sacerdotisa fez? — perguntou.

— A resposta está dentro de você — respondeu Mosh Zu.

Grace franziu a testa. Não era hora para charadas. No entanto percebeu subitamente. Sidório dissera que encontraria um modo de Sally jamais se esquecer dela. A sacerdotisa dissera que Sally e Sidório jamais se separariam. Subitamente, ficou claro como o dia.

Grace sentiu-se entorpecida.

— Era um feitiço de gravidez — disse, virando-se para Mosh Zu, esperando que ele a corrigisse. Mas ele não disse nada. Grace pegou-se tremendo enquanto continuava: — *Sidório* é o meu pai! É ele, não é? Ele pôs um feitiço na minha mãe e foi assim que Connor e eu nascemos. — Ela não podia acreditar que estava falando isso, mas, de algum modo, bem no fundo, sabia que era verdade.

Esperou que Mosh Zu e Lorcan negassem, dissessem que ela estava louca, que era um feitiço bem diferente. Mas eles continuaram calados.

Por fim, Mosh Zu estendeu a mão para ela.

— É, Grace. Você está certa. Sidório é mesmo seu pai.

Capítulo 43

Paternidade

Apesar de ter adivinhado, a confirmação de Mosh Zu deixou Grace com a mente girando. Era o pior resultado possível. Sidório — *Sidório* — era seu pai.

Lorcan envolveu-a com os braços.

— Sinto tanto, Grace! Sei que não era isso que você teria escolhido.

Ela estava quase sem fala.

— Sidório — disse rouca, a voz fraca, o corpo entorpecido.

— Venha se sentar — pediu Mosh Zu. — Sei que é um choque enorme.

Lorcan segurou a cadeira para Grace. Ela sentou-se, suspirou, mas balançou a cabeça.

— Acho que em algum nível eu sabia disso. Era o que eu mais temia, mas a confirmação afasta parte do medo.

Mosh Zu assentiu.

— É. Eu esperava que você enxergasse a coisa desse modo. Vai levar tempo para se ajustar: tanto à ideia de que Sidório é seu pai quanto à de que você é uma dhampira, mas sei que poderá superar as duas coisas.

— É — disse Grace, depois um novo pensamento lhe ocorreu. — Na verdade, *não era* isso que eu mais temia... Mosh Zu ergueu uma sobrancelha.

Grace estendeu a mão para Lorcan.

— Teria sido muito, muito pior descobrir que *Lorcan* era meu pai.

Lorcan sorriu e apertou a mão dela. Havia lágrimas nos olhos de Grace, mas ela as enxugou.

— Além disso, independentemente do que Sidório tenha feito, nunca deixarei de pensar em Dexter como meu pai.

— E não deve mesmo — disse Mosh Zu. Em seguida, sorriu para Grace. — Quero que se concentre no fato de que você é muito especial. — Ele fez uma pausa. Lembra-se dos diferentes elementos do feitiço que a bruxa fez?

Ela assentiu, ainda meio atordoada.

Mosh Zu continuou:

— Ela estava falando de qualidades que você e Connor possuem. Visão suprema. Energia inabalável. Sorte. Sabedoria rara. E, talvez mais importante, a tenacidade de nunca abandonar uma luta. Vocês foram abençoados com todos esses dons. E acho que já vimos vários deles em ação.

— Quer ficar um tempo sozinha, agora? — perguntou Lorcan.

Grace pensou por um momento.

— Talvez. Mas primeiro preciso realmente que vocês terminem a história. O que aconteceu *depois* que o feitiço foi lançado?

Lorcan segurou a mão dela.

— Tem certeza de que quer ouvir isso agora?

Grace confirmou, sentindo-se decidida.

— É melhor que eu saiba tudo. Então posso começar a seguir adiante.

Lorcan observou-a, os olhos arregalados de preocupação. Olhou para Mosh Zu, mas o guru sorriu e confirmou com a cabeça.

— Então, está certo, vamos continuar a história. — Ele pousou as mãos na mesa. — Quando sua mãe acordou, sozinha, como sempre, depois do compartilhamento, não tinha nenhuma lembrança da visita da feiticeira, nem nenhuma percepção do que havia acontecido. E assim a vida continuou, como se fosse normal. O tempo para Sally e Dexter partirem do *Noturno* estava chegando. O capitão havia identificado um novo doador para Sidório e tudo estava pronto para continuar, segundo os planos. — Ele fez uma pausa. — Mas então sua mãe percebeu que havia algo acontecendo com ela, *dentro* dela. Sally percebeu que estava grávida. O pensamento deixou-a preocupada e ela foi falar com o capitão.

Grace franziu a testa.

— Ela não achou que poderia haver uma chance de Dexter ser o

pai?

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Não. Sally foi enfática com relação a isso. Na verdade, para ela, era um mistério pensar em quem poderia ser o pai. Então se lembrou das palavras de Sidório, de que encontraria um modo de ela jamais se esquecer dele. Essas palavras deixaram-na arrepiada. — Mosh Zu levantou-se e começou a andar pela cabine. — O capitão foi me procurar e pediu que eu visitasse Sally no navio. Quando fiz isso, pude confirmar que ela estava mesmo grávida, e que não estava esperando um filho, e sim dois. E eu lhe disse que, como esses gêmeos tinham mãe mortal e pai Vampirata, eles seriam dhampiros — seres poderosos abençoados com qualidades de vampiro e mortal. — Mosh Zu sorriu para Grace. — Já então, sabíamos que vocês seriam muito especiais. E prometemos cuidar de Sally *e* dos filhos, fosse no navio ou no Santuário. — Ele balançou a cabeça. — Mas Sally não quis isso. Só queria ir embora com Dexter, como fora planejado. Voltar ao mundo mortal.

— E Dexter? — perguntou Grace. — Como ele se sentiu com relação a tudo isso?

— Boa pergunta — disse Mosh Zu. Acho que foi terrivelmente duro para sua mãe contar a ele o que havia acontecido, mas ela não tivera controle sobre os eventos. Acredito mesmo que ela esperou que ele a rejeitasse. Sally teve uma vida difícil antes de vir para o *Noturno*, e sua fé nas pessoas era, no mínimo, frágil. Mas Dexter Tormenta não era o tipo de homem que fugisse dos problemas ou da dor. Do modo mais instintivo possível, ele era capaz de curar. Disse à sua mãe que o plano dos dois permaneceria o mesmo. Eles deveriam sair do navio e levar os bebes, e criá-los juntos.

Os olhos de Grace se encheram de lágrimas outra vez.

— Ele concordou em nos criar como se fôssemos seus?

Lorcan assentiu.

— Acho que ele nunca teve um momento de dúvida, Grace.

— Sally e Dexter vieram ver o capitão e a mim outra vez — disse Mosh Zu. — Contaram o que queriam. Nós previmos alguns problemas, claro, mas também podíamos ver que fazia sentido manter Sidório longe dos filhos que havia gerado. Assim imaginamos um plano para enganá-lo.

— Enganar Sidório? — perguntou Grace, chocada. Como?

Lorcan assumiu a história.

— Sally daria à luz no Santuário, onde Mosh Zu faria o parto. Mas, para Sidório, havia apenas uma criança, e não duas. E assim, quando chegou a hora, todos nós viajamos para o Santuário.

— *Você* estava lá, quando nós nascemos?

Estava assentiu Lorcan, os olhos azuis cheios de emoção. E sorriu para ela. — É, Grace. Eu estive junto desde o princípio.

Então, pensou Grace, existe *mesmo* uma ligação especial entre nós. Desde o início.

— E Sidório? — perguntou ela. — Estava lá também?

— Ele chegou tarde — disse Lorcan. — Estivera fora, refestelando-se com sangue.

— Fora, refestelando-se! — Grace não pôde conter a fúria. — Enquanto minha mãe dava à luz?!

— Para ser justo com ele — disse Lorcan —, Sidório não podia compartilhar o sangue de Sally enquanto ela estava grávida. Além disso, a chegada tardia a Santuário permitiu que a gente levasse o plano adiante.

— Quando Sidório chegou ao Santuário — disse Mosh Zu —, nós dissemos a ele que o bebê havia morrido pouco depois do parto.

Grace ofegou.

— Ele ficou arrasado, como você pode imaginar — continuou Mosh Zu. — Ficou parado no pico da montanha e xingou a bruxa por ter fracassado com o feitiço.

— E, enquanto isso — disse Lorcan baixinho —, eu estava com você e Connor no colo, dois bebês saudáveis enrolados em mantas.

— Você? — perguntou Grace, de novo se maravilhando com o modo como a vida dos dois se entrelaçara.

— É. Eu levei os dois montanha abaixo. Eu tinha um barco esperando lá e parti com vocês para conhecerem seu pai. Nós nos encontramos num local combinado. E, Grace, ele pegou você e Connor no colo, e nunca vi um homem mais feliz do que Dexter Tormenta naquele momento. Lorcan pôs a mão em cima da de Grace. — Deixei-o e ele partiu velejando pela noite. Com você e Connor. Minhas últimas palavras para Dexter foram para garantir que levaríamos Sally para se juntar a ele mais tarde. E sabe o que seu pai disse? Disse que esperaria o quanto fosse necessário.

Grace mordeu o lábio.

— Mas ela nunca foi, não é? E ele nunca deixou de esperar.

Capítulo 44

Chega de segredos

Preciso contar ao Connor o quanto antes — disse Grace.

Mosh Zu franziu a testa.

— Não estou convencido de que Connor esteja preparado para isso.

— Ele precisa saber — insistiu Grace. — Ele precisa saber quem é nosso pai de verdade e o que isso faz de nós.

Mosh Zu pensou nas palavras dela, depois assentiu:

— Está certa. Claro que está. E talvez *você* seja a melhor pessoa para contar a ele. Mas primeiro temos de garantir que esteja em condições de fazer isso. — Ele fez uma pausa — Não estou apenas falando de lidar com o choque sobre o que você acaba de saber, mas também com a transformação do

seu corpo.

Grace sentiu um arrepio.

— Talvez Connor esteja passando pela mesma transformação! Só que vai ser pior para ele, porque não vai entender.

Mosh Zu balançou a cabeça.

— Connor ainda não chegou lá. Eu sempre achei que aconteceria primeiro com você.

— Como pode ser? Nós somos gêmeos, deveria acontecer com os dois ao mesmo tempo, não é? Como você sabe que ainda não está acontecendo com ele?

— Quanto a isso, você só precisa confiar em mim. Quando a coisa começar para o Connor, estaremos lá, assim como estávamos para ajudá-la. Vamos apoiá-lo, e claro, você também vai.

— Bom, certo... Ah, isso é um choque tão grande... Mas de muitos modos explica os sentimentos que ando tendo. De não me encaixar na vida de antes. De pertencer a este navio, a este mundo... de estar conectada a todos vocês. Vai ser mais difícil para o Connor. Ele odeia este mundo. Já fugiu dele uma vez. — Seus olhos ficaram arregalados de temor pelo irmão.

Mosh Zu tossiu levemente.

— Grace, tenha certeza de que vamos ajudar o Connor a fazer a transição. Mas, por enquanto, deixe que nos concentremos em você. Além disso, nossa historia ainda não terminou. Se você tem certeza de que deseja ouvir, deveríamos continuar.

Grace não hesitou.

— Quero saber tudo. Já esperei demais.

— Muito bem — respondeu Mosh Zu.

Mais uma vez Lorcan falou:

— Depois do parto, Sally se recuperou no Santuário. E, no *Noturno*, Sidório pareceu aceitar que havia perdido o filho. Na verdade pareceu ter perdido todo o interesse por sua mãe. Talvez, de algum modo, ele tivesse sentido que a morte do filho, até onde ele sabia, dava um fim ao caso. Ele estava com um novo doador e voltava à vida antiga. Lorcan fez uma pausa, com uma sombra escura encobrindo o rosto. Mas então ele descobriu que havia sido enganado. Até hoje, não sabemos quem contou. Sidório descobriu que tinha não apenas um filho, mas dois, e que nenhum deles estava morto, que na verdade viviam longe dele.

— Por isso retornou ao Santuário para confrontar minha mãe? — perguntou Grace, em pânico.

Lorcan respirou fundo.

— Sim, Grace, e ela foi muito corajosa. Nem se abalou. Admitiu a verdade. E prometeu que nunca revelaria o paradeiro dos filhos preciosos, nem mesmo quando Sidório ameaçou matá-la. Saber que você e Connor estavam em segurança era tudo que importava.

— Mas Sidório sabia sobre Dexter — disse Grace. — Por que simplesmente não o procurou e nos pegou de volta?

Mosh Zu assentiu.

— Boa pergunta. Sidório empregou algum tipo de magia negra com Sally, mas em troca o capitão e eu congelamos as lembranças que ele tinha de Sally, até o nascimento de vocês. Nós lhe tiramos todo o conhecimento de que tinha filhos.

— Ele não sabe que nos... *gerou*?

— Não — respondeu Mosh Zu. Depois seus olhos ficaram sombrios. Mas sinto que um degelo começou...

— O que ele fez com Sally?

Mosh Zu ficou em silêncio. Grace se virou para Lorcan, que baixou a cabeça.

— O que aconteceu? — repetiu Grace.

Mosh Zu olhou-a, preocupado.

— Sidório atacou sua mãe. Foi um ataque muito violento. Deixou-a como morta e fugiu do Santuário, retornando ao *Noturno*. Em seguida atacou o capitão, mas foi obrigado a se submeter. Por maiores que fossem seus poderes na época, os do capitão eram superiores. E ainda são. — Ele fez uma pausa. — Depois do ataque, Sally ficou muito fraca. Tentei tudo que pude para curá-la, mas estávamos perdendo-a. O capitão não suportava a ideia de que ela nunca visse os filhos, e que eles nunca a vissem. Ele veio ao Santuário. — Mosh Zu hesitou. — Grace, foi então que ele tomou a decisão de salvá-la do único modo que sabia. Pegou-a nos braços e permitiu que o espírito dela se fundisse ao seu. Prometeu carregar a alma dela até que fosse seguro liberá-la...

Grace confirmou com a cabeça.

— E isso aconteceu durante a catarse de cura?

— É — respondeu Mosh Zu. — Grace, sei que o capitão lamenta não tê-la liberado antes. Mas ele não podia. Sentia muito medo por ela. — Mosh Zu fez uma pausa. Eu gostaria que ele estivesse aqui agora. Sei que pediria o seu perdão.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Grace.

— Mas não há o que perdoar! Ele *salvou* minha mãe, vocês todos a salvaram. Vocês fizeram tudo que podiam para lhe dar uma última chance. — Ela suspirou. — E conseguiram.

Mosh Zu levantou os olhos, curioso.

— Conseguimos? Como?

— Vocês uniram nós duas. O capitão deu esse presente a mim e a Connor. Nós dois pudemos conhecer nossa mãe e ela nos conhecer. Isso nunca teria acontecido se não fosse por ele, ou por você. — Ela apertou o pulso de Mosh Zu. — Obrigada. — Deixou a mão ali por um momento e depois perguntou: — Por favor, podem terminar a história?

Mosh Zu concordou, mas foi Lorcan que falou:

— Dexter estava esperando na Baía Quarto Crescente, cuidando de vocês. Imagino que deram um trabalhão! — Ele riu. — Viajei uma última vez à Baía Quarto Crescente para dizer a ele o que havia acontecido. E também para me oferecer para levar vocês de volta ao *Noturno*.

— Vocês iriam nos criar a bordo do navio? — perguntou Grace, surpresa.

Lorcan assentiu.

— Iríamos, mas Dexter nem quis pensar no assunto. Disse isso explicitamente. Disse que criaria vocês dois. Que vocês eram filhos de Sally e que, se ele não poderia ter mais um dia com sua querida Sally, pelo menos teria uma parte dela, duas partes, ao lado.

— Então você entende o que eu falei antes sobre amor e ódio... — disse Mosh Zu. — Ainda que Sidório tenha agido a partir de emoções odiosas, suas ações levaram a uma coisa muito diferente. Porque seu pai verdadeiro era um homem que nem sabia o que era odiar. A bondade do coração dele transformou o ato maligno de Sidório numa bênção rara e maravilhosa.

Grace estava tonta com tudo que tinha ouvido, e, no entanto, estranhamente, também sentia uma paz profunda. Pelo menos não havia mais segredos. Ela sabia quem era e quem eram seus pais. E mesmo que agora os dois tivessem morrido, a profundidade do amor que sentiam um pelo outro e pelos filhos lhe parecia muito real. Apesar das reviravoltas sombrias da história. Apesar de Sidório ser seu pai verdadeiro. Isso exigiria muito tempo para ser aceito.

— Acho que agora vou voltar à minha cabine — disse Grace.

— Gostaria da minha companhia para caminhar? — sugeriu Lorcan.

— Boa ideia — respondeu Mosh Zu, levantando-se e virando-se para ir até o timão.

Lorcan e Grace saíram.

No corredor, Grace segurou o braço de Lorcan.

— Vamos para o convés — disse com os olhos brilhantes. Lorcan concordou imediatamente. Assim empurraram a porta para o convés e foram para fora, onde soprava uma brisa forte que fez os cabelos castanho-avermelhados de Grace voar por cima do rosto.

— Você parece uma teia de aranha! — disse Lorcan. — Aqui, deixe que eu ajeito. — Ele estendeu a mão para afastar os fios. Quase imediatamente, um novo sopro de vento chegou e o rosto dela foi coberto outra vez. Os dois riram.

— Olhe — disse Lorcan —, está começando a chover! Acho que deveríamos entrar.

Grace balançou a cabeça.

— É só uma chuva de verão. Ainda não estou preparada para entrar. Preciso clarear a cabeça. Venha, vai estar mais seco embaixo da vela mestra.

— Boa ideia! — disse Lorcan, pegando sua mão. Juntos correram pelo convés molhado até chegarem ao abrigo relativo da enorme vela em forma de asa.

— Assim está melhor! — concordou Grace.

Lorcan se sacudiu.

— Estamos totalmente encharcados.

— Como quando nos conhecemos. — Grace sorriu. Depois balançou a cabeça. — Bom, não quando nos conhecemos, obviamente, porque

eu era um bebê quando...

— Tudo bem — disse Lorcan. — Sei o que você queria dizer. E está certa. Parece a noite em que nos conhecemos de verdade.

Havia um tom novo em sua voz. De algum modo, ele parecia mais livre com ela do que antes, como se, ao contar a história e liberar os segredos, pudesse finalmente relaxar. Grace adorou essa novidade. Olhou-o na chuva, permitindo que as gotas frescas banhassem seu rosto, sem se importar nem um pouco.

— Olhe — disse ela. — Que estranho! Apesar da chuva, ainda dá para ver as estrelas. Como estão brilhantes esta noite! — Ela apontou, mas Lorcan não olhou. Seus olhos permaneciam fixos nela.

— Não consigo pensar numa visão melhor em todo o mundo do que a que estou tendo agora — disse ele.

Mesmo encharcada, Grace ficou vermelha com as palavras dele.

Os olhos de Lorcan brilhavam para ela, mais luminosos do que nunca. Era como se as raras pedras preciosas azuis de suas íris tivessem sido lavadas pela chuva e estimuladas pelo luar até assumir nova intensidade.

— Grace, tem algo que eu quero fazer há muito tempo, mas as coisas ficam entrando no caminho. — Ele levou a mão à sua bochecha. Depois, com gentileza, porém firme, puxou o rosto molhado de Grace em direção ao seu. Olhou-a como se a visse pela primeira vez. Depois levou os lábios macios até os dela e beijou-a.

Grace não queria que o beijo terminasse, mas, quando terminou, sentiu conforto no pensamento de que poderia ser apenas o primeiro de um milhão de beijos entre os dois. Havia recebido dois bens preciosos: o presente da imortalidade e, mais importante, o presente de alguém com quem compartilhá-la. Sentia-se como se todas as dificuldades que havia enfrentado estivessem se esvaindo. Por fim, a maré estava mudando. Lorcan segurou-a nos braços e ela sorriu para ele.

— É estranho — disse Lorcan. — Depois de tudo que você ouviu esta noite, juro que nunca a vi mais feliz.

— Eu *estou* feliz — respondeu Grace, surpreendendo-se. — Bem no fundo da alma, eu me sinto em paz e feliz. Posso ouvir a voz do meu pai. *"Confie na maré!"* É o que ele dizia. E eu confio, Lorcan. Confio que as coisas estão acontecendo como deveriam. Sei o quanto minha mãe deve ter sofrido, e meu pai também, esperando por ela todo aquele tempo. Mas agora eles estão juntos de novo. Não foi nem um pouco fácil ouvir tudo que você e Mosh Zu me contaram, mas pelo menos agora posso deixar o passado para trás e olhar adiante. — Ela o encarou. — E nós podemos ficar juntos.

— É — disse ele, beijando-a de novo. — É, minha doce Grace, é exatamente o que eu quero também. — De súbito, o rosto dele ficou sério. — Grace, esqueci. Há mais uma coisa.

— O quê?

Justamente quando ela achava que todos os segredos estavam às claras, havia algo mais?

— Ah, não — respondeu ele, ao ver sua perturbação. — Não, tudo

bem. — Ele enfiou a mão nas dobras do casaco. — Foi só que, pouco antes de partir, Sally me entregou uma carta para você. Ela sabia que seu tempo estava terminando e queria que eu a entregasse assim que você soubesse a verdade.

— Uma carta da minha mãe? — Grace sorriu com prazer e alívio.

— É — assentiu Lorcan. — Estou andando com ela há dias, mas você deve recebê-la agora. — Ele continuou a revirar os bolsos. — Estranho, tenho certeza de que estava bem aqui... — Ele abriu os botões do sobretudo e virou-o pelo avesso para verificar o forro.

— Em que bolso você acha que ela estava? — perguntou Grace.

— Bom, nesse aqui, claro. O mais perto do meu coração. — Ele bateu no forro com os dedos compridos e pálidos.

Grace franziu a testa.

— Bom, aí está sua resposta — disse ela com tristeza, apontando para onde o forro havia se esgarçado. — Olha, rasgou. Acho que a carta deve ter caído.

— Ah, não! — exclamou Lorcan. — Ah, Grace, que estupidez a minha! Sinto muito. Que idiota eu sou!

Grace balançou a cabeça. Estava tremendamente desapontada, mas não queria que ele soubesse, não queria estragar aquele momento perfeito entre os dois.

— Tudo bem. Até um momento atrás, eu nem sabia que *existia* uma carta. E, afinal de contas, agora sei de tudo que aconteceu, não é?

— É concordou Lorcan, assentindo. — Não há mais segredos no nosso caminho. — Ele balançou a cabeça. — Mesmo assim, Grace, sinto muito. Onde, afinal, essa carta pode estar?

— Shhh — disse ela, aproximando-se de novo. — Tenho certeza de que ela vai aparecer, cedo ou tarde.

Capítulo 45

Primeira posição

Cheng Li virou o envelope em suas mãos. Sua mente ficava retornando àquela carta. Sempre suspeitara de que existia algo extraordinário nos gêmeos Tormenta, mas isso, *isso* havia superado até mesmo suas expectativas. Era um presente ainda maior porque lhe fora trazido pelo próprio Lorcan Furey. Ela sorriu. Os Vampiratas achavam que eram invencíveis, mas nem mesmo conseguiam disparar um tiro de aviso sem dar um escorregão feio, como aquele. Não: se alguém pudesse reivindicar a invencibilidade, certamente eram os piratas. E, dentre os piratas, ela e sua tripulação estavam acima de todos os colegas da Federação. Eles haviam recebido essa tarefa especial, de matar o assassino de Kuo. Tinham feito sua pesquisa. Tinham as armas, tinham uma tripulação sem igual, composta pelos melhores guerreiros jovens que já haviam

percorrido os sete mares. E agora, agora, ela sabia que, em meio a essa tripulação, havia um guerreiro de fato muito especial.

Deixou o envelope pousar nas mãos. Aquele era um trunfo muito poderoso. A questão era: quando usá-lo?

Houve uma batida à porta.

Cheng Li pôs o envelope na mesa e cobriu-o com o caderno que Jasmine encontrara no arquivo.

— Entre! — gritou, animada.

Connor empurrou a porta e, fechando-a em seguida, aproximou-se da mesa.

— Você pediu para me ver, Capitã Li — disse ele.

Ela assentiu.

— Pedi. Por favor, sente-se, Connor.

Ele se acomodou numa cadeira diante da mesa. Não pôde deixar de notar que, mesmo sabendo que era uns cinco centímetros mais alto do que Cheng Li, atrás da mesa ela parecia se erguer acima dele. Sorriu. Ela devia ter mandado ajustar as cadeiras!

— Então — perguntou Cheng Li —, como foi o treino esta tarde?

— Muito bem. As novas espadas do Mestre Yin são incríveis, fantásticas de usar.

Cheng Li assentiu.

— Claro. Com um artesão como o Mestre Li a gente recebe pelo que paga. — Ela tamborilou com os dedos no caderno encadernado em couro. — E Cate... está fazendo todo mundo entrar nos eixos?

Connor confirmou, sorrindo de novo.

— Está usando o chicote como só ela sabe fazer. É fantástico tê-la aqui. E o Bart também, claro.

Cheng Li sorriu.

— Como nos velhos tempos, não é? Também fico feliz por tê-los na minha tripulação. Será que devo lhe contar um segredinho, Connor?

Ele deu de ombros.

— Se você quiser.

— Tenho planos de recrutar Cate e Bartholomew para o *Tigre* numa base mais permanente.

— Você vai ter certa dificuldade. Eles não vão abrir mão do contrato com Molucco sem lutar.

Cheng Li sorriu.

— Se ao menos eles fossem mais parecidos com você, Connor! Bom, veremos o que o futuro nos reserva. Sinto que, se concluirmos essa missão com sucesso, poderemos convencê-los, e a muitos outros, a entrar para nossa tripulação. Não existe estrategista melhor do que Cate em nenhum navio da Federação. É aqui que ela deve estar.

— E o Bart?

Cheng Li fez uma torre com os dedos.

— Acho que nós dois sabemos que Bart tem suas limitações como combatente. Ele é uma muralha de músculos, mas carece de sutileza sob ataque.

Mas, independentemente de qualquer coisa, está claro que Cate irá para onde ele for. Além disso, ele é seu amigo, não é?

— É. Ele é um bom amigo. — Então, pensou Connor, poderia ser bom se você parasse de falar mal dele na minha presença. Talvez seus pensamentos tivessem sido transmitidos de algum modo, porque ela mudou de assunto.

— Bom, não chamei você aqui para falar de Bart ou Cate. Queria conversar sobre a missão.

— Claro — disse ele, assentindo.

— Estou fazendo algumas mudanças no plano de ataque.

— Mudanças? Que tipo de mudanças?

— Pessoais. É absolutamente vital que a missão seja bem-sucedida. Os olhos de todo o mundo pirata estão nos observando. E do mundo Vampirata também. Nosso sucesso, ou nosso fracasso, ecoará pelos oceanos.

— Não vamos fracassar.

— Claro que não. Especialmente porque estou colocando você na primeira posição.

Connor hesitou.

— Primeira posição? Isso significa que eu é que vou assassinar o alvo.

— Correto — assentiu Cheng Li. — *Você* vai eliminar Lady Lockwood.

Connor ficou chocado. Por um momento, não disse nada.

— O que há de errado? — perguntou ela. — Achei que você ficaria em êxtase com essa responsabilidade, um jovem lutador impulsivo como você. É a oportunidade que você estava esperando. Será o herói da Federação se conseguir isso. Ou melhor, *quando* conseguir isso.

— Não entendo — disse Connor. — Por que eu? Jacoby é o seu imediato. A posição seria dele.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Os planos eram flexíveis. Eu estive pensando na situação. — Ela olhou para o canto do envelope, que aparecia sob o caderno com capa de couro. — E Cate e eu estivemos conversando. Para nós está claro que você é o lutador mais forte. Ah, não se engane, Jacoby é bom. Mas você é realmente uma espécie de prodígio, Connor.

— Obrigado. Mas o que Jacoby vai achar disso?

— Não é da sua conta. Deixe o Jacoby comigo. Vou fazê-lo entender que há preocupações maiores nisso do que o orgulho pessoal. Ele é o subcapitão. Vai entender que o sucesso da tripulação, o êxito da missão, vem antes de tudo.

Ela falava de modo passional, mas Connor permaneceu em dúvida. Estava pensando, culpado, no beijo de Jasmine. Primeiro, ele havia roubado a namorada de Jacoby, agora também estava usurpando seu papel no navio. Tremendo amigo ele estava sendo!

Cheng Li olhou para Connor interrogativamente. Acima dela, o retrato de seu pai, Chang Ko Li, parecia observá-lo com os mesmos olhos

penetrantes.

Connor hesitou. Balançou a cabeça.

— Não. Eu realmente me sinto desconfortável em tirar a posição de Jacoby.

Cheng Li passou o dedo pelo topo do envelope. Será que era hora de usar o trunfo? Seria uma aposta. A carta poderia funcionar de um modo ou de outro. Poderia ser profundamente motivacional para Connor. Ou então poderia jogá-lo pelo precipício. Mesmo conhecendo bem Connor Tormenta, era um risco grande demais. Decidiu outra abordagem.

— Você já matou, Connor.

— Eu sei. Não é esse o problema.

— Tem certeza? Porque se tiver problema com a nossa missão, preciso saber agora mesmo. — Ela estava pressionando-o, mas precisava de uma avaliação real.

— Não tenho problema em matar — gaguejou ele. Tendo um motivo.

Cheng Li assentiu.

— Então está certo. E você entende o motivo nesse caso?

Connor assentiu.

— Explique.

Connor franziu a testa de novo.

— O alvo, Lady Lockwood, é uma assassina a sangue frio. Assassinou o comodoro Kuo, Varsha e Zak. Está em vias de formar uma aliança com Sidório. Ela precisa ser impedida.

— Perfeito. Connor, sei que, no início da missão, você estava preocupado com a aliança de Grace com alguns Vampiratas. É isso que está segurando-o?

— Não. Não estou escondendo nada de você.

— Acho que talvez eu precise tranquilizá-lo dizendo que nossa missão atual não se direciona, de modo algum, contra os Vampiratas específicos a quem Grace está ligada. Portanto, sua irmã não corre risco imediato.

— Sei disso.

Cheng Li olhou de novo para o caderno.

— O que há nesse caderno? — perguntou Connor. — Desculpe a impertinência, mas você fica olhando para ele como se fosse algo realmente importante.

Cheng Li balançou a cabeça, levantando-o com os dedos.

— Essa coisa velha? É só um diário antigo que Jasmine encontrou no arquivo. Ela achou que seria interessante vê-lo, mas Cheng Li balançou a cabeça — não tem nenhuma importância.

De repente, ela se imobilizou, percebendo que, ao erguer o caderno, tinha descoberto o envelope. Olhando para baixo, viu que a palavra *Grace* estava claramente visível. Será que Connor tinha visto? Cheng Li pousou o caderno de novo, cobrindo o envelope. Ele não parecia ter notado, mas ela não tinha cem por cento de certeza.

— Connor, estou com uma papelada enorme para examinar antes

do almoço. Eu lhe disse quais são minhas intenções. Vá pensar no assunto. Se não estiver feliz com o que estou sugerindo, é fundamental que me diga até o anoitecer.

Connor continuou na cadeira. Estava pensando em Grace. Na ligação dela com Lorcan e os outros Vampiratas. Na ideia louca de que os dois também eram Vampiratas, que o pai deles fora Vampirata. Precisava fazer com que ela recuperasse o bom-senso, arrancá-la das garras malignas deles. Tentara a persuasão gentil, mas isso não o levara a lugar algum. Mas esta missão, ainda que não pusesse Grace em perigo, poderia finalmente mostrar à irmã os perigos que ela estava correndo. Isso, em si, era motivo suficiente para participar.

— Connor — disse Cheng Li. — Isto aqui não é uma câmara de meditação zen. Se precisa pensar, vá para o convés, por favor.

Ele voltou a olhá-la.

— Não preciso mais pensar. Vou fazer o que você me pediu. Vou assumir a primeira posição. Serei eu o assassino de Lady Lockwood.

Cheng Li sorriu.

— Fico muito feliz em ouvir. Bom, então vá. Vá polir sua espada e separe suas melhores roupas. Temos de nos preparar para um casamento.

— Certo, capitã — disse ele, levantando-se e prestando continência.

— Isso me lembra... Imagino que Bo Yin e aquele bicho grotesco estejam bem acomodados, não é?

— Sim. — Connor riu. — Sinbad parece especialmente feliz com o novo lar. Será que você não gostaria de se juntar a nós na hora do lazer, no fim da tarde?

— Está dispensado — respondeu Cheng Li, pondo os óculos e levando as mãos à bandeja de entrada outra vez.

— Adoro esses papos — disse ele.

— Não seja metido a besta. Você pode estar na primeira posição, mas ainda sou a capitã aqui, até segunda ordem.

— Não se preocupe. Não há risco de eu esquecer isso. — Ele assentiu, depois empurrou a porta e saiu para o corredor.

Enquanto a porta se fechava, Cheng Li tirou as mãos da bandeja e pegou de novo o caderno e o envelope. Aproximou-se do retrato do pai e levantou os dedos para a cicatriz pequena, mas nítida, acima da sobrancelha esquerda dele. Quando apertou levemente a lona, a pintura começou a se mover para o lado, revelando um cofre. Cheng Li manobrou habilmente as engrenagens até que a porta do cofre se abriu com um estalo. Pôs dentro o diário do pai e a carta de Sally, depois fechou a porta e refez a combinação — a latitude, a longitude e a altura geodésica da Academia dos Piratas. Sorrindo da engenhosidade, tocou a pintura de novo — dessa vez, no centro do brinco na orelha esquerda do pai — e ela deslizou obediente de volta à posição original.

Quando isso aconteceu, pegou-se olhando para o rosto do pai. Era como se estivesse sorrindo. *"Muito bem, Cheng Li"*, ele parecia dizer.

Em vida, Chang Ko Li fora decididamente avaro em palavras de encorajamento para a filha prodigiosamente talentosa. Mesmo assim, ela estava

certa de que ele ficaria cheio de orgulho ao ver como sua carreira estava tomando forma. Dando as costas para a imagem dele, acomodou-se de novo à mesa e abriu os planos de ataque da Operação Coração Negro.

Capítulo 46

Casamento de sangue

Em alguns aspectos, pelo menos, seria um casamento convencional. A noiva escolhera o cenário: as ruínas de uma pequena capela, empoleirada na beira do penhasco acima da enseada do Mártir.

— Uma capela? — Inicialmente, Sidório se eriçara com a ideia.

— Eu sei — disse Lady Lola, em seu tom mais tranquilizador. — Eu sei. Mas ela foi desconsagrada, querido, e confie em mim, nós vamos torná-la nossa.

E não havia mentido. O prédio da capela não tinha mais teto nem paredes inteiras, mas a luz do luar revelava o esqueleto da forma antiga. Vislumbres da cantaria reluziam em prata ao luar, mas relativamente poucas

pedras eram visíveis, já que, ao redor de cada coluna e cada arquitrave, enrolavam-se quantidades luxuriantes de hera e rosas negras, entrelaçadas com uma variedade de fetiches tribais, peles de animais e pequenos crânios. O planejador de casamento de Lady Lockwood certamente se mostrara à altura da ocasião. A natureza fornecia o resto: o céu noturno, salpicado de estrelas brilhantes, e uma perfeita lua cheia, formando uma cúpula ofuscante.

Seguindo a tradição, o noivo chegou primeiro. Vestia uma roupa impressionante — chamar de terno nupcial não lhe faria nem um pouco de justiça. Criação evidente do alfaiate de Lady Lockwood, tinha a forma aproximada de um terno nupcial, mas a parte de cima do fraque era feita de cota de malha, a gola e as abas eram de pele e, de novo, havia grossas ombreiras de couro de onde brotavam pontas de metal.

— Acho que encontramos seu estilo característico — dissera o alfaiate, dando um toque final em Sidório: uma tiara feita de osso e metal, que ficava em sua cabeça como uma coroa de louros. — Perfeito! — havia declarado o alfaiate, e Sidório só podia concordar. Agora ele não parecia apenas um noivo, mas também um rei — rei dos Vampiratas, como era de fato.

Os olhos escuros de Sidório brilhavam e seus dentes de ouro reluziam quando ele chegou à capela arruinada. Um quarteto de cordas tocava música agradavelmente dissonante — uma rapsódia aparentemente inspirada pelos gritos humanos —, enquanto Sidório aparecia na extremidade do tapete vermelho, acompanhado por seu padrinho. Johnny fora vestido pelo mesmo alfaiate, mas com uma roupa "já pronta". Fazia uma figura impressionante, em couro e cota de malha. Usava seu chapéu de feltro característico, claro, mas este fora enfeitado com garras de osso e penas.

Sidório teria dois padrinhos, mas o sujeito originalmente programado para ser o segundo, Stukeley, agora se encontrava na outra extremidade do tapete. Dali, conduziria a cerimônia de casamento. E parecia perfeito para o papel, vestindo uma espécie de batina. Era simples e preta, com uma fileira de botões pequenos, feitos de osso, na frente. No pescoço, tinha uma comprida corrente de ouro, na qual estavam penduradas duas cabeças encolhidas.

Era uma cerimônia estritamente íntima e exclusiva. Apenas um grupo pequeno, seleto e vestido de modo exótico ocupava bancos dos dois lados do corredor. Os assentos eram cobertos de peles de animais, com pernas feitas de galhadas de cervos. Uma mesa fora arrumada nos fundos da capela com uma variedade de antigos copos venezianos e uma fileira de garrafas, fornecidas, claro, pela vinícola Coração Negro. A congregação escolhida a dedo teria algumas das melhores safras de Lady Lockwood para brindar ao casal feliz.

Mais tarde, haveria uma festa para as massas, começando a bordo do *Capitão de Sangue*, que estava ancorado lá embaixo, na baía. Nesse ponto, o "bar grátis" estaria seco, mas o casal feliz tinha confiança em que os convidados ficariam perfeitamente satisfeitos em se virar sozinhos.

O noivo e seu padrinho caminharam decididamente pelo corredor, atraindo sorrisos e a admiração boquiaberta dos convidados.

Sidório assentiu para Stukeley, enquanto ele e Johnny chegavam ao

altar.

— Tudo certo, reverendo? — perguntou ele.

— Sim, capitão. — Stukeley assentiu, trocando um olhar esperto com Johnny. — Passei o dia inteiro aprendendo o serviço.

— Confio que será perfeito — disse Sidório. — Tudo deve sair do modo exato para minha Lola.

— Não se preocupe — respondeu Stukeley. — Esta será uma noite a ser lembrada. — Seus olhos escuros brilharam. — Vamos nos certificar totalmente disso.

— Muito bem. — Sidório virou-se para Johnny. — Chapelão, você está com a aliança?

Johnny assentiu, batendo no bolso do fraque.

— Aqui mesmo, capitão.

A música mudou para a tradicional marcha nupcial, sinalizando a chegada da noiva. Todos os olhos se viraram enquanto ela entrava flanqueada por duas madrinhas. As três pareciam estonteantes em roupas de alta-costura. Angelika e Marianne vestiam-se com simplicidade, porém elegantes, com vestidos justos e sem manga. Cada uma usava luvas compridas e o cabelo fora preso e adornado com flores selvagens e pentes com pedras preciosas. O vestido de Lady Lockwood era mais elaborado, de corpete justo, no estilo que ela preferia, com as barbatanas de baleia expostas pelo lado de fora — e mangas justas, com peles de cobra enroladas. A parte de baixo do vestido era uma saia digna de contos de fadas, composta por fartas camadas de tafetá vermelho-sangue, que suas duas companheiras observavam atentamente enquanto ela começava a andar pelo corredor. O rosto e a parte superior do corpo estavam cobertos por um véu de renda preta. Na cabeça, usava uma coroa feita para combinar com a do noivo — mas um pouquinho menor e mais delicada, brilhando com rubis e opalas negras.

Enquanto Lady Lockwood seguia graciosamente pelo corredor, a congregação murmurou admirada. Sua roupa havia superado todas as expectativas. Particularmente interessante era o buquê de noiva, bastante incomum.

Porque nas mãos de Lady Lockwood estava uma mão de ouro sólido, com rubis de 18 quilates no lugar das unhas, na qual foram enroladas rosas pretas e hera. Até recentemente, ela pertencera a Trofie Wrathe.

— Uma coisa emprestada, estão vendo? — anunciou Lady Lockwood, rindo, para as amigas na congregação.

Por fim, a noiva e seu séquito chegaram ao altar.

Enquanto Sidório estendia a mão para pegar a dela, Lady Lockwood entregou o buquê a Angelika.

— Cuide muito bem dele, minha cara! — disse ela, depois se virou de volta para Sidório. — Ora, como você está bonito! Você deveria usar sempre essa coroa, meu amor. Faz seus dentes se destacarem de modo especial.

Ele ruborizou com o elogio.

— Você está mais linda do que nunca.

A noiva e o noivo se ajoelharam nas almofadas postas diante de

Stukeley. Marianne arrumou cuidadosamente a cauda volumosa do vestido de Lady Lockwood, depois ficou de lado, perto de Angelika.

As duas madrinhas de Lady Lockwood estavam viradas para Johnny, que tirou o chapéu e piscou para elas, amigavelmente. As duas piscaram de volta. Enquanto seus olhos tatuados se fechavam, dois corações pretos, perfeitos, surgiram nos rostos. Era uma pena, de certa forma, o que aconteceria mais tarde, pensou Johnny. Haveria alguns pontos definitivamente positivos na união das duas tripulações.

Sidório olhou para seu outro tenente.

— E então, "reverendo". Vamos pôr o bloco na rua!

Stukeley ergueu a mão para o quarteto distante e, imediatamente, a música parou. Então, ele tossiu de leve e avançou para falar à congregação.

— Caros amigos! Com grande alegria nos juntamos esta noite para unir este homem, Quinto Antônio Sidório, e esta mulher, Lady Lola Elizabeth Misericórdia Lockwood, em matrimônio eterno.

Os olhares da noiva e do noivo se fixaram um no outro.

— O casamento que testemunhamos esta noite — continuou Stukeley — não é comum. Porque, quando falo as palavras *união eterna*, estou dizendo exatamente isso. Esses dois são imortais, portanto não podem morrer. Assim como seu amor. — Ele examinou a congregação, adorando o papel que representava. — E agora, pelos poderes que me foram investidos... pelo noivo, prosseguirei com os votos matrimoniais. — Ele assentiu para Sidório. — É o senhor, capitão.

Sidório virou-se para a noiva, a voz ressoando pela capela arruinada e mais além:

— Sou imortal, assim como meu amor. Sou vencedor, assim como minha paixão. Sou infinito como os oceanos e poderoso como a noite. — Sua voz ficou um pouco mais suave. — Prometo, querida Lola, que serei um marido amoroso e fiel. Compartilharei com você minha paixão, meu poder e meu amor para além das marés e do tempo.

Os olhos de Lady Lockwood brilharam mais do que as estrelas acima enquanto ela começava a recitar seus votos.

— Sou imortal, assim como meu amor. Sou vencedora, assim como minha paixão. Sou infinita como os oceanos e poderosa como a noite. Prometo, querido Sidório, que serei uma esposa amorosa e fiel. Compartilharei com você minha paixão, meu poder e meu amor para além das marés e do tempo.

Sentindo-se completamente à vontade, Stukeley olhou para os convidados nos bancos.

— E agora as alianças — anunciou.

Johnny e Marianne se aproximaram e cada qual deixou uma aliança na palma da mão de Stukeley. As alianças eram surpreendentemente simples — feitas de ossos humanos, com mensagens particulares, cada uma decidida pelo noivo e a noiva, gravadas na parte de dentro.

Stukeley estendeu a mão, oferecendo as alianças.

— Cada um de vocês tem uma aliança para o outro. Querem

trocá-las? — Ele assentiu, e o noivo e a noiva pegaram as alianças e puseram no dedo um do outro. Enquanto faziam isso, Stukeley falou outra vez: — Estas alianças são a lembrança eterna deste momento, desta noite e da promessa que fizeram um ao outro, na medida em que experimentam, agora e para sempre, a totalidade de sua união como marido e mulher.

Sidório assentiu, apertando a mão fina de Lady Lockwood.

Depois que as alianças foram trocadas, Sidório se preparou para o crescendo final.

— Porque afirmaram isso, no amor e no conhecimento um do outro, declaro Quinto Antônio Sidório e Lady Lola Elizabeth Misericórdia Lockwood marido e mulher!

Os noivos se levantaram e se abraçaram. Sidório curvou Lady Lockwood até quase o piso da capela. A congregação ofegou deliciada e irrompeu em aplausos espontâneos.

Sidório riu para a noiva.

— Olá, Lady Sidório — disse ele.

Ela sorriu.

— Lady *Lockwood* Sidório — lembrou. — Foi o que combinamos, lembra, querido?

Johnny se inclinou na direção de Stukeley, sussurrando:

— Trabalho fantástico! Talvez você tenha seguido a vocação errada.

Stukeley riu.

— Os pombos! — lembrou ao colega.

— Ah, sim! —Johnny foi empolgado até a gaiola dourada que continha 12 pombos brancos. Entregou-a a Stukeley, que a colocou diante de Sidório e Lady Lola e abriu o fecho. Lady Lola enfiou a mão dentro, pegando uma das criaturas e acariciando o corpinho delicado. O segundo pombo saiu da gaiola para a mão de Sidório. Juntos, noivo e noiva soltaram os pombos branquíssimos no céu noturno. Os pássaros circularam lindamente ao luar suave.

Stukeley cutucou Johnny de novo.

— Os falcões! — disse.

Johnny entregou-lhes uma segunda gaiola. Ela continha dois falcões. Sidório abriu a porta e pegou um falcão, entregando-o a Lady Lockwood.

— Que sujeitinho bonito! — arrulhou ela, para deleite da congregação, enquanto o falcão orgulhoso pousava um momento em seu pulso. Sidório pegou o segundo falcão. Então, soltaram as aves, antes de se fundirem num beijo profundo.

Acima, os falcões subiram pelo ar noturno e começaram a atacar os pombos. O trabalho foi rápido. Choveram penas brancas como neve, sujas de sangue. O corpo inerte e sangrento de um pombo caiu nas mãos de Sidório. Ele riu e o deu de presente à noiva, que reluziu de prazer. Foi o símbolo perfeito de sua união sombria e eterna. A congregação ficou de pé e bateu palmas com entusiasmo selvagem.

Os aplausos foram acompanhados por tiros de canhão e a

congregação ficou de novo boquiaberta enquanto uma torrente de pétalas púrpuras e minúsculas caía sobre todos. Os confetes pareciam flores do céu noturno. Era o último golpe teatral numa cerimônia perfeitamente executada, que ficaria na memória coletiva por longo, longo tempo.

Enquanto o confete cobria a noiva e o noivo, Sidório riu para ela.

— Belo toque — disse —, *esposa.*

Ela olhou-o interrogativamente.

— Como assim, *esposo?*

Sidório pegou algumas pétalas e deixou-as cair sobre o rosto dela.

— Isso — disse com um riso.

— Não fui eu que fiz — reagiu Lady Lola. — Achei que a surpresa era *sua,* querido! Algo que você e seus lindos tenentes haviam tramado!

Ele balançou a cabeça. Lady Lola deu de ombros.

— Bom, deve ser um brinde de nosso planejador de casamento. Que sensibilidade do Stefano, e que final perfeito para uma cerimônia sublime!

— Você está com lágrimas nos olhos, querida — disse Sidório. — Como pode estar triste num momento assim?

— Não estou nem um pouco triste, querido. Meus olhos estão ardendo, por algum motivo.

Sidório franziu a testa.

— Estranho. Os meus também. — Ele notou, com alarme crescente, que as pálpebras da esposa estavam inchando diante dele.

— Na verdade — disse ela —, estou me sentindo bem estranha. Meus lábios estão dormentes, querido, e, por mais que seus beijos sejam fantásticos, não creio que esse seja o motivo.

— Não — disse Sidório, experimentando a mesma dormência nos lábios e sentindo que ela se espalhava rapidamente pelo corpo. Perplexo, virou-se para a congregação. Todos pareciam estar sofrendo dos mesmos sintomas. Era como se tivessem congelado, como estátuas, os rostos retorcendo-se de dor. Subitamente com medo, Sidório sentiu o próprio corpo ficar imóvel, como se restringido por uma armadura. Ainda que o terno fosse apertado, sabia que a coisa era mais séria do que isso. Olhou para o corredor entre os bancos, extremamente confuso.

Quando fez isso, um bando de penetras brotou de trás da chancela da igreja arruinada e entrou na nave. Eram 15 — cada qual com uma espada. Uma espada de prata feita especialmente para aquela ocasião, coberta com um composto de pilriteiro e acônito — a mesma substância que havia flutuado do céu na forma de confete.

— Sejamos rápidos! — ordenou Cheng Li.

Connor saltou no corredor de concreto, os olhos avaliando imediatamente a cena. A tripulação de elite do *Tigre* começou a entrar na capela vinda de ambos os lados. Bart e Cate comandavam as tropas de um dos lados, Jacoby e Jasmine do outro. Connor viu a chegada de Aluar, depois se virou e gritou para Jasmine:

— Quanto tempo temos?

— Outro tiro de canhão com confetes deve estar chegando *agora!*

— gritou ela. Suas palavras foram abafadas enquanto soava um novo tiro de canhão e o céu acima começava a chover de novo com pétalas roxas. Ainda que, por ora, os Vampiratas não pudessem se mexer, podiam ver e ouvir exatamente o que estava acontecendo. Sabiam que alguma coisa dera muito errado no casamento do ano.

No altar, Johnny e Stukeley estavam experimentando a mesma dor física dos colegas. Apesar disso, tinham os olhos brilhantes enquanto encaravam Cheng Li e Connor na extremidade do corredor. As coisas estavam acontecendo exatamente como os planos.

— Venha, Connor! — instigou Cheng Li. — Você sabe o que tem de fazer.

Ouvindo as palavras, Connor correu para o altar, pelo mesmo caminho usado pelo casal de noivos com tanta alegria apenas meia hora antes. Parou bem à frente dos recém-casados. Ali estava o noivo, Sidório, parecendo mais formal do que no último encontro entre os dois. Mais formal e mais dócil, ainda que seus olhos encarassem Connor com um misto de ira e espanto.

Agora Connor voltava a atenção para a noiva de Sidório. Era a primeira vez que via Lady Lola. Sabia tudo sobre os feitos sombrios dela, mas ainda era desconcertante vê-la assim — os olhos inchados, os lábios intumescidos. Sabia o que precisava fazer. Estava na primeira posição.

— Anda! — gritou Cheng Li.

Ele não afastou os olhos de Lady Lockwod nem por um segundo sequer enquanto pegava a espada de prata feita pelo mestre Yin. Daria o presente de casamento mais incomum e menos bem-vindo.

Capítulo 47

O presente de casamento

— *Anda,* Connor — instigou Cheng Li outra vez.

Connor levantou a espada e apontou para o coração de Lady Lockwood. Não o coração negro pintado no rosto, mas o de verdade — que, pelo que ele ouvira, era muito mais negro. Enquanto apontava a espada, pensou em Zak, Varsha e no comodoro Kuo.

Sidório conseguiu fazer os lábios entorpecidos formarem a palavra "Não", mas estava impotente e não podia impedir Connor de mergulhar a espada no corpo imobilizado de Lady Lockwood. Foi um ferimento limpo, atravessando-a diretamente. Lady Lola olhou-o estranhamente, depois seus olhos se viraram para o noivo. Os olhares dos recém-casados se encontraram pela última vez e

então as pálpebras da noiva se fecharam.

Connor não pôde encarar Sidório. Viera fazer um serviço — e o serviço estava feito. Estendeu a mão para a espada, mas, estranhamente, enquanto tentava tirá-la do corpo caído de Lady Lockwood, a arma resistiu, como se estivesse alojada em pedra.

— O que há de errado? — perguntou Cheng Li, aparecendo ao seu lado.

— É a espada. Parece que ficou presa.

— Tente de novo — disse Cheng Li.

Connor agarrou o punho da espada, usando toda a força para puxá-la, mas não adiantou.

— Deixe-me tentar — disse Cheng Li, avançando. Ela apertou as mãos em volta da espada e puxou, mas não houve movimento.

— Pessoal — gritou Cate, do outro lado do corredor — é hora de ir. Depressa! O efeito do acônito está começando a passar.

Connor olhou em volta. Era verdade.

A congregação parecia estar acordando depois de um coma coletivo. Cabeças viravam; membros voltavam a se mover. Os Vampiratas ainda pareciam atordoados com o que lhes acontecera, mas não demorariam muito até que o atordoamento se transformasse em raiva — e a raiva, em ação.

— Todo mundo, para fora! — gritou Cate, já de volta à chancela da igreja arruinada.

— Deixe a espada — gritou Cheng Li, empurrando Connor. — Vamos sair daqui!

Enquanto corriam para alcançar Cate e os outros, Cheng Li sorriu para Connor.

— Nossa missão teve sucesso, Connor. Grande trabalho!

— Esperem! — Um rugido trovejante soou enquanto Sidório saltava e, recuperando o movimento das pernas e dos braços, corria atrás dos piratas que escapavam.

— Corra! — gritou Cheng Li. Connor estava a seu lado, na beira do penhasco, esperando para descer por cordas até o navio que esperava. Mas, quando olharam por cima dos ombros, viram que Jacoby e Jasmine ainda estavam na igreja. E Sidório bloqueava a saída deles.

— Precisamos voltar — disse Connor a Cheng Li. Ela hesitou, avaliando as opções.

— Está certo — admitiu Cheng Li, correndo com ele. — Cate, Bart, deem cobertura!

O esquadrão pirata correu de volta para a confusão na igreja, onde, no altar, Sidório estava segurando Jasmine.

— Solte-a! — gritou Jacoby. — Leve-me, em vez disso!

Enquanto Sidório considerava o assunto, Jasmine balançou a cabeça e gritou para os outros piratas:

— Fujam! Salvem-se!

— De jeito nenhum! — gritou Jacoby, depois se virou de novo para Sidório. — Você ouviu. Solte-a!

— Quem é *você*? — perguntou Sidório.

— Jacoby Blunt, subcapitão do *Tigre* — gritou Jacoby.

Os olhos de Sidório cuspiram chamas contra Jacoby.

— Você nem deveria estar aqui. Você e seus colegas não estão na lista de convidados.

Jacoby deu de ombros.

— Eu sei. E gostaria de dizer que fico feliz por estragar seu casamento, mas, na verdade, não foi grande coisa. — Estava tentando ganhar tempo, esperando que ele ou algum dos outros descobrisse um modo de tirar Jasmine das garras de Sidório — mas o tempo ia se esgotando rapidamente.

Atrás dele, Johnny e Stukeley estavam retornando à vida. Cheng Li foi confrontá-los.

— Temos um problema — sussurrou ela. — Nós fizemos um trato, lembra? Fizemos nossa parte, demos o presente à noiva. Vocês prometeram que minha tripulação teria passagem livre a partir daqui.

Será que os Vampiratas a haviam enganado, afinal de contas? Mas não, para sua surpresa, Stukeley assentiu.

— Falei sério.

— Bom, então *faça* alguma coisa.

Seu grito atraiu a atenção de Marianne e Angelika, que estavam agachadas sobre o corpo morto da ex-capitã. As duas estavam cobertas de lágrimas, olhando o rosto lindo, mas sem vida, de Lady Lockwood. Angelika ainda segurava o buquê. Ela olhou com tristeza para a mão de ouro.

— Eu fico com *isso,* obrigado! — gritou Aluar Wrathe, abaixando-se e arrancando-a das mãos da confusa Angelika. Aluar tivera a vantagem da surpresa, mas agora Angelika saltava para enfrentá-lo, com os dentes à mostra. Enquanto Aluar ficava pálido, reconhecendo-a da visita ao *Tífon,* Marianne estendeu a mão e puxou Angelika de volta para baixo.

— Angelika! — exclamou ela. — Olhe! Olhe as pálpebras!

Aluar ficou parado, segurando a mão dourada da mãe. Era tudo que queria dessa missão e sentia-se vitorioso. Sua mãe ficaria felicíssima e seu pai e o tio jamais deixariam de entoar louvores. Não podia acreditar em como fora fácil! Olhou em volta, verificando que nenhum dos outros piratas havia testemunhado o fato. Então, correu para a segurança, já reescrevendo seu embate com Angelika em termos muito mais épicos e perigosos.

Ainda conversando com Cheng Li, de repente Stukeley percebeu que Marianne estava encarando-o. Instintivamente, empurrou Cheng Li com brutalidade.

— Saia daqui! — gritou, acrescentando baixinho: — Junte o seu pessoal. Eu faço o resto.

Cheng Li assentiu, juntando sua tripulação, com a exceção de Jasmine, que ainda estava presa, encolhida nos braços de Sidório.

Cheng Li esperou que Johnny e Stukeley agissem, mas, antes que eles pudessem fazer qualquer coisa, Connor avançou. A capitã xingou Connor por suas tendências heroicas.

— Sou eu que você quer — ouviu-o dizer a Sidório. — Eu

assassinei sua noiva. Se você tem algo a resolver, é comigo, e não com ela. — O que ele estava pensando? Por que tinha de complicar tudo?

— *Você!* — berrou Sidório, virando-se para Connor. Houve um tremor de reconhecimento nos olhos de Sidório e ele soltou Jasmine e confrontou Connor. — *Você* matou-a. — A raiva na voz era equilibrada por uma tristeza profunda. Isso foi uma surpresa para Cheng Li. Era como se o Vampirata tivesse sentimentos genuínos.

O olhar de Cheng Li saltou nervosamente de Connor para Sidório e para Johnny e Stukeley. Algo precisava acontecer... e depressa! Mas não conseguia pensar em nada que distraísse Sidório, agora que ele estava com Connor na mira.

— Capitão! — gritou Stukeley. — Capitão!

Sua voz saiu alta, mas Sidório não se virou. Estendeu a mão para Connor.

— Capitão! — repetiu Stukeley.

— *Você!* — disse Sidório, com a mão agarrando Connor violentamente pelo ombro.

— *Capitão* — Johnny correu para perto de Sidório. — *Capitão.* A sua esposa, Lady Lockwood... Quero dizer, Lady Sidório. Ela não foi destruída! Ela está acordando!

A princípio, Cheng Li achou que era uma estratégia brilhante. Teria aplaudido se não estivesse concentrada em agarrar Connor e Jasmine e empurrá-los, ainda que eles tivessem uma breve vantagem sobre Sidório. Mas quando fez isso viu que as palavras de Johnny não eram mentiras. A noiva assassinada tinha mesmo "acordado".

Os dois tenentes de Sidório e as duas madrinhas da noiva estavam de joelhos em volta de Lady Lola. Os olhos da capitã Vampirata estavam abertos e ela estava puxando a espada alojada no peito.

— Você voltou! — gritou Sidório, correndo em êxtase para a noiva que retornava.

— Como isso pode estar acontecendo? — gritou Cheng Li, procurando respostas com seus tripulantes.

— O golpe não deve ter bastado — disse Jacoby, os olhos arregalados de pânico. — Mesmo com a combinação de prata, pilriteiro e acônito. Foi como quando cravamos a estaca no Vampirata Dois, o que se reconstituiu!

— Achei que vocês tinham aprendido com aquele erro — gritou Cheng Li, lançando um olhar afiado para seu imediato. — Mas aconteceu de novo, não foi?

— Achamos que tínhamos resolvido com a combinação das três substâncias tóxicas — disse Jacoby, falando rápido. — Veja como o acônito foi eficaz em atordoar a turba.

— Não viemos aqui para atordoar a turba — reagiu Cheng Li rispidamente. — Nossa missão era matar a noiva!

— Temos de cravar a estaca nela! — gritou Jacoby, pensando rápido. — E também vamos cortar a cabeça dela! Desse jeito, ela não vai poder

voltar à vida.

— Jacoby! — gritou Cheng Li, exasperada. — Por que não pensou tudo isso antes?

— Não se preocupe, capitã — disse Jacoby, parecendo calmo. — Connor e eu vamos cuidar disso! — Ele olhou para Connor. — Certo, meu chapa?

— Claro — assentiu Connor. — Só um problema: eu não tenho espada, só a que ela está tentando arrancar do peito.

Jacoby se virou para Jasmine.

— Jasmine, depressa! Dê sua espada ao Connor!

Jasmine jogou a espada para Connor, que agarrou o punho.

— Cabeça ou coração? — gritou Jacoby.

— Você escolhe! — respondeu Connor. Só queria acabar com isso o mais depressa possível. Achava que já havia completado a missão. Agora teria de matar, ou melhor, *destruir*, seu alvo pela segunda vez.

— Eu pego o coração — gritou Jacoby. — Você pega a cabeça.

Parecia bastante simples, mas apenas quando estava correndo junto ao colega em direção a Lady Lockwood Connor pensou no ato bárbaro que ia cometer. Decepar a cabeça de uma pessoa! Não, disse a si mesmo, não era *uma pessoa.* Era uma *coisa.* Ela podia *parecer* humana, mas não era. Era um monstro. Todos eles eram. Ela havia matado seus dois amigos inocentes. Havia matado o comodoro Kuo. Tudo isso a sangue frio. E não hesitaria nem mesmo por uma fração de segundo antes de matá-la.

Sidório estava curvado sobre a noiva, estendendo os braços para ela, empolgado por ela ter sobrevivido milagrosamente.

— Capitão! — gritaram Johnny e Stukeley ao mesmo tempo.

Sidório se virou para eles. Quando ele fez isso, Jacoby aproveitou a chance. Saltou na direção de Lady Lockwood e mergulhou a espada no coração dela. Ela soltou um suspiro fundo e fechou os olhos de novo.

— Connor — gritou Jacoby. — É com você!

A espada de Connor estava estendida. Ele sabia o que precisava fazer, mas continuava assolado pela dúvida.

— Connor! — gritou Jacoby de novo. — *Agora!*

Trincando os dentes, Connor saltou adiante e cortou a cabeça de Lady Lockwood, separando-a totalmente do pescoço. A cabeça rolou de lado. Jacoby agarrou a e começou a correr, como se estivesse no meio de um jogo de rugby particularmente brutal.

— Ela precisa ficar fora do alcance — gritou ele. — Para não conseguir se reconstituir de novo...

Sidório deu as costas para seus tenentes e, ao ver o que acontecera, berrou:

— Não!

Quando ele fez isso, Jacoby soltou a cabeça de Lady Lockwood no capim que descia inclinado até a beira do penhasco. A cabeça começou a rolar, ganhando ímpeto cada vez maior.

Sidório ficou olhando, dividido entre a chance de salvar a cabeça da esposa e vingar a ação dos piratas. Não existiu dúvida.

— E agora saímos daqui! — gritou Cheng Li.

Correram de volta para a beira do penhasco, onde seus colegas já usavam as cordas para descer.

— Mais rápido! — gritou Cheng Li, vendo Sidório correr atrás da cabeça de Lady Lockwood.

Agora só restavam Cheng Li e Connor, esperando que suas cordas ficassem livres. Os dois viram Sidório correr a toda velocidade até a beira do penhasco, chegando um nanossegundo tarde demais, enquanto a linda cabeça de Lady Lockwood — com véu, coroa e todo o resto — era impelida pela beira do penhasco e caía na direção do oceano. Gritando, Sidório saltou pela borda e mergulhou atrás da cabeça da esposa.

— Venha — disse Cheng Li a Connor. Os dois agarraram suas cordas e começaram a deslizar pela face do penhasco o mais rápido que podiam. Quando chegaram à praia de cascalhos, correram para a lancha, enquanto os outros esperavam para retornar ao *Tigre* e fugir.

Jacoby e Jasmine acenavam freneticamente da lancha.

Cheng Li acenou de volta e fez o sinal de polegar para cima.

— Atrás de você! — gritou Jacoby.

Connor olhou por cima do ombro. Sidório havia recuperado a cabeça de Lady Lockwood e, aninhando-a nos braços, vinha andando pela areia na direção deles.

— Depressa! — gritou Cheng Li, mas Sidório já estava bloqueando a fuga deles. Pondo a cabeça de Lady Lola cuidadosamente na areia, ele se virou para Connor com os olhos chamejando. — Você matou minha mulher! — gritou. — Duas vezes! E agora vou me vingar. Vou matar *você*.

Ele estendeu as mãos e puxou Connor, com os incisivos dourados se projetando da boca como adagas. A força de Connor, por mais prodigiosa que fosse, não era páreo para a de Sidório. O Vampirata rasgou a camisa de Connor, expondo instantaneamente a pele do tórax.

— Espere! — gritou Cheng Li.

Connor olhou-a, desamparado. O aperto de Sidório era paralisante.

— Vá embora! — disse ele. — Salve-se e salve o resto da tripulação.

Cheng Li balançou a cabeça e gritou no ouvido de Sidório:

— Eu mandei ESPERAR!

— Eu ouvi — rosnou Sidório, virando a cabeça para ela. — Só estava ignorando você. Agora me deixe fazer a matança.

Cheng Li ficou imóvel, os braços cruzados em desafio.

— Acho que não — disse. — Não quero que você faça isso. Agora você está com a família reduzida. De modo que talvez não queira matar seu próprio *filho*.

Connor ouviu as palavras. Até compreendeu-as. Mas elas não fizeram sentido. Então percebeu o que ela estava tentando. Cheng Li já havia empregado estratagemas loucos antes, mas essa realmente era uma tentativa inútil. *Filho* de Sidório? Até parece. Nem Grace, no momento de maior loucura, havia sugerido *isso* como possibilidade...

Mas enquanto esses pensamentos brotavam em sua cabeça, ele sentiu o aperto de Sidório afrouxar. Não dava para crer, mas Sidório estava soltando-o. O Vampirata havia se virado para olhar Cheng Li. Agora o coração de Connor estava tão disparado que ameaçava abrir caminho para fora do peito.

— Assim está melhor — disse Cheng Li a Sidório. — Veja bem. Até *você* é capaz de ser moderadamente civilizado quando o momento exige. — Ela estendeu o braço e chamou Connor. Atordoado, mesmo assim, ele cambaleou até ela, como um peixe preso num anzol.

— Olhe! — continuou Cheng Li. — Dê uma boa olhada. Este é o seu filho. O nome dele é Connor. A mãe dele era Sally, sua doadora. Lembra? Claro que lembra. Você a amou também, um dia, não foi? Mas não sabia como dizer a ela e, enquanto estava pensando num modo, ela se apaixonou por outro, um mortal. Um faroleiro chamado Dexter Tormenta. Ela estava planejando abandonar o navio e recomeçar a vida com ele, uma vida *real,* longe de você.

Sidório estava hipnotizado pelas palavras de Cheng Li. Elas provocavam um fascínio sombrio em Connor também.

— Por isso, você arranjou um modo de garantir que Sally nunca se libertasse. Pôs um feitiço nela, que resultou na gravidez. Isso parece familiar?

Sidório assentiu com lentidão, como se negras lascas de memórias estivessem subindo devagar das profundezas de sua mente. Ele esperou que Cheng Li continuasse.

— E ela foi a Santuário ter o bebê, não foi? E quando você chegou lá, disseram que o bebê havia morrido. E você ficou abalado. Porém mais tarde descobriu que estavam mentindo, enganando-o. E você se vingou de Sally de modo brutal e definitivo.

— Como sabe tudo isso? — perguntou Sidório.

— Não importa. O importante é você saber que seu filho está vivo e bem. — Ela puxou Connor antes de continuar: — E ele vai comigo.

Sidório balançou a cabeça, olhando atentamente para Connor.

— Ele é *meu* filho. — Era quase como se percebesse pela primeira vez. — Ele fica comigo — disse em desafio.

As coisas haviam feito um círculo completo. De novo os braços de Sidório se estenderam para Connor, mas, dessa vez, não para esmagá-lo, e sim abraçá-lo.

— Não! — disse Cheng Li com muita calma. — Eu disse antes: Connor vem comigo.

Sidório balançou a cabeça.

— Não é você quem decide, pirata.

— Ah, decido sim. Você esqueceu, *Vampirata*, da outra mentira que lhe contaram? Que havia só um bebê, quando na verdade eram *dois*? Gêmeos? Um menino e uma menina.

— Gêmeos — disse Sidório. Era quase uma pergunta. Seus olhos se fixaram no rosto de Connor e de repente ele teve uma visão breve de uma garota numa encosta de montanha, uma garota que se parecia bastante com esse garoto parado diante dele... — Uma menina. — Ele sentiu uma dor lancinante, como se lembranças esquecidas havia muito tempo forçassem o caminho para a

superfície, voltando finalmente à consciência. Lembrou-se de tudo.

— É — continuou Cheng Li. — Uma menina. E tenho certeza de que você gostaria de se reunir a ela também, não é? É, claro que gostaria. — Ela fez uma pausa breve para respirar. — Portanto, é assim que vai ser. Connor vai voltar comigo agora. Vamos encontrar a irmã dele. E, quando chegar a hora, vamos arranjar para que você veja os dois. — Ela sorriu. — Você gostaria, não é? De uma chance de conhecer direito seus dois filhos?

Sidório assentiu devagar.

— Então está certo — disse Cheng Li. — Bom, Connor e eu vamos indo. Mas faremos contato em breve.

— Como vocês saberão onde me encontrar?

— Eu consegui entrar no seu casamento, não foi? Tenho certeza de que posso achá-lo.

Sidório tinha mais uma pergunta.

— Como posso confiar em você?

Cheng Li sorriu, sentindo-se tremendamente poderosa.

— Não pode. Mas não tem escolha. Se não deixar Connor ir comigo, garantirei que você *nunca* encontre sua filha.

Era um xeque-mate. Sidório soltou Connor e deu um passo atrás para seguirem livres.

— Aqui — disse Cheng Li, abaixando-se. — Não perca a cabeça! — Em seguida, levantou a cabeça de Lady Lockwood e entregou-a a Sidório. Entorpecido, ele segurou-a, olhando para as lindas feições da esposa.

Em todos os sentidos, Lady Lola Elizabeth Misericórdia Lockwood fora colhida no auge. Ele olhou para a tatuagem do coração preto, desejando que ela abrisse os olhos. Só mais uma vez. Se ao menos pudesse ver seus lindos olhos de novo! Pensou na primeira vez em que se viram, em outra praia que não era muito diferente desta. Pensou na vez em que invadira o *Errante* e a encontrara preparando-se para o banho de sangue. Pensou nas vezes em que tinham ido caçar juntos. E em todas as coisas pequenas — como quando ela o ajudara a escolher roupas novas e como girar o sangue numa taça, e naquele momento perfeito em que ela concordara em ser sua mulher. Ela *havia* se tornado sua mulher; porém, mais do que isso, havia se tornado seu mundo. E agora ela se fora. De repente, Sidório sentiu-se insuportavelmente sozinho. Soltou um rugido fundo, penetrante.

Connor deixou que Cheng Li o guiasse até a água. Sua cabeça estava girando quando começaram a nadar para a lancha. Seu corpo parecia um peso morto, mas o instinto de sobrevivência tomou conta. Era a única coisa que o mantinha flutuando.

— Quanto daquilo era verdade? — perguntou a Cheng Li.

— Absolutamente tudo. Bom, só que não tenho nenhuma pressa de juntar Sidório com Grace.

— Você *acredita* mesmo que aquele monstro é meu pai?

— Acredito. Infelizmente, Connor; mas anime-se! Talvez você se

prove como um exemplo luminoso da educação suplantando a natureza.

— Mas ele é um Vampirata. Então isso faz de mim o quê?

— Você é um negócio meio vampiro — disse Cheng Li entre duas braçadas. — Um *dhampiro*, é isso. Um dhampiro! — Ela deu outra braçada. — Grace também, obviamente.

— Como você sabe disso?

— Tudo estava numa carta.

— Uma carta?

— Da sua mãe. Vou lhe dar mais tarde, em particular.

Ela estava com uma carta? De sua mãe? Como é que... Havia muitas perguntas que Connor precisava fazer, mas eles estavam se aproximando do barco, onde os outros os esperavam, e ele precisava pensar e falar rápido.

— Mais alguém sabe disso? — perguntou.

— Não. E é assim que vai ficar. É muito melhor.

— E agora? — perguntou Connor com tristeza. — Você quer que eu abandone a tripulação?

— Ficou maluco, Connor Tormenta? Segundo a carta, você tem poderes extraordinários. Você já era um prodígio *antes*. Agora se tornou minha arma secreta. Você não vai a lugar algum. Assinou meu contrato vitalício, e agora, por acaso, você é imortal. Faça as contas!

Era muita coisa para ser absorvida.

— Não sei o que falar. Nem sei o que pensar.

— Não precisa falar nem pensar nada. Só volte para a lancha e retorne ao navio comigo. Vai demorar, mas vamos resolver tudo isso. Por enquanto, você é um herói. Aproveite!

Capítulo 48

Os dhampiros!

Querida Grace,
Você me disse que estava compilando uma coletânea de histórias de travessia dos Vampiratas. Bom, filha querida, acho que esta é sua própria história de travessia. E do seu irmão também...

Connor ficou olhando a letra da mãe. Era muito tentador simplesmente destruir a carta sem ler. Mas ele sabia que não poderia fazer isso. Destruí-la não mudaria nada; só iria deixá-lo ignorante dos fatos. Melhor saber tudo e ir adiante, independentemente do que isso significasse agora. De novo, concentrou-se na letra da mãe.

Esta carta também é para o Connor, meu filho querido. E é por isso que estou narrando toda a história aqui, ainda que você e eu já tenhamos compartilhado boa parte dela. Não tive a chance de contar a Connor pessoalmente. Gostaria de ter feito isso, mas ele tem outra jornada a fazer. Por favor, Grace, dê esta carta ao seu irmão quando for a hora certa e ajude-o com o que virá em seguida...

Ajudar? Eu não *preciso* de ajuda, pensou Connor. Sentiu um clarão de raiva com relação a Sally e Grace. Quem eram elas para falar dele desse modo? Mas tentou conter a raiva e se concentrar nas palavras. Logo o preâmbulo da mãe deu lugar ao cerne da história e ficou mais fácil de ler.

Minha história começou quando entrei para o Noturno, como doadora. Achei que isso marcava o fim da minha vida, mas estava errada. Em muitos sentidos era apenas o começo...

Connor continuou lendo as páginas da carta da mãe, conhecendo a história de como ela havia entrado para o navio e servido como doadora de Sidório. Essa ideia o deixou completamente enjoado. Mesmo assim continuou virando as páginas, pegando-se surpreendentemente emocionado com a narrativa de como sua mãe e seu pai — seu pai *verdadeiro*, Dexter — haviam se apaixonado. Então a história de Sally ficou mais sombria.

Agora preciso contar algumas coisas que não pude dizer pessoalmente, meus filhos queridos. Para vocês será difícil ler, assim como, para mim, foi difícil escrever. E, independentemente do que vocês pensem, não duvidem sequer por um momento da profundidade de meu amor por vocês, ou do amor de seu pai por vocês dois...

E assim continuou lendo, descobrindo a verdade de como ele, Connor Tormenta, fora trazido ao mundo. Isso sempre fora um mistério. Seu pai — o homem em quem ele ainda pensava como pai, e sempre pensaria — não falava da mãe. Dizia que era doloroso demais pensar nela e não tê-la ao lado. Connor sempre achara que devia ter sido um casamento breve, que terminara em tragédia. Apesar da curiosidade natural, gostava demais do pai para pressioná-lo em busca de respostas. Agora, ali estavam essas respostas. E a verdade era que fora mesmo uma união breve, e jamais um casamento. Terminara em tragédia, mas também havia começado aí.

Ele e Grace não haviam sido concebidos com amor, e sim por meio de um feitiço. O que isso os tornava? Algo saído de um conto de fadas? Ou

de uma história de terror?

> *Assim, vocês dois são dhampiros, o que quer dizer que têm qualidades de mortais e de vampiros. Com o tempo, sua natureza verdadeira começará a se mostrar. Espero que, quando isso aconteça, vocês estejam fortes e ofereçam um ao outro o apoio de que precisam e que merecem. Os dhampiros são seres muito especiais, abençoados com a imortalidade e outros dons concedidos pelos Vampiratas, mas sem as fraquezas dos vampiros. Suspeito de que você, Connor, verá isso inicialmente como uma maldição. Se for assim, só posso pedir desculpas, do fundo do meu coração. Espero que, com o tempo, você passe a enxergar isso como uma bênção.*

Uma bênção? Como ela poderia usar essa palavra? Ele viera ao mundo através de um feitiço violento, e seu pai biológico era um psicopata. *Bom*, Connor pensou com tristeza, *pelo menos agora sei a quem devo agradecer por meus ataques de raiva*.

Dobrou a carta de novo e recolocou-a no envelope. Sentia-se entorpecido.

Estava sentado, sozinho, na colina virada para o porto da Academia. Junto ao porto aconteciam festividades. Música tocava e fogos de artifício irrompiam no céu noturno. Havia comemorações enquanto o comodoro Black elogiava a bravura da capitã Li e de sua tripulação dinâmica pelo ataque contra Lady Lockwood, destacando Connor Tormenta como tendo um futuro glorioso. Se ao menos ele soubesse, pensou Connor. Talvez soubesse. Mas não, refletiu. Cheng Li dissera que havia mantido isso em segredo. Que Connor era sua arma secreta. Será que ela cumpriria a promessa? Enquanto a observava, lá embaixo perto do porto, pensou que essa era uma preocupação menor no grande esquema das coisas.

A capitã Li estava cercada por Jacoby, Bo Yin e o restante da jovem tripulação. Mais adiante no cais, Ahab Black conversava com Barbarro Wrathe, Rene Grammont e Pavel Platonov. Os outros professores da academia, os capitães que haviam sobrevivido à corrida, estavam espalhados junto ao mar. O olhar de Connor passou pelas feições animadas de Lisabeth Quivers e Shivaji Singh. Mais adiante viu Aluar e Trofie Wrathe juntos, como sempre. A mão dourada fora devolvida e Trofie era a mesma de antigamente, Rainha dos Piratas. Bart e Cate também estavam no porto, de braços dados. Compartilhavam uma piada com Molucco Wrathe, e Scrimshaw, a cobra de estimação dele, estava enrolada no pescoço do capitão. E aquela, ao lado de Molucco, era Madame Chaleira, tirando uma rara noite de folga da taverna?

A gargalhada alta e característica de Molucco ecoou morro acima. De algum modo, parecia zombar dele.

Connor sentia-se separado de todos. Havia pensado que pertencia

ao mundo deles, que poderia encontrar algo parecido com um lar no meio daquele grupo variado de piratas e aventureiros. Mas estivera errado. Tudo fora ilusão, agora despedaçada e sem chance de conserto. Não pertencia a lugar nenhum. Era um mutante, um monstro, um pária.

— Ei, desgarrado, estive procurando você.

Ele não ouvira Jasmine se aproximar, mas agora se virou enquanto ela sentava-se ao lado, na grama alta.

Olhou-a, desejando ser capaz de devolver o sorriso. Mas não podia. Sentia-se como se uma parede invisível tivesse sido erguida entre eles. Mais do que qualquer coisa, queria tocá-la, mas de que adiantava? Não poderia haver um futuro bom para os dois.

— Sabe de uma coisa, Connor? — Jasmine franziu o nariz. — Não sou muito chegada a desfiles comemorativos e esse tipo de coisa. E fogos de artifício me dão dor de cabeça. — Ela pousou a cabeça nos joelhos e sorriu para ele. — Foi horroroso o que nós passamos lá. E, agora que acabou, bem, eu só queria voltar ao normal, o que quer que seja a normalidade. Ficar numa boa com os amigos, saca?

Connor assentiu automaticamente. A palavra *normal* não se encaixava com ele. Não parecia mais uma categoria em que ele pudesse se colocar.

— Você parece cansado, esgotado pela batalha. Não fico surpresa. Você esteve no centro do ataque.

— É — respondeu ele, olhando-a e pensando em como ela estava mais linda e inacessível do que nunca. Ela pertencia a um mundo diferente. Os dois nunca poderiam ficar juntos.

Então Jasmine Pavão fez a coisa mais simples e mais extraordinária. Recostou-se na grama alta, deu um tapinha no colo e puxou a cabeça de Connor para descansar. E ele fez isso, grato pelo calor de seu toque humano. Ela levantou a mão e começou a acariciar seu cabelo.

— Não sei o que há de errado, Connor — disse baixinho. — E não preciso saber. Mas você deve entender que, o que quer que seja, e independentemente de decidir me contar ou não, você não está sozinho.

Enquanto ela se inclinava e lhe dava um beijo, uma lágrima caiu dos olhos de Connor e rolou pelo rosto, misturando-se com o orvalho na grama da academia.

No convés do *Noturno*, Grace estava nos braços de Lorcan, olhando as estrelas.

Ele sorriu de repente.

— Esqueci! Tenho uma surpresa para você. — Soltou-a gentilmente e foi até o mastro. Grace olhou-o com curiosidade. Quando ele voltou, estava segurando um pacote que estendeu para ela. — Não é o melhor papel de embrulho para presente, admito, mas espero que você goste do que está dentro.

— O que é? — perguntou ela, com os olhos brilhando enquanto pegava o pacote retangular. Era surpreendentemente leve, dado o tamanho.

— Bom, abra e veja, pelo amor de Deus! — exclamou Lorcan.

Grace não precisou de mais estímulos. Começou a desamarrar o barbante e depois tirou o papel. Quando ele caiu, ela ficou boquiaberta.

— Ah, Lorcan, é lindo!

Nas mãos, Grace segurava a pintura de uma cena naquele mesmo convés. Eram dois jovens — um homem e uma mulher. Pela postura e pelas expressões, estava claro que se sentiam muito apaixonados.

— São meus pais, não são? É a pintura deles que Teresa fez.

Lorcan assentiu.

— Oskar me contou sobre ela. Ele ainda é muito amigo de Teresa. Levou-me à cabine dela. Grace, há pilhas e pilhas de quadros, até o teto. Ela tem de pintar por cima as telas antigas, para liberar espaço!

Grace soltou o fôlego.

— Felizmente não pintou por cima dessa!

Lorcan passou os braços pela cintura de Grace.

— Ela me disse que *jamais* pintaria por cima dessa. E queria muito que você ficasse com o quadro.

— Ah, Lorcan. Adorei! Você vai me ajudar a pendurar na minha cabine? Vai ser como se eles estivessem sempre viajando comigo.

— É — assentiu ele, e depois beijou-a.

Ela pousou a pintura com cuidado e segurou a mão de Lorcan enquanto eles se sentavam juntos no convés. Mesmo então, pegou-se olhando para a pintura.

— O que você está pensando? — perguntou ele, com o dedo acompanhando suavemente a curva do rosto dela.

— Mosh Zu me disse que tudo está se desdobrando como deveria. Na época não pude acreditar. — Ela se virou para Lorcan. — Mas agora acredito.

— Isso é bom de ouvir, minha doce Grace. Eu estava com muito medo de como você iria reagir a isso. Achei que estragaria tudo, mas nunca deveria tê-la subestimado. Nunca mais vou cometer esse erro.

— Vai, sim.

Ele virou a cabeça e olhou-a interrogativamente. Ela riu.

— Lorcan, nós dois somos imortais. Isso significa que vamos passar *muito* tempo juntos. Acho que seria um erro imaginar que será sempre uma navegação com vento favorável, não é?

Ele riu.

— Vento favorável? Com nosso histórico? Você tem razão! — Ele se inclinou e beijou-a de novo. Ela estava ficando acostumada com os beijos, mas, mesmo sabendo que havia uma eternidade adiante, não tinha medo de se cansar deles. Mas depois de um momento seu sorriso virou uma expressão preocupada.

— O que foi? — perguntou ele.

— Só estou pensando no Connor. Estou preocupada com o modo como ele vai reagir a tudo isso. Para mim é mais fácil porque quero fazer parte deste mundo. Já estou ligada a ele de muitas maneiras.

— Verdade. Mas você e Connor são pessoas diferentes. Ele vai reagir de modo diferente e moldar o seu futuro a partir disso. Ele vai encontrar seu próprio caminho. Você precisa confiar nisso.

— Mas eu tenho você, Mosh Zu, Darcy e todos os outros para me ajudar. E tenho esperanças de que o capitão retorne logo.

Lorcan assentiu.

— É, você tem todos nós. Mas Connor tem amigos também, não é? E *nós* estaremos lá para ajudá-lo, esperando para ajudar, quando e se ele precisar.

As palavras dele eram tranquilizadoras.

— Obrigada.

— De nada. Mas só estou falando a verdade, segundo o que acho. Agora, pelo menos só por esta noite, será que podíamos parar de nos preocupar com seu irmão e deitar e curtir as estrelas?

Grace confirmou com a cabeça. Acomodou-se nas tábuas do convés, aninhou-se mais perto de Lorcan e olhou para além do alto mastro e das vastas velas do *Noturno*, parecidas com asas, cujas veias reluziam enquanto navegavam.

Lá no alto, o céu noturno estava límpido e abundante de estrelas. O olhar de Grace percorreu as constelações: algumas familiares, outras ainda misteriosas para ela. Lembrou-se do pai dizendo a ela e a Connor como os marinheiros usavam as estrelas para encontrar o lar. Agora, olhando para cima, imaginou cada uma das luzes representando uma das pessoas especiais de sua vida. Algumas haviam partido; outras continuavam com ela. Sally. Dexter. Connor. Darcy. Oskar. Mosh Zu. O capitão. Lorcan. Cada qual, a seu modo, a trouxera a esse lugar especial. Esse local que ela agora sabia ser seu lar.

Colaboração: bookworm
Digitalização e edição de imagens: Sander
Revisão: Sander, Kaniff, gowen, Blanche, Morpheus
Revisão final, formatação e conversão: Susane Paz

Visite a Toca da Coruja e conheça
outras obras produzidas pelo grupo:
http://www.tocadacoruja.net/